

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

BRUNA QUINTERO

**PRESENCAS DAS IDENTIDADES LGBTQIAP+:
Lugares de sociabilidade na cidade de São Paulo**

**São Paulo
2022**

BRUNA QUINTERO

**PRESENÇAS DAS IDENTIDADES LGBTQIAP+:
Lugares de sociabilidade na cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa de Oliveira Tourinho

**São Paulo
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecária: Marieta Rodrigues Brechet - CRB 8/10384

Q7p Quintero, Bruna.
Presenças das identidades LGBTQIAP+: Lugares de sociabilidade na cidade de São Paulo. / Bruna Quintero - São Paulo, 2022.
f. 224 il.; 30 cm.

Orientadora: Andréa de Oliveira Tourinho.
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2022.

1. LGBT. 2. Mapeamento. 3. Apropriação do espaço. 4. São Paulo. I. Tourinho, Andréa de Oliveira. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22 – 720

FOLHA DE APROVAÇÃO

Eu, Prof(a). Dr(a). Andréa de Oliveira Tourinho, orientador do trabalho realizado por Bruna Quintero, declaro que a edição revisada desta Dissertação de Mestrado cumpre os requisitos exigidos pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo.



Prof(a). Dr(a). Andréa de Oliveira Tourinho

Dedicado a mi mama, Sandra Quintero, quien, por su determinación y afecto, hizo todo posible.

Dedicado a todas, todos, todes e todxs LGBTQIAPs+ e à ancestral e sempre persistente luta pelo direito de, simplesmente, ser. Resistir para existir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, mais uma vez, à minha mãe, Sandra Quintero, por uma vida de cuidado, paciência e carinho que tornaram possível essa e tantas outras conquistas, sempre com sabedoria e diálogo capazes de impulsionar a busca pela elevação pessoal, profissional e espiritual. Dedico tudo a quem faz tudo isso possível.

Agradeço à minha orientadora, Andrea Tourinho, pela dedicação e parceria que ajudaram a moldar o melhor desse e de outros trabalhos, dando oportunidade à discussão de assuntos tão urgentes e ao desenvolvimento profissional de quem os apresenta. Às docentes do Programa pelas aulas e atividades que ajudaram no desenvolvimento profissional, especialmente à professora Ana Paula Koury pela experiência do estágio em docência e às professoras Sandra Regina Mota Ortiz e Cristina de Campos pelas cuidadosas bancas de Qualificação e de Defesa.

Agradeço ao Lab. Itaim Paulista pelo apoio durante o desenvolvimento da pesquisa e parabenizo todes envolvidos/as nesse belíssimo trabalho que auxilia na efetiva melhoria de vida daqueles/as/xs que mais precisam e que apresenta novos panoramas de vida a todes que participam dessa importante iniciativa.

Agradeço também à tia Maria Esther Rovai pelo carinho, delicadezas culinárias e compartilhamento das experiências enquanto colega de profissão. À Marie, pelo companheirismo e humor ímpar dos felinos. Às forças que nos guiam e protegem ao longo dessa tão intensa experiência terrena e para muito além dela.

Agradeço a todas, todos, todes e todxs que emprestaram suas vozes e experiências de vida as quais possibilitaram a existência desse trabalho e auxiliam na resiliência da luta pela visibilidade da importância das identidades não hegemônicas na história humana, na história de todes nós. À Casa Mario de Andrade e suas excelentes atividades e possibilidades de diálogo as quais expandiram exponencialmente os horizontes não apenas desse trabalho, mas também daqueles que possibilitam a criação de maneiras muito mais amplas de encarar as realidades diversas e complexas que nos cercam.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

São Paulo tem isso: se ela gosta de você
ela te abraça e te acolhe, mas se ela não
gosta de você, antes dela te expulsar, ela
te mastiga e te maltrata.

(Relato Anônimo, A Volta da Pauliceia
Desvairada, 2012)

RESUMO

O século XXI vem presenciando uma série de esforços para preencher as lacunas da historiografia convencional, criadas pelo sistemático silenciamento de identidades não hegemônicas, devido à primazia de princípios e ações sociais excludentes. Impõe-se, assim, o resgate da memória e história desses grupos não hegemônicos para reconstituir sua importância na construção das dinâmicas sociais e urbanas contemporâneas, assim como na conformação da identidade da sociedade e do meio urbano a que pertencem. Esta pesquisa busca inventariar os lugares apropriados pelas identidades LGBTQIAP+, enquanto grupo social não hegemônico, na cidade de São Paulo, entre o início do século XX e início da década de 2020, especialmente no que se refere à sociabilidade. O território será abordado sob a perspectiva das diferentes dinâmicas sociais que ocorrem nas áreas centrais e periféricas. As análises socio-territoriais pretendem delinear um panorama de como essas apropriações – e mesmo, evasões – do espaço moldam as dinâmicas urbanas, e como estas impactam nas possibilidades e impossibilidades de certos grupos existirem ou não na cidade. A inventariação dos espaços de sociabilidade, de caráter histórico, foi organizada a partir de estudos acadêmicos, principalmente etnográficos, bem como de referências de mídias diversas e relatos das referidas identidades acerca de suas vivências em São Paulo, ressaltando a importância de se estudar grupos sociais por meio de sua própria voz. No intuito de complementar o quadro referente aos lugares de encontro desses grupos, também se inventariaram e mapearam os lugares das organizações que prestam serviços socioassistenciais às identidades LGBTQIAP+, em São Paulo, considerando que também revelam a movimentação e consolidação dessas identidades no meio urbano. Os mapeamentos utilizam fotos aéreas atuais do *software* Google Earth com indicações dos diferentes períodos estudados e temáticas tratadas na pesquisa, criando uma base de comparação entre apropriações do espaço em tempos diferentes. Os dados inventariados e mapeados são analisados a partir das categorias de análise socio-territorial desenvolvidas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), com o intuito de compreender os motivos e processos catalisadores de tais apropriações do espaço. Como resultado da inventariação e mapeamento das referências LGBTQIAP+, verifica-se uma contínua e recorrente ocupação, no tempo, dessas identidades nas áreas centrais da cidade, a partir da região do Centro Histórico, com uma expansão no sentido sudoeste. Apropriação, essa, proporcionada pela facilidade de acesso à essas áreas, assim como de seu reconhecimento como pontos de referência na paisagem urbana, percebidos, operativa, simbólica e afetivamente, como lugares propícios às presenças diversas e de resistência de vivências não hegemônicas. Isso se contrapõe a uma baixa apropriação de espaços nas áreas periféricas, mas que vem apresentando possibilidades de ocupação ao longo do século XXI, mesmo que de forma lenta e muito esparsa. Fica evidente como a dicotomia de dinâmicas entre áreas centrais e periféricas, devido suas diferentes dinâmicas, usos e tipos de usuários, bem como à percepção diferenciada dessas entre a população, influi nas dinâmicas de apropriação do espaço da cidade de São Paulo pelas identidades LGBTQIAP+.

Palavras-chave: LGBT; memória; mapeamento; apropriação do espaço; São Paulo.

ABSTRACT

The 21st century has witnessed a series of efforts to fill the gaps in conventional historiography, created by the systematic silencing of non-hegemonic identities, due to the primacy of excluding social principles and actions. Thus, it is imperative to rescue the memory and history of these non-hegemonic groups in order to reconstitute their importance in the construction of social and urban contemporary dynamics, as well as in the conformation of the identity of the society and the urban environment in which they belong. This research seeks to inventory the places appropriated by LGBTQIAP+ identities, as non-hegemonic social group, in the city of São Paulo, between the beginning of the 20th century and the beginning of the 2020s, especially regarding sociability. The territory will be approached from the perspective of the different social dynamics that occur in central and peripheral areas. The socio-territorial analyses intend to outline an overview of how these appropriations – and even evasions – of space shape urban dynamics, and how they impact the possibilities and impossibilities of certain groups to exist or not in the city. The inventory of spaces for sociability, of historical nature, was organized from academic studies, mainly ethnographies, as well as references from different media and reports of the aforementioned identities about their experiences in São Paulo, emphasizing the importance of studying social groups through their own voice. In order to complement the framework referring to the meeting places of these groups, the places of organizations that provide social assistance services to LGBTQIAP+ identities in São Paulo were also inventoried and mapped, considering that they also reveal the movement and consolidation of these identities in the urban environment. The mappings use current aerial photos from the Google Earth software with indications of the different periods studied and themes treated in the research, creating a basis for comparison between appropriations of space at different times. The inventoried and mapped data is analysed based on the socio-territorial analysis categories developed by the Centre for Urban Anthropology at the University of São Paulo (NAU-USP, in Portuguese), in order to understand the reasons and processes that catalyse such appropriations of space. As a result of the inventory and mapping of LGBTQIAP+ references, there is a continuous and recurrent occupation, over time, of these identities in the central areas of the city, starting from the Historic Centre region, as an expansion towards the southwest. Appropriation provided by the ease access to these areas, as well as their recognition as points of reference in the urban landscape, perceived, operatively, symbolically, and affectively, as places conducive to diverse presences and resistance of non-hegemonic experiences. This contrasts with a low appropriation of spaces in peripheral areas, but which have been presenting possibilities of occupation throughout the 21st century, even if slowly and very sparsely. It is evident how the dichotomy of dynamics between central and peripheral areas, due to their different dynamics, uses and types of users, as well as the different perception of these among the population, influences the dynamics of appropriation of space in the city of São Paulo by LGBTQIAP+ identities.

Key-words: LGBT; memory; mapping; space appropriation; São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Uma das edições da “Coluna do Meio” do jornalista Celso Curi publicada no jornal Última Hora de São Paulo (1976-1977) e reproduzida no jornal Lampião da Esquina. _____ 50
- Figura 2** – Capa da edição inaugural do jornal Lampião da Esquina, dando destaque ao processo jurídico do qual foi alvo o jornalista Celso Curi. _____ 51
- Figura 3** – Capa do jornal Lampião da Esquina dando destaque a censura aplicada em diversos livros da autora Cassandra Rios. _____ 52
- Figura 4** – Membros/as do SOMOS na Semana da Discussão sobre Minorias na USP. _____ 54
- Figura 5** – Apresentação do LF na edição inaugural do periódico alternativo lésbico-feminista Chanacomchana. _____ 56
- Figura 6** – Foto tirada durante entrevista dos editores do jornal Lampião de Esquina à advogada Dr.^a Alice Soares e duas de suas clientes travestis. _____ 58
- Figura 7** – Manifestação contra as “operações de limpeza social” do delegado Wilson Richetti, mostrando a ocupação nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo e os cartazes. _____ 59
- Figura 8** – Manifestação contra as “operações de limpeza social” do delegado Wilson Richetti, mostrando uma faixa com a identificação do Grupo SOMOS. _____ 60
- Figura 9** – Manifestação contra as “operações de limpeza social” de Richetti, mostrando faixas com as diversas reivindicações dos protestantes. _____ 60
- Figura 10** – Manifestação contra as “operações de limpeza social” de Richetti, mostrando uma faixa com a identificação do Grupo de Ação Lésbico Feminista, GALF. _____ 61
- Figura 11** – Capa da edição nº 4 do periódico alternativo lésbico-feminista Chanacomchana, dando destaque ao “Levante do Ferro’s Bar” ou “Pequeno Stonewall brasileiro” de 19 de agosto de 1983. _____ 62
- Figura 12** – Faixa de chamamento do GGB para uma campanha de atendimento médico gratuito a homossexuais, travestis e transexuais da região do Pelourinho, Salvador. _____ 69
- Figura 13** – Definição de alguns dos conceitos relacionados às identidades LGBTQIAP+. A figura não é um compêndio completo, pois não apresenta conceitos como allosexualidade/arromanticidade, assexualidade/arromanticidade e

polyssexualidade – deve-se ter em vista que as discussões acerca desses conceitos e denominações os fazem se expandir e se modificar ao longo do tempo. _____ 79

Figura 14 – Indicação dos limites administrativos do município de São Paulo, das suas zonas, distritos e Subprefeituras, que serão referenciadas na pesquisa apresentada. _____ 82

Figura 15 – Mapeamento dos lugares e regiões recorrentemente apropriadas pelas identidades LGBTQIAP+ nas áreas centrais da cidade de São Paulo entre os séculos XX e XXI. _____ 97

Figura 16 – SARA Brasil, 1930. Mapeamento dos lugares públicos onde começou a se desenvolver a sociabilidade homossexual masculina na região do Centro Histórico, no início do século XX, com base no Quadro 1. _____ 99

Figura 17 – Mapeamento dos lugares públicos onde começou a se desenvolver a sociabilidade homossexual masculina na região do Centro Histórico, no início do século XX, com base no Quadro 1. _____ 100

Figura 18 – Perímetros aproximados das áreas do *Grand Tour* e do *Petit Tour*. _ 103

Figura 19 – VASP Cruzeiro, 1954. Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ na década de 1950, com base no Quadro 2. _____ 104

Figura 20 – Mapeamento das áreas de sociabilidade LGBTQIAP+ na década de 1950, com base no Quadro 2. _____ 104

Figura 21 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1960, com base no Quadro 3. _____ 107

Figura 22 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1970, com base no Quadro 4. _____ 111

Figura 23 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade e trabalho LGBTQIAP+ ao redor e no largo do Arouche na década de 1980. _____ 112

Figura 24 – Perímetro aproximado da região da Boca do Lixo e direção aproximada da região da Boca do Luxo. _____ 114

Figura 25 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1980, com base no Quadro 5. _____ 120

Figura 26 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1990, com base no Quadro 13. Alguns nomes foram suprimidos para clareza de leitura do mapa. _____ 125

Figura 27 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010, com base nos Quadro 14. Alguns nomes foram suprimidos para clareza de leitura do mapa. _____	129
Figura 28 – Ampliação da Figura 27, a sentido sudoeste da cidade, para mostrar a concentração de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas zonas central e oeste. Alguns nomes foram suprimidos para clareza de leitura do mapa. _____	130
Figura 29 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ entre o início do século XX e a metade da década de 2010, com indicação das zonas e distritos da cidade. _____	132
Figura 30 – Ampliação da Figura 29, a sentido oeste da cidade, a fim de mostrar a concentração de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas zonas central e oeste. _____	132
Figura 31 – Mapa das regiões consideradas como “centros” na cidade de São Paulo, entre as zonas central, oeste e sul. _____	138
Figura 32 – Mapeamento dos lugares direcionados ao público LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, com base na Quadro 8. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas. ____	187
Figura 33 – Mapeamento dos diferentes tipos de lugares direcionados ou não às identidades LGBTQIAP+, mas que são amigáveis à sua presença e/ou promovem ações referentes à disseminação de informações acerca de suas vivências, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 9. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas. ____	189
Figura 34 – Mapeamento dos estabelecimentos comerciais, de serviço e de entretenimento noturno direcionados ao público LGBTQIAP+ ou que contam com sua presença recorrente/são amigáveis à sua presença, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, com base no Quadro 10. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas. _____	193
Figura 35 – Ampliação da Figura 34, a sentido sudoeste da cidade, para mostrar a concentração desses lugares no Setor Sudoeste. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas. _____	193
Figura 36 – Mapeamento das áreas públicas em que se desenvolvem eventos e atividades de sociabilidade LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 11. _____	195

Figura 37 – Mapeamento dos eventos pontuais e sazonais direcionados às identidades LGBTQIAP+ com localidade, entre o início da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 12. _____ 196

Figura 38 – Mapeamento geral dos lugares, eventos e áreas públicas frequentadas pelas identidades LGBTQIAP+ entre o final da década de 2010 e início da de 2020, mostrando as zonas da cidade. _____ 197

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** – Inventariação de lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ no início do século XX na cidade de São Paulo. _____ 99
- Quadro 2** – Inventariação dos lugares sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1950. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento. _____ 102
- Quadro 3** – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1960. _____ 107
- Quadro 4** – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1970. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento. _____ 110
- Quadro 5** – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1980. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento. _____ 119
- Quadro 6** – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1990. As informações foram resumidas a fim de facilitar a leitura, o quadro completo encontra-se no Apêndice A, Quadro 13. _____ 124
- Quadro 7** – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010. As informações foram resumidas a fim de facilitar a leitura, o quadro completo encontra-se no Apêndice A, no Quadro 14. _____ 129
- Quadro 8** – Inventariação de diferentes tipos de lugares direcionados ao público LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020. _____ 158
- Quadro 9** – Inventariação de diferentes tipos de lugares direcionados ou não às identidades LGBTQIAP+, mas que são amigáveis à sua presença e/ou promovem ações referentes à disseminação de informações acerca de suas vivências, entre o final da década de 2010 e início da de 2020. _____ 163
- Quadro 10** – Inventariação de estabelecimentos comerciais, de serviço e de entretenimento noturno direcionados ao público LGBTQIAP+ ou que contam com sua presença recorrente/são amigáveis à sua presença, entre o final da década de 2010 e início da de 2020. _____ 166

Quadro 11 – Inventariação de áreas públicas em que se desenvolvem eventos e atividades de sociabilidade LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020. _____	173
Quadro 12 – Inventariação de eventos pontuais e sazonais direcionados às identidades LGBTQIAP+ com localidade fixa, entre o final da década de 2010 e início da de 2020. _____	178
Quadro 13 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1990. Versão na íntegra do Quadro 6 da seção 2.1.6. _____	219
Quadro 14 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010. Versão na íntegra do Quadro 7 da seção 2.1.7. _____	221
Quadro 15 – População e densidade habitacional na cidade de São Paulo em 2010 por zonas e por Subprefeitura. Em itálico, o distrito mais populoso e denso de cada zona. _____	223

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABGLBT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros
- ACPS – Associação Cultural Pluralidade Sexual
- AGU – Advocacia-Geral da União
- AIDS – *Acquired immunodeficiency syndrome*, síndrome da imunodeficiência adquirida, SIDA
- AL. – Alameda
- ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
- APAC – Associação Pinacoteca Arte e Cultura
- ARENA – Aliança Renovadora Nacional
- ASTRAL – Associação de Travestis e Liberados
- AV. – Avenida
- CADS – Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual
- CCD – Centro Cultural da Diversidade
- CCLGBTI – Centros de Cidadania LGBTI
- CCSP – Centro Cultural São Paulo
- CDC – *Center for Disease Control and Prevention*, Agência Sanitária Reguladora Federal
- CID – Classificação Internacional de Doenças
- CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
- CPDS – Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual
- CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
- CRD – Centro de Referência e Defesa da Diversidade
- CRT DST/Aids SP – Centro de Referência e Treinamento de DSTs e AIDS de São Paulo
- CS – Convergência Socialista
- CTA – Centro de Testagem e Acolhimento
- CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social
- DECRADI – Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância
- DEIC – Departamento Estadual de Investigações Criminais
- DPU-RO – Defensoria Pública da União de Roraima
- DRAG – *Dressed as a girl*, vertida/o/e como uma garota
- DTS – Doença Sexualmente Transmissível

EBHO – Encontro Brasileiro de Homossexuais
EBLHO – Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais
EGHO – Encontro de Grupos Homossexuais Organizados
FD-USP – Faculdade de Direito da USP
FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
FLH – *Frente de Liberación Homosexual*, Frente de Liberação Homossexual
GALF – Grupo de Ação Lésbico Feminista
GGB – Grupo Gay da Bahia
GIV – Grupo de Incentivo a Vida
GLBT – Gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais
GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes
HIV – *Human Immunodeficiency virus*, vírus da imunodeficiência humana
HS – Homo Sapiens (boate)
HSH – Homens que Fazem Sexo com Homens
ICM-SP – Igreja da Comunidade Metropolitana
INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
IST – Infecção Sexualmente Transmissível
LF – Lésbico Feminista (subgrupo do grupo SOMOS)
LG. – Largo
LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
LGBTI – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e intersexuais
LGBTQIAP+ – lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais, *queer gender* ou de expressão de gênero não-binária, intersexuais, assexuais e/ou aromânticas/os/es e/ou asensuais e/ou agênero, pansexuais e/ou polissexuais e/ou poliamorosas/os/es
MAM – Museu de Arte Moderna de SP
MDS – Museu da Diversidade Sexual
MNU – Movimento Negro Unificado
NAU-USP – Núcleo de Antropologia Urbana da USP
OAB-SP – Ordem dos Advogados do Brasil
ONG – Organização Não Governamental
OSC – Organização da Sociedade Civil
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PÇ. – Praça
PDS – Partido Democrático Social

PMDB – Partido Movimento Democrático Brasileiro
PQ. – Parque
PrEP – Profilaxia Pré-Exposição
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT – Partido dos Trabalhadores
R. – Rua
SAN – Sexo Atribuído no Nascimento
SARS-CoV-2 – Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2
SBPC – Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência
SMDHC – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SMPP – Secretaria Municipal de Participação e Parceria
SMUL – Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento
SSP – Secretaria de Segurança Pública
STF – Supremo Tribunal Federal
SUS – Sistema Único de Saúde
UBS – Unidade Básica de Saúde
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UPM – União Popular de Mulheres
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução	20
1 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E ESPAÇO	26
1.1 Das sombras à sopa de letrinhas	26
1.1.1 <i>América Latina</i>	26
1.1.1.1 Da América nativa às independências, séculos XV a XIX	26
1.1.1.2 Contracultura e ditaduras, décadas de 1950 a 1980	28
1.1.1.3 Redemocratizações, década de 1990 e século XXI	32
1.1.2 <i>Estados Unidos</i>	33
1.1.2.1 Revolta de Stonewall, Nova York, 1969	33
1.1.2.2 Ball Culture e House of LaBeija, década de 1970	38
1.1.2.3 Epidemia do HIV/AIDS, década de 1980 e 1990	40
1.1.3 <i>Brasil</i>	43
1.1.3.1 Relatos do Brasil nativo, século XVI	43
1.1.3.2 A Inquisição na colônia, séculos XVI a XVIII	44
1.1.3.3 Novas (e nocivas) epistemologias, século XIX	45
1.1.3.4 Renovação e retrocessos (e resistência), décadas de 1960 a 1980	48
1.1.3.5 Impacto epidemiológico, décadas de 1980 e 1990	64
1.1.3.6 Amplitudes e ampliações, décadas de 1990 e 2000	69
1.1.3.7 Renovadas discussões, renovas perseguições, décadas de 2000 e 2010	72
1.2 Identidades e apropriação de espaços	75
1.2.1 <i>Contemporaneidade e crise da identidade</i>	76
1.2.2 <i>Dinâmicas sociais e categorias espaciais</i>	82
1.2.3 <i>Pertencimento na São Paulo contemporânea</i>	89
2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQIAP+ NO ESPAÇO E NO TEMPO	98
2.1 São Paulo e identidades LGBTQIAP+ – Décadas de 1950 a 2010	98
2.1.1 <i>Às Margens, início do século XX</i>	98
2.1.2 <i>Grand Prix, década de 1950</i>	101
2.1.3 <i>Contracultura, década de 1960</i>	105
2.1.4 <i>Amor Livre, década de 1970</i>	108

2.1.5	<i>Memórias Difíceis, década de 1980</i>	111
2.1.6	<i>Revival, década de 1990</i>	120
2.1.7	<i>Conquistas e Oportunismos, década de 2000</i>	125
2.1.8	<i>(Re)afirmação, década de 2010</i>	127
2.1.9	<i>Concentração, espalhamento e algo mais</i>	130
3	IDENTIDADE NO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO	133
3.1	Discutindo as relações entre centros e periferias	134
3.1.1	<i>Construções socioespaciais</i>	134
3.1.2	<i>Percepções de pertencimento e negação com o espaço</i>	142
3.2	Identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo nas décadas de 2010 e 2020	153
3.2.1	<i>Categorias Institucionais – quadros</i>	154
3.2.2	<i>Relações entre atividade, administração e localização – quadros</i>	156
3.2.2.1	Locais direcionados ao público LGBTQIAP+	156
3.2.2.2	Locais não direcionados, mas com presença LGBTQIAP+	160
3.2.2.3	Estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno	165
3.2.2.4	Lugares públicos de sociabilidade LGBTQIAP+	168
3.2.2.5	Eventos pontuais e sazonais com localidade fixa	174
3.2.2.6	Atividades sem lugar fixo	179
3.2.3	<i>Análises socio-territoriais – mapeamentos</i>	184
3.2.3.1	Locais direcionados ao público LGBTQIAP+	185
3.2.3.2	Locais não direcionados, mas com presença LGBTQIAP+	187
3.2.3.3	Estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno	189
3.2.3.4	Lugares públicos de sociabilidade LGBTQIAP+	194
3.2.3.5	Eventos pontuais e sazonais com localidade fixa	195
3.2.4	<i>Expansão, diversificação e muito mais</i>	197
	Considerações Finais	198
	Referências	203
	Apêndice A – Quadros na íntegra	219
	Anexo A – Tabela da população de São Paulo em 2010	223

INTRODUÇÃO

O resgate da história de grupos sociais silenciados por conceitos e ações excludentes, é essencial à compreensão das dinâmicas sociais e urbanas do século XXI, pois suas trajetórias fazem parte da construção da sociedade como um todo, entidade complexa e múltipla. A cidade e suas dinâmicas cotidianas também são parte dessa construção societal, pois a recepção ou afugentamento de grupos das vivências urbanas pode demonstrar como são recebidos ou repelidos pelas outras esferas sociais. Essa relação impacta as sensações de pertencimento individuais e coletivas e é ainda mais latente para aqueles grupos silenciados, já desprovidos de garantias cidadãs, face às identidades de outros grupos considerados hegemônicos nas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e históricas.

A complexidade e a ampla dimensão da contemporânea cidade de São Paulo abrem possibilidades a várias vivências espalhadas pelo território, incentivando a apropriação dos espaços por diversos grupos, proporcionalmente, porém, à sua maior ou menor integração com as dinâmicas hegemônicas, o que força as identidades silenciadas a ocuparem espaços restritos, os redutos ou guetos. Uma vez que a cidade pode ser vista como o conjunto de camadas que se sobrepõem, interagem e se alteram mútua e constantemente, quaisquer dinâmicas que nela aconteçam são parte do funcionamento dessas interações, o que reforça a importância das contribuições e presenças urbanas dos grupos sociais silenciados pelas dinâmicas hegemônicas, pois, sem tais contribuições, essas interações apresentam lacunas.

Estudar e disseminar o conhecimento sobre a importância dessas contribuições também ajuda no processo de reinserção desses grupos nas discussões socioculturais que vêm ganhando força ao longo do século XXI e que lidam com a retomada da validação de identidades antes invisíveis, sejam elas étnicas, religiosas ou, ainda, de expressão pessoal. Preservar narrativas antes invisíveis é preservar partes frágeis da história humana, sujeitas ao silenciamento e à repressão.

A pesquisa apresentada trata da apropriação do espaço pelas identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, enquanto grupo social cujas contribuições e narrativas foram silenciadas nas dinâmicas sociais e urbanas dessa metrópole, estudada por meio de seus lugares que fizeram e fazem parte de seu cotidiano ao longo dos séculos XX e XXI. Estudam-se os lugares apropriados socialmente por esse grupo social, o modo como o fazem, e como isso impacta as dinâmicas urbanas da

mesma forma que essas dinâmicas impactam as possibilidades e impossibilidades de apropriação do espaço urbano por tais identidades.

A adoção da sigla LGBTQIAP+ (que apresenta algumas variantes) deve-se à sua abrangência e refere-se a indivíduos cujas identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e/ou orientações sexual e romântica não façam parte das identidades cisheteronormativas¹, por se identificarem (em uma ou mais categorias) como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis ou transexuais, *queer gender* ou de expressão de gênero não-binária, intersexuais, assexuais e/ou arromânticas/os/es e/ou asensuais e/ou agênero, pansexuais e/ou polisssexuais e/ou poliamorosas/os/es; sem o intuito de desconsiderar identidades que não apareçam nominalmente na sigla, representadas pelo sinal “+”.

Uma vez que o recorte social da pesquisa abarca identidades e expressões de gênero que saem do binário feminino-masculino, a pesquisa apresenta, por vezes, algumas tentativas de linguagem de gênero neutro, as quais vêm ganhando espaço em discussões contemporâneas sobre as identidades LGBTQIAP+, a fim de garantir o respeito e a visibilidades desses indivíduos; principalmente no capítulo 3.

O objetivo deste trabalho consiste em identificar e analisar os lugares de sociabilidade, de encontro, das identidades LGBTQIAP+, considerando a não existência de uma inventariação precisa sobre o tema. O estudo também pretende contribuir para o preenchimento das lacunas da historiografia social e urbana por meio do resgate da memória desse grupo em relação ao impacto que causam no meio urbano. O resgate histórico e a análise contemporânea pretendem dar voz a essas narrativas silenciadas sistematicamente por diversos atores sociais e que remontam ao início da consolidação da identidade nacional, que ocorreu por meio de

¹ O termo cisheteronormatividade é uma variante do termo “heteronormatividade” popularizado por Michael Warner (1991) para se referir ao conceito excludente de sociedade o qual perpetua a ideia de que são válidas e incentivadas dentro das dinâmicas sociais apenas identidades humanas que se encaixam exclusivamente em comportamentos e expressões congruentes com a heterossexualidade, orientação sexual, sensual e romântica entre indivíduos de gêneros opostos dentro do binário feminino-masculino; identidade composta, por conseguinte, pela allosexualidade e allorromanticidade, ou seja, pela presença de impulsos sexuais e inclinações românticas, respectivamente, para com outros indivíduos (BARNES, 2021). Portanto, o termo cisheteronormatividade agrega a essa ideia também a imposição da cisgeneridade, ou quando a expressão e identidade de gênero se relacionam ao gênero atribuído no momento do nascimento, o qual, por sua vez, é uma construção social relacionada ao sexo biológico atribuído no momento do nascimento e que considera apenas o binário masculino-feminino (CISGENDER, 2022) – também pode ser entendido como “heterossexualidade compulsória” (RICHARDS *et al.*, 2017) ou, ainda, cisheterossexualidade compulsória. Deve-se ter em conta que “allosexualidade”, “allorromanticidade”, “cisgênero” e termos variantes ainda são palavras de uso relativamente recente e mais comuns no idioma inglês, mesmo que referenciem comportamentos humanos ancestrais.

invalidações que buscam sustentação em argumentos relativos à religiosidade, saúde pública e à legislação para legitimar opressão e violência.

Tendo em vista o pouco apoio que essas identidades recebem de suas comunidades originárias, como a família consanguínea ou as instituições de ensino, é importante perceber a importância da sociabilidade na construção de suas novas redes de apoio: a formação de grupos de semelhantes possibilita maior exploração da identidade pessoal, autopreservação e compartilhamento de experiências de vida que criam laços de reconhecimento e difundem informações. Às identidades LGBTQIAP+, a possibilidade de livre trânsito, encontro e apropriação do espaço urbano são cruciais não apenas para sua reafirmação enquanto indivíduos reconhecidos no âmbito das dinâmicas sociais, como também para sua perpetuação identitária individual e coletiva.

O estado da arte da questão, objeto deste trabalho, reflete as lacunas da historiografia social no que tange à estudos que contemplam a relação entre grupos sociais silenciados e as dinâmicas do meio urbano que as impactam e que por elas são impactadas, sobretudo na área de Arquitetura e Urbanismo. Como se constata, as Ciências Sociais são as que mais estudam esses grupos sociais, principalmente por meio do importante papel de revelar narrativas silenciadas através dos relatos diretos dos atores sociais que as constroem.

Para se entender a trajetória das identidades LGBTQIAP+, são referenciados autores que tratam de sua história e memória como Trevisan (2000), Green (2000, 2003), Mott (1994, 1998, 2000), Facchini (2002) e Molina (2011, 2018); alguns, integrantes e ativistas em prol dos direitos e visibilidade dessas identidades. Também são referenciados autores que tratam de enfoques mais específicos, ligados à sua apropriação de espaço na cidade de São Paulo, como Silva (1959), Perlongher (1987), França (2007), Puccinelli (2011), Giovani (2018) e Cymbalista (2019), bem como às dinâmicas municipais cotidianas, que envolvem regiões centrais e periféricas na escala da cidade, como nas etnografias de Kobayashi (2013), Reis (2015), Perilo (2017) e Rodrigues (2017). Contudo, esses estudos são parciais, no sentido de não se fundamentarem em um trabalho de sistematização da identificação dos lugares de sociabilidade, com base tanto na bibliografia especializada quanto nos relatos disponíveis em diversas mídias, tal como esta pesquisa se propõe a realizar. Nesse sentido, além dos estudos documentais e etnográficos, também foram essenciais documentários e produções multimídia com relatos sobre questões de memória,

identidade no meio urbano e lugares de sociabilidade e encontro. A coleta de informação em meios tão distintos é essencial para a compreensão do recorte social da pesquisa, por apresentarem relatos e narrativas que expõem diretamente as vivências e percepções dessas identidades por meio de sua própria voz.

Conceitos cruciais para a análise dos dados levantados são as categorias criadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), sob a Coordenação do professor José Cantor Magnani (1992, 1998), que abordam a intersecção entre espaço urbano e manifestações culturais, como os “pedaços”, as “manchas” e os “circuitos”. As análises também referenciam o conceito de “periferias móveis” apresentado por Puccinelli e Reis (2020) para a discussão das relações entre “centros” e “periferias” sob a ótica do contexto histórico da pesquisa.

A metodologia deste trabalho resgata a memória da presença das identidades LGBTQIAP+ por meio de mapeamentos que formam um panorama das movimentações desse grupo pela cidade de São Paulo ao longo dos séculos XX e XXI, relacionando cada período a seu contexto sociocultural. Os mapeamentos são construídos por meio da coleta de relatos e estudos documentais e etnográficos voltados aos lugares de sociabilidade e assistência, como áreas públicas, estabelecimentos de entretenimento noturno, locais de acolhimento, assistência socioeducacional, instituições culturais, entre outros locais e atividades que permeiam o cotidiano LGBTQIAP+. A pesquisa é apresentada em formato tripartite.

O capítulo 1 apresenta um histórico das identidades LGBTQIAP+ na América Latina, Estados Unidos e Brasil, seguido da análise de conceitos base ao desenvolvimento da pesquisa em seu contexto social, espacial e temporal. O histórico nacional aponta os momentos mais importantes da formação das identidades não cisheteronormativas no âmbito da construção da identidade nacional, desde os povos originários até o século XXI, no intuito de mostrar não apenas a trajetória desse grupo, mas os motivos de seu silenciamento e sistemática invalidação. Os contextos internacionais se ligam ao nacional como referência para certos acontecimentos e exemplo dos processos de formação de comunidades e consolidação da identidade de grupos sociais urbanos. Os conceitos base norteiam o escopo geral da pesquisa ao tratarem de como se desenvolve a crise da identidade das sociedades contemporâneas e como a organização de grupos, comunidades e redes respondem às incertezas que surgem dessa crise, mostrando como tais questões impactaram diretamente as dinâmicas urbanas e cotidianas da cidade de São Paulo.

O capítulo 2 apresenta um histórico mais detalhado das trajetórias das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo entre o início do século XX, por volta da década de 1930, até a metade da década de 2010, por meio de inventariações e mapeamentos de sua apropriação de espaço com base em bibliografia especializada e em relatos e documentos referentes à apropriação de lugares voltados à sociabilidade e, em menor medida, trabalho (especialmente apresentações artísticas e meretrício). Apresentado por décadas, os movimentos territoriais das sociabilidades LGBTQIAP+ são indicados em mapas que utilizam como base fotos aéreas geradas pelo *software* Google Earth, baseados nas inventariações apresentadas em quadros, com a demarcação de pontos de interesse. Considera-se a divisão municipal em distritos segundo constam na base de dados GeoSampa, gerenciada pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL) da cidade de São Paulo.

O capítulo 3 apresenta conceitos base à análise das relações entre território e sociedade, ou espaço construído e manifestações culturais, baseando-se nas categorias criadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), principalmente as de “pedaço”, “mancha” e “circuito”. Essas categorias encaminham para a discussão da validade dos conceitos preestabelecidos caracterizadores de áreas centrais e periféricas da escala municipal e das crescentes críticas a tais conceitos e, conseqüentemente, à dicotomia criada na relação entre essas características no recorte temporal do início da década de 2020. É construído outro mapeamento focado em lugares de sociabilidade especificamente voltados à – ou apenas frequentados pelas – identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, expandindo a inventariação anterior para além dos pontos de sociabilidade relacionada ao consumo e entretenimento, abarcando locais de acolhimento, assistência socioeducacional, instituições culturais, áreas públicas, entre outros, apresentados em novas inventariações. A compilação desses lugares é voltada àqueles em funcionamento entre o final da década de 2010 – por volta de 2018 – e início da de 2020 – até o início de 2022 –, contexto histórico de apresentação da pesquisa. A identificação de pontos de interesse foi realizada por meio da sua presença e engajamento dos administradores desses lugares nas mídias sociais, especificamente pela frequência de publicações no Facebook e no Instagram.

A identidade da cidade é formada pelas manifestações culturais que suas dinâmicas propiciam aos/as cidadãos/as, ao mesmo tempo em que as identidades sociais são reflexo das dinâmicas urbanas e cotidianas dos espaços apropriados por

esses/as usuários/as/es. Ao observar grupos sociais específicos, fica clara essa relação simbiótica, presente nos discursos desses indivíduos acerca do quanto o lugar que ocupam se conecta (ou não) às possibilidades de expressão pessoal, criação de relações interpessoais e de grupos de apoio, por meio de suas percepções de pertencimento e validação. Territorialmente, essas relações são visíveis pelas aglomerações e esvaziamentos dos pontos de sociabilidade e assistência relacionados ao cotidiano desses grupos, demonstrados pelos mapeamentos, que também possibilitam observar a relação entre usos do solo em diferentes regiões da cidade, consolidando presenças já conhecidas e abrindo espaço a presenças ainda não exploradas. No caso apresentado, há uma relação histórica das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo com as áreas centrais da escala municipal, concomitantemente a uma desconexão com as áreas periféricas; negação do espaço essa, que vêm se modificando ao longo do século XXI, por meio de maiores possibilidades de apropriação desse espaço, mesmo que de forma lenta e esparsa.

1 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E ESPAÇO

1.1 Das sombras à sopa de letrinhas

O capítulo inicial delinea um histórico da presença das identidades LGBTQIAP+ na América Latina, Estados Unidos e Brasil com intuito de apresentar e visibilizar parte da memória e trajetória desse grupo social enquanto identidades não hegemônicas, mais especificamente, não cisheteronormativas. Ainda, tais experiências coletivas ajudam a entender as motivações das problemáticas contemporâneas desse grupo social, dando base para as análises discorridas nos capítulos subsequentes.

1.1.1 América Latina

1.1.1.1 *Da América nativa às independências, séculos XV a XIX*

Práticas homossexuais e de expressões de gênero não cisheteronormativas podem ser encontradas nas culturas nativas de todo continente americano, representadas desde motivos em cerâmicas incas até figuras mitológicas astecas – dependendo da região, porém, essa aceitação poderia variar e até ser criminalizada (MOLINA, 2017; MOTT, 1998). Posto serem esses relatos em maior parte provenientes dos colonizadores e agentes missionários, Luiz Mott (1998) salienta:

Tarefa extremamente difícil é avaliar o grau de objetividade ou subjetividade destas afirmações pois nalguns casos, parece que os cronistas tendiam a exagerar os hábitos pecaminosos dos selvagens exatamente com o escopo de justificar a conquista, redução ou genocídio dos mesmos. (MOTT, 1998, n. p.)

Em 2003, no atual Peru (parte do antigo Império Inca), foi proposto por Giuseppe Campuzano o Museo Travestí del Peru² a fim de constatar o travestismo dos povos nativos da América do Sul, partindo da perspectiva de “que a cultura binária da civilização espanhola veio para silenciar costumes comuns aos povos originários (...)” (MOLINA, 2017, p. 255).

² Do espanhol, Museu Travesti do Peru, em livre tradução.

Com a imposição das práticas católicas pelo Tribunal do Santo Ofício e pela Inquisição nas Américas Portuguesa e Espanhola no período colonial, adotou-se a interpretação da sodomia (nesse contexto, entendida como prática sexual de penetração anal, independente de identidade de gênero) como um dos piores pecados do cânone católico, passível de pena capital. Evitava-se mesmo dizer a palavra, utilizando-se eufemismos como “pecado nefando”, ou seja, uma ação tão depravada que se torna um terrível sacrilégio (MOTT, 1998).

Um dos primeiros relatos de assassinato em massa decorrente da opressão às identidades não cisheteronormativas na América Espanhola ocorreu na atual região do Caribe por volta do século XVI, perpetrada por colonizadores espanhóis contra nativos americanos que se vestiam à maneira das expressões tipicamente associadas ao binário de gênero feminino (MOLINA, 2017). Mesmo frente a tais proibições e perseguições, as práticas homossexuais e de fluidez de gênero persistiram nas colônias, apoiadas em fatores como o degredo de condenados sodomitas europeus às Américas e resistência dos colonos em manter suas práticas:

Tudo leva a crer que também nos demais países latino-americanos [além do Brasil], durante o período colonial, existiram não apenas *cripto-sodomitas* amorfos e isolados, mas um contingente não desprezível de sométicos que apesar de rotulados de *maricas*, eram suficientemente machos para exteriorizar suas preferências invertidas através de gestos, roupas e adereços próprios de uma subcultura sincrética e *sui-generis*. (MOTT, 1998, n.p., grifos do autor)

As punições à sodomia e às práticas homossexuais foram registradas em maior quantidade (e detalhamento) na América Portuguesa, como será visto na seção 1.1.3.2, mesmo que a inquisição portuguesa não tenha estabelecido um tribunal próprio em sua então colônia, diferente da América Espanhola. Desses poucos registros, há casos notáveis, como alguns no atual México no século XVII, em que foram registrados diversos casos de homens que se relacionavam romântica e sexualmente com outros homens e que assumiam comportamentos tipicamente associados às expressões femininas, indivíduos reconhecidos por nomes e alcunhas também tipicamente femininas e que faziam parte de diversas etnias e grupos sociais (MOTT, 1998).

Todas essas perseguições às expressões de gênero e sexualidade não cisheteronormativas foram pautadas em preceitos religiosos e preconceitos

provenientes de ideologias da burguesia europeia que privilegiaram a construção de um modelo único de cidadão válido dentro das dinâmicas sociais:

Desde o tempo da conquista, a regulação dos corpos sexuados – do mesmo modo que dos racializados – foi uma característica fundamental da diferenciação selvagem/civilizado, metáfora constitutiva do sistema colonial latino-americano. O patriarcado (...) reservou o domínio sobre os demais corpos “passivos” ao artífice da civilidade (...). Assim, o processo de formação da diferenciação masculina/ativa se fundou na apropriação dos bens econômicos e simbólicos dos outros passivos: as mulheres enquanto diferenciação anatômica e de papéis (masculino/feminino), os machos enquanto femininos (sodomitas), os outros enquanto escravos (em meio também a diferenças de cor ou de raça) e os declarados irresponsáveis (crianças e doentes mentais). (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006, n.p.)

À época dos processos de independência, os recém formados Estados latino-americanos se basearam no Código Penal Francês de 1791 e no Código Napoleônico de 1805 para descriminalizar atividades sexuais consensuais entre adultos, mas perpetuaram punições aos atos homossexuais e expressões de gênero não cisheteronormativas por meio de “leis de vadiagem, códigos de decência pública e proibições legais contra o travestismo” (GREEN, 2003, p. 22); tudo sobre um tinte elitista relacionado a maneira como “(...) dinheiro, poder e influência sociais protegeram membros das classes altas de escândalos e da indesejável prisão” (GREEN, 2003, p. 22), evidenciando mais um dos mecanismos de opressão social. (GREEN, 2000, 2003; TREVISAN, 2000)

No início do século XX, em todo continente, as expressões não cisheteronormativas passaram a ser consideradas patologia psiquiátrica e fisiológica, baseando-se em ideologias eugenistas, como será melhor detalhado na seção 1.1.3.3. (GREEN, 2000, 2003; TREVISAN, 2000)

1.1.1.2 *Contracultura e ditaduras, décadas de 1950 a 1980*

Na década de 1950, as maiores cidades da América Latina presenciaram uma considerável movimentação de grupos sociais não hegemônicos que usaram expressões artísticas clandestinas como meio de reafirmação de suas identidades e de sua importância nas dinâmicas sociais – tais movimentos de contracultura (ou seja, contrários à ordem vigente das identidades hegemônicas) se expandiram, portanto, para além do eixo Estados Unidos-Europa Ocidental. Essa agitação cultural possibilitou grupos de feministas, negros, nativo-americanos e homossexuais a

desenvolveram seus primeiros movimentos organizados na década de 1960, seguindo a tendência internacional das manifestações em prol da luta desses grupos sociais por seus direitos civis e reconhecimento em meio a mudança de paradigmas sociais, por meio de “ações coletivas ou de reflexões teóricas” (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006, n.p.). De fato, o final de década de 1960 e início da de 1970 trouxeram uma “avalanche de revoltas políticas” (GREEN, 2003, p. 27) a diversos lugares.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a expansão e maior utilização de espaços públicos possibilitou o melhor desenvolvimento de sociabilidades homossexuais e homoafetivas masculinas em diversos países, como será observado no caso da cidade de São Paulo na seção 2.1.1. Porém, a recorrente repressão à liberdade das identidades de gênero femininas e aos movimentos feministas dificultou que esse mesmo processo ocorresse amplamente entre grupos de homossexuais femininas.

O grupo argentino *Nostro Mundo*³, fundado em 1967, foi o primeiro grupo organizado em prol dos direitos homossexuais nas Américas, formado por operários, sindicalizados e um ex-membro do Partido Comunista expulso devido sua homossexualidade – sua experiência no partido foi crucial ao funcionamento do grupo dada sua experiência em operações clandestinas em meio a instabilidade política do período ditatorial (GREEN, 2003). Mudou de designação para Frente de Liberación Homosexual⁴ (FLH) em 1971, com ingresso de estudiosos marxistas. Aliando-se a outros grupos homossexuais e feministas internacionais, promoveu protestos, grupos de discussão e a publicação do primeiro periódico argentino voltado ao público homossexual, a revista *Somos*, lançada em 1973. O grupo se dissolveu em 1976 quando do avanço da brutalidade de repressão do regime militar ditatorial no país⁵. Outros grupos análogos surgiram no México, Colômbia, Peru, Chile e Porto Rico a partir da década de 1970, partilhando nomenclaturas relacionadas às “frentes de libertação” anti-imperialistas internacionais; dentre estes, também haviam grupos lésbicos e feministas (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006; GREEN, 2003). A escolha de nome revela uma clara sobreposição de identidades e suas experiências:

³ Do espanhol, *Nosso Mundo*, em livre tradução.

⁴ Frente de Liberação Homossexual, em livre tradução.

⁵ Alguns dos motivos de seu enfraquecimento também estão relacionados a inflação galopante que assolou a classe operária, em que esses trabalhadores precisaram concentrar todos seus esforços na “sobrevivência econômica”, assim como do pouco interesse de adesão ao FLH após a ascensão do regime político de extrema direita. Mesmo assim, o grupo ainda manteve contato com grupos internacionais durante todo o período de funcionamento. (GREEN, 2003)

A analogia entre libertação da opressão estrangeira e libertação da opressão sexual estabelecia uma espécie de associação entre o corpo nacional e o corpo físico. (...) A retórica que alia o pessoal e sexual ao social e político está articulada com o contexto de hierarquias baseadas no gênero, em que o homem é equipado ao chefe. (GREEN, 2003, p. 28)

Mesmo lutando em prol do fim da repressão dos regimes ditatoriais e suas políticas de extrema direita⁶, os movimentos antiditatoriais latino-americanos da década de 1970, alinhados as ideologias políticas de esquerda, não se posicionaram em prol de lutas sociais não relacionadas a “luta de classes”. Apesar das relativamente recentes conquistas de direitos proporcionadas por entes partidários de esquerda, historicamente foi comum a persistência de uma postura discriminatória dessas ideologias para com as identidades não cisheteronormativas; como será visto também na seção 1.1.3.4. Como aponta Green (2003), “alguns ativistas de esquerda ainda afirmavam que a homossexualidade é produto do comportamento decadente da burguesia, que desapareceria com o socialismo” (GREEN, 2003, p. 18). Por exemplo, o Partido Comunista Cubano, no início da Revolução Cubana, acusava homens homossexuais de terem uma “franqueza moral e falta de fervor revolucionário” (GREEN, 2003, p. 33). Essa ideologia foi replicada pelos grupos pró-chinês e pró-maoísmo albanês na Colômbia, Peru e Brasil nas décadas de 1960 a 1980, pelo Movimento da Esquerda Revolucionária Chileno (MIR) e pelo Partido Comunista Brasileiro pró-soviético na década de 1980. A supressão das expressões não cisheteronormativas se deu durante revoluções sociais como as ocorridas em Cuba e na Nicarágua, em que a esquerda política também assumiu posturas LGBTQIAPfóbicas e sexistas que mudaram de tom, em certa medida, somente perante as recorrentes manifestações artísticas que trouxeram visibilidade à essas identidades e por meio da pressão internacional pelo seu reconhecimento e validação.

⁶ Nas décadas de 1960 e 1980, Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai (países do Cone Sul) passaram por uma onda de golpes de estado que implementaram regimes ditatoriais, colocando membros das Forças Armadas (como Exército, polícia civil e militar, etc.) em cargos políticos, como agentes ligados ao capital privado de grande escala e em cargos jurídicos e econômicos, sempre com posicionamentos extremamente conservadores. Esses regimes se utilizavam de ampla e agressiva repressão para manter-se no poder e controlar opositores, por meio de táticas como tortura, assassinato e censura. Todos esses regimes foram apoiados pelos Estados Unidos em busca da repressão à ideologia comunista. Em décadas anteriores, também sofreram (e sofreriam em décadas posteriores) com ditaduras outros países americanos, como Cuba, Haiti, Nicarágua, Paraguai, Peru, República Dominicana e Venezuela. O México também sofreu, durante o século XX, com duras repressões e censuras, mas promovidas por regimes democráticos. (DITADURAS MILITARES, 2006; OPERAÇÃO CONDOR, 2006)

O governo ditatorial argentino (1976-1983) repetiu posturas comuns ditadura militar brasileira (1964-1984). Uma das muitas formas de repressão das identidades não hegemônicas foram as “operações de limpeza social” – como será visto no caso de São Paulo na seção 1.1.3.4 – em diversas cidades do país, perpetradas pelas Brigada de Moralidade da Polícia Federal e que tinham como objetivo expurgar o meio público de identidades LGBTQIAP+ quando da Copa do Mundo de Futebol Masculino da Federação Internacional de Futebol (Copa Mundial FIFA) em 1978, dada o caráter turístico internacional do evento. Entre 1982 e 1983, houve uma onda de assassinatos de homossexuais por todo país, perpetrados por grupos de extermínio em busca do extermínio desse grupo social. Em 1984, em Santiago, Chile, o assassinato da artista lésbica Mónica Briones perpetrado por membros das forças de segurança pública, levou a criação do grupo militante lésbico-feminista Ayuquelén (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006). No mesmo ano, a Comunidad Homosexual Argentina⁷ (CHA) participou da passeata de apoio ao Relatório da Comissão Nacional de Desaparecidos, em relação a apuração de pessoas desaparecidas durante o regime militar (*ibidem*).

Mesmo que as redemocratizações tenham possibilitado a formação de novos grupos homossexuais organizados, a perseguição policial a esses indivíduos e batidas em seus lugares de sociabilidade persistiu. Nesse contexto, vale ressaltar que, “enquanto movimentos incipientes esforçavam-se para sobreviver em Buenos Aires, Cidade do México e San Juan, os gays e lésbicas brasileiros estavam vivendo sob os mais repressivos anos da ditadura militar” (GREEN, 2003, p. 30).

Ao decorrer do tempo, alguns segmentos dos partidos de esquerda se desvincilharam de posturas LGBTQIAPfóbicas e sexistas, como o Partido Revolucionário de los Trabajadores Mexicanos⁸, em 1978, e o Partido Revolucionário Socialista brasileiro (atual PSTU), que criaram setores internos ligados aos movimentos homossexuais organizados, assim como fez o Partido dos Trabalhadores brasileiro (PT) entre 1980 e 1981; os esforços políticos da década de 1970 levaram a propostas de legislações antidiscriminatórias. Na Nicarágua, o apoio de ativistas europeus e estadunidenses às ações revolucionárias sandinistas (movimento político de esquerda socialista) também incitou a criação dos primeiros movimentos organizados pelos direitos homossexuais no país: “O processo revolucionário na

⁷ Do espanhol, Comunidad Homosexual Argentina, em livre tradução.

⁸ Do espanhol, Partido Revolucionário dos Trabalhadores Mexicanos, em livre tradução.

América Central, por vezes, desempenhou um papel crucial na formação de uma geração de ativistas gays e, especialmente, ativistas lésbicas” (GREEN, 2003, p. 35).

1.1.1.3 *Redemocratizações, década de 1990 e século XXI*

A partir da década de 1990, após o controle da epidemia do HIV/AIDS e em meio a mais processos de redemocratização, houve renovado ímpeto pela luta dos direitos civis LGBTQIAP+, através do surgimento de mais grupos organizados de homossexuais e feministas por vários países da América Latina, acompanhados de novas explorações epistemológicas e novos termos que englobam mais identidades. Encontros internacionais de lésbicas e feministas incentivaram a criação de grupos similares em diversos países (GREEN, 2003). As demandas e ações em busca dos direitos civis de travestis na Argentina e no Brasil e os questionamento levantados por lésbicas negras, explicitaram o quanto sua identidade sexual e expressão de gênero afetam seu reconhecimento como cidadãs e, assim, seu acesso à saúde, educação, segurança e emprego (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006).

Porém, mesmo frente à avanços sociais e conquistas legais, a América Latina ainda está repleta de ações e mentalidades punitivas às identidades LGBTQIAP+:

Tradicionalmente, a Igreja Católica e, nos últimos anos [início do século XXI], muitas igrejas neopentecostais estão entre as instituições mais homofóbicas da América Latina, ao lado das Forças Armadas e da polícia (...). A América Latina é também uma das regiões onde mais se contabilizam crimes de ódio que têm por base a homofobia. Especialmente travestis e transexuais sofrem uma violência inumana. (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006)

A postura é apoiada justamente pelos atores que constituem as dinâmicas sociais mais básicas, os quais deveriam zelar pelo amparo indiscriminado:

As forças de segurança, em particular, nos últimos anos [início do século XXI], o Poder Judiciário, parecem ser os encarregados do controle do diferente na América Latina, e de que os quadros invariáveis de poder e de dominação mantenham um esquema de exclusão que já existe há quinhentos anos. (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006)

No século XXI, ainda é comum muitos dos movimentos políticos de esquerda perpetuarem a mesma postura LGBTQIAPfóbica observada anteriormente, por meio da persistência de uma luta por direitos cidadãos focada exclusivamente na “luta de classes” (GREEN, 2003; TREVISAN, 2000):

Em última instância, esta é a incapacidade de muitos revolucionários marxistas em imaginar um mundo mais complexo que aquele em que tudo é reduzido ao determinismo econômico. (...) a inabilidade dos setores significativos da esquerda em entender o impacto político do esforço democrático por plenos direitos dos homossexuais, sugere que eles ainda estão presos ao pensamento do século XIX, quando o mundo caminha em direção ao século XXI. (...) Uma sociedade que não defende os mais íntimos direitos ao prazer é uma sociedade que pode facilmente tornar-se autoritária, burocrática e, por último, reacionária. (GREEN, 2003, p. 36-39).

Segundo a Rede Regional SinViolencia LGBTI (2019), entre os nove países da América Latina e Caribe observados em pesquisa no período de 2014 e 2019, 1292 pessoas LGBTI foram violentamente assassinadas devido suas identidades. Esses dados demonstram uma mentalidade excludente persistente na região:

Conforme reconstruímos histórica e culturalmente, o entendimento da diversidade sexual e de suas práticas na América, presenciamos marcas da marginalização, do silenciamento e do incansável combate para naturalizar e afirmar socialmente as relações heteronormativas e a constituição dos papéis masculino/feminino, dentro de uma percepção religiosa, que foi constantemente reafirmada, através da catequização europeia e posteriormente no período da colonização. (MOLINA, 2017, p. 258)

1.1.2 Estados Unidos

1.1.2.1 *Revolta de Stonewall, Nova York, 1969*

Na década de 1960, a homossexualidade nos Estados Unidos foi, também, considerada patologia fisiológica passível de procedimentos como terapia de aversão, lobotomia e castração forçada. Além disso, esses indivíduos recorrentemente eram punidos por sua expressão não cisheteronormativa por meio de fichamento policial, demissões, impossibilidade de exercer ocupações regularizadas e de ingressar em instituições de ensino, além de serem vítimas de atos de violência física e moral (STONEWALL..., 2010). O estigma à homossexualidade estava (e ainda está) ancorado em discursos conservadores de setores religiosos, que a tratam como pecado, em ações governamentais, por meio da negação de garantias cidadãs, e pela mídia, que perpetua estereótipos distorcidos.

Quando da Feira Mundial de Nova York, a EXPO 64, entre 1964 e 1965 no bairro do Queens, o governo municipal junto às forças de segurança pública foram incentivados pela população e pelos organizadores do evento a realizar “operações

de limpeza social” para expurgar a cidade de homossexuais e *DARG queens*⁹, dado o caráter turístico internacional do evento – eram comuns emboscadas a travestis e gays principalmente em banheiros públicos e outros locais usados para encontros sexuais (STONEWALL..., 2010). Esse tipo de estratégia de repressão também foi utilizado no Brasil à época da ditadura militar, como será explorado nas seções 1.1.3.4 e 2.1.5, e na Argentina, como visto na seção 1.1.1.2.

Diferente da década de 1950 nos Estados Unidos, a década de 1960 foi marcada por revoluções de paradigmas sociais e epistemológicos promovidas por diversos grupos sociais não hegemônicos silenciados nas dinâmicas sociais¹⁰, mas que demorou a acontecer entre as identidades não cisheteronormativas. Apenas com o aumento da tensão entre as identidades LGBTQIAP+ e as forças de segurança, devido as cada vez mais recorrentes perseguições a seus pontos de sociabilidade, já mínimos, ficou nítida a necessidade da criação de forças políticas de proteção a esse grupo social. A Mattachine Society foi uma das primeiras organizações relacionadas a questão, principalmente no diálogo com o governo em busca do fim dessas perseguições e emboscadas. Foi organizadores de uma das primeiras manifestações públicas de reivindicação de direitos LGBTQIAP+ no país, na cidade da Philadelphia, estado da Pensilvânia. (STONEWALL..., 2010)

A ocupação da ilha de Alcatraz (local da antiga Penitenciária Federal de Alcatraz, na cidade de São Francisco, estado da Califórnia) por movimentos em prol dos direitos civis nativo-americanos em novembro de 1969, foi importante ponto de reafirmação da visibilidade desse grupo étnico dentro das dinâmicas sociais. Dentre suas reivindicações, também constava a reafirmação de suas identidades não cisheteronormativas. Por volta de década de 1990, durante e epidemia do HIV/AIDS, a retomada do conceito *two-spirit* (do inglês, dois-espíritos, em livre tradução) pertencente a culturas nativas da América do Norte, foi essencial ao resgate da

⁹ Acrônimo em inglês para *dressed as a girl*, vestida/o/e como uma garota, em livre tradução, seguido da denominação *queen*, ou rainha, são artistas performáticas que atuam em diversas áreas do entretenimento por meio de personagens de comportamentos e expressões tipicamente relacionadas ao feminino, geralmente, apresentadas por artistas masculinos. Cada artista performa uma *drag queen* com personalidade e expressões únicas. Podem também ser performadas em outras especialidades como na área da educação e disseminação de informações variadas.

¹⁰ Os movimentos organizados negros foram um dos mais importantes exemplos de luta pelos direitos civis de identidades silenciadas, atuando por meio de protestos de grande escala contra a segregação e discriminação racial, prevalente no sul do país. Na metade da década de 1960, o movimento conquistou mudanças na legislação e expandiu o alcance da luta contra o racismo estrutural. Martin Luther King, Jr., Rosa Parks e John Lewis foram importantes figuras desse movimento (CARSON, s.d.)

visibilidade das expressões de gênero não conformativas ao binário feminino-masculino de povos nativo-americanos. (FERNANDES, 2017)

Durante a década de 1960, era possível encontrar pequenas comunidades de apoio mútuo LGBTQIAP+ nas maiores cidades do país, algo praticamente impossível em cidades menores, dado os estigmas sociais relacionados à essas identidades. Tais comunidades eram e ainda são formadas por pessoas que perderam ou que sabiam que perderiam o amparo de suas comunidades originárias (famílias consanguíneas, escola, vizinhança) devido sua identidade não cisheteronormativa; como será visto na seção 1.1.2.2. Na cidade de Nova York (estado homônimo), essas comunidades ficavam nas regiões portuárias (assim como na cidade de São Francisco, estado da Califórnia) e no adjacente bairro de Greenwich Village. O bairro ficou conhecido pelos diversos pontos de sociabilidade homossexual e *drag queen* em áreas públicas, incomum à época. Os cinemas de rua do largo da Times Square (região das avenidas Broadway e Sétima) foi outro local de ampla oferta de entretenimento noturno homossexual. Havia circuitos mais restritos e relacionados a encontros sexuais como bares reclusos e banheiros públicos das estações de metrô e, no auge das emboscadas citadas anteriormente, à noite, áreas de carga e descarga de caminhões. Mesmo que os bares direcionados ao público homossexual existissem por toda cidade, a venda de bebidas alcóolicas nesses lugares era proibida pelo poder municipal, o que chamou a atenção da máfia local, que passou a prover o produto a esses lugares, dentre eles, o Stonewall Inn. (STONEWALL..., 2010)

O Stonewall Inn (ainda em funcionamento) fica no meio da rua Christopher, entre os números 51 e 53, no epicentro da sociabilidade LGBTQIAP+ do bairro de Greenwich Village. Esse bairro, como mencionado, possibilitava liberdade de expressões não cisheteronormativas, diferente de outros locais da cidade que, segundo seus frequentadores, pareciam ser apenas “emprestados” às suas sociabilidades. Dentro do Stonewall não era diferente: o bar, mesmo em sua precariedade de instalações, concentrava público de diversas identidades não cisheteronormativas, étnicas e de poder aquisitivo variado – lugares fechados eram (e ainda são) preferíveis às expressões de afetividade LGBTQIAP+ do que o meio público. Como outros, o bar era constante alvo de súbitas batidas policiais, mas foi justamente uma delas, feita de maneira diferente do usual, que mudaria completamente a história dos movimentos LGBTQIAP+ em escala internacional. (STONEWALL..., 2010)

Na madrugada do dia 28 de junho de 1969, sábado, foi realizada pelo segundo dia seguido uma batida policial no bar, mas dessa vez durante o horário de maior movimento e sem que a delegacia local ou a máfia fossem avisados e contando com poucos oficiais, contrário as operações comuns realizadas no meio da semana, no começo da noite e com aviso prévio ao bar e seus colaboradores. É importante ressaltar que parte do procedimento padrão das batidas era conferir os documentos oficiais dos clientes que se apresentavam como homens e levar ao banheiro feminino qualquer cliente que se apresentasse como mulher para conferir seu sexo biológico por uma policial feminina, garantindo que qualquer “homem” vestido de “mulher” (como as *drag queens* e as travestis) fosse preso (REBELIÃO..., s.d.; STONEWALL..., 2010). Especificamente nessa noite, houve total recusa dos/as frequentadores/as à violência policial, o que rapidamente catalisou um sentimento de revolta que criou uma multidão do lado de fora do bar, a qual foi aumentando gradativamente, atraída pela comoção iniciada dentro do bar. Rapidamente, criou-se um tumulto ao redor das várias resistências à voz de prisão na rua, colocando a multidão em uníssono contra a força policial (STONEWALL..., 2010).

Mesmo entre os presentes, não há consenso acerca de algum fato específico que deflagrou a Revolta naquela noite específica, embora seja lembrada a resistência obstinada das lésbicas, travestis, prostitutas e adolescentes homossexuais em situação de rua pertencentes às dinâmicas do bar e do bairro. Para além de um estopim específico, havia um sentimento de absoluta estafa causada pelos estigmas sociais, violência policial e falta de amparo governamental e social aliados a ameaça de perda de um dos únicos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ acessível ao público de menor poder aquisitivo. As vulnerabilidades, os estigmas e as impunidades foram se acumulando com o tempo até causarem uma sensação compartilhada de *não se ter mais o que perder* que deu força à resposta direta contra essas mazelas encarnadas na batida policial. (REBELIÃO..., s.d.)

A resposta dos civis começou com gestos e palavras de ridicularização para com a polícia e seus esforços de algemar e prender alguns/mas/es dos/as frequentadores/as (que conseguiu prender vários/as/es ao final do tumulto), alvoroço interrompido inicialmente quando o pequeno contingente policial se retraiu para dentro do bar com receio a exponencial escalada da movimentação na rua. Mesmo com a chegada de reforços, o número de policiais continuou inferior ao de revoltosos/as/es durante toda a noite, os/as quais conseguiram formar uma contra falange que

empurrou as forças policiais pelo quarteirão e para fora dele e bloqueou os camburões que traziam mais reforços. Rapidamente, a rua Christopher se tornou uma zona de batalha com embates que duraram até o amanhecer. O parque Christopher, próximo ao bar e reconhecido ponto de permanência de grupos de adolescentes homossexuais em situação de rua que também participaram da Revolta, foi um dos pontos de encontro após a movimentação da primeira noite. (REBELIÃO..., s.d.; STONEWALL..., 2010)

O bar reabriu no dia seguinte e as ações de Revolta tiveram ímpeto renovado e participação de grupos militantes dos direitos civis de outros grupos sociais silenciados, o que foi retribuído por ainda mais brutalidade policial. A partir do terceiro dia, o ímpeto de continuar a luta prosseguiu com ainda mais força, mas de força organizada e pela disseminação de informação via distribuição de panfletos, dando bases para o início de um movimento social de grande poder de reivindicação (STONEWALL..., 2010). Alguns desses folhetos pediam estabelecimentos que fossem genuinamente administrados por LGBTQIAP+, sem interferência da polícia e da máfia, propondo boicotes aos estabelecimentos inseridos nesse sistema, incluindo o próprio Stonewall, e também propondo melhor conexão com o poder público para a regularização desses lugares. Nos dias seguintes, prosseguiram-se alguns outros confrontos pontuais que deixaram claro que a luta não havia terminado, principalmente em relação às ações das forças policiais (REBELIÃO..., s.d.).

A Revolta foi fundamental na consolidação de sentimentos de união e pertencimento LGBTQIAP+ enquanto grupo social, o que deu força à luta por direitos civis, outros atos públicos e à formação de grupos organizados mais combativos. Uma das críticas das próprias identidades LGBTQIAP+ a Revolta, foi a postura combativa dos/as participantes, o que, segundo os/as mais velhos/as/es, refletiria uma imagem negativa das identidades LGBTQIAP+ à sociedade (REBELIÃO..., s.d.; STONEWALL..., 2010) – essa aparente necessidade de validação pela sociedade que oprime e invalida essas identidades parece denotar um embate de perspectivas entre gerações e perpetuar certos preconceitos de LGBTQIAPs+ com sua própria identidade e com as outras que formam esse grupo social.

Dentre os inúmeros anônimos que participaram a da rebelião, alguns nomes se destacam também pela continuidade de militância e em toda trajetória em prol da visibilidade LGBTQIAP+, como a ativista lésbica Stormé DeLaverie, a ativista transexual Sylvia Rivera e a ativista e *drag queen* Marsha P. Johnson. Atualmente, o

dia 28 de junho é reconhecido internacionalmente como Dia do Orgulho e celebrado com Paradas do Orgulho em diversos países. (LORENZO, 2019)

Mesmo pouco noticiada à época e com falta de registros fora depoimentos, a Revolta ou Rebelião de Stonewall teve efeitos duradouros na cultura ocidental, tornando-se um dos episódios mais importantes da luta de reconhecimento das identidades não cisheteronormativas e que marcou internacionalmente a consolidação das identidades LGBTQIAP+ como parte legítima das dinâmicas sociais.

1.1.2.2 *Ball Culture e House of LaBeija, década de 1970*

Os concursos de beleza de *drag queens* surgiram a partir dos elaborados *balls*, ou bailes, na cidade de Nova York, no bairro do Harlem, por volta da década de 1860, que celebravam pessoas travestidas, na maioria, de comunidades negras. Tiveram seu auge de popularidade no início do século XX, mas foram banidos na década de 1930, continuando pontualmente em lugares pré-definidos pelo poder municipal nos bairros do Harlem e Greenwich Village, até ressurgir completamente na década de 1960. Esse banimento aconteceu concomitante a uma lei estadual que puniu com encarceramento o travestismo e apenas a suspensão temporária de tal lei em ruas específicas, permitia a continuidade pontual dos concursos. Na segunda metade do século XX, os Balls persistiram longe do conhecimento popular, dando início a gênese de toda uma cultura LGBTQIAP+ baseada neles, a “*ball culture*” ou “*ballroom culture*” (ou cultura de baile, para ambos termos) (LEARNING..., 2020; THE QUEEN..., 2020). A atriz transexual MJ Rodriguez, que cresceu na cena, a descreve:

A cultura de baile (...), que realmente começou em Nova York, a cultura de baile sigilosa, é um lugar para onde muitos membros da comunidade LGBT vão. Eles acham refúgio, acham bem-estar, podem ser quem verdadeiramente querer ser. E podem viver suas vidas completamente e achar as pessoas com quem se sentem mais confortáveis para criá-los, para levá-los de jeitos que eles nunca imaginaram. (MJ..., 2019, livre tradução da autora)

Os Balls da década de 1960, porém, adquiriram posturas racistas com as participantes, inicialmente por meio de banimento de competidoras negras e depois pela obrigação de clareamento da pele com maquiagem como requisito à participação. Essa postura e a falta de representatividade foram alguns dos fatores que levaram a competidora negra Crystal LaBeija, também Miss Manhattan, a se retirar no meio da

premiação final do concurso de 1968 em protesto à administração do evento por sua postura tendenciosa às participantes brancas que sempre saíam vencedoras – LaBeija deixou claro, contudo, que sua irritação era com a administração e não com as outras participantes. (*THE QUEEN...*, 2020)

A partir disso e em meio da necessidade de formação de uma comunidade melhor estruturada de apoio entre as identidades LGBTQIAP+, LaBeija fundou a House of LaBeija em 1972, sendo a precursora da cultura das Houses, ou Casas. Inspiradas nos *ateliers* dos estilistas de alta costura europeia (também chamados Houses, em diferentes idiomas, seguido do nome e/ou sobrenome de seu/a fundador/a), são redes de apoio mútuo LGBTQIAP+ fundadas a partir das relações estabelecidas nos Bailes e relacionadas intrinsecamente com suas dinâmicas, criando estruturas análogas à das famílias consanguíneas. As Houses têm uma matriarca e/ou patriarca responsável por zelar por seus/as membros/as/es, que se reconhecem como irmãs e irmãos que partilham um sobrenome, lugares de sociabilidade e até mesmo moradia, sem serem comunidades completamente fechadas, pois membros de diferentes Houses sociabilizam e podem fazer parte de mais de uma delas. A analogia com a estrutura clássica de família consanguínea não é à toa: sempre foi muito comum jovens LGBTQIAP+ serem expulsos de casa e completamente desconectados de suas famílias consanguíneas e comunidades originárias quando da descoberta de sua identidade, tornando o sistema de apoio mútuo das Houses essencial para a retomada de seu lugar entre um grupo de pessoas que os/as aceita e zela por seu bem estar. (*LEARNING...*, 2020; *THE QUEEN...*, 2020). São estruturas parecidas as Famílias brasileiras, como será visto nas seções 1.2.2, 1.2.3 e no capítulo 3.

À estrutura das Houses sempre foram e ainda são essenciais os Balls, não apenas por serem cruciais pontos de sociabilidade e conexão, mas também por serem espaço seguro e celebratório às expressões não cisheteronormativas. Com organizadores e participantes de maioria negra e latina, os Balls, desde o final do século XX, são competições de talentos diversos envolvendo dança e performances artísticas relacionadas a expressões corporais, comportamentais e de moda, divididas em diversas categorias bem definidas e altamente competitivas. São uma manifestação cultural que origina expressões artísticas e linguísticas específicas e em sintonia com o cotidiano das identidades LGBTQIAP+, herdadas e modificadas pelo tempo (*LEARNING...*, 2020; *THE QUEEN...*, 2020). São essas conexões interpessoais, a rede de apoio e a exaltação das identidades não hegemônicas que

baseiam toda a razão das Houses e dos Balls enquanto grande exemplo de unidade de uma comunidade em prol da busca de sua reafirmação e autopreservação.

1.1.2.3 *Epidemia do HIV/AIDS, década de 1980 e 1990*

No final da década de 1970 e início da de 1980, a liberdade sexual das comunidades homossexuais pós-Stonewall estava no auge da expressão e experimentação, possibilitando homossexuais masculinos experienciar sua sexualidade amplamente, o que também possibilitou rotatividade e multiplicidade de parceiros sexuais. Nas maiores metrópoles estadunidenses, havia maior conforto em relação a expressão pública da homossexualidade em relação à Europa, facilitando a consolidação e expansão desses grupos nas dinâmicas sociais. Uma das maiores concentrações de grupos homossexuais esteve na cidade de São Francisco, estado da Califórnia, para onde muitos jovens se mudaram, vindos de cidades menores em busca de um estilo de vida condizente com a livre expressão de sua sexualidade. Os pontos de sociabilidade mais conhecidos foram a rua Castro e as saunas, estabelecimentos muito procurados para encontros sexuais e que ainda são populares à essa prática em diversos países. (*THE 80S...*, 2020; *WE...*, 2011)

Foi nesse contexto que os primeiros casos de infecção pelo vírus HIV foram reportados nos Estados Unidos, inicialmente nas maiores cidades dos estados da Califórnia e Nova York, por volta de 1981 e 1982, a partir da identificação sintomas muito específicos que rapidamente foram caracterizados como diagnóstico de uma nova doença. Foram constatados em grande número entre populações homossexuais masculinas (sobretudo trabalhadores portuários) com sistema imunológico previamente enfraquecido. A rápida proliferação pode ser explicada pela facilidade da transmissão do vírus por ato sexual sem proteção física, prática comum a época, aliada à ainda maior facilidade de transmissão por contato do pênis com a cavidade anal, devido a menor espessura dos tecidos nessa região interna do corpo, facilitando a entrada do vírus no organismo. Já em 1981, a comunidade homossexual masculina passou a disseminar o pouco que se sabia da então nova doença por meio de cartazes em seus locais de sociabilidade, com fotos e outras informações que ajudassem no autodiagnóstico e diagnóstico de outros. (*THE 80S...*, 2020; *WE...*, 2011)

Essa rápida proliferação fez aflorar estigmas sociais que denominaram a epidemia como “*gay plague*” ou “*gay cancer*” (do inglês, praga *gay* ou câncer *gay*, em

livre tradução) ao interpretá-la como maldição moral e divina pelo que setores conservadores e preconceituosos da sociedade julgavam como desvio comportamental. Mesmo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (Center for Disease Control and Prevention, CDC), agência sanitária reguladora federal, associou a doença exclusivamente aos primeiros grupos acometidos: hemofílicos, homossexuais e haitianos (representando grupos imigrantes), criando uma onda de homofobia, xenofobia e racismo. O diagnóstico passou a ser acompanhado de ostracismo, demissões e expulsões que debilitavam financeira e emocionalmente esses indivíduos, incentivando alguns ao uso de drogas intravenosas, proliferando o vírus substancialmente, devido a troca direta de sangue contaminado. O que rapidamente se tornou em epidemia assustou, sobretudo, pela alta letalidade e rapidez de desenvolvimento dos sintomas aparentes e não aparentes por um grande grupo de pessoas. Sabe-se atualmente que a AIDS (do inglês, *acquired immunodeficiency syndrome* ou síndrome da imunodeficiência adquirida, SIDA) é o estágio final da atuação do retrovírus HIV (do inglês, *human Immunodeficiency virus*, ou vírus da imunodeficiência humana) da subfamília *Lentiviridae* nas células do tipo linfócitos T CD4+ que controlam o sistema imunológico, fazendo com que o óbito seja causado por complicações decorrentes de outras doenças que afetam o sistema imunológico comprometido (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s.d. (a); *THE 80S...*, 2020; *WE...*, 2011). O Hospital Geral de São Francisco (atual Zuckerberg San Francisco General Hospital and Trauma Center) foi o primeiro a ser referenciado para o tratamento do HIV/AIDS, em que todos os funcionários eram voluntários, contando com grande contingente de lésbicas (*WE...*, 2011).

Em meio a divisão de gênero dentro das comunidades homossexuais (via de regra, os *gays* defendiam quase exclusivamente a liberação sexual, enquanto as lésbicas defendiam questões sociais mais amplas), a epidemia fez ressurgir sua união enquanto grupo social não hegemônico. O apoio das lésbicas foi fundamental no amparo aos *gays* acometidos que, na absoluta maioria, já haviam perdido o apoio de suas comunidades originárias e que também não conseguiam contar com suas novas redes, parceiros e amigos *gays* também debilitados – dizia-se à época que a AIDS era uma doença solitária. Quando, em 1983, Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) foram banidos de doar sangue, em uma tendência internacional que ocasionou severas baixas nos estoques dos bancos de sangue no momento de maior demanda devido à necessidade de transfusões para o tratamento da AIDS, grupos de lésbicas

organizaram grandes mutirões de doação de sangue para os gays em tratamento. Assim, as lésbicas enquanto grupo menos suscetível ao contágio, foram essenciais doadoras, voluntárias hospitalares, acompanhantes e disseminadoras da situação emergencial dos doentes. À época, essa cumplicidade criou um profundo sentimento de união, apoio e comunidade. (*THE 80S...*, 2020; *WE...*, 2011)

A postura do governo do presidente Ronald Reagan (1981-1989) de completo silêncio em relação a epidemia HIV/AIDS, foi decisivo à perpetuação dos preconceitos relacionados aos doentes, mostrando predileção em contentar sua base de apoiadores conservadores. Os direitos civis de todos afetados pela epidemia foram atacados com propostas de ações legais excludentes e sistemas de identificação e catalogação dos doentes (*WE...*, 2011). A intrínseca relação do estigma da epidemia com a homofobia foi estremecida em 1985 com o falecimento do ator Rock Hudson, epítome do modelo de masculinidade heteronormativa, em decorrência da AIDS e ainda mais com o falecimento de Ryan White em 1990, adolescente branco heterossexual acometido pelo HIV via transfusão de sangue contaminado durante tratamento de hemofilia. O garoto foi ostracizado de sua comunidade originária (vizinhança e escola), mas se tornou importante figura pública ao disseminar as injustiças causadas por seu diagnóstico e defender a importância da educação e disseminação de informação na luta contra a doença e seus estigmas. Em 1991, o ato da princesa Diana de Gales, (filantropa e membra da Família Real Britânica, internacionalmente reconhecida pelo seu trabalho humanitário) em aparecer publicamente apertando a mão de um paciente sem luvas causou grande impacto positivo em relação a compreensão dos modos de transmissão da doença (*THE 80S...*, 2020).

No final da década de 1980 e início da de 1990, grupos organizados de homossexuais e outros grupos sociais interessados no combate à epidemia uniram esforços para a disseminação de informações sobre prevenção e conscientização do público em geral e apresentaram respostas diretas de controle e mitigação, sem auxílio governamental. Muitos dos próprios doentes foram parte essencial dessas ações, pois a sensação de sentença de morte trazida pelo diagnóstico dava-lhes ímpeto para agir em prol da diminuição do número de casos. (*WE...*, 2011)

A crise da AIDS, ao mesmo tempo em que causou grande retrocesso na luta LGBTQIAP+ por direitos civis, também foi capaz de unir essas identidades, reforçando

seus laços e auxiliando no reconhecimento de suas identidades em diversos pontos do continente americano, como será visto no caso do Brasil na seção 1.1.3.5.

1.1.3 *Brasil*

1.1.3.1 *Relatos do Brasil nativo, século XVI*

À época das primeiras observações europeias acerca das nações nativo-americanas por volta do século XVI, foram observadas práticas homossexuais, transexuais e de fluidez de gênero. A nação Tupinambá, que ocupava alguns pontos da costa do atual Brasil, utilizava termos específicos para homossexuais e pessoas de expressão de gênero fluido, denominando *gays* como *tibira* e lésbicas como *çacoaimbeguira* – dentre elas, houve conhecidas guerreiras que lutaram contra os invasores espanhóis e podem ter sido a base do mito das Amazonas. Dentre as nações de língua Guaicuru, que habitavam a região do Rio Paraguai (atual região centro-oeste), há registro de homens que participavam das práticas e estéticas relacionadas ao estilo de vida das mulheres e mantinham relacionamentos sexuais com homens que desempenhavam funções consideradas masculinas (MOTT, 1998). Na nação Mehinákus, que habita o atual estado do Mato Grosso (no Parque Indígena do Xingu) observou-se papéis de gênero que, embora bem delimitados entre homens e mulheres, podiam ser mutáveis e que se replicavam nos mitos de origem e nas representações religiosas, incluindo travestismos e contestação dessas incumbências associadas ao gênero. Na nação Tapirapé (também habitante do atual estado do Mato Grosso) foi relatado o caso de um homem que fazia parte do cotidiano e atividades relacionadas as mulheres, adotou sua estética e estabeleceu uma relação sexual e afetiva duradoura com outro homem que exercia atividades masculinas. A nação Kadiwéu, habitante do atual estado do Mato Grosso do Sul, denominava homens que exerciam funções e estéticas femininas e que mantinham relações homossexuais como *kudinas*. Os relatos contam, na maioria, como essas pessoas se integravam normalmente às suas sociedades, mesmo que essa postura não fosse regra geral (TREVISAN, 2000). Relatos semelhantes foram feitos acerca de algumas nações africanas no século XVII, como nos atuais Angola e Congo (GOMES, 2015).

A imposição dos dogmas católicos trazidos pelos colonizadores europeus no século XVI trouxe ferramentas de subjugação social por meio da invalidação das culturas nativas e das identidades não cisheteronormativas:

A ideologia de nossos antepassados foi fortemente influenciada pela Igreja Católica – que além de justificar a escravidão dos negros, a destruição das culturas tribais e a inferioridade da mulher, considerava o amor entre pessoas do mesmo sexo como “o mais torpe, sujo e desonesto pecado, pelo qual Deus envia à terra inundações, pestes, secas, terremotos”. (MOTT, s.d., n.p.)

1.1.3.2 *A Inquisição na colônia, séculos XVI a XVIII*

A sodomia, “(...) termo que, dependendo do tempo histórico, pode considerar distintas práticas sexuais, tendo em comum a sua não aceitação pela moral vigente” (GOMES, 2015, n.p.), mas mais comumente relacionada a prática sexual com penetração anal, independente de gênero, foi punida pela inquisição ibérica a partir de 1613, considerando-a desvio do caráter estritamente reprodutivo sancionado às relações sexuais pela contrarreforma da Igreja Católica (resposta à Reforma Protestante de 1517) por meio do Concílio de Trento (1545-1563). Essas punições remontam às Ordenações Manuelinas ou Códigos Manuelinos do início do século XVI, baseadas em episódios bíblicos de punição pelo mesmo tipo de práticas às cidades de Sodoma (que dá nome à prática) e Gomorra¹¹, mas também relacionada ao episódio do Dilúvio do cânone abraâmico. (GOMES, 2015; TREVISAN, 2000)

O Tribunal do Santo Ofício da inquisição portuguesa (1536-1765) comparou a sodomia aos piores pecados, descrevendo-a como “pecado nefando”. Mesmo nunca tendo conseguido estabelecer representantes permanentes na América Portuguesa, esse tribunal produziu detalhados registros a partir de relatos de práticas homossexuais tanto como atos consentidos, quanto forçados, entre diferentes etnias, nacionalidades, gêneros e expressões de gênero e orientações sexuais (MOLINA, 2017; TREVISAN, 2000). As mulheres que praticavam atos homossexuais e/ou sodomíticos foram menos citadas nesses documentos, mas igualmente perseguidas por tais atos até a despenalização da sodomia feminina pelo Santo Ofício português em 1646 – às práticas homossexuais femininas chamava-se “amizade profana” (GOMES, 2015; MOTT, 1998). O modo de atuação do tribunal incentivava a delação

¹¹ Gomes (2015) aponta a existência de estudos que relacionam o cataclismo ocorrido nessas duas cidades com a xenofobia dos habitantes para com os anjos (no papel de estrangeiros) enviados por Deus, em uma leitura “não sexualizada” da punição.

de atos de terceiros por meio da ideia de que não o fazê-lo constituía pecado de omissão, criando uma cultura de vigilância (TREVISAN, 2000); o Tribunal agiu na América Portuguesa de 1579 até por volta da independência da colônia, em 1822 (GOMES, 2015). As punições se concentraram nas *práticas sexuais* desviantes daquelas utilizadas para a *reprodução* e a alguns *comportamentos de expressão de gênero* desviantes do estabelecido.

A importância dos desejos sexuais permeava várias dinâmicas sociais do período colonial: as igrejas eram pontos de sociabilidade para fins românticos e sexuais por estar fora da vigilância das famílias, diferente das moradias, e pelas várias celebrações religiosas relacionadas à promoção das uniões matrimoniais; a perpetuação da sexualidade masculina acontecia por meio da demonstração de doenças venéreas como a sífilis, em sinal de uma vida sexual ativa (TREVISAN, 2000). O clero colonial da América Portuguesa era reconhecido pela pouca efetividade na disseminação dos dogmas católicos, principalmente, do celibato ao que Trevisan (2000) sugere que assim pode ter sido devido a esse grupo social ter sido composto de clérigos europeus degradados justamente por infrações anteriores e por participação compulsória de jovens sem comprometimento com o estilo de vida e suas obrigações, independente de gênero. Trevisan (2000) também aponta que a prática do degredo de europeus à colônia, justamente por seus delitos de sodomia – por volta de 20% de todas as condenações do tipo na metrópole (MOTT, 1998) –, fez com que, na colônia, se perpetuassem os costumes homossexuais; Mott (1998), aponta que há também outros fatores como a distância da metrópole, a qual dificultou sua vigilância e a mescla de culturas as quais essas práticas já eram comuns.

1.1.3.3 *Novas (e nocivas) epistemologias, século XIX*

A Constituição Política do Império do Brasil de 1824, a primeira do Estado independente, se baseou nas Ordenação Filipinas do século XVII para perpetuar a punição das práticas não cisheteronormativas e incentivar sua delação. O Código Penal de 1830, descriminalizou atos homossexuais consentidos entre adultos baseando-se no Código Napoleônico de 1805, mas manteve punição ao travestismo e outras práticas desviantes das cisheteronormativas (algo como o visto América Espanhola, na seção 1.1.1.2), o que se seguiu no Código Penal da República de 1890,

envolto na insurgência das ideologias higienistas eugenistas. (MOLINA, 2017; TREVISAN, 2000)

Na década de 1830, ideologias higienistas foram usadas pelo Estado com a intenção de aprimorar as condições de vida da população por meio da assimilação de novos hábitos e paradigmas acerca das práticas sexuais e de exaltação à virilidade. A fidelidade matrimonial e, assim, a manutenção da estrutura clássica da família heteronormativa procriadora, diminuiria a disseminação de doenças venéreas ao mesmo tempo em que a estabilidade criada no ambiente familiar seria a base para consolidação de comportamentos de total dedicação às intuições hegemônicas:

Agora, pretendia-se o exercício de um controle através e em nome da ciência, que a tudo presidia com uma suposta aura de neutralidade. (...) Sob uma aparência de maior tolerância, no entanto, os higienistas se aproximavam dos antigos inquisidores, quando procuravam dissecar as especificidades desviantes, com uma curiosidade que beirava a morbidez. (TREVISAN, 2000, p. 174)

Novas epistemologias que surgiram no século XIX, iniciaram estudos sobre expressões de gênero e orientação sexual não cisheteronormativas já repletos de vieses discriminatórios em que de pecado e delito, esses comportamentos passam a ser consideradas (também) patologias genéticas, principalmente pela perspectiva da psiquiatria. Os termos “homossexual” e “heterossexual” foram utilizados pela primeira vez em 1869 pelo médico austro-húngaro Benket – outros termos eram “vício italiano”, “uranismo”, “culto à Vênus Urânia”, “amor socrático” e “amor grego”; “Vênus” em referência a deidade que, segundo o filósofo grego Platão, patroneava relações homoeróticas (MOLINA, 2011; MOTT, 1998; TREVISAN, 2000).

A psiquiatria voltada às práticas não cisheteronormativas já surgiu categorizando-as como desvio comportamental e patologia genética, diagnóstico já acompanhado de técnicas que pretendiam “inverter” a homossexualidade em heterossexualidade, a despeito da ética dessas intervenções. Se segmenta disso a antropologia criminal, que pretendia evidenciar a homossexualidade como fator genético supostamente perceptível por características endocrinológicas (ou glandulares) específicas (GREEN, 2000; MOLINA, 2011; TREVISAN, 2000). De fato, no Brasil, o termo “homossexual” foi utilizado pela primeira vez em 1894 em estudos de Criminologia da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o que já demonstra o viés preconceituoso na qual o conceito surgiu (MOLINA, 2011; GREEN, 2000).

Uma vez que a homossexualidade foi considerada desvio genético, a antropologia criminal supôs que deveria ser punida pela lei, uma vez que os “afetados” não teriam real controle sob seu organismo e ações, tornando-a responsabilidade da medicina. Logo, os estudiosos das ciências sociais e biológicas tomaram lugar dos clérigos nas punições das expressões não cisheteronormativas:

Se o padrão higiênico-burguês colaborou para extinguir os bestiais castigos do período colonial, também é verdade que cobrou seu preço, ajudando a criar um cidadão auto reprimido, intolerante e bem-comportado, inteiramente disponível ao Estado e à Pátria (...) E, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão de normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pode entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual considerada desviante. (TREVISAN, 2000, p. 175)

Outras ideologias surgiram nessa linha de pensamento excludente e baseada em vieses preconceituosos, como a eugenia. A eugenia é um conjunto de ideias que se concentra em uma suposta melhoria genética da raça humana por meio da exclusão de grupos sociais que considera geneticamente indesejáveis, relacionando-a a ideologias políticas fascistas e de supremacia racial responsáveis pela perseguição de grupos minoritários em seus contextos. Cunhada em 1883 na Grã-Bretanha, “pretendia comprovar que a capacidade intelectual era hereditária, ou seja, passava de membro para membro da família” (FERREIRA, 2017, n.p.). Foi também defendida no Brasil, principalmente relacionada a questões étnicas que buscavam um suposto branqueamento racial, culminando na fundação da Sociedade Paulista de Eugenia em 1918 e da Central de Eugenismo em 1931 (MOTT, 2004, n.p.).

O regime ditatorial do Estado Novo (1937-1946) sob a gestão federal de Getúlio Vargas, permitiu a ampla circulação e validação da eugenia no contexto da ascensão do nazifascismo europeu, um dos fatores que culminaram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e em genocídios de grupos sociais inferiorizados, incluindo os/as homossexuais (TREVISAN, 2000). No Brasil, a repressão sexual pela medicina ganha força e reafirma punições legais na Primeira Semana Paulista de Medicina Legal de 1937:

Se nas mãos do juiz o condenado cumpriria uma sentença delimitada, que possibilitava inclusive obtenção de liberdade condicional ou redução de pena, nas mãos do psiquiatra o “louco moral” não tem sequer uma sentença que estabeleça prazos os limites e contra a qual se possa recorrer. Sua liberdade depende direta e exclusivamente da opinião onipotente do médico (...). (TREVISAN, p. 204)

Logo, se consolidou a tradição de estudar grupos sociais não hegemônicos e inferiorizados por meio da criminologia, o que duraria até o final do século XX. Entre 1976 e 1977, o delegado Guido Fonseca realizou estudos do tipo com 460 travestis observando “profissão, ganho mensal, gastos com hormônios e aluguel” (COMISSÃO..., 2015, n.p.) para formar perfis criminais, tendo esses dados sido coletados quando das apreensões por vadiagem. Essas apreensões eram apoiadas pelo Código Penal de 1940, atualizado em 1969 e ainda em vigência.

1.1.3.4 *Renovação e retrocessos (e resistência), décadas de 1960 a 1980*

O desenvolvimento econômico de algumas capitais estaduais na segunda metade do século XX, transformando-as em grandes pontos de referência para além de sua própria escala, influenciou o desenvolvimento das identidades de seus usuários através do desenvolvimento das identidades das próprias cidades e das oportunidades de novas sociabilidades: “(...) os processos de industrialização, urbanização e desenvolvimento socioeconômico foram representativos na estruturação de identidades gays e lésbicas em diversas sociedades ocidentais, inclusive na brasileira” (MOLINA, 2011, p. 953). O caso da cidade de São Paulo será detalhado no Capítulo 2.

As tradicionais festas de carnaval cariocas, que se popularizaram nas décadas de 1930 e 1940, se tornaram focos de uma insurgente expressão de gênero não cisheteronormativa expressa pelos homens que se vestiam com trajes e acessórios tipicamente relacionados às expressões femininas, principalmente referenciando a atriz, cantora e dançarina Carmem Miranda; esse modelo de expressão passou a ser associado com a subversão de gênero criada pelo grupo carnavalesco Banda Carmem Miranda (GREEN, 2000). A tradição teatral do século XIX iniciou a tradição de travestismo masculino brasileiro, pois havia atores especializados em representar exclusivamente papéis femininos, posto a proibição da participação das mulheres nesse ambiente considerado propício a promiscuidade e que facilitava as práticas e relações homossexuais em um meio majoritariamente masculino. O travestismo prosseguiu mesmo com a permissão do trabalho das atrizes, sendo algumas delas lésbicas (TREVISAN, 2000). Expressões artísticas sempre estiveram e ainda estão intrinsecamente relacionadas com as identidades LGBTQIAP+ em diversos países e contextos históricos.

A década de 1960 foi marcada internacionalmente por movimentos em prol da mudança de paradigmas culturais por meio da ação de grupos sociais silenciados pelos padrões excludentes de sociedade dos séculos anteriores, em busca da visibilidade de sua importância dentro das dinâmicas dessa mesma sociedade. Surgem novas discussões e epistemológicas que resgatam essas narrativas silenciadas por meio do resgate de suas memórias e história, em que “cada movimento apelava para a *identidade* de seus sustentadores (...). Isso constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento” (HALL, 2006, p. 45, grifos do autor).

Concomitantemente, porém, foram instauradas em diversos pontos da região do Cone Sul (Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai) regimes militares ditatoriais de extrema direita, conservadores e agressivos, apoiados pelos Estados Unidos e que moldaram as diferentes nações da região nessa e nas décadas seguintes; como visto na seção 1.1.1.2. No Brasil, a primeira década do regime militar ditatorial, instaurado em abril de 1964, foi a mais dura para seus opositores e para os direitos civis da população geral, período ao qual se utiliza a alcunha “anos de chumbo”. O regime utilizou-se de censura dos meios de comunicação e das expressões artísticas, assim como perseguições, torturas e mortes de opositores para suprimir quaisquer questionamentos e ações contra o sistema vigente. Dentre vários grupos sociais, deu continuidade à perseguição e repressão às identidades LGBTQIAP+:

Embora os homens e mulheres homossexuais não fossem alvos diretos da ditadura, o crescente número de policiais militares nas ruas, o uso arbitrário da lei e a generalizada vigilância nas expressões artísticas e literárias criaram um clima que desencorajava a possibilidade de emergência de um movimento por direitos dos gays e lésbicas no início dos anos de 1970. (GREEN, 2003, p. 31)

Green (2000) aponta que em algumas das maiores cidades da América Latina desenvolveram nas décadas de 1950 e 1960 comunidades clandestinas de resistência às ditaduras, incluindo a formação de grupos organizados LGBTQIAP+, como visto com mais detalhes na seção 1.1.1.2 – com destaque a Frente de Liberación Homosexual da Argentina, FLH, como um dos primeiros desses grupos.

Foi justamente no final da década de 1970 que a “primeira onda” do movimento de grupos homossexuais organizados surgiu no Brasil, atuando, inicialmente, de forma não politizada e por meio de periódicos de imprensa alternativa como O Snob (1963-1969) e pela Associação Brasileira de Imprensa Gay. Considerar o contexto

político é essencial para entender as intencionalidades desses grupos, mostrando como “a ditadura estimulou a formação de resistências em diversos setores sociais e como ela pode ter sido, inclusive, responsável pelo perfil fortemente antiautoritário que marcou a ‘primeira onda’ do movimento homossexual brasileiro” (FACCHINI, 2002, p. 65). Entre 1976 e 1977, o jornalista Celso Curi publicou a primeira coluna jornalística com temática LGBTQIAP+ do Brasil no jornal Última Hora de São Paulo, a Coluna do Meio (Figura 1), na qual publicava relatos e oferecia comentários acerca das problemáticas dessas vivências. Em 1978, o jornalista foi processado pelo Estado por incentivar relacionamentos homossexuais através da sessão Correio Elegante dessa coluna, mas foi absolvido em 1979, tornando-se o primeiro processo legal contra a homossexualidade e o primeiro do tipo a ser absolvido no Brasil¹². O caso estampou a capa inaugural (número 0) do periódico alternativo Lampião da Esquina, de abril de 1978 (Figura 02). (FACCHINI, 2002; TREVISAN, 1978, 2000)

Figura 1 – Uma das edições da “Coluna do Meio” do jornalista Celso Curi publicada no jornal Última Hora de São Paulo (1976-1977) e reproduzida no jornal Lampião da Esquina.

Coluna do Meio
Celso Curi

LUTA PELA SAPATILHA

Bonito, olhos azuis-violeta (os de Liz Taylor), pele branca, muito branca, boca vermelha como se usasse batom, Mikhail Baryshnikov, 27 anos — Mischa, para os íntimos — é uma grandiosidade de talento.

A mais nova estrela do balé internacional, dizem que está passando a perna em Nureyev, seu contemporâneo. Mischa ri timidamente quando se fala no assunto, respondendo que não é verdade. “É uma estupidez. Essa competição não existe entre nós. Dançamos estilos diferentes e estamos aqui — fora da Rússia — vencendo juntos.

Nureyev não é tão simpático em suas respostas: “Baryshnikov está aqui a pouco tempo e ainda é difícil saber quem ele é. Talvez nem ele saiba”.

CORREIO ELEGANTE

“Sou nissei. Tenho a idade de ouro (24), 1,60 de altura, 85 quilos e sou do tipo fisico largo para. Gosto de leitura e de muita diversão. Gostaria de formar um clube de amigos (aiáá o primeiro fil clube dessa coluna) de preferência jovens negros, do tipo black-power. Não precisa enviar foto, o endereço para correspondência é o suficiente.”
Maria Berta — SP.

RAPIDINHAS

Valéria vai se apresentar, hoje, na churrascaria Nikote, em Santos. Preparem as roupinhas. É sucesso.

O show novo que o Medieval está prometendo, vai estreiar no dia 17, de fevereiro. Novos quadros, e lançamentos. O guarda-roupa está sendo feito por Renaldo Cabral.

Lugares especiais estão para abrir em São Paulo. Em breve, a grande dica.

Hermínio Bello de Carvalho esteve ontem em São Paulo. Vão assistir o show de Isaura Garcia, no Igrejinha. Ela, fil clube danado!

Maria Odete também estava presente, no show da Personalíssima. Parece que a moçoquinha tá tanto desorientada, olá, quem sabe, abandonada. Sabu no palco e usou um vocabulário do tipo: bicho, amizade e outras coisas mais. Quem se habilita?

Mexa-se. Porém com muito charme.

Caminhasse de maneira bem exagerada, um jovem alegre, muito alegre, lá dizendo pelas aérias de Ipanema — entre a Farnes de Azevedo e o Montenegro — a verdade gay da campá há do Mexa-se:

“Beteira que é beteira, faz como eu. Acorda cedo, arruma toda casa, prepara o desjejum do hote e já põe o almoço no fogo. Lava algumas peças de roupa, dá alpinista para o passarinho e láte para os gatos — silameses, é claro. Pega a sacola, o bronzeador e a toucha do Yves Saint Laurent e vai à praia. Lá, anda a quilômetros por dia, falando com as amigas — ruas é claro — e tenta o coquinho para brilhar na luz negra. Volta pra casa, arruma tudo de novo — porque o hote já sujou — e dá uma desca-cadilha. Acorda, passa roupa, tira a sãmbra-cãinha, dá uma retocada na maquiagem e sai. Caminha durante algumas horas pela calçada da Av. Nereu Schirua de Capaca-bana — pra lá e pra cá. Entra no Sãlã à meia-noite e dança até as 4 horas da manhã. Voltando pra casa ainda é obrigado a fazer coisas desagradáveis. Não é Jodá!”

Térvel perseguição

Uma entidade de homossexuais denon-cios, ontem, em Buenos Aires, que vários dos seus integrantes foram assassinados pelo comando terroristã de extrema direita Aliança Anti-Comunista Argentina, que ameaça “executar todos os homossexuais de País”.

Numa publicação denominada “Somos”, a denominada Frente de Libertação Homossexual da Argentina, expressa que seus membros foram forçados a esconder-se ou ocultar-se abandonando suas residências devido a uma terrível perseguição da AAA.

O grupo alerta a luta “pelos direitos de dispor livremente do próprio corpo” e para “libertar-se das opressões” sem país que considere “heterosã e machosã”.

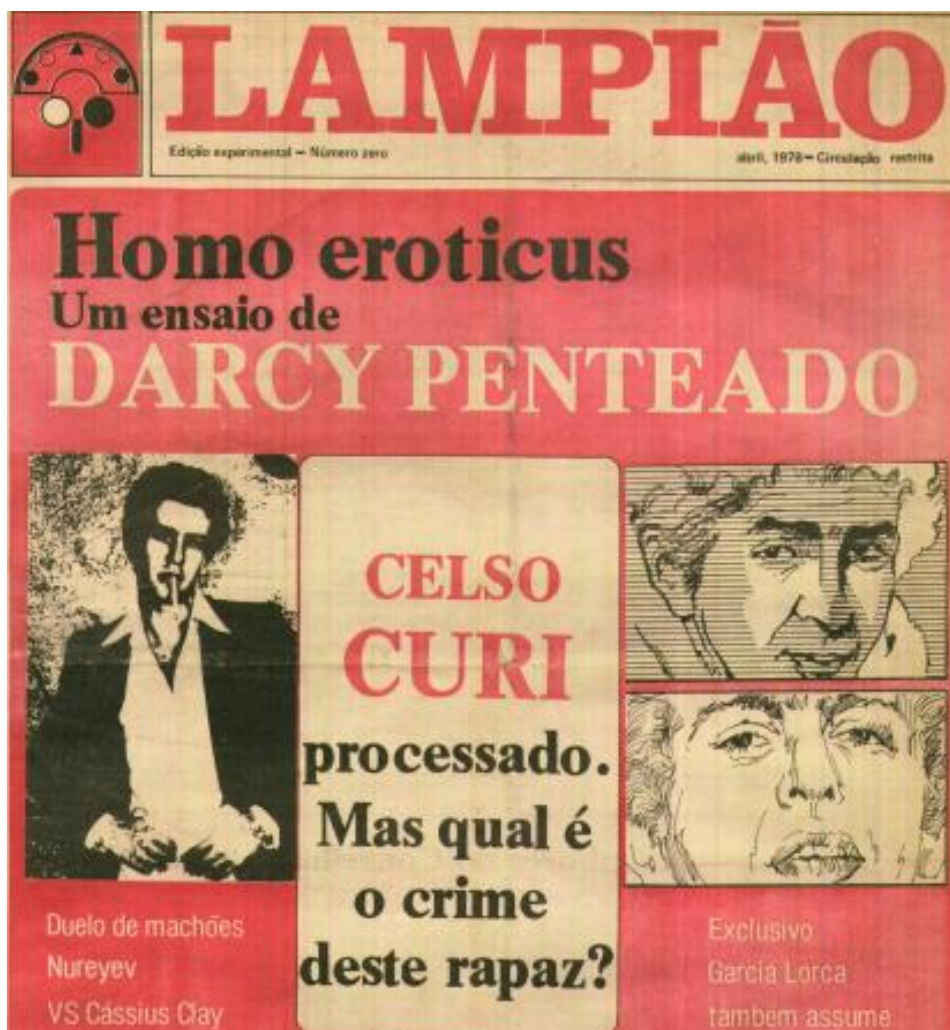
A Frente Libertadora Homossexual denuncia ainda: “Somos perseguidos, de-lidos e desprezados pelo simples fato de sermos homossexuais — mas assegura — não ficaremos parados, de braços cruzados e muito menos nos afogaremos em pranto de autopiedade.”

“LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ”
(Velho e Sábio ditado popular)

Fonte: Jornal Lampião da Esquina, edição nº 0, abril de 1978. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

¹² Também foram processadas as revistas IstoÉ e Interview.

Figura 02 – Capa da edição inaugural do jornal Lâmpião da Esquina, dando destaque ao processo jurídico do qual foi alvo o jornalista Celso Curi.



Fonte: Jornal Lâmpião da Esquina, edição nº 0, abril de 1978. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

Dentre muitas ações de repressão e censura, houve também uma campanha contra os livros de Cassandra Rios (Figura 3) devido suas narrativas lésbicas, fazendo da autora a mais censura do período ditatorial, autora, porém, que recebeu pouco apoio em seu meio: “Infelizmente, artistas e intelectuais que geralmente se mobilizavam contra os atos arbitrários da ditadura não chegaram a se solidarizar com Cassandra Rios na sua luta interminável contra a censura, provavelmente por causa do conteúdo das suas obras” (COMISSÃO..., 2015, n.p.).

Figura 3 – Capa do jornal *Lampião da Esquina* dando destaque a censura aplicada em diversos livros da autora Cassandra Rios.



Fonte: Jornal *Lampião da Esquina*, edição nº 5, outubro de 1978. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

O periódico *Lampião da Esquina* foi um dos maiores meios de disseminação de informação de temáticas silenciadas durante o regime militar ditatorial, com triagem nacional em grande número, núcleos editoriais em São Paulo e no Rio de Janeiro e tratando de assuntos como homossexualidades, expressão de gênero, feminismo, questões das populações negras e nativo-americanas e ecologia. Em agosto de 1978, o periódico foi alvo de um inquérito policial que durou um ano, enquadrando seus editores na Lei de Imprensa de 1967 (anterior a Lei de Segurança Nacional de 1969, ambas instauraram censuras à televisão) sob atentado ao pudor; em abril de 1979, cinco editores do Rio de Janeiro foram indiciados criminalmente pela polícia federal, destino sofrido pelos editores de São Paulo no segundo semestre do mesmo ano. Mesmo com o considerável papel da imprensa alternativa no apoio aos movimentos homossexuais, o *Lampião* foi inicialmente desprezado pela mesma imprensa alternativa de resistência, incentivando o Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais a apresentar uma carta aberta ao sindicato dos jornalistas acerca do repúdio a essa situação em 1978. O *Lampião* encerrou atividades em 1981 devido ameaças constantes ao corpo editorial, na mesma linha das bombas colocadas por

grupos de extrema direita em bancas de jornal para que fosse interrompida a circulação de jornais alternativos e revistas pornográficas, no segundo semestre de 1979. (FACCHINI, 2002; TREVISAN, 2000)

Foi comum durante o regime militar certa união e apoio mútuo entre diversos grupos sociais silenciados em prol dos esforços antiditatoriais e da reafirmação de suas identidades, estando em contato para troca de informações e apoio. Porém, sempre houveram embates entre grupos centrados na discussão das *identidades* com os grupos políticos de esquerda (principalmente com a Convergência Socialista, CS). Esses grupos políticos de esquerda, embora também antiautoritários e antiditatoriais, invalidavam quaisquer outras lutas sociais que não aquelas relacionadas a “luta de classes” – o que ocorreu em toda América Latina, como observado por Green (2003) e visto na seção 1.1.1.2. Parte da esquerda política sempre tendeu (e ainda tende) a considerar a homossexualidade como espécie de “decadentismo burguês”, em que “(...) não deixam de ser engraçadas as acusações de que os autonomistas do Movimento Homossexual Organizado (MHB) tinham posições pequeno-burguesas anarquistas e antiesquerda, considerando ser o anarquismo, no geral, de esquerda e antiburguês” (MARTINHO, 2019, n.p.). Herbert Daniel, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária entre o final da década de 1960 e início da de 1970, relatou ter sofrido repressão de companheiros dos movimentos políticos de esquerda devido sua homossexualidade, pois a identidade “não poderia existir dentro da ‘verdadeira’ classe trabalhadora e entre revolucionários da classe média” (GREEN, 2003, p. 34), repetindo a mentalidade repressora dos movimentos políticos de direita:

Quer dizer, direitos humanos sim, mas só aqueles considerados oportunos. (...) Confirmava-se mais uma vez que, para os partidos de esquerda, a definição de “minorias” resulta menos de uma referência estatística do que de uma consideração ideológica, que envolve velhos preconceitos camuflados em argumentos “modernos”. (TREVISAN, 2000, p. 161)

Trevisan (2000) e Martinho (2019) apontam que a participação de grupos trotskistas (baseados na ideologia de Leon Trotsky) tinha o intuito de se infiltrar nos grupos homossexuais organizados tanto para que essa aliança lhes desse ares de progressismo frente aos grupos stalinistas (seus opositores ideológicos dentro da esquerda política, baseados na ideologia de Josef Stalin) e maior quantidade de afiliados/as, tanto como para se apoderar da organização para deixá-la dependente e partidarizada, sensações também apontadas por grupos organizados negros – ou

ainda, essa infiltração não teria passado de uma estratégia de destruição de um grupo “inimigo”, pois a homossexualidade está fora da “moral proletária”. Porém, a influência da esquerda nesses movimentos sociais se relacionou mais à suas práticas e expressões “descentralizadoras e antiautoritárias, abrigadas sob o grande guarda-chuva da Contracultura” (MARTINHO, 2019, n.p.), em que a postura política desses movimentos de esquerda encaixada melhor nas suas reivindicações “do que nas cartilhas e nos programas fechados da esquerda tradicional” (MARTINHO, 2019, n.p.).

Quaisquer movimentos sociais não hegemônicos da época aderiam a um de dois vieses: um, ia por uma linha anarquista contra o sistema vigente, que buscava visibilidade para essas identidades, enquanto o outro, ia por uma linha marxista que considerava a identidade uma pauta menor frente a luta por “uma sociedade sem classes e supostamente sem diferenças sociais” (DIVERSIDADE SEXUAL, 2006, n. p.).

Os grupos homossexuais organizados foram essenciais na reafirmação das narrativas invalidadas e em sua inserção nos debates acadêmicos e atos públicos em meio a criação de novas epistemológicas e revisão das já consolidadas. Em 1980, aconteceu o I Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados na Escola de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e, em fevereiro do mesmo ano, aconteceu a Semana da Discussão sobre Minorias no Centro Acadêmico de Ciências Sociais e Vento Novo “André Singer” (Figura 4), também na USP (FACCHINI, 2002).

Figura 4 – Membros/as do SOMOS na Semana da Discussão sobre Minorias na USP.



Fonte: Autor Desconhecido, 1980. Portal UOL TAB.

Um dos primeiros e mais prolíferos grupos organizados pelos direitos homossexuais no Brasil foi o SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, fundado em 1978 (primeiro como Núcleo de Ação dos Direitos Homossexuais) junto ao jornal *Lampião da Esquina* e nomeado em homenagem a publicação homônima do grupo argentino Frente de Liberación Homosexual (FLH). Liderou um dos debates fundamentais sobre reafirmação de identidades não hegemônicas e como estas podem florescer em meio ao apoio mútuo do coletivo, quando de debates na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Formou uma rede bem estruturada atuante a nível nacional, relacionando-se com outros grupos sociais de identidades não hegemônicas – em 1979, participou da manifestação do Movimento Negro Unificado (MNU) na data conhecida desde 2011 como Dia da Consciência Negra. Mas as divergências dentro desses grupos e entre eles sobre a definição de uma identidade que representasse toda a “comunidade homossexual” enfraqueceram o SOMOS no final da década de 1980, ocasionando sua dissolução em 1983. O Grupo Lésbico-Feminista (LF), que se tornou Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF) e o Grupo de Ação Homossexual, que se tornou o grupo *Outra Coisa*, se uniram ao Eros e ao Libertos (da cidade de Guarulhos, São Paulo) para formar o Movimento Homossexual Autônomo – o grupo *Outra Coisa* foi o primeiro a divulgar informações sobre o HIV/AIDS no início da epidemia. Alguns outros grupos atuantes nas questões LGBTQIAP+ foram Coletivo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, Atobá, 28 de Julho, Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), Coleri, Movimento D’ellas, Um Outro Olhar, Nuances, Igualdade, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT) e o Grupo Gay da Bahia (GGB), ainda em funcionamento (GREEN, 2000; FACCHINI, 2002; DIVERSIDADE SEXUAL, 2006; TREVISAN, 2000)

O nº 12 do *Lampião da Esquina*, de 1979, publicou com um dos primeiros textos em que um grupo de lésbicas se reuniu para falar de sua sexualidade, intitulado “Nós também estamos aí”, reunião que incentivou a criação de um subgrupo exclusivo de mulheres dentro do SOMOS, também impulsionada por episódios de misoginia dentro dele. Foi o surgimento do Grupo Lésbico-Feminista (LF), que também se alinhou ao Movimento Feminista e que, juntos, participaram de diversos encontros de temáticas lésbico-feministas (Figura 5). Em maio de 1980, o LF se separa oficialmente do SOMOS junto aos fundadores e outros subgrupos. Miriam Martinho e Rosely Roth fundam, em 1981, o Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF). (MARTINHO, 2019)

Figura 5 – Apresentação do Grupo Lésbico-Feminista (LF) na edição inaugural do periódico alternativo lésbico-feminista Chanacomchana.



Fonte: Periódico Chanacomchana, edição nº 0, 1981. Acervo Bajubá.

Um dos mais antigos grupos organizados ainda em atuação, como citado anteriormente, é o Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980 em Salvador, como “uma entidade guarda-chuva que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares especialmente no combate a homofobia e prevenção do HIV/AIDS entre a comunidade e a população geral” (O QUE..., s.d., n.p.) – também se dedicam à luta dos direitos e visibilidade de travestis e populações negras. Além de contar com um dos maiores acervos latino-americanos de documentação e mídia de temática homossexual, divulga desde de 1981 relatórios anuais de mortes LGBTI+ no Brasil, com dados coletados a partir dos meios de comunicação, tendo se tornado a fonte mais importante de coleta e disseminação desses dados no país (MOTT; OLIVEIRA, 2020).

As expressões artísticas também foram importantes marcos de resistência não cisheteronormativa e antiditorial, pelas letras das músicas que burlavam a censura, performances de músicos e grupos teatrais e até pelo comportamento dos próprios artistas ao quebrar padrões de expressão de gênero e publicamente expressar homoafetividade, como Ney Matogrosso. Também as artistas transformistas foram essenciais na expressão artística da segunda metade do século XX: herdeiras da

tradição do travestismo masculino do teatro e do carnaval e geralmente travestis ou mulheres transexuais, ocupavam os teatros quando da decadência das vedetes. Suas performances ficaram muito populares, o que lhes trouxe gradativamente para produções mais elaboradas e conceituais que criaram grandes ícones dessa arte, principalmente ao longo das décadas de 1970 e 1980, em que grupos teatrais e de apresentações artísticas variadas quebravam padrões de expressão de gênero de forma inovadora como o Dzi Croquettes e o Vivencial Diversiones (esse último, fixado em Recife, Pernambuco). Na década de 1990, as *drag queens* deram continuidade à essas artes performáticas, mas como homens que performam personagens femininas, atuando principalmente no entretenimento noturno e em apresentações de tom mais satírico, com grande êxito na cultura popular desde então – seu impacto na sociabilidade e cultura paulistanas será visto no Capítulo 2. (TREVISAN, 2000)

As artes e as identidades LGBTQIAP+ foram um dos tantos alvos de perseguição durante a ditadura militar. As “operações de limpeza social” na cidade de São Paulo, realizadas entre 1976 e 1982 pelas gestões estaduais dos governadores Paulo Egydio Martins (ARENA, 1975-1979) e Paulo Salim Maluf (PDS, 1979-1982), utilizando as polícias civil e militar por meio da Secretaria de Segurança Pública (SSP) na gestão do coronel Erasmo Dias (ARENA), tinham o intuito de expurgar a área central da escala municipal das presenças LGBTQIAP+. O delegado Guido Fonseca recomendou a prisão de travestis devido contravenção penal por vadiagem, o que se tornou uma das estratégias de atuação policial. As “operações” atingiram seu pico durante a gestão municipal de Paulo Maluf, por meio do delegado José Wilson Richetti, diretor da Seccional de Polícia da Zona Centro, o qual direcionou esforços à prisão e perseguição de *gays*, *lésbicas* e, principalmente, travestis e transexuais transeuntes ou consumidores/prestadores de serviços sexuais na região do Centro Histórico (expressando pouco interesse em trabalhadoras que prestassem serviços em espaços privados). (COMISSÃO..., 2015)

Em abril de 1980, o coronel da polícia militar Sidney Gimenez dirigiu uma coalisão entre as forças de segurança pública mirando o expurgo das travestis e transexuais dos bairros residenciais da região do Centro Histórico para outras partes da cidade, ao mesmo tempo que pretendia destinar um prédio específico para a prisão de homossexuais, por meio da aplicação do artigo nº 59 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-Lei nº 3.688/41) por meio da Delegacia de Vadiagem do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC). Essas ações foram

intensificadas em junho do mesmo ano devido a visita do Papa João Paulo II à cidade, algo parecido com as operações ocorridas Argentina e Nova York, como detalhado nas seções 1.1.1.2 e 1.1.2.1. Em maio do mesmo ano, Richetti iniciou uma série de batidas policiais a conhecidos locais de sociabilidade e trabalho LGBTQIAP+, efetuando apreensões de gays, lésbicas, travestis e transexuais apoiado na Portaria 390 de 1976 da Delegacia Seccional Centro que autorizava a prisão cautelar de quaisquer travestis na região do Centro Histórico que não portassem documentos oficiais de identificação e carteira de trabalho assinada. (COMISSÃO..., 2015)

As reações e respostas apresentadas à perseguição policial constituíram alguns dos maiores atos de resistência contra as “operações”. Já no início das “operações”, a advogada Dr.^a Alice Soares realizou ações de assistência jurídica às prostitutas e travestis perseguidas por meio do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD-USP), no distrito da Sé (Figura 6). A Ordem dos Advogados do Brasil, subseção de São Paulo (OAB SP), organizou uma comissão para elaborar notas de repúdio à ação de Richetti e à violência policial. No mesmo ano, a matéria de João Carlos Rodrigues na edição nº 21 do *Lampião da Esquina* expôs como as prisões efetuadas eram baseadas em preconceitos das autoridades. Ainda em 1980, houve pronunciamentos de repúdio pelo deputado estadual Fernando Moraes durante a 65ª Sessão Ordinária de 12 de junho e do deputado estadual Eduardo Suplicy na 77ª. (COMISSÃO..., 2015)

Figura 6 – Foto tirada durante entrevista dos editores do jornal *Lampião de Esquina* à advogada Dr.^a Alice Soares e duas de suas clientes travestis.



Fonte: *Jornal Lampião da Esquina*, edição extra nº 3, 1980. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

Em resposta às “operações” de Richetti, grupos organizados de gays, lésbicas, negros e estudantes trotskistas se reuniram em 13¹³ de junho de 1980 na escadaria do Teatro Municipal para um ato público de repúdio que contou com declamação de um manifesto (uma carta aberta à sociedade civil assinada por 13 entidades desses movimentos organizada intitulada “Carta Aberta à População”), faixas e palavras de ordem: “A repressão de Richetti contribuiu para a unificação dos movimentos sociais que emergiam com mais força nesse momento de abertura política: estudantil, feminista, LGBT e negro” (COMISSÃO..., 2015, n.p.). Formou-se uma marcha pela avenida São João que culminou no largo do Arouche e que contou com o apoio de prostitutas mulheres cisgênero, travestis e transexuais, as quais sua segurança também constava nas reivindicações do ato, ao mesmo tempo em que foi desaprovado por moradores e comerciantes locais. Isso porque “(...) os gays consomem nos bares, enquanto travestis [prostitutas] e prostitutas levam o dinheiro dos clientes, diria um observador local” (PERLONGHER, 1987, p. 103). O evento é considerado um protótipo das Paradas do Orgulho e umas das primeiras manifestações públicas em prol dos direitos LGBTQIAP+ no Brasil (Figuras 7 a 10).

Figura 7 – Manifestação contra as “operações de limpeza social” do delegado Wilson Richetti, mostrando a ocupação nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo e os cartazes.



Fonte: Autor Desconhecido, 1980. Acervo Comissão da Verdade do Estado de São Paulo.

¹³ Algumas fontes apontam a data como sendo dia 14 de junho de 1980.

Figura 8 – Manifestação contra as “operações de limpeza social” do delegado Wilson Richetti, mostrando uma faixa com a identificação do Grupo SOMOS.



Fonte: Autor Desconhecido, 1980. Vânia Toledo/Divulgação Portal Catraca Livre.

Figura 9 – Manifestação contra as “operações de limpeza social” de Richetti, mostrando faixas com as diversas reivindicações dos protestantes.



Fonte: Autor Desconhecido, 1980. Companhia das Letras/Divulgação Portal UOL Ecoa.

Figura 10 – Manifestação contra as “operações de limpeza social” de Richetti, mostrando uma faixa com a identificação do Grupo de Ação Lésbica Feminista, GALF, e do SOMOS.



Fonte: Jornal Lâmpião da Esquina, edição nº 26, 1980. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

Em 15 de novembro de 1980, a “operação sapatão” efetuou batidas policiais nos bares Ferro’s, Bixiguiinha e Cachação, efetuando a prisão arbitrária de todas as frequentadoras lésbicas devido sua orientação sexual e expressão de gênero, frequentadoras estas que foram extorquidas pelos agentes públicos para que pudessem ser liberadas. O Ferro’s Bar, na rua Martinho Prado foi inaugurado na década de 1960 e serviu como ponto de sociabilidade de grupos ligados aos movimentos políticos de esquerda e, a partir de 1967, devido à repressão ditatorial, passou a ser frequentado pelas lésbicas no período da noite, constituindo um “(...) pequeno território das lésbicas na cidade nas décadas de 1970 e 1980, nas ruas Martinho Prado e St. Antônio” (CYMBALISTA, 2019, p. 80). Mesmo tendo sido utilizado pelo GALF como “ponto de interlocução com a sua base social” (CYMBALISTA, 2019, p. 80) e como ponto de circulação de periódicos independentes que tratavam de homossexualidade feminina e de feminismo como o Chanacomchana, não era um estabelecimento voltado às lésbicas e à administração e funcionários desagradava sua presença. Em 23 de julho de 1983, houve a tentativa da administração em expulsar algumas das frequentadoras devido a venda do periódico alternativo Chanacomchana (lançado no III Congresso da Mulher Paulista, de 1981) as quais, mesmo permitidas a continuar no local devido sua persistência,

passaram a sofrer retaliações por parte dos funcionários. A ocasião culminou em um ato de repúdio e de reivindicação pelo seu ponto de sociabilidade em 19 de agosto de 1983, no que ficou conhecido como o “Stonewall¹⁴ brasileiro” ou “pequeno Stonewall brasileiro” ou “Levante do Ferro’s Bar” (Figura 11). Sob organização da militante lésbica Rosely Roth, ativistas do GALF, representantes da imprensa, gays, lésbicas, feministas, ativistas dos direitos humanos, assim como a Vereadora Irene Cardoso e os deputados Ruth Escobar e Eduardo Suplicy, tomaram o bar e deixaram claro seu posicionamento contra a repressão da administração. Felizmente e fora do esperado, a polícia chamada pelo dono do estabelecimento se manteve imparcial frente a manifestação. (COMISSÃO..., 2015; CYMBALISTA, 2019; MARTINHO, 2019; PERLONGHER, 1987)

Figura 11 – Capa da edição nº 4 do periódico alternativo lésbico-feminista Chanacomchana, dando destaque ao “Levante do Ferro’s Bar” ou “Pequeno Stonewall brasileiro” de 19 de agosto de 1983.



Fonte: Periódico Chanacomchana, edição nº 4, 1983. Acervo Bajubá.

¹⁴ Referindo-se a Revolta de Stonewall de 1969 nos Estados Unidos, detalhada na seção 1.1.2.1.

Em memória ao ato, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) estabeleceu, em 2008, a data de 19 de agosto como Dia do Orgulho Lésbico na forma do Projeto de Lei 492/07 do deputado Carlos Giannazi do PSOL (ASSEMBLÉIA..., 2008). O bar encerrou atividades na década de 1990 e, a partir do final de década de 2010, passou a servir de instalação de apoio de um restaurante próximo (CYMBALISTA, 2019).

A Lei nº 6.683/79 ou Lei da Anistia, possibilitou o retorno de exilados pela ditadura militar ao Brasil, em meio a gradual abertura econômica e política do regime, cidadãos/ãs os/as quais tinham saído do país por decisão própria ou por punição governamental e que trouxeram consigo experiências e informações de outros movimentos organizados de contracultura de outros países (FACCHINI, 2002). Nas décadas anteriores, importantes marcos da luta em prol de direitos civis de identidades não hegemônicas haviam ocorrido principalmente na América Latina e Estados Unidos, como as ações da Frente de Liberación Homosexual (FLH) argentina e a Rebelião de Stonewall em Nova York, Estados Unidos; como visto nas seções 1.1.1.2 e 1.1.2.1. Nesse período, passaram a acontecer diversos encontros: em abril de 1979, aconteceu o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), fechado às organizações da área, concomitante ao I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), aberto ao público geral, em São Paulo; em dezembro do mesmo ano, aconteceu o I Encontro de Homossexuais Militantes na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. As pautas abordadas pelos eventos estiveram em consonância com as novas discussões sociais de seu tempo, como estudado por Facchini (2002): O EBHO de 1984 contou com grupos organizados em prol dos direitos cidadãos feministas e das populações negras junto a entes partidários para a discussão desses direitos civis, saúde pública e representatividade midiática e escolar; o de 1989, discutiu intolerância religiosa, epidemia do HIV/AIDS e criação de novos grupos; o de 1991 discutiu com público externo a epidemia do HIV/AIDS e as estratégias de fortalecimento dos movimentos de assistência à soropositivos; o de 1993, incluiu a identidade lésbica na sigla (EBLHO) e discutiu equidade de gênero; o de 1995, contou com grupos organizados exclusivos ao combate ao HIV/AIDS e pelos direitos das travestis, em que tal termo foi formalizado.

No final da década de 1980 a oposição cada vez mais vocal de grupos organizados da sociedade civil contra o regime militar ditatorial, como os grupos estudantis, feministas e em prol dos direitos trabalhistas, homossexuais, e das

populações negras, começou a afetar a estabilidade do governo, já estremecida por problemas econômicos a nível federal:

Neste efervescente período de abertura política gradual, entre 1977 e 1981, novos movimentos sociais emergiram, notadamente o Movimento Negro Unificado, que questionava a imagem tradicional do Brasil como uma democracia racial; o movimento feminista, que confrontava o sexismo da esquerda ortodoxa e da sociedade brasileira em geral e os movimentos por direitos dos gays e lésbicas. (GREEN, 2003, p. 31).

O fim da publicação do *Lampião da Esquina* em 1981, também devido à dificuldade de conversão do conteúdo de mídia contestatória para mídia de consumo em massa, pode ter contribuído para o rareamento da disseminação de informações sobre das lutas de direitos civis em relação causal questionada por Facchini (2002) acerca do mesmo efeito nos movimentos homossexuais organizados no período: “A continuidade num período pós-redemocratização exigiria toda uma adaptação do ideário e do estilo de militância desses grupos ao novo contexto” (p. 74). Surgiu, então, a “segunda onda” do movimento homossexual organizado.

Os novos movimentos sociais contestatórios da segunda metade do século XX demonstraram a importância do coletivo como forma de pressão para a efetividade de mudanças sociais e políticas. A década de 1980 significou a transição de uma participação espontânea centrada na oposição ao regime militar ditatorial, para uma organização que se adequava à nova Constituição e ao momento de redemocratização, em número exponencialmente maior de participantes.

1.1.3.5 *Impacto epidemiológico, décadas de 1980 e 1990*

O advento da epidemia do HIV/AIDS na década de 1980 trouxe enormes impactos às lutas por visibilidade e direitos LGBTQIAP+ em meio a “segunda onda” do movimento homossexual organizado, passando também a contar com movimentos organizados de travestis e transexuais. A epidemia mudou completamente o foco de atuação para a busca de respostas efetivas à então discriminatoriamente apelidada “peste gay” – os primeiros casos no Brasil foram registrados nos primeiros meses de 1983. O GGB e o grupo Atobá (fundado em 1985 no Rio de Janeiro) foram fundamentais no combate à epidemia ao trabalhar pela legitimação social das identidades LGBTQIAP+ e visibilizar os impactos da doença em seu cotidiano (FACCHINI, 2002). Alguns outros grupos que lidaram com essas questões foram o

Dialogay, Movimento Antônio Peixoto e Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) do Rio de Janeiro.

A necessidade de respostas efetivas e urgentes levou os movimentos organizados homossexuais, travestis e transexuais, os primeiros grupos acometidos pelo HIV, a dialogar abertamente com a sociedade civil por meio de ações educativas acerca da conscientização sobre a disseminação, prevenção e tratamento doença, o que, necessariamente, incluiu a luta pela visibilidade desses grupos nas dinâmicas sociais: “A epidemia obrigou a sociedade a discutir sexualidade” (MOLINA, 2011, p. 596). Essa postura firme e persistente ajudou as identidades LGBTQIAP+ a se fortalecer e a se consolidar nas dinâmicas sociais com renovado afincamento na segunda metade da década de 1990:

De forma consciente, o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo, com a tentativa de esclarecer e dominar os parâmetros de sua organização e de classificação da homossexualidade; e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de possibilidades de vivências mais positivas. (MOLINA, 2011, p. 956).

Outro fator fundamental na efetividade dos esforços coletivos em prol do combate à epidemia foi a atuação dos órgãos de saúde pública das diversas esferas governamentais, em meio a um movimento em busca de uma ampla reforma sanitária. Durante a década de 1980, em meio a redemocratização e a conseqüente retomada das possibilidades de ação dos movimentos sociais, que voltaram a dar voz a grupos sociais não hegemônicos, foi possível a criação e fortalecimento de órgãos e diretrizes focados na atuação efetiva em prol da saúde pública acessível e de amplo alcance. Uma das primeiras respostas da saúde pública à epidemia do HIV/AIDS foi a criação do Programa de AIDS da Secretaria de Estado de São Paulo, já em 1983, tendo sido esse estado o primeiro a reportar casos da doença no país. O programa, implantado e administrado pela Divisão de Dermatologia Sanitária e Hansenologia do Instituto de Saúde, contou com quatro diretrizes base: “serviços de referência assistencial e laboratorial, vigilância epidemiológica, informação e educação à população e mobilização e participação social” (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009, p. 88). Sua atuação e diretrizes serviram de modelo para o plano de atuação em outras capitais estaduais e na esfera federal, em uma “nacionalização da resposta à epidemia” (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009, p. 89) que chegou a estabelecer vínculos internacionais por meio de financiamento pelo Banco Mundial. Com a Constituição de

1988, foi possível a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a consolidação da “noção de saúde como um direito a ser assegurado pelo Estado e a organização do sistema de saúde fundamentado nos princípios de universalidade, equidade, integralidade e controle social” (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009, p. 88). Desde 1996, o SUS distribui medicamentos para tratamento do HIV/AIDS, denominados antirretrovirais e, desde 2003, promove tratamento para qualquer indivíduo independentemente da carga viral, ambas ações são oferecidas gratuitamente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s.d. (b)).

Assim, foram as atuações dos grupos organizados e OSCs (Organizações da Sociedade Civil) junto a programas governamentais, órgãos de saúde pública e entidades privadas que, por meio da disseminação de informações, conseguiram oferecer as respostas efetivas ao controle da epidemia. Por exemplo,

Ficou famosa, em São Paulo, a pensão da travesti Brenda Lee, que passou a abrigar e sustentar dezenas de travestis infectados ou doentes de Aids, daí nascendo a Casa Brenda Lee, que se tornou quase uma extensão do hospital Emílio Ribas e uma entidade fundamental para a rede estadual de saúde, no setor da Aids. (...) o Brasil conseguiu montar uma rede de enfrentamento da Aids considerada modelo pela Organização Mundial da Saúde. (TREVISAN, 2000, p. 369)

Enquanto a “primeira onda” uniu as identidades LGBTQIAP+ por meio da troca de vivências parecidas e pela necessidade de militâncias antiditatoriais unificadas, a “segunda onda”, tendo já a base de uma inicial identidade enquanto grupo social, se concentrou em atuações mais individualizadas e pragmáticas, dando continuidade às discussões epistemológicas. Durante a “segunda onda” houve maior preocupação com a formalização e registro dos grupos e OSCs, retirando-os do caráter clandestino da época da “primeira onda”. É essencial considerar o quanto a epidemia do HIV/AIDS moldou a atuação dos movimentos organizados em relação as temáticas de seus encontros como parte da luta contra a doença e seus estigmas sociais. Considerar homossexuais masculinos, travestis e transexuais como grupo que apresentam comportamentos de risco à infecção pelo vírus da AIDS/HIV, junto a usuários de drogas injetáveis e trabalhadores sexuais, facilitou a distribuição de recursos e desenvolvimento de projetos educativos de conscientização e disseminação de informações (FACCHINI, 2002). Houve esforços na mudança de comportamentos considerados de risco à transmissão da doença assim que se entendeu os modos de transmissão do vírus, cunhando-se a definição de Homens que fazem Sexo com

Homens (HSH) para dar ênfase que eram *suas práticas sexuais sem proteção* o problema-chave da alta transmissão do vírus, e não simplesmente sua identidade:

A AIDS (...) chamou atenção definitivamente sobre o sexo biológico do(a) parceiro(a) sexual, apresentando-o mais significativo na definição da sexualidade dos homens do que o fato de ser ativo ou passivo numa relação sexual ou ter uma aparência ou comportamento mais próximo dos padrões esperados para o “masculino” ou o “feminino”. (FACCHINI, 2002, p. 120)

É importante ressaltar que esses grupos foram acometidos inicialmente e em maior quantidade devido à grande facilidade de transmissão do vírus pelo contato sexual desprotegido, principalmente por via anal e troca direta de sangue contaminado, como visto na seção 1.1.2.3, em que também foi melhor detalhada a atuação do vírus sob o sistema imunológico.

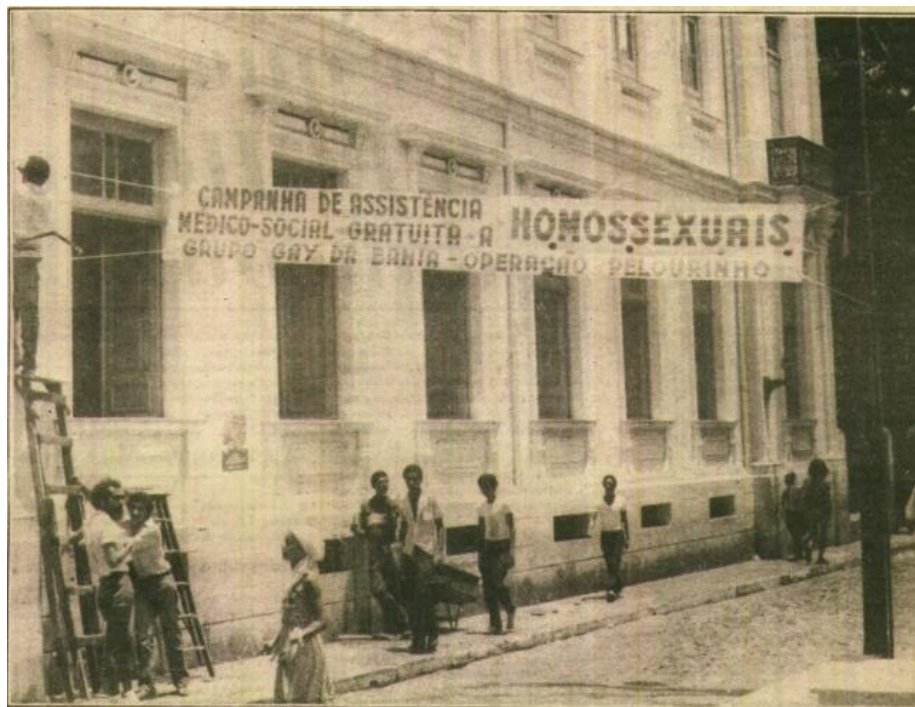
A epidemia do HIV/AIDS recrudescer preconceitos a orientações sexuais e expressões de gênero não cisheteronormativas – a Operação Tarântula da Polícia Civil de São Paulo, no final da década de 1980, atuou nas áreas públicas para prender travestis por considerá-las contaminadas pelo HIV apenas por sua expressão de gênero e orientação sexual (COMISSÃO..., 2015). A própria denominação da doença como “peste gay” ou “câncer gay” evidencia a maneira preconceituosa e desinformada com a qual a epidemia foi tratada pela sociedade geral.

Em resposta à tal retomada de preconceitos e violências, houve renovada busca de muitos LGBTQIAPs+ por seu lugar dentro do sistema democrático para exercer politicamente sua luta por visibilidade e garantia de direitos civis, o que também serviu para reafirmar sua importância na construção das dinâmicas sociais à medida que “foi a resposta à doença que permitiu que esses grupos se organizassem, alcançassem maior visibilidade social e ganhassem espaço nas políticas públicas” (GRANGEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2009, p. 93).

Ainda, foi notável o intercâmbio entre artistas homossexuais dessa geração com os da geração anterior, em um amplo reconhecimento de referencial e da importância da representatividade em que conhecidas figuras da música *rock* nacional como Cazuzza, Renato Russo e Cássia Eller foram essenciais em apresentar uma nova visão positiva da homossexualidade: “ (...) alguns dos seus expoentes mais atrevidos tomaram para si o papel de dar exemplo não só a colegas de profissão, mas a milhares de homossexuais anônimos/as do país (...)” (TREVISAN, 2000, p. 316).

A “segunda onda” foi amigável a institucionalizações e politizações internas e frente à sociedade civil, com um dos expoentes mais importantes o Grupo Gay da Bahia (GGB), em continuidade às demandas cidadãos dos primeiros movimentos. O GGB fez uma campanha nacional para a despatologização da homossexualidade através da revogação do parágrafo 302.0 do Código de Saúde do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), considerando-a “desvio e transtorno sexual” – também houve uma campanha para sua retirada da Classificação Internacional de Doenças (CID). A questão foi trazida como pauta à reunião anual da Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência (SBPC) em Salvador em meio a uma “(...) busca por visibilidade da causa *gay*, devido à presença da grande imprensa no evento, e apoio da sociedade científica e civil a favor da despatologização da homossexualidade, por meio de um abaixo-assinado” (CARNEIRO, 2015, p. 8). A campanha enviou uma carta-protesto intitulada “Mais cuidados com os *gays*” em 1981 para o Ministro da Previdência, em resposta a declarações preconceituosas do diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – houve também uma campanha de atendimento médico organizada pelo GGB à homossexuais na região do Pelourinho, em Salvador, denominada “Operação Pelourinho”, que também atendeu travestis e transexuais (MOTT, 1981) (Figura 12). O utilitarismo da “segunda onda” recebe críticas dos membros da “primeira onda” por consideraram-na um “cooptação do movimento” pela relação estabelecidas com as políticas do Estado, o que não impediu o GGB de apresentar suas propostas aos recém criados Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), mas deixando claro seu próprio caráter apartidário e foco na revogação do parágrafo 302.0 do INAMPS. Com a entrada de João Antônio Mascarenhas ao grupo, “o GGB se tornou o primeiro grupo homossexual a obter o registro de sociedade civil sem fins lucrativos (...)” (CARNEIRO, 2015, p. 8). Em 1984, no “ano *gay* internacional”, alguns países já haviam despatologizado a homossexualidade devido à pressão dos movimentos homossexuais organizados. Em 1985, a campanha do GGB teve apoio de diversas associações médicas nacionais, políticos e indivíduos da sociedade civil e, em 9 de fevereiro do mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina oficializou a revogação do artigo 302.0, em que “(...) a despatologização da homossexualidade em 1985, além de representar o primeiro êxito destes militantes homossexuais, foi um grande passo na luta contra a discriminação e ‘subcidadania’ homossexual” (CARNEIRO, 2015, p. 12).

Figura 12 – Faixa de chamamento do Grupo Gay da Bahia (GGB) para uma campanha de atendimento médico gratuito a homossexuais, travestis e transexuais da região do Pelourinho, Salvador.



Fonte: Jornal Lâmpião da Esquina, edição nº 34, 1981. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC).

O GGB também publicou, na mesma época, um levantamento de doenças venéreas na comunidade homossexual de Salvador, apresentando a importância de ações efetivas na causa da saúde pública homossexual. (CARNEIRO, 2015)

A descentralização dos movimentos LGBTQIAP+ iniciou-se durante as décadas de 1980 e 1990 justamente pelo aumento e diversificação dessas organizações em meio à epidemia do HIV/AIDS, aliada a necessidade de atuação em escalas menores, mais regionais. Concomitantemente, a ampla formalização desses grupos em OSCs possibilitou sua melhor comunicação com órgãos governamentais e atores políticos. (FACCHINI, 2002)

1.1.3.6 *Amplitudes e ampliações, décadas de 1990 e 2000*

Diferente do que poderia ter-se imaginado inicialmente, a epidemia do HIV/AIDS resultou em renovada união das identidades LGBTQIAP+ em prol de sua autopreservação, ao mesmo tempo que deu bases sólidas para a reafirmação mais

vocal de outras identidades ainda mais silenciadas dentro desse grupo social, principalmente em relação às travestis e transexuais.

A insurgente pluralidade de identidades e suas demandas mais específicas resultou no surgimento de grupos mais diversificados entre as identidades LGBTQIAP+, “caminhando em direção a uma ‘sopa de letrinhas’” (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015, p. 569). Os grupos de travestis e transexuais foram uns dos mais afetados pela epidemia do HIV/AIDS e ainda hoje são um dos mais silenciados e estigmatizados, condições que fizeram com que esses grupos “trabalhassem em prol de uma memória coletiva, uma ‘contramemória’ política frente à memória oficial dominante” (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015, p. 567). Em 1992, foi criada a anteriormente mencionada Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), hoje Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) (SOUSA, s.d.), e em 1993, aconteceu o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados em DST/AIDS. Também as lésbicas criaram grupos e encontros específicos às suas reivindicações, sobretudo acerca de maior visibilidade de suas pautas.

Essa diversificação ocasionou o início da “terceira onda” de movimentos LGBTQIAP+ organizados, que teve um aumento quantitativo de grupos e diversificação de seus formatos e atuações, principalmente como OSCs financiadas por órgãos governamentais. As OSCs têm maior visibilidade por tratarem de temáticas mais específicas e contarem com financiamento, o que garante sua maior participação no cenário nacional e internacional ora se situando “como prestadora de serviços públicos, mediante seu aspecto assistencial, ora como grupo de pressão ao ser intermediário ‘entre o movimento de base e o Estado’” (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015, p. 569).

Em 1995 foi criada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT), com diretrizes de atuação descentralizadas pelo território nacional para garantir direitos civis das identidades LGBTQIAP+ em maior escala. No final da década de 1990, houve expansão de núcleos de estudo e pesquisa sobre temáticas LGBTQIAP+ nas universidades, maior oferta de serviços especializados e ascensão das Paradas do Orgulho. As Paradas no Brasil se tornaram ferramenta fundamental na visibilidade dessas identidades por meio de suas próprias vivências e presenças, promovendo uma renovação no ativismo LGBTQIAP+ brasileiro:

Se no início da década de 1980 a luta dos movimentos era pela despatologização da homossexualidade, os anos seguintes marcam a busca por mudanças sociais concretas por meio de políticas intersetoriais que envolvem a promoção à saúde, o acesso ao mercado de trabalho e à educação, segurança pública e combate à discriminação e à violência e, principalmente, o reconhecimento de aspectos mais subjetivos relacionados aos direitos básicos da pessoa humana, à visibilidade e construção e acesso à memória coletiva. (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015, p. 582)

O I Plano Nacional de Direitos Humanos, de 1996, “inovou ao delimitar pela primeira vez, e explicitamente em documentos oficiais do governo, o segmento homossexual como público-alvo de ações da administração pública” (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015, p. 570), enquanto o II e III Planos Nacionais de Direitos Humanos, incluíram participação de ativistas, gestores e acadêmicos. Isso levou à participação do Brasil na III Conferência Mundial das Nações Unidas em Durban, África do Sul, em 2001, com propostas em defesa dos direitos de LGBTQIAPs+, mulheres, negros e nativo-americanos; o que, por sua vez, culminou na criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação do Ministério da Justiça. A I Conferência Nacional LGBT, de 2008, foi um marco para as políticas públicas LGBTQIAP+ devido a ampla participação de grupos organizados, movimentação de recursos a nível nacional e criação de diretrizes nacionais de atuação. Essa conferência culminou no I Plano Nacional de Promoção a Cidadania e Direitos Humanos LGBT, que tratou das problemáticas dessas identidades por diversos eixos temáticos, dando protagonismo ao Conselho Nacional de Combate à Discriminação, renomeado em 2010 para Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção da Cidadania e Direitos LGBT. (BRASIL; CAPELLO; VERGILI, 2015).

Na década de 1990 em São Paulo, surgiu a sigla GLS para definir *gays*, *lésbicas* e *simpatizantes*, demonstrando um novo discurso de “convívio harmonioso e pluralista de diversas formas de identidade” (MOLINA, 2011, p. 957), mas, segundo Trevisan (2000), problematizado logo de início, pois parecia descaracterizar a luta por visibilidade dessas identidades sexuais ao referenciar quem não pratica sua sexualidade abertamente; como será visto na seção 1.2.3. Em julho de 2008, na I Conferência Nacional de Políticas Públicas para GLBT, a então atualizada sigla GLBT mudou para LGBT, ato simbólico seguindo um novo paradigma internacional em prol da maior visibilidade das mulheres nas causas sociais. Porém, é importante ressaltar que a inclusão de novos termos na sigla sempre é alvo de extensos debates, desde a proposição de troca do termo “simpatizante” na sigla GLS, pelo termo “bissexual”:

Vale lembrar que os gays permanecem como maioria no movimento desde seu surgimento e qualquer inclusão de novas categorias acaba passando por sua aprovação. Por outro lado, a demanda de inclusão e explicitação de novas identidades coletivas no nome do movimento por parte de lésbicas e travestis dependeu tanto de uma maior visibilidade do sistema classificatório segregacionista, quanto de processos de diferenciação que ressaltam suas especificidades. (FACCHINI, 2002, p. 127).

Na virada do século XXI, algumas identidades homossexuais passaram a ser consideradas mercado consumidor ainda não explorado, principalmente na cidade de São Paulo, mas como um tipo específico de consumidor: o homossexual masculino branco de alto poder aquisitivo, cisgênero e cujas expressões sexual, afetiva e de gênero fiquem próximas das heteronormativas; esse mercado já vinha sendo pensado desde a década de 1970, com publicidades voltadas ao público homossexual ou que dele faziam referência (TREVISAN, 2000). Esse mercado teria grande possibilidade de lucro, baseando-se na ideia de que teriam menos gastos familiares devido à ausência de filhos, serem consumidores fiéis dos locais em que são acolhidos e por geralmente sociabilizarem em grupo. Foi criada a ideia do homossexual padrão a ser aceito pela mídia de massa e ao qual se volta o mercado imobiliário. Ao mesmo tempo, a sigla GLS ganha força no mercado de entretenimento noturno, criando os conceitos de espaços “*gay friendly*” e da economia baseada no “*pink money*”, processo que será melhor detalhado na seção 1.2.3 (FACCHINI, 2002; FRANÇA, 2007). Assim, as práticas do mercado vão em contramão da maior vocalização das identidades LGBTQIAP+ em busca de direitos civis, justamente por serem voltados a uma identidade muito específica e que ignora, também, questões étnicas e econômicas.

1.1.3.7 *Renovadas discussões, renovas perseguições, décadas de 2000 e 2010*

Ao longo do início do século XXI, vem sendo levantadas novas discussões acerca de orientação sexual e romântica, identidade de gênero, expressão de gênero e sexo biológico, desde questões de identidade às terminologias:

O entendimento do cotidiano, das identidades e das diferenças como construção social, histórica e cultural parece contribuir para a elaboração de projetos de emancipação, que serão construídos no presente a partir dos inconformismos do passado e com a perspectiva do pensamento das ações do futuro (MOLINA, 2011, p. 957).

Uma das mais impactantes foi a discussão da diferença entre os termos “opção” e “orientação” em relação à sexualidade, levantada pelo grupo Triângulo Rosa em 2002 (fundado por João Antônio Mascarenhas), em que o consenso foi pelo termo “orientação”, pois “entendemos que Orientação sexual se refere ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto” (MOLINA, 2011, p. 960).

Acerca de expressões e vocabulários gerados pelas identidades LGBTQIAP+, um interessante fenômeno cultural e linguístico foi trazido pelas travestis e transexuais à cena. O vocabulário *pajubá* utiliza termos de línguas africanas, principalmente o ioruba (da família linguística nigero-congolesa, do oeste do continente Africano) e foi inicialmente utilizado pelas travestis e transexuais através do contato com terreiros, ou *ilês*, lugares sagrados das religiões afrodiaspóricas brasileiras. Algumas palavras das línguas africanas se misturam a expressões em português para criar um dialeto próprio desse grupo social, intencionalmente como códigos compreendidos apenas por quem dele pertence. Segundo a Rede Paulista de Educação Patrimonial (2019), entre esse os grupos de travestis e transexuais e os praticantes de religiões afrodiaspóricas há uma relação de compreensão mútua enquanto grupos sociais silenciados por conceitos excludentes de sociedade. De fato, muitas travestis e transexuais relatam aprender o dialeto assim que começam seu processo de transição e aceitação dentro desse grupo, em que “(...) o pajubá pode ser entendido como resistência/proteção e autoafirmação” (REPEP, 2019, p. 97), conectando o indivíduo ao coletivo. Atualmente, se popularizou entre as identidades LGBTQIAP+ e adquiriu novos termos ao longo do tempo, inclusive estrangeirismos de outras línguas como o inglês.

O século XXI vem também apresentando melhorias legislativas e institucionais acerca dos direitos civis das identidades LGBTQIAP+, como o projeto Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual de 2004, coordenado pelo Conselho Nacional de Combate à Discriminação (atual Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos), composto de 53 itens que tinham como objetivo a disseminação de informações capazes de mudar comportamentos que perpetuam discriminação e violência contra identidades LGBTQIAP+ (CONSELHO NACIONAL..., 2004). Em 2008, o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a realizar cirurgias de redesignação sexual sem que a pessoa tenha que solicitar o procedimento pela Justiça (REDE...,

2008). Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou a união estável de casais do mesmo sexo a serem oficializadas em cartório e mesmo que essa decisão não equivalha ao casamento convencional, a união estável garante algumas garantias legais entre os/as parceiros/as/es, como divisão de bens e acesso à seguros de vida (D'AGOSTINO, 2013) – alguns projetos de lei vêm sendo discutidos desde então para a aprovação da união homoafetiva com todos os direitos reservados às uniões heteroafetivas. Em 2019, o STF oficializou a homofobia como crime passível de penalidade como a do racismo, importante decisão em meio a persistentes disputas ideológicas entre a política laica e as bancadas políticas religiosas, principalmente as neopentecostais contra os direitos civis e validação de qualquer identidade não cisheteronormativa: “Os diversos projetos de lei apresentados até o momento [2019] foram bloqueados pelas pressões dos setores mais conservadores da sociedade” (OLIVEIRA, 2019, n.p.). O embate entre a busca de direitos civis das identidades LGBTQIAP+ e a resistência apresentada por setores religiosos conservadores está ligada a uma disputa ideológica entre valores sociais laicos e clericais, entre a crítica à tradição e a sua persistência (ALVES, 2009) – uma possível melhoria nessa relação será observada no Capítulo 3. Em 2020, o STF invalidou a proibição de doação de sangue por homens que tenham feito sexo com outros homens nos últimos 12 meses, e mesmo que a decisão esteja mais relacionada com o longo período de baixos estoques dos bancos de sangue, ocasionado pela pandemia do SARS-CoV-2, a decisão ainda representa um avanço. A doação de sangue por Homens que fazem Sexo com Homens (HSH) já vinha sendo discutida desde 2016 e defendida por especialistas em saúde pública como o Dr. Drauzio Varella, que ressaltou como a impedição sustentava preconceitos oriundos da epidemia do HIV/AIDS (OLIVEIRA, 2020). Também em 2020, a Advocacia-Geral da União (AGU) permitiu a inclusão do nome social na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) decisão que, proposta pela Defensoria Pública da União de Roraima (DPU-RO), é essencial na reafirmação das identidades travestis e transexuais, por ser o nome próprio escolhido pela pessoa para exprimir essa identidade, diferente daquele imposto no nascimento (SANTOS, 2020). Mais algumas dessas conquistas serão vistas no Capítulo 3.

Porém, há cada vez mais retrocesso quanto há avanços. O Brasil vem sendo desde o final da década de 2010 um dos países latino-americanos que “relata maiores retrocessos na região” (SINVIOLENCIA LGBTI, 2019, p. 21) em relação a temática dos direitos LGBTQIAP+. Há 12 anos consecutivos (2008-2020) o país fica em

primeiro lugar na classificação da Trans Murder Monitoring entre países que mais matam pessoas transexuais no mundo, sendo mais de 120 mortes em 2020 (JUSTO, 2020). Ainda, segundo o relatório de Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil do GGB (MOTT; OLIVEIRA, 2020), em 2019, houveram 329 assassinatos de pessoas LGBTQIAP+ devido sua expressão pessoal, assim como 32 suicídios pelo mesmo motivo. Antes da decisão de criminalização da homofobia, o Decreto 9883 de 2019 removeu o Conselho Nacional LGBTI do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e expurgou o uso de definições específicas das identidades LGBTQIAP+, que voltou a ser referida como minoria étnica e social (GOVERNO RETIRA..., s.d.; SINVIOLENCIA LGBTI, 2019). Os embates entre movimentos em prol dos direitos civis com setores religiosos conservadores vêm sendo cada vez mais comuns e acompanhando as tendências internacionais de extremismo político e ideológico, e, mesmo que não seja regra a todas egrégoras, como será visto no Capítulo 3, é uma relação cada vez mais delicada, como visto na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo de 2016:

Dentre eles [relatos coletados na Parada], percebemos um grande debate em torno das intolerâncias, em destaque a intolerância religiosa sendo representada pela bancada evangélica no Congresso Nacional e em discursos públicos de líderes de igrejas neopentecostais. Por outro lado, vê-se que o contexto religioso não está sendo evidenciado somente a partir deste recorte, mas também possui representatividade a partir das igrejas inclusivas, que se constituem como um contraponto a estes grupos ditos intolerantes. (COELHO; PEREIRA; RAMOS, 2016, n.p.)

Em virtude um histórico tão intenso, nota-se que a trajetória do inicial movimento homossexual organizado que se transformou em um grupo social de sigla extensa foi (e ainda será) um processo ligado diretamente com o fluxo variado de cada *zeitgeist*¹⁵ e a sistemática busca pela quebra de barreiras externas e internas.

1.2 Identidades e apropriação de espaços

Essa seção apresenta questões referentes ao recorte temporal e espacial da pesquisa, ou seja, acerca das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo.

¹⁵ Do alemão, espírito do tempo, em livre tradução, se refere a essência de um determinado período histórico.

1.2.1 *Contemporaneidade e crise da identidade*

A modernidade tardia e a contemporaneidade, períodos que correspondem a segunda metade do século XX até o momento de apresentação da pesquisa, vêm possibilitando diversidade de vivências e experiências individuais e coletivas nos meios urbanos, em que a identidade dos diversos grupos sociais que utilizam a cidade está cada vez mais relacionada à identidade da própria cidade. A fragmentação e subjetivização dessas identidades faz com que conceitos como “identidade de recorte mais largo” não caibam mais dentro das dinâmicas das cidades contemporâneas, pois falta convergência ou unificação de uma memória coletiva em meio a tantos grupos sociais heterogêneos, colocando essa mesma memória coletiva em crise (MENESES, 2006; HALL, 2006). É necessária, portanto, a busca de novos signos que se relacionem com esses grupos mais heterogêneos e que rejeitam as “identidades que têm a nação ou o estado como suporte”, em amplo relativismo cultural e individualismo, mostrando “a importância da cultura nos fenômenos de exclusão e resistência ou reapropriação da cidade” (MENESES, 2006, p. 48).

A crise da memória se relaciona, então, com a crise da identidade, pois advém do declínio das identidades consolidadas na primeira metade do século XX e do questionamento das instituições e tradições formadoras dessa sociedade, imbuídas em conceitos que não se conformam à crescente subjetivização das novas identidades fragmentadas, as quais são influenciadas por referenciais mais amplos:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p. 9)

Os novos referenciais ocorrem, em grande medida, pelos processos de globalização e sua capacidade de constantemente alterar as dinâmicas sociais por meio da velocidade com a qual transforma as relações entre tempo e espaço, colocando a escala local em contato com a global. Essa velocidade descentraliza as fundações da própria sociedade, subjugada a forças externas e confrontada constantemente com suas próprias diferenças e iniquidades, em que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios

estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25). As maiores descentralizações das identidades dos territórios ocidentais no século XX vieram da discussão, influência e crítica de epistemologias das Ciências Humanas como política, psiquiatria e linguística, e mesmo do feminismo, discussões essas que propõe um questionamento de que as expressões individuais são expressões políticas com impacto no coletivo. A compreensão do feminismo ajuda a entender as principais características desses movimentos sociais inovadores das décadas de 1960 e 1970:

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis de contracultura e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “terceiro mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. (...) todos esses movimentos tinham uma ênfase e uma forma *cultural* forte. (...) Cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. (...) Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2006, p. 44-45, grifos do autor).

Os processos de globalização já ocorriam antes da década de 1970, mas foi nesse período que se intensificaram, “de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2006, p. 70). Uma vez que a *identidade* se relaciona com *signos* e *códigos* que a representam e uma vez que essas *representações* se relacionam a localidades e épocas (tempo e espaço, ou ainda o *zeitgeist*), a quebra das relações entre as atividades, o local onde acontecem e o tempo de duração é importante fator de ruptura das *identidades modernas*, que se veem em meio às incertezas e inseguranças. Porém, deve-se ressaltar que os processos de globalização não são homogêneos na escala global e tampouco na local, além de ser melhor desenvolvido no ocidente setentrional, marcado pelas consequências das relações metrópole-colônia. (HALL, 2006)

Inserida nesse contexto, a crítica pós-moderna buscou se desvencilhar do racionalismo simplista do capitalismo industrial para questionar as dinâmicas sociais do século XX por meio da inclusão de atores e grupos sociais não hegemônicos cujas trajetórias foram silenciadas por grupos sociais de identidades hegemônicas e excludentes (ASCHER, 2010). Os movimentos sociais da década de 1960 foram capazes de inserir suas discussões na academia e construir novos e renovados campos epistemológicos a partir das experiências desses atores sociais silenciados,

evidenciando e ressignificando as lacunas da memória coletiva (HALL, 2006; BORGES, 2012). A progressiva reafirmação da heterogeneidade das identidades e o resgate da memória de atores sociais silenciados são elementos capazes de começar a preencher as lacunas da historiografia convencional e proporcionarem a compreensão mais completa das sociedades contemporâneas, justamente por considerarem todos os atores que constroem suas dinâmicas:

No mundo contemporâneo as reflexões sobre identidade, hipertextualidade, subjetividade, conectividade e interatividade ganham força e fôlego num tempo em que as fronteiras da comunicação estão sendo derrubadas e as fronteiras físicas e culturais vêm sendo reerguidas e fortemente demarcadas. (BORGES, 2012, p. 264).

O resgate da importância da memória de atores sociais silenciados por conceitos excludentes de sociedade, no século XXI, se baseia na mudança de paradigmas de pensamento iniciada pelos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970, mas considerando atores sociais ainda mais amplos e mais fragmentados. Continuam a ser questionados não apenas os conceitos e vivências que constituem o pertencimento de indivíduos a certos grupos sociais, mas também todos os mecanismos socioculturais que fazem parte dessas percepções de pertencimento e de coerção, como as instituições e a maneira pela qual a sociedade visualiza as características desses grupos. Grupos esses que estão também internamente em constante movimento e questionamento, como as identidades LGBTQIAP+ enquanto grupo de indivíduos de identidades de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual e romântica não hegemônicas, cada vez mais fragmentadas dentro de si mesmas à medida que se desenvolvem novas interpretações validam-se novas experiências da expressividade humana (Figura 13) (FACCHINI, 2002).

A construção da identidade é complexa, pois é composta de diversos “adjetivos” que constroem um único indivíduo, com características que se sobrepõem e modificam mutuamente, como camadas que identificam o indivíduo em diferentes instâncias (Figura 13). Considerando as inequidades e preconceitos que constituem a experiência de vida urbana contemporânea, a presença esclarecida de identidades inferiorizadas em certos ambientes que não estão dispostos a recebê-las é um ato político de resistência. Vários setores da sociedade podem ser focos de repressão, como as escolas que estão despreparadas para lidar com atos de discriminação, principalmente de expressão de gênero e orientação sexual (BICHA PRETA, 2017).

Figura 13 – Definição de alguns dos conceitos relacionados às identidades LGBTQIAP+. A figura não é um compêndio completo, pois não apresenta conceitos como allosexualidade/arromanticidade, assexualidade/arromanticidade e polyssexualidade – deve-se ter em vista que as discussões acerca desses conceitos e denominações os fazem se expandir e se modificar ao longo do tempo.

O Biscoito do Gênero

por its pronounced **METROsexual**.com

Gênero é uma daquelas coisas que todo mundo pensa que entende, mas a maioria das pessoas não entende. Gênero não é binário. Não é um ou outro. Em muitos casos, é ambos/e. Um pouco disso, uma pitada daquilo. Este pequeno saboroso guia pretende ser um aperitivo para a compreensão sobre gênero. Tudo bem se você estiver com fome de mais após ler isso. Na verdade, essa é a ideia.



Identidade

é como você, em sua cabeça, experimenta e define seu gênero, com base no quanto você se alinha (ou não) com o que você entende que são as opções de gênero.

Atração

é como você se sente atraído (ou não) a outras pessoas, sexualmente, romanticamente e/ou de outras maneiras (geralmente categorizadas dentro do gênero).

Expressão

é como você apresenta seu gênero (através de suas ações, roupas e comportamento, para citar alguns) e como essas apresentações são vistas com base em expectativas sociais.

Sexo

são as características físicas com as quais você nasce ou desenvolve e que consideramos como "características sexuais", bem como o sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Podemos pensar em todas essas coisas como existindo em continuums, onde muitas pessoas podem se ver como existindo em algum lugar entre 0 e 100 em cada

⊖ significa uma falta do que é apresentado no lado direito



Identidade ≠ Expressão ≠ Sexo
Gênero ≠ Orientação Sexual

Sexo Atribuído no Nascimento

Feminino Intersexo Masculino

Geralmente baseado apenas na genitália externa presente no nascimento (ignorando anatomia interna, biologia e mudanças ao longo da vida). Sexo Atribuído no Nascimento (SAN) é a chave para distinguir entre os termos "cisgênero" (quando o SAN se alinha com a Identidade de gênero) e "transgênero" (quando não se alinha).

Sexualmente atraído/ale a.. e/ou

⊖ → Mulheres e/ou Feminilidade e/ou Pessoas Femininas
 ⊖ → Homens e/ou Masculinidade e/ou Pessoas Masculinas

Romanticamente atraído/ale a...

⊖ → Mulheres e/ou Feminilidade e/ou Pessoas Femininas
 ⊖ → Homens e/ou Masculinidade e/ou Pessoas Masculinas

A discussão do resgate das memórias silenciadas também incentiva a revisão dos conceitos e signos que as formam e como se relacionam com a construção das dinâmicas sociais, enriquecendo seu estudo e criando novas relações. Segundo França (2007), as Ciências Sociais podem pensar a sexualidade¹⁶ como parte integral das dinâmicas urbanas contemporâneas e não apenas uma questão particular, estudando como esse conceito participa de outras questões sociais, tendo em vista que as identidades se formam como “mecanismo de diferenciação” entre uma miríade de identidades possíveis. Por meio da “teoria *queer*”¹⁷, é possível analisar “a exploração das relações entre sexualidade e economia política à luz de recentes transformações do mercado” (FRANÇA, 2007, p. 229), por exemplo.

As possibilidades de expressão das identidades silenciadas no meio público têm grande capacidade de inferir positivamente em sua visibilidade, resiliências e aceitação frente à sociedade em geral, atrelando os signos culturais que compõem essas identidades com as dinâmicas urbanas cotidianas, incorporando o estudo dos grupos sociais ao estudo da cidade enquanto organismo complexo e multidisciplinar. A cidade é parte da construção da identidade dos indivíduos que a ocupam, conectando qualquer análise sociocultural ao espaço em que essa cultura se desenvolve, ou seja, as dinâmicas urbanas são produto e produzem, ao mesmo tempo, as dinâmicas dos cidadãos, em sociedades que funcionam “como uma série de redes interconectadas” (ASCHER, 2010, p. 45).

Portanto, a cidade contemporânea deve ser analisada frente às transformações das dinâmicas sociais de seu contexto histórico e é indispensável às essas novas análises a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade – conceitos já assimilados pelos movimentos sociais de contracultura das décadas de 1960 e 1970. Isso posto que a real compreensão do meio urbano deve considerar as correlações de suas diversas camadas percebidas por diferentes enfoques:

¹⁶ O conceito de “sexualidade” pode ser entendido como qualquer expressão de intimidade, no caso da pesquisa apresentada, especificamente em relação a expressões não cisheteronormativas, ou seja, frente a possibilidade de conflito com outros atores sociais desconfortáveis ou hostis a essas expressões em diversos lugares, principalmente no meio público.

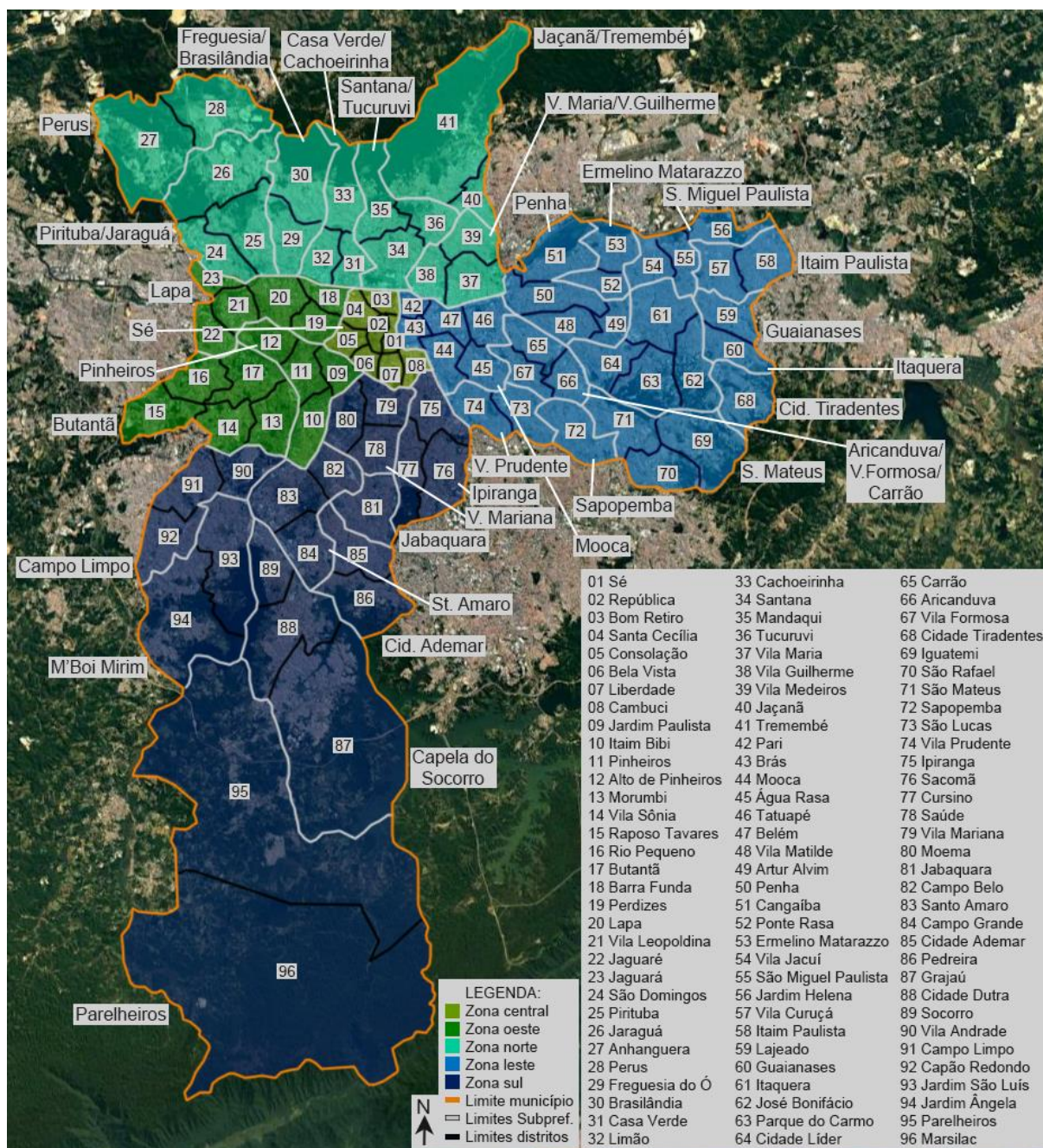
¹⁷ A *queer theory* ou teoria *queer* (do inglês, teoria do estranho, em livre tradução) discute como tudo que se considera como norma ou padrão esperado das identidades humanas é apenas uma série de construções sociais e não características inevitáveis e inerentes ao ser humano, criticando a “heterossexualidade compulsória” (RICHARDS *et al.*, 2017, p. 62) e defendendo diálogos mais abertos e inclusivos de identidades alternativas àquelas dominantes, ou seja, que divergem das cisheteronormativas.

O espaço heterogêneo, fragmentado e hierarquizado da cidade expressa as condições de vida daqueles que o ocupam, condicionando várias dimensões da estrutura social (econômicas, políticas e ideológicas) que nele se reproduzem. Essas dimensões estão relacionadas com as condições de vida específicas de cada grupo social, em cada local. E o conhecimento delas, por meio de variáveis e indicadores selecionados, permite uma aproximação, ao menos em parte, com a complexidade das relações institucionais e humanas. (ADORNO; NERY; SOUZA, 2019, n.p.).

A pesquisa apresentada se concentra em explorar esses questionamentos dentro das dinâmicas urbanas da cidade de São Paulo, capital do estado homônimo, na região sudeste do Brasil. Sendo uma metrópole de escala global, representa um ente complexo e multifacetado em que suas dinâmicas sociais e urbanas serão observadas pela ótica das identidades LGBTQIAP+ enquanto grupo social não hegemônico, no caso, não cisheteronormativo.

A cidade de São Paulo é seccionada em cinco zonas – central, oeste, norte, leste e sul – que são, por sua vez, divididas em 96 distritos, em que cada uma das 32 Subprefeituras administra certo número de distritos (Figura 14). Mesmo que essas divisões territoriais sejam utilizadas oficialmente pela Prefeitura e seus órgãos administrativos e legais, alguns locais são corriqueiramente conhecidos por outras denominações, mas para fins de clareza e coesão da pesquisa apresentada, essa base oficial será referenciada em todo trabalho.

Figura 14 – Indicação dos limites administrativos do município de São Paulo, das suas zonas, distritos e Subprefeituras, que serão referenciadas na pesquisa apresentada.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea em Google Earth, com base em Prefeitura da Cidade de São Paulo (2022); Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL) e Departamento de Produção e Análise de Informação (DEINFO) (c. 2010); Portal GeoSampa (2022), sem escala (2022).

1.2.2 Dinâmicas sociais e categorias espaciais

Por meio da compreensão de que as dinâmicas urbanas funcionam em camadas que se interrelacionam, o Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani junto com um grupo de alunos do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), criou, por meio de estudos etnográficos, categorias para estudar

as manifestações sociais que ocorrem na cidade, como camadas vinculadas ao espaço, sobrepondo território e sociabilidade ou a “prática coletiva e seus padrões de implementação espacial” (MAGNANI, 1992, p. 191).

A categoria “pedaço” se refere a territórios de fronteiras bem definidas estabelecidas por redes de relações familiares e de vizinhança recorrentes e bem consolidadas, perpetuadas pela fidelidade dos indivíduos que a produzem, sendo “no horizonte da vida do dia-a-dia que o *pedaço* se inscreve, possibilitando o ingresso e participação naquelas práticas de forma coletiva e ritualizada” (MAGNANI, 1992, p. 200, grifo do autor). Os “pedaços” se estabelecem entre as dinâmicas familiares e as da vizinhança, ou as da casa e da rua, sem chegar às dinâmicas da escala municipal. As fronteiras desses territórios são demarcadas pelos códigos atribuídos por seus usuários durante seu cotidiano. Embora, *a priori*, estejam relacionados às regiões de moradia (de fato, o termo foi emprestado de observações de campo das dinâmicas cotidianas em regiões de moradia periféricas) os “pedaços” podem existir desvinculados desse ambiente. Nesse outro contexto, acontecem quando os frequentadores de uma região não se conhecem, mas se reconhecem por meio de códigos comportamentais e de expressão pessoal que identificam grupos sociais muito bem definidos. Essa categoria pode ser resumida como a sensação de pertencimento com um território, suas dinâmicas e frequentadores, sensação corriqueiramente definida como “ser do pedaço”. (MAGNANI, 1992, 1998)

As “manchas” se relacionam às dinâmicas urbanas de territórios heterogêneos e de fácil acesso, que permitem ocupação dos mesmos espaços por grupos sociais diferentes. As dinâmicas das “manchas” estão relacionadas à concentração de equipamentos (como infraestruturas urbanas, estabelecimentos comerciais e instituições) que possibilitam práticas de sociabilidade que se baseiam em pontos de referência amplamente reconhecíveis da paisagem urbana para estabelecer pontos de encontro. De fato, ser frequentador/a/e de certas manchas já pode caracterizar o indivíduo como pertencente a certos grupos sociais. Assim, cada mancha é uma “área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 1992, p. 196). Posto não serem um ente isolado dentro do espaço urbano, “uma *mancha* é recortada por *trajetos* e pode abrigar vários *pedaços*” (MAGNANI, 1992, p.197, grifos do autor). Na mancha

não há estabelecimento de vínculos entre os frequentadores. (MAGNANI, 1992, 1998)

Os “trajetos” se relacionam às dinâmicas da escala municipal e do interior das “manchas”, na grande maioria. São concebidos para a necessidade de participação do indivíduo nas dinâmicas mais diversificadas que as de seu ambiente originário e que demandam deslocamento espacial. É justamente essa necessidade de variedade que cria “trajetos” dentro das “manchas”, uma vez que elas estão condicionadas a equipamentos diversos e próximos, o indivíduo pode caminhar por ela e usufruir desses equipamentos distintos – nessa escala, os “trajetos” são de curta extensão. Os “trajetos” são capazes de abrir as dinâmicas dos “pedaços” e das “manchas” para a escala municipal e conectar “regiões distantes e não contíguas da cidade (...) diante de uma lógica ditada por sistemas de compatibilidades” (MAGNANI, 1992, p. 198).

Os “trajetos” conectam pontos através dos “pórticos”, lugares apenas de passagem que não pertencem a nenhum “pedaço” ou “mancha”, configurando lugares perigosos devido ao seu perene vazio e que, dada essa característica, atraem atores “limiães” à sociedade. (MAGNANI, 1992, 1998)

Por fim, os “circuitos” têm as mesmas funções das “manchas”, mas acontecem em pontos descontínuos e completamente relacionados a grupos sociais, atividades e usos específicos. São pontos dispersos, mas reconhecidos por uma dada coletividade, em que os frequentadores são partícipes de uma mesma prática. (MAGNANI, 1998)

Assim, a sociabilidade no meio urbano se desenvolve com “*manchas* recortadas por *trajetos*, divididas por *pórticos* e pontuadas por *pedaços*” (MAGNANI, 1992, p. 201-202, grifos do autor). A apropriação do espaço e a maneira como ocorre é parte fundamental da construção da história dos grupos sociais e da consolidação de redes, definidas e organizadas sob códigos comportamentais de pertencimento e reconhecimento entre pares, que moldam e são moldadas pelas dinâmicas cotidianas desses espaços.

As percepções de pertencimento e alienação para com o meio urbano são cruciais na trajetória de grupos sociais silenciados, pois a coibição de suas expressões de identidade e sociabilidade, seja por medo ou invalidação, são parte dos motivos que perpetuam seu silenciamento. Experiências excludentes da espacialidade urbana levam à criação de redutos ou guetos, em que as identidades inferiorizadas são coagidas a ocupar espaços muito restritos justamente para serem segregadas das

identidades hegemônicas, suscitando experiências completamente diferentes das dinâmicas urbanas entre as vivências hegemônicas e as não hegemônicas. Porém, esses mesmos redutos podem incentivar a expressão e exploração pessoal pela segurança de se estar em meio aos pares, situações mais comuns nas áreas centrais na escala municipal da cidade de São Paulo devido à sua capacidade de agregar sociabilidades diversificadas: “o cenário da cidade, da rua, do lugar público é o dos despossuídos – ali ela se sente ‘em casa’” (AGREST, 1988, p. 587).

A criação de redutos inibe o desenvolvimento de estudos e mapeamentos sobre a presença de comunidades não hegemônicas, pois há menos interesse em contar suas histórias e conectá-las ao resto das dinâmicas urbanas. Dentre esses atores sociais, estão as identidades LGBTQIAP+ com seu histórico de sistemática repressão e negação da expressão de suas identidades, que afetam todas as áreas da vida desses indivíduos, mas a qual presença e assimilação vêm ganhando mais espaço ao longo do século XXI, mesmo que de forma lenta e esparsa. Grupos sociais inferiorizados experienciam a cidade de modos diferentes do que grupos hegemônicos, como mencionado, pois, além dos preconceitos e violências cotidianas, estão sujeitos à constantes batalhas por visibilidade, em que suas identidades estão inseridas no que Agrest (1988) define como uma “instabilidade simbólica” (p. 586). Essas violências contra LGBTQIAP+ são perpetradas de forma que “o corpo da vítima é o locus de ação dos perpetradores” (SOLIVA, 2011, p. 126), dirigidas principalmente àqueles de expressões comportamentais consideradas femininas¹⁸. As violências físicas e morais estão presentes constantemente em diversas esferas sociais, indo do meio familiar ao público e ao privado. Os atores perpetradores das violências são, em grande parte, desconhecidos das vítimas e frequentadores dos mesmos espaços, espaços esses sempre passíveis de conflitos causados pelo encontro não intencional (na maioria das vezes) entre identidades diferentes e até antagônicas.

O meio público é passível de contradições, por vezes contraditórias, de percepções da realidade entre os diferentes grupos sociais que se apropriam dele, principalmente nas áreas em que isso acontece com maior frequência e quantidade, como na área central da escala municipal, mas também podem ocorrer na escala regional, ou a dos bairros e vizinhanças (entendendo-se essas regiões enquanto lugares de moradia e presença da família e círculos sociais do cotidiano, um “pedaço”,

¹⁸ Termo aqui utilizado para se referir aos signos e comportamentos relacionados ao extremo do espectro de expressão de gênero binário do lado feminino.

como será detalhado nas seções 1.2.3 e 3.2). Parte dessas contradições provêm das experiências desses grupos, sobretudo na sua percepção de segurança em transitar e ocupar certos espaços. A vizinhança representa o meio-termo entre a rua e a casa enquanto “apêndice das relações domésticas” (SOLIVA, 2011, p. 128) e seu vigilantismo, ou fofoca, pode caracterizar outro tipo de violência, pois as presunções da vida alheia podem ocasionar a forçada revelação da identidade LGBTQIAP+ de alguém não confortável a sua exposição, muitas vezes pela certeza de desaprovação por parte da família consanguínea e círculos sociais do tipo. Onde há maior frequência de encontro entre grupos sociais diferentes, outro agravante da violência no meio público são os grupos organizados que procuram locais de sociabilidade LGBTQIAP+ (ou “manchas”, como será detalhado nas seções 1.2.3 e 3.2) para fazer emboscadas em que “os algozes dessa forma de violência utilizam-se da rua e de seu caráter noturno para desenvolver estratégias de punição as suas vítimas com o único intuito de mostrar o repúdio aos homossexuais” (SOLIVA, 2011, p. 128). A criação de redutos pode ser, por vezes, também uma resposta à essa insegurança.

Grupos e comunidades são parte essencial da formação das identidades pessoais, pois são capazes de gerar trocas de conhecimentos e experiência de vida, permitindo reconhecimento por meio das similaridades de vivências, sendo também mecanismo de autopreservação por meio da segurança em números:

Mas, antes de tudo, é importante salientar que todo tipo de grupo, comunidade, sociedade é fruto de uma árdua e constante negociação entre preferências individuais. (...) o que chamamos de preferências “individuais” são na verdade fruto de uma autêntica construção coletiva, num jogo constante de sugestões e induções que constitui a própria dinâmica da sociedade. (COSTA, 2005, p. 236).

No século XXI, há novos tipos de comunidades que se formam de maneiras completamente diferentes do que se esperava das sociedades pré-industriais, agora configurados ao modo de “redes sociais” (primeiramente não relacionadas as mídias sociais da *internet*, mas que passaram a usufruir delas para se desenvolver):

Atualmente, o que os analistas estruturais procuram avaliar são as formas nas quais padrões estruturais alternativos afetam o fluxo de recursos entre os membros de uma rede social. Estamos diante de novas formas de associação, imersas numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões, e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis. (COSTA, 2005, p. 239)

O conceito de “capital social”, criado na década de 1990, se refere justamente à capacidade dos indivíduos de produzirem suas próprias redes que funcionam da mesma maneira que a própria sociedade na qual o indivíduo se insere, com regras e valores análogos. O “capital social” é constituído pelo “capital social estrutural” e pelo “capital social cognitivo” que tratam, respectivamente, das associações locais e da coesão social coletiva a aderência às normas. A *internet* tem grande papel em incrementar o “capital social”, pois apresenta a possibilidade da inteligência coletiva poder resolver problemas por meio de seu desenvolvimento em conjunto, em meio a facilidade de encontro: “Essa nova forma é rizomática, transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços” (COSTA, 2005, p. 246). A criação de grupos pode incentivar a apropriação dos espaços públicos, pois os indivíduos vulneráveis a violências podem contar com maior segurança e monitoramento desse espaço por um número considerável de outros indivíduos interessados na autopreservação e na preservação de seus pares; em conjunto, é mais fácil transitar para fora do reduto e até passar a frequentar novos pontos da cidade (PERILO, 2017).

Parte importante dessas dinâmicas de proteção e suporte para as identidades LGBTQIAP+ são as Famílias, redes com denominações provindas do sistema das relações consanguíneas, em que as hierarquias não são geracionais, mas arranjadas de acordo com as relações interpessoais de cada Família e cada código de conduta. Mães e pais ainda são as figuras centrais, pois representam a liderança e segurança de seus filhos/as/es, podendo ser matriarcas e patriarcas múltiplos ou únicos, fundadores/as e/ou membros/as/es ativos/as/es. Novos membros/as/es são adotados/as/es, podendo pertencer a mais de uma Família, algo mais raro de acontecer, e trocar de Famílias, processos que geralmente envolvem certo nível de conflito entre os envolvidos. Uma das mais importantes partes dessa estrutura é a proteção moral e física que os/as membros/as/es oferecem uns aos/as outros/as/es. As Famílias funcionam de modo muito parecido com as Houses dos Estados Unidos, como visto na seção 1.1.2.2, incluindo o papel dos pais e mães e o sistema de sobrenomes – umas das primeiras etnografias sobre o assunto é de Kate Weston, de 1991 na baía de São Francisco com grupos homossexuais, em que a autora diferencia “família de origem” e “família de escolha” (PERILO, 2017). Segundo mostrou a etnografia de Perilo (2017), ser adotado pode mudar completamente dinâmicas de sociabilidade e de apropriação do espaço do indivíduo, em que os/as membros/as/es

podem “vivenciar cotidianamente o suporte e a proteção oferecidos por esta família, o que implica tanto na ampliação de seus trânsitos pela região metropolitana de São Paulo quanto na diversificação de atividades que poderiam realizar conjuntamente” (PERILO, 2017, p. 81-82). Os percursos de sociabilidade das famílias “não apenas favoreciam, mas estimulavam o trânsito de meus interlocutores desde suas regiões de moradia em periferias até a região central de São Paulo” (*ibidem*, p. 99). Outra característica desses grupos, segundo o mesmo autor, é serem formadas majoritariamente por jovens negros e pardos de menor poder aquisitivo e moradores/originários das áreas periféricas da escala municipal. Ao analisar um ato contra a homofobia organizado pela Família Stronger, em 2014, na forma de uma pequena passeata que percorreu desde a avenida Paulista até o largo do Arouche (lugares localizados em áreas centrais), ficou visível a relação entre a organização de grupos formados por indivíduos inferiorizados e a vontade de poder ocupar livremente o espaço público, pois o evento “efetivava uma das propostas da família: a ocupação do espaço público a fim de visibilizar essa rede e suas pautas” (*ibidem*, p. 131-132).

Intrinsecamente, a criação das Famílias é uma resposta à busca por pertencimento e aceitação da livre expressão individual:

O maior ato que tem nas famílias LGBT é justamente aquilo que os jovens não conseguem falar com seus pais biológicos ou falar na sua casa, na sua família. Ele prefere ser quem realmente ele é com outras pessoas que o compreendem e sabem o que ele é. Pares que nem eles. E nessas famílias eles encontram carinho. (*sic*) (Elvis *in* SOD, 2018, n.p.)

Os efeitos da pandemia do SARS-CoV-2 na saúde mental e emocional das identidades LGBTQIAP+ ajuda a ressaltar a importância das redes de apoio formadas fora do ambiente familiar original e, conseqüentemente, a importância das possibilidades de sociabilidade entre as identidades LGBTQIAP+, o que, por sua vez, reflete a importância da sua possibilidade de livre circulação pelo meio urbano. Em pesquisa participativa realizada pela Rede Nossa São Paulo (RNS) em parceria com a empresa Inteligência em Pesquisa e Consultoria (IPEC) em 2021, 48% da amostra da pesquisa afirma que o maior problema posto ao seu bem estar e possibilidades de expressão durante os períodos de quarentena e isolamento social foi justamente a falta de contato presencial com essas redes de apoio, ao mesmo tempo em que 45% ressalta a problemática de acabar tendo que conviver muito mais tempo com familiares consanguíneos preconceituosos e violentos. Outro dado que ajuda a

ressaltar a importância da sociabilidade é o de que 30% da amostra aponta que um dos maiores problemas decorrentes das restrições sanitárias em prol do controle da epidemia foi o fechamento de lugares públicos ou privados amigáveis a sua presença ou direcionados ao público LGBTQIAP+, lugares esses, capazes de promover a formação de vínculos com pares, formando, assim, as novas redes de apoio.

A relação entre identidades LGBTQIAP+ e apropriação do espaço público na cidade de São Paulo remonta a meados da década de 1930 e a própria consolidação da cidade como metrópole global, como será melhor detalhado no Capítulo 2.

1.2.3 *Pertencimento na São Paulo contemporânea*

A partir da década de 1950, a cidade de São Paulo passou a ser conformada de maneira “policêntrica”, ou seja, agregando diferentes centros e subcentros em diferentes distritos da escala municipal. O primeiro desses centros foi formado pela região dos distritos da Sé e República, zona central, chamado de Centro Histórico, lugar a partir do qual se conformaram os outros centros (Figura 15) – esse processo será mais detalhado na seção 3.1.1. Com o abandono do Centro Histórico pelos grupos de maior poder aquisitivo por volta de década de 1960, a região passou a ser frequentada e habitada por grupos de menor poder aquisitivo concomitantemente a concentrar atividades inferiorizadas nas dinâmicas sociais gerais, como a sociabilidade homossexual e o meretrício. (LEITE; TONIOLO; ZANETTI; 2020)

O afastamento do Centro Histórico por parte daqueles grupos de maior poder aquisitivo decorreu de uma série de mudanças relacionadas ao aumento do uso do automóvel, vias de transporte mais extensas e a saída de fluxos de bens e de pessoas para outras regiões da cidade, especialmente para o Setor Sudoeste. A implantação de vias elevadas e expressas na região do Centro Histórico transformou a região em um ponto de passagem apenas, minando os fluxos de pedestres e, conseqüentemente, aumentando a periculosidade no meio público – essas novas infraestruturas de transporte advém do amplo incentivo do poder público e da iniciativa privada à indústria automobilística. Ainda, a implementação das linhas 1-Azul e 2-Verde do Metrô facilitou o acesso de grupos sociais de menor poder aquisitivo ao Centro Histórico, conseqüentemente, trazendo à região comércios e serviços de valores mais acessíveis e desinteressantes aos consumidores de maior poder aquisitivo. O incentivo ao automóvel possibilitou a criação de novas centralidades

territorialmente desvinculadas do Centro Histórico dada a facilidade de amplo deslocamento pela escala municipal, regiões essas, vinculadas ao Setor Sudoeste da escala municipal. A consolidação dessas novas centralidades foi possível devido a instalação de fluxos de grande escala, tendo sido nessas regiões que passaram a serem instalados importantes equipamentos empresariais que, por sua vez, atraíram outros tipos de equipamentos para complementar as necessidades cotidianas de seus usuários, como comércios, serviços e moradia. Entre as décadas de 1980 e 1990, se consolidaram como centros as avenidas Paulista, Brigadeiro Faria Lima e Engenheiro Luís Carlos Berrini, todas seguindo a movimentação a sentido sudoeste da cidade (Figura 15). (SILVA, 2005)

Em meio a essas mudanças, a sociabilidade homossexual de grupos de maior poder aquisitivo passou a ocupar a zona oeste e parte setentrional da zona sul, que configuram o Setor Sudoeste, enquanto a maioria os frequentadores de menor poder aquisitivo se mantiveram na zona central, principalmente no Centro Histórico.

Desde o início das dinâmicas de sociabilidade pública, aquela que acontece fora da casa, houve discriminação dentro dos grupos LGBTQIAP+ por meio da diferenciação de poder aquisitivo, postura contínua através das décadas, mostrando que não são apenas questões de heteronormatividade¹⁹ compulsória que dificultam suas vivências no meio urbano (LEITE; TONIOLO; ZANETTI, 2020). Foi estabelecida uma relação clara entre identidade, capacidade de consumo e possibilidade ou impossibilidade de apropriação do espaço:

(...) a estigmatização do indivíduo colabora para que a possibilidade de sua aceitação social, de acordo com valores heteronormativos seja diminuída, ao passo que, indivíduos que mantenham papéis heteronormativos, mesmo que se considerem homossexuais, possuem uma maior aceitação, e conseqüentemente, podem usufruir melhor do espaço. (LEITE; TONIOLO; ZANETTI, 2020, p. 110)

Na década de 1980, a epidemia do HIV/AIDS foi fator fundamental para a consolidação dessas identidades em relação a sua presença nas dinâmicas urbanas. A resposta à crise epidemiológica por parte dos grupos organizados LGBTQIAP+ incluiu a necessidade da discussão sobre a existência da homossexualidade masculina, transexualidade e das identidades travestis dentro das dinâmicas sociais

¹⁹ Como visto anteriormente, a “heteronormatividade” é um conceito popularizado por Michael Warner (1991) que se refere a exclusão e invalidação de quaisquer identidades não heterossexuais nas dinâmicas sociais.

e urbanas, tendo sido alguns dos grupos mais afetados; como visto na seção 1.1.3.5. Essa busca por reinserção social possibilitou a comunidade homossexual masculina, somente, a ser destacada como mercado consumidor ainda não explorado, especialmente entre indivíduos de maior poder aquisitivo. A partir da década de 1990, se intensificou um movimento mercadológico direcionado a esse público, em que a criação da sigla GLS (*gays, lésbicas e simpatizantes*) teve grande papel nas estratégias de venda dos setores imobiliário, comercial e de serviços (FACCHINI, 2002; FRANÇA, 2007), em que

(...) processos como um maior debate público a respeito da homossexualidade, o reforço de determinado modelo de classificação da homossexualidade, o fortalecimento de uma ideia de “orgulho” e “visibilidade” e a proliferação de categorias identitárias não estão isolados um do outro, mas acontecem de forma imbricada entre si, abrangendo esferas como movimento GLBT, mercado GLS e Estado, que em diferentes momentos se aproximam ou se afastam uma das outras. (FRANÇA, 2007, p. 235)

Mas esse novo mercado se concentrou, como mencionado, em um tipo específico de consumidor modelo difundido também pela mídia, em uma estratégia distante de questões socioculturais; como visto na seção 1.1.3.6. A exclusão de identidades pelo mercado perpetua sua invalidação dentro das dinâmicas sociais e barra as possibilidades de apropriação do espaço, pois ela está ligada a capacidade de se deslocar à pontos de sociabilidade que estão geralmente conectados com algum tipo de consumo de alto custo. Esse tipo de exclusão é exponencialmente pior às identidades travestis e transexuais, com seu longo histórico de impedimento de transitar pela cidade e de adentrar certos estabelecimentos devido sua identidade. Ainda, esse tipo de postura excludente abre espaço para perpetração de violências que passam sem punição, pois há pouco interesse na salvaguarda desses indivíduos.

No final da década de 1990 e início da de 2000, alguns estabelecimentos não voltados exclusivamente para o público homossexual passaram a acolhê-lo, principalmente na região do Baixo Augusta (região extraoficial nos distritos da Consolação e Bela Vista) (Figura 15), impulsionados pela recém criada sigla GLS, que foi interpretada como capaz de incluir tanto esse novo mercado consumidor como os consumidores que esses estabelecimentos já atendiam antes. Essa mesma lógica foi replicada por estabelecimentos na região dos Jardins (região extraoficial nos distritos de Pinheiros e Jardim Paulista) (Figura 15), propiciando o deslocamento da sociabilidade homossexual de maior poder aquisitivo da zona central para a zona

oeste, demonstrando, mais uma vez, como as diferenças de poder aquisitivo demarcam diferenças territoriais e de apropriação do espaço (CYMBALISTA, 2019; FRANÇA, 2006). O termo GLS, então, passou a se referir à lugares que atraíam público homossexual, mas que também recebiam outros públicos que participam da sociabilidade homossexual sem ter que se identificar como tal, os simpatizantes, sendo, portanto, uma importante ferramenta de expansão de possíveis consumidores ao agregar mais público que pode se identificar com os mesmos lugares. Formalizado durante o Festival Mix Brasil de 1994, o termo surgiu na cena *clubber*²⁰ paulistana da década de 1980 em boates como a Nation Disco Club e o Massivo, já inserido no contexto da expansão do mercado de entretenimento noturno para a região dos Jardins (FRANÇA, 2007); como será visto na seção 2.1.6. Territorialmente, essa “identificação dos espaços de consumo ligados ao público homossexual sem dúvida impulsionou a expansão GLS desse mercado e possibilitou sua visibilidade para além do ‘gueto’” (FRANÇA, 2007, p. 237).

O circuito de sociabilidade homossexual paulistano se expandiu, portanto, para além da praça da República, incluindo a região dos Jardins e ruas Frei Caneca e Augusta (Figura 15), em que essa sociabilidade em áreas centrais da escala municipal ainda é marcada pelas diferenças socioeconômicas de seus frequentadores baseadas em signos em constante movimento. Essas diferenças criam exclusões baseadas em poder aquisitivo, o que está intrinsecamente ligado com sua região de moradia desses frequentadores enquanto seu lugar de origem, pois seu lugar de origem implica seu *status* social: “A lógica é estabelecida a partir das condições que o sujeito tem de se tornar um produto vendável e assim consumível” (CARVALHO-SILVA; SCHILLING, 2010, p. 3). São alvos dessa segregação aqueles de “origem econômica indesejável” aos grupos sociais de maior poder aquisitivo, principalmente moradores periféricos e de baixo poder aquisitivo, perpetuando tanto um padrão desejado de indivíduo para exclusivamente frequentar as áreas centrais, assim como um distanciamento entre esse indivíduo padrão e o indivíduo indesejável pelo mercado, criando barreiras sociais. Barreira essas, em certa medida, permeáveis, posto serem construídas apenas de signos sociais, em que “os sujeitos poderão ser interpretados e assim classificados pelas roupas que usam e pelos lugares que frequentam” (*ibidem*, p. 6). Logo, “a capacidade de consumo aparece como um critério importante na definição

²⁰ Cultura urbana ligada à música eletrônica e entretenimento noturno.

dos tipos de relações sociais estabelecidas entre homossexuais, relações de aproximação ou ‘evitação’” (*ibidem*, p. 6) na cidade de São Paulo.

Outra faceta da sigla GLS é a de tentar afastar esse novo mercado consumidor da ideia do “gueto *gay*” paulistano, tentando criar novas categorias sociais que diferenciem esses “dois” grupos. A análise da relação GLS e mercado é delicada:

É discutível se isto significa “transcender o gueto” ou se, atrelada a esta concepção, não se criam novos “guetos” e preconceitos. O certo é que no interior do circuito mais “descolado”, auto-identificado ou não como GLS, mas com uma grande presença de homossexuais ou bissexuais, também se constroem hierarquias e se operam classificações. (FRANÇA, 2007, p. 241)

Outros dois conceitos nasceram com essa nova estratégia de mercado. O termo “*gay friendly*” (do inglês, “amigável aos *gays*”, em livre tradução) surgiu nos Estados Unidos para designar lugares frequentados por públicos heterossexuais, mas que recebem públicos homossexuais. Difere levemente do conceito de lugares GLS, pois esses se referem a lugares direcionados a públicos de expressões bi ou homossexuais, mas que também recebem públicos sem identidades rotuladas que estão dentro da ideia do simpaticante (FRANÇA, 2007). Os dois termos se referem a espaços de consumo e serviço que visam atrair consumidores de identidades não cisheteronormativas através da garantia de acolhimento e segurança. Isso reforça, mais uma vez, a relação entre apropriação do espaço e capacidade de consumo, pois grande parte da sociabilidade não cisheteronormativa cosmopolita paulistana fica subjugada a estabelecimentos comerciais.

O “*gay friendly*” pode ser usado na criação de pontos e regiões relativamente mais seguras à presença e livre expressão desse público justamente pela garantia de acolhimento e resguardo, proporcionada pela criação de um coletivo que se autopreserva. A recorrência da apropriação do espaço urbano pode dar-lhe outros significados, consolidando-o como lugar de pertencimento das identidades inferiorizadas e fazendo com que elas se conectem com um pedaço da cidade, ou seja, criando uma marca nas dinâmicas urbanas – esse tipo de pertencimento pode ser observado no Stonewall Inn, como visto na seção 1.1.2.1, ou no largo do Arouche, que será abordado a seguir.

Por outro lado, uma das consequências negativas é a associação do termo com a capacidade de consumo, geralmente atrelada a áreas de maior custo de vida da cidade, – no caso de São Paulo, sendo a região dos Jardins (e mesmo parte do Baixo

Augusta) – e inibindo a apropriação desses espaços pelos grupos sociais de menor poder aquisitivo, geralmente também moradores/as das áreas periferias da escala municipal, em geral, justamente as mais carentes de acolhimento e segurança às identidades LGBTQIAP+(CARVALHO SILVA, 2010; FRANÇA, 2007; MEDEIROS, 2006; SOLIVA, 2011). Outra consequência negativa pode ser observada em eventos sazonais com o caso da Parada do Orgulho de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, na região sul do país. Sendo a última Parada a ser implementado em uma capital estadual brasileira, o evento foi resposta a expulsão de frequentadores LGBTQIAP+ de um estabelecimento já conhecido por agregar esse tipo de público, mesmo não sendo voltado a ele. Segundo os relatos coletados no documentário Depois do Fervo (2017), a segurança a expressão de gênero e sexualidade LGBTQIAP+ é restrita ao período do evento e àquele padrão de consumidor homossexual masculino branco de maior poder aquisitivo, o que confere ao rótulo “*gay friendly*” um caráter funcional de consumo. O próprio termo “*gay friendly*” já demonstra o pequeno escopo social com o qual está disposto a se comunicar, referindo-se apenas ao público homossexual masculino. O caráter sazonal e mercadológico fica claro na falta de preparo tanto do poder público quando da iniciativa privada atreladas ao evento quando da necessidade de amparo e punição em situações de violência física, moral e sexual, além da falta de incentivos para a promoção de uma real inclusão social e combate a essas violências. Porém, há certa resiliência, pois a Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade (ADEH) de Santa Catarina, é um exemplo de entidade da sociedade civil que se opõe às violências e oferece amparo às vítimas.

O rótulo “*gay friendly*” é consequência do conceito econômico do “*pink money*” (do inglês, dinheiro rosa, em livre tradução), proveniente da exploração do mercado consumidor homossexual de maior poder aquisitivo. O termo se refere a suposta garantia de lucro desse tipo de mercado baseado na ideia de que homossexuais masculinos tenderiam a ter menos despesas com gastos familiares (especificamente por não terem filhos), de serem consumidores fiéis dos estabelecimentos em que se sentem acolhidos e por geralmente sociabilizarem em grupos. No geral, o público que frequenta os Jardins é considerado como esse público *gay* padrão aceito pela mídia e pela sociedade civil em São Paulo, em certa medida, justamente por ser o gerador do “*pink money*”. *A priori*, esse é o principal público-alvo ao qual o “*gay friendly*” é vendido (FACCHINI, 2002). Segundo França (2007), a “prática do consumo” é capaz

de gerar significados sociais que criam as realidades dos consumidores, permeando, também, questões de reafirmação identitária.

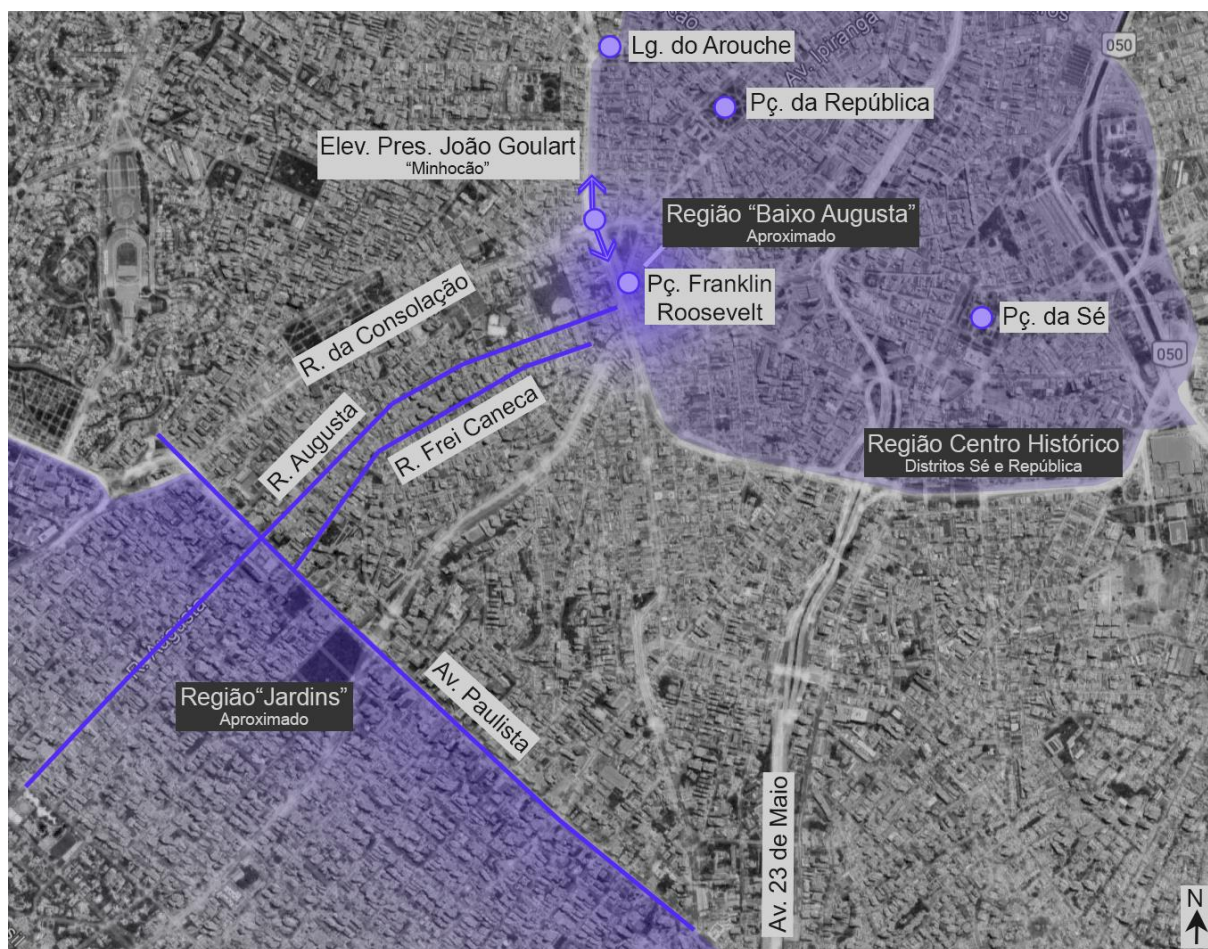
Nas décadas de 2000 e 2010, curiosamente, os frequentadores dos Jardins adquirem um interesse renovado pela região do Baixo Augusta e regiões adjacentes na zona central, como certa novidade para sociabilidade. Criou-se um turismo voltado para esses consumidores e incentivado por meio da ocupação de espaços já historicamente conhecidos por sua presença (especificamente estabelecimentos LGBTQIAP+ consagrados) e pela realização de eventos igualmente específicos que pretendem criar uma “identidade simbólica” atrelada a espacialidade da metrópole e a capacidade de consumo desses frequentadores; sendo um dos mais importantes, a Parada do Orgulho na avenida Paulista (Figura 15). Em meio a isso, a ascensão da *internet* facilitou a difusão da ocupação desses novos lugares e eventos a públicos distantes dessas regiões, que passaram a se identificar mais essas dinâmicas centrais do que com as de seu lugar de origem. Concomitantemente, o mercado voltado ao público não cisheteronormativo se expandiu proporcionalmente com a expansão de “categorias pautadas por estilos de vida” (FRANÇA, 2007, p. 233), que criam novos espaços de consumo segmentados às essas novas identidades fragmentadas, o que se deu e ainda se dá, em grande medida, pelas novas discussões impulsionadas pela popularização da *internet*. A exaltação das dinâmicas de sociabilidade nas áreas centrais também fez com que o público de áreas periféricas da escala municipal que tem acesso as tendências da vida noturna e sociabilidade das zonas central e oeste por meio da *internet*, passasse a se identificar mais com esse estilo de vida do que com as manifestações socioculturais associadas ao seu lugar de origem, rechaçando-as, mas sofrendo preconceito e segregação do público da vida noturna que admira, justamente por vir de uma área periférica, pois seu lugar de origem vem junto a um estereótipo cultural e econômico inferiorizado (FRANÇA, 2007)

Esse renovado interesse pelas áreas centrais mais próximas ao Centro Histórico, em parte, aconteceu pela saída da sociabilidade da região dos Jardins motivada pelo alto custo da terra, o qual impacta em alto custo dos serviços e comércios para se manterem na região. Ainda, conflitos entre esses estabelecimentos e os moradores dessa região também são foram dos motivos para sua saída, posto essa região ser predominantemente residencial para moradores/as de mais idade. Porém, esse retorno não significou serviços e comércios com valores de consumo mais baixos, pois mesmo que mudem de local, os estabelecimentos que ocupavam

os Jardins se mantiveram voltados ao público consumidor de maior poder aquisitivo. A busca por produtos voltados a consumidores de maior poder aquisitivo em locais já frequentados por consumidores de menor poder aquisitivo inicia um processo de gentrificação – essa mesma lógica se refere também aos novos empreendimentos imobiliários, grandes atores no corrente processo de gentrificação da rua Augusta e região envoltória (PUCCINELLI, 2016) e nas áreas envoltórias do elevado Presidente João Goulart, o Minhocão (Figura 15), esse último pautado na ideia de se transformar o viaduto em um parque linear (REPEP, 2019).

A apropriação do espaço vinculado ao consumo e à possibilidade de sociabilidade é uma realidade antiga das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo. O largo do Arouche (Figura 15) é um caso emblemático de ocupação LGBTQIAP+ recorrente, principalmente por frequentadores provenientes das áreas periféricas da escala municipal, de menor poder aquisitivo, negros e pardos – região denominada por eles como “Vieira”, referindo-se a avenida Vieira de Carvalho e seus bares, a nordeste do largo (PUCCINELLI; REIS, 2020). A persistência histórica desses frequentadores não hegemônicos ajudou a consolidar a região como lugar de resistência e pertencimento, sensações provindas justamente da capacidade dessa ocupação em criar um ambiente, em certa medida, seguro e acolhedor às identidades inferiorizadas. A ocupação existe não sem conflitos, por ser tanto uma área pública quanto uma área central, o que atrai diversos grupos sociais, por vezes antagônicos, e que pode gerar conflitos entre os frequentadores, como ataques LGBTQIAPfóbicos físicos e morais. É comum as Famílias realizarem seus encontros nessas áreas devido a facilidade de acesso e sua consolidação como ponto de referência na paisagem urbana, encontros facilitados pela organização de grupos pela *internet*, alcançando possíveis frequentadores de áreas cada vez mais distantes do Centro Histórico de São Paulo e que passam a integrar a resistência das identidades inferiorizadas no lugar, contribuindo para sua história e memória (PERILO, 2017).

Figura 15 – Mapeamento dos lugares e regiões recorrentemente apropriadas pelas identidades LGBTQIAP+ nas áreas centrais da cidade de São Paulo entre os séculos XX e XXI.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2022).

2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQIAP+ NO ESPAÇO E NO TEMPO

2.1 São Paulo e identidades LGBTQIAP+ – Décadas de 1950 a 2010

O capítulo a seguir descreve um panorama da relação entre as identidades LGBTQIAP+ e as apropriações do espaço da cidade de São Paulo ao longo dos séculos XX e XXI, concentrando-se no mapeamento dos seus lugares de sociabilidade (estabelecimentos comerciais, de entretenimento noturno e lugares públicos).

2.1.1 *Às Margens, início do século XX*

A transformação da cidade de São Paulo em polo industrial na década de 1930 estabeleceu o Centro Histórico (distritos da Sé e República) como foco de atividades econômicas da escala municipal, trazendo a essa região infraestruturas de transporte e equipamentos e fluxos de comerciais e de serviço vinculados com as necessidades de seus moradores, a grande maioria pertencente a grupos sociais de maior poder aquisitivo. Foi justamente a presença e influência desse grupo social que também atraiu a construção de equipamentos culturais e de áreas públicas na região, como o Teatro Municipal e o vale do Anhangabaú, respectivamente. A grande facilidade de acesso ao Centro Histórico e ampla presença de equipamentos variados incentivaram novas dinâmicas de sociabilidade entre diferentes grupos sociais, principalmente no vale do Anhangabaú (abaixo do viaduto do Chá, entre os distritos da Sé e República), que se tornou ponto de encontro de uma insurgente sociabilidade homossexual masculina, principalmente para encontros sexuais, possíveis nos cinemas e hotéis baratos do entorno. Essa mesma dinâmica se repetiu na praça da República e rua Barão de Itapetininga (distrito da República), assim como na praça da Luz e estação de trem da Luz (distrito do Bom Retiro) – essas duas últimas também contavam com banheiros públicos em que era possível encontros sexuais (Quadro 1, Figuras 16 e 17). (GREEN, 2000; SILVA, 1959)

É importante ressaltar que mesmo que a maioria desses frequentadores seja referido como “homossexual”, alguns também tinha expressões de gênero não cisheteronormativas.

Quadro 1 – Inventariação de lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ no início do século XX na cidade de São Paulo.

INÍCIO DO SÉCULO XX					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Estação da Luz	Déc. 1930	pç. da Luz, 1	Equipamento de transporte público	Bom Retiro	Central
pç. da Luz	Déc. 1930	N/A	Área pública	Bom Retiro	Central
pç. da República	Déc. 1930	N/A	Área pública	República	Central
Teatro Municipal	Déc. 1930	pç. Ramos de Azevedo, s.n.	Equipamento cultural	República	Central
vale do Anhangabaú	Déc. 1930	N/A	Área pública	República	Central
viaduto do Chá	Déc. 1930	N/A	Área pública	República	Central

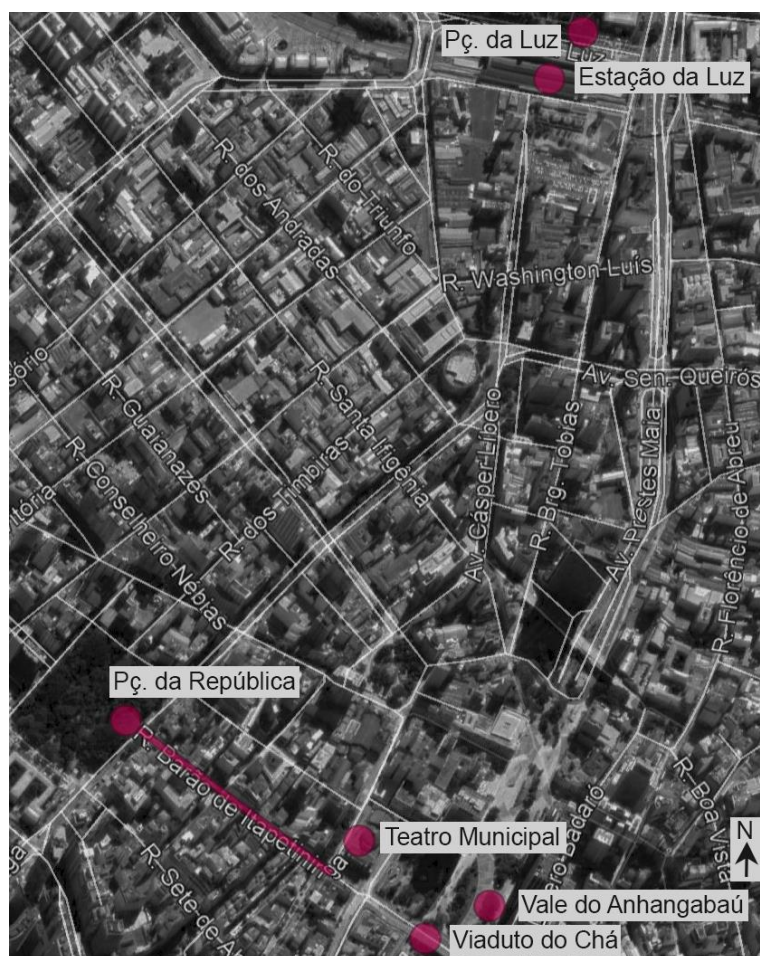
Fonte: Elaborado pela autora com base em Green, 2000.

Figura 16 – SARA Brasil, 1930. Mapeamento dos lugares públicos onde começou a se desenvolver a sociabilidade homossexual masculina na região do Centro Histórico, no início do século XX, com base no Quadro 1.



Fonte: Indicação da autora sobre mapa SARA Brasil de 1930. GeoSampa, sem escala (2021).

Figura 17 – Mapeamento dos lugares públicos onde começaram a se desenvolver a sociabilidade homossexual masculina na região do Centro Histórico, no início do século XX, com base no Quadro 1.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2020).

No início do século XX, portanto, começou a se consolidar a ainda presente sociabilidade homossexual na região do Centro Histórico (SILVA, 1959). As identidades não cisheteronormativas, principalmente homens que se relacionavam afetiva e sexualmente com outros homens e de grupos de menor poder aquisitivo, já eram “(...) considerados figuras folclóricas e ‘marginais’, quase sempre ligados a uma espécie de ‘submundo’, e, portanto, se aproximavam das prostitutas, cafetinas, gigolôs, michês, malandros e contraventores em geral” (STEFFEN, 2017, n.p.).

Nesse sentido, destaca-se também a consolidação dos pontos de serviço sexual na região. Entre 1940 e 1953, foi instituída pelo poder público uma “zona de meretrício” no distrito do Bom Retiro, conhecida como “U do Bom Retiro”, entre as ruas Cesare Lombroso, Aimorés e Ribeiro Lima, depois esses/as trabalhadores/as foram removidos da região da rua Santa Efigênia e avenida São João, então grandes pontos de comércio e serviços (CYMBALISTA, 2019; SILVA, 1959).

2.1.2 *Grand Prix*²¹, década de 1950

No final de década de 1950, a sociabilidade homossexual passou a se desenvolver pelas avenidas São Luís e Duque de Caxias (distrito da República) e nos cinemas de rua da região. Os poucos bares que atendiam esse público não eram direcionados a ele, como o Barbazul, Arpege, Cremeirie, Turist e Paribar (esse último, inaugurado em 1949 e ainda em funcionamento), todos no entorno da atual praça Dom José Gaspar (distrito da República). Fora desse perímetro, havia os bares Jeca e Bhrama, o café Mocambo, a casa de chá Vienense, o bar A Baiuca e o Nick Bar (esse último, na rua Major Diogo, concentrava público relacionado às artes cênicas). Um dos únicos pontos de sociabilidade lésbica, também não direcionado a elas, ficava na praça Júlio Mesquita (distrito da República). A maioria dos estabelecimentos exigia um código de vestimenta formal. (AKAMINE, s.d.; GREEN, 2000; SÃO PAULO..., 2013; PERLONGHER, 1987; SILVA, 1959)

Práticas de flerte se desenvolviam em meio aos passeios dos grupos interessados por ruas específicas, constituindo *circuitos* em que a abordagem acontecia sutilmente por meio de olhares e expressões faciais, signos para os “entendidos”; essa prática é conhecida como *footing*²². Houve dois circuitos: o *Grand Tour*²³ contemplava as ruas Barão de Itapetininga e 24 de Maio e o Teatro Municipal; enquanto o *Petit Tour*²⁴, o quarteirão da rua Sete de Abril entre as ruas Marconi e Dom José de Barros (Figura 18) (SÃO PAULO..., 2013). Os *rendez-vous*²⁵ mais íntimos aconteciam nos cinemas de rua das avenidas Ipiranga e São João (distrito da República), local apelidado de “Cinelândia paulistana” (GARCIA, 2017; GREEN, 2000) devido a sua ampla infraestrutura de salas com capacidade para milhares de assentos e distribuição em níveis, as quais possibilitavam maior privacidade aos usuários, como nos Cines Oásis, Barão, Art-Palácio, Marabá, Ipiranga Cairo, Pedro II, Santa Helena e Cinemundi (Quadro 2, Figuras 19 e 20) (SÃO PAULO..., 2013; SILVA, 1959). Tais encontros sexuais também aconteciam nos banheiros públicos desses cinemas, assim como em todos os banheiros de acesso público dos bares, estações de trem, pontos de ônibus e nos que existiam em lugares públicos da região, como as praças

²¹ Do francês, grande prêmio, em livre tradução.

²² Do inglês, a pé, em livre tradução.

²³ Do francês, grande circuito, em livre tradução.

²⁴ Do francês, pequeno circuito, em livre tradução.

²⁵ Do francês, encontro, em livre tradução.

da República, Ramos de Azevedo e os largos do Arouche e do Paissandu (SILVA, 1959).

Essas áreas públicas continuaram a ser muito importantes para a sociabilidade LGBTQIAP+ ao decorrer do século, assim como as praças da Sé, Clóvis Beviláqua, Doutor João Mendes (todas no distrito da Sé) e Ramos de Azevedo (distrito da República); nessa última, a ocupação estava relacionada com a loja Mappin Stores, a primeira loja de departamento do país (SILVA, 1959).

Como observou Silva (1959), no final da década de 1950, a maior concentração da sociabilidade LGBTQIAP+ formava um “T” no território da área central da cidade, justamente por ocorrer no cruzamento das avenidas Ipiranga e São João, entre os cinemas Oásis e Art-Palácio e indo até a avenida São Luís (Figuras 19 e 20).

Quadro 2 – Inventariação dos lugares sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1950. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento.

DÉCADA DE 1950					
LOCAL	PERÍODO	ENEDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Nick Bar	Déc. 1950	r. Major Sertório	Bar	Consolação	Central
A Baiuca	Déc. 1950	pç. Franklin Roosevelt	Bar	República	Central
av. São Luís	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
av. Duque de Caxias	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
Cine Art-Palácio (antigo Cine Ufa Palace)	Inaugurado em 1936	av. São João, 419	Cinema	República	Central
Cine Barão (Galeria Califórnia)	Inaugurado em 1955	r. Barão de Itapetininga, 255	Cinema	República	Central
Cine Cairo	Déc. 1940	r. Formosa, 401	Cinema	República	Central
Cine Ipiranga	Inaugurado em 1943	av. Ipiranga, 786	Cinema	República	Central
Cine Marabá	Inaugurado em 1944	av. Ipiranga, 757	Cinema	República	Central
Cine Oásis	Inaugurado em 1950	pç. Júlio Mesquita, 123	Cinema	República	Central
Cine Pedro II	Déc. 1950	r. dos Timbiras, 144	Cinema	República	Central
Jeca	Déc. 1950	av. São João x av. Ipiranga	Restaurante-bar	República	Central
Ig. do Arouche	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
Ig. do Paissandu	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
Mocambo	Déc. 1950	r. dos Timbiras	Café	República	Central
Paribar	Déc. 1950	r. Sete de Abril, 425	Bar	República	Central

pç. Dom José Gaspar	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
pç. Ramos de Azevedo	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
pç. da República	Déc. 1950	N/A	Área pública	República	Central
Cinemundi	Inaugurado em 1940	pç. da Sé, 47	Cinema	Sé	Central
pç. Clóvis Beviláqua	Déc. 1950	N/A	Área pública	Sé	Central
pç. Doutor João Mendes	Déc. 1950	N/A	Área pública	Sé	Central
pç. da Sé	Déc. 1950	N/A	Área Pública	Sé	Central
Santa Helena	Inaugurado em 1927	pç. da Sé, 259/260	Cinema	Sé	Central
Arpege	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Barbazul	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Bhrama	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Cremerie	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Mocambo	Déc. 1950	–	Café	–	Central
República	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Turist	Déc. 1950	–	Bar	–	Central
Vienense	Déc. 1950	–	Casa de chá	–	Central

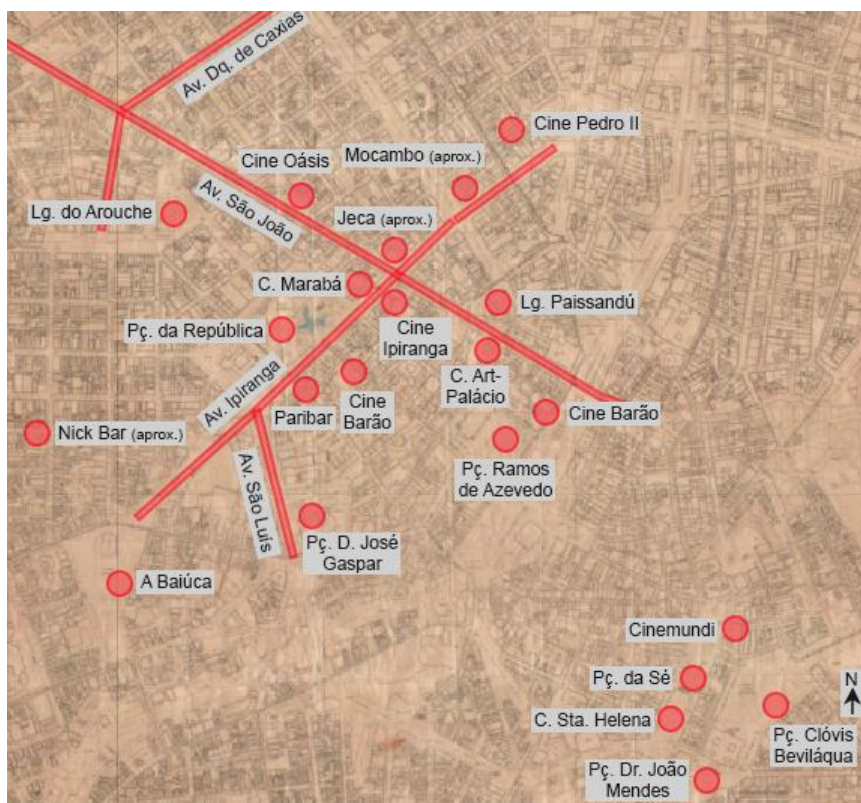
Fonte: Elaborado pela autora com base em Akamine, s.d.; Green, 2000; Steffen 2017; São Paulo..., 2013, Silva, 1959; Perlongher, 1987.

Figura 18 – Perímetros aproximados das áreas do *Grand Tour* e do *Petit Tour*.



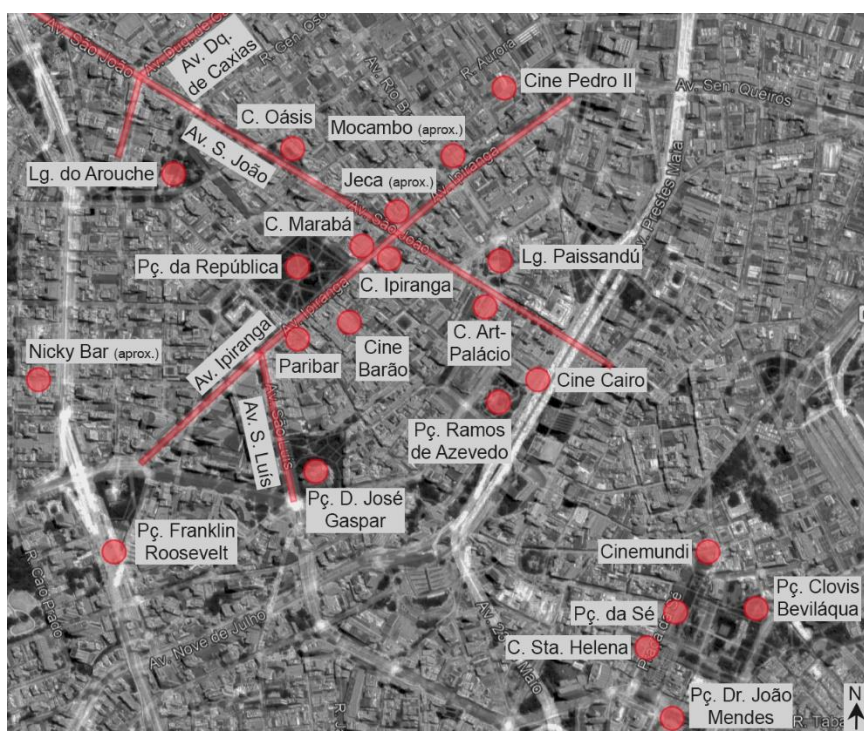
Fonte: indicação da autora sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2020).

Figura 19 – VASP Cruzeiro, 1954. Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ na década de 1950, com base no Quadro 2.



Fonte: Indicação da autora sobre mapa VASP Cruzeiro de 1954. GeoSampa, sem escala (2021).

Figura 20 – Mapeamento das áreas de sociabilidade LGBTQIAP+ na década de 1950, com base no Quadro 2.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

A praça da República era ponto de referência de serviço sexual, realizado por trabalhadora/es de grupos sociais de menor poder aquisitivo desde o início da década, devido sua proximidade com as avenidas São João e Ipiranga e o largo do Paissandu. (GREEN, 2000; REPEP, 2019)

O final da década de 1950 e início da de 1960 tiveram grande influência cultural francesa, refletida nas apresentações das artistas performistas, inspiradas nos *shows* de cabaré e burlescos e suas dançarinas, mas com homens usando figurinos e adereços tipicamente associados às expressões femininas (por vezes, essas artistas também eram travestis e transexuais). Foram as precursoras das *drag queens*, artistas que surgiram nas próximas décadas sob influência estadunidense. A denominação performista se refere às diferentes capacidades de entretenimento das apresentações e das próprias artistas, que incluíam figurinos elaborados, dança, canto, comédia e interação com o público. (SÃO PAULO..., 2013)

2.1.3 Contracultura, década de 1960

A Galeria Metrópole, inaugurada em 1960 na avenida São Luís (ainda em funcionamento, no distrito da República), rapidamente se tornou outro importante ponto de sociabilidade homossexual, escolhida por esse público desde antes da inauguração. Estava próxima dos percursos e dos estabelecimentos já frequentados por esse público, agregando interesse pelo perfil refinado dos comércios no piso térreo e a permeabilidade convidativa que a integra a rua, apresentando uma “reparação das discontinuidades espaciais presentes em seu entorno urbano, e um caráter inovador ao estabelecer relações que o edifício possui com o mesmo (...)” (AKAMINE, s.d., n.p.). Um dos lugares mais frequentados da Galeria era o bar Barroquinho, localizado no térreo e que atraía todo tipo de público; assim como o bar Leco, na esquina (PERLONGHER, 1987). As mesmas estratégias de flerte do *footing* aconteciam pelas escadas rolantes da Galeria e era possível utilizar os banheiros para encontros sexuais²⁶. Esses espaços foram (e ainda são) fundamentais pra o exercício da sociabilidade, pois possibilitavam atividades que não seriam possíveis nas residências dos interessados ou em hotéis (esse último, devido ao preço elevado e possibilidade

²⁶ Os banheiros de acesso público em estabelecimentos comerciais ainda servem de ponto focal para as práticas sexuais e de sociabilidade homossexual masculina, como no caso do shopping Frei Caneca, na rua homônima (distrito da Bela Vista), sendo um dos motivos da predileção desse espaço fechado ao meio público para a sociabilidade (PUCCINELLI, 2011).

de entrada barrada) (SÃO PAULO..., 2013). Outros lugares foram os bares Ricky's na rua Marconni, Intend's na rua Augusta e os Cines Windsor e Metr pole; esse último, dentro da Galeria Metr pole (SÃO PAULO..., 2013). (Quadro 3, Figura 21)

Nessa época, a região do Centro Histórico era um ambiente acolhedor às sociabilidades variadas por ser repleto de equipamentos e eventos culturais e amplamente frequentado por diversos grupos de intelectuais e artistas, principalmente   noite, conferindo segurança e reconhecimento para além da escala municipal (SÃO PAULO..., 2013). Mas não sem certa segrega o de públicos, pois a Galeria Metr pole já era considerada um reduto homossexual, o que facilitava a oes de violência policial justamente pela grande quantidade de um público específico em um ambiente reconhecido por sua recorrente presença (PERLONGHER, 1987), principalmente contra as travestis, já muitas vezes proibidas de frequentar certos estabelecimentos.

A sociabilidade homossexual nas áreas centrais da escala municipal sempre coexistiu com o meretrício das prostitutas, travestis prostitutas e michês, grupos sociais amplamente inferiorizados. Durante a década de 1960, os michês ocupavam a avenida São João desde o cinema Itapira, ao lado do bar Jeca, até o Cine Lira. Mesmo que a sociabilidade LGBTQAIAP+ e o meretrício não fossem necessariamente codependentes, as práticas sexuais e de flerte se intersectam diversas vezes: "Estavam contíguos, mas não se misturavam" (relato an nimo *in*: PERLONGHER, 1987) (Quadro 3, Figura 21). As saunas, mais comumente direcionadas ao público homossexual masculino, começaram como pontos de encontro e se desenvolveram como lugares de atividades sexuais ao longo da década, até se tornaram conhecidos pontos de atendimento dos michês (SÃO PAULO..., 2013). Esses lugares ainda permanecem cercados de uma atmosfera de segredo acerca de suas atividades e mesmo de sua existência, diferentes dos cinemas, e podem ser encontradas em diversos países.

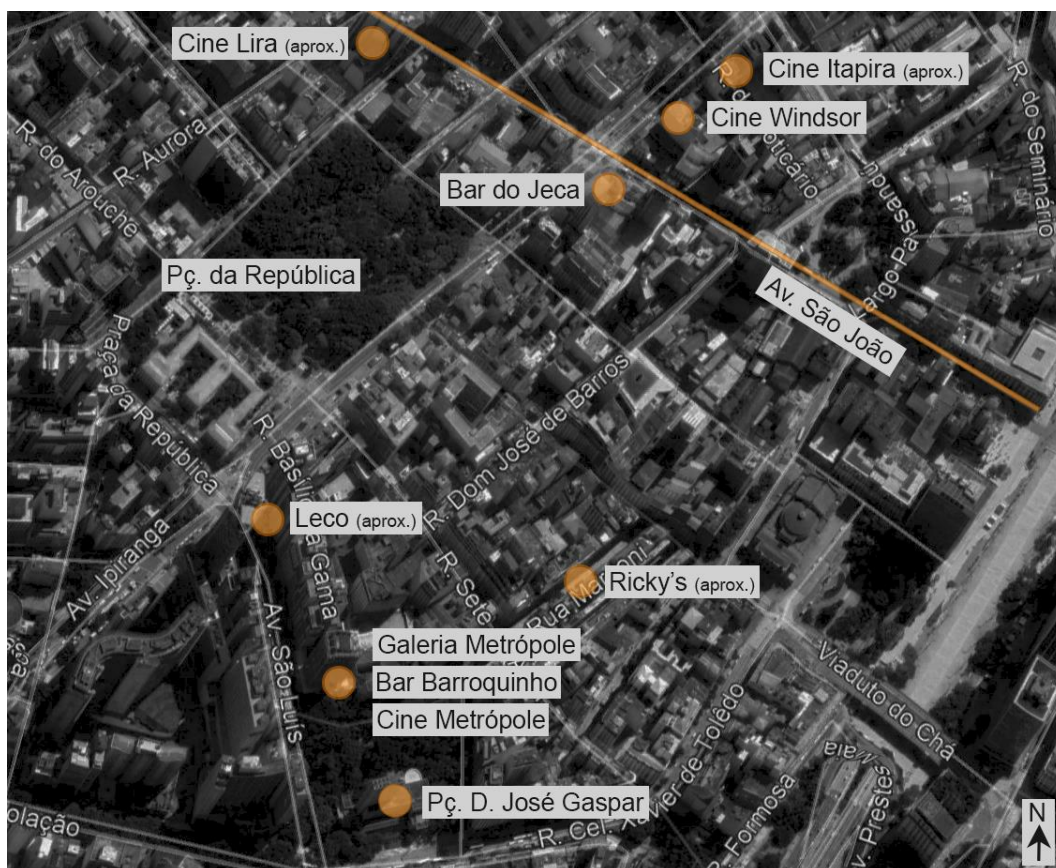
Com o golpe militar de 1964, a Galeria Metr pole foi fechada e alguns de seus frequentadores presos, o que desencadeou um vertiginoso abandono do lugar e da área envoltória nas décadas seguintes, até a revitaliza o da praça Dom José Gaspar, em frente a Galeria, em 1981 (AKAMINE, s.d.).

Quadro 3 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1960.

DÉCADA DE 1960					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Intend's	Déc. 1960	r. Augusta	Bar	Consolação	Central
Bar Barroquinho	Déc. 1960	av. São Luís, 187	Bar	República	Central
Cine Itapira	Déc. 1960	av. São João	Cinema	República	Central
Cine Lira	Déc. 1960	av. São João	Cinema	República	Central
Cine Metrôpole	Inaugurado em 1964	av. São Luís, 187	Cinema	República	Central
Cine Windsor	Inaugurado em 1961	av. Ipiranga, 97	Cinema	República	Central
Galeria Metrôpole	Inaugurado em 1960	av. São Luís, 187	Centro comercial	República	Central
Leco	Déc. 1960	esquina da Galeria Metrôpole	Bar	República	Central
pç. Dom José Gaspar	Déc. 1960	N/A	Área pública	República	Central
Ricky's	Déc. 1960	r. Marconni	Bar	República	Central

Fonte: Elaborado pela autora com base em Akamine, s.d.; Perlongher, 1987; São Paulo..., 2013.

Figura 21 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1960, com base no Quadro 3.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

2.1.4 *Amor Livre, década de 1970*

Na década de 1970, surgiram e se popularizaram as boates, ambientes fechados que promovem diversos tipos de entretenimento e consumo variado e que se tornaram um dos programas de entretenimento noturno mais utilizados na cidade; ainda em amplo uso. Instalaram-se predominantemente para além da região do Centro Histórico, seguindo o Setor Sudoeste de movimentação dos grupos de maior poder aquisitivo – como visto na seção 1.2.3 –, principalmente nas ruas Augusta e da Consolação (distrito da Consolação). Na rua Augusta, as boates Sallon e Hi-Fi foram as primeiras e se tornaram conhecidos ponto de sociabilidade, com dinâmicas parecidas com as dos bares, mas mais resguardadas. No Centro Histórico, uma das primeiras foi a Nighting, localizada na ladeira da Memória (distrito da República) (Quadro 4, Figura 22). (SÃO PAULO..., 2013; STEFFEN, 2017; PERLONGHER, 1987)

Em 1971, os empresários Fernando Simões e Elisa Mascáro encerraram as atividades do restaurante/boate K-7, na esquina da rua Bela Cintra com a alameda Santos (distrito do Jardim Paulista), e mudaram-se para a rua Augusta, próximo à esquina com a avenida Paulista (lado do distrito da Consolação) para inaugurar o Medieval, estabelecimento de alto padrão que se tornou um dos mais importantes na vida noturna da cidade nas décadas de 1970 e 1980. Conhecido como um *dancing gay*, ou boate direcionada ao público LGBTQIAP+, suas artistas transformistas, que seguiam a tradição das performistas, ficaram conhecidas como As Divas do Medieval e suas festas temáticas geravam desfiles grandiosos e elaborados que desciam a rua desde a avenida Paulista. Foi um importante ponto não apenas de sociabilidade, mas também de trabalho devidamente registrado para artistas transformistas, muitas delas, travestis e transexuais. (SÃO PAULO..., 2013)

No mesmo ano, Condessa Mônica inaugura a boate Nostro Mondo na rua da Consolação, próxima à esquina com a avenida Paulista (lado do distrito da Consolação), outro dos mais importantes estabelecimentos do tipo e o mais longo da cidade, tendo encerrado atividades em 2014. Mesmo que de menor padrão que o anterior, seus *shows* e artistas transformistas eram reconhecidos/as pela vivacidade das apresentações e interação com o público. Partilhava com o Medieval algumas das artistas, mas também contava com matinês, programações de período vespertino voltadas ao público menor de idade. Assim como a própria Condessa, também foi um importante ponto para o trabalho de travestis e transexuais. (SÃO PAULO..., 2013)

A prática de flerte a pé foi substituída pela de carro, no *circuito* apelidado Autorama, entre a Galeria Metr pole e o Teatro Municipal, que se desfez quando da implementa o de uma passagem exclusiva para pedestres na frente da Galeria (Quadro 4, Figura 22). Após a dispersão dos frequentadores (prática comum do regime militar ditatorial) da área da Galeria, estes passaram a ocupar a rua Nestor Pestana e, após nova dispersão desse local, passaram a ocupar o largo do Arouche, se estendendo à rua Vieira de Carvalho no final d  década. (PERLONGHER, 1987)

Novos bares e boates passam a fazer parte da sociabilidade LGBTQIAP+, como o Gay Club na esquina das ruas Santo Antônio com Treze de Maio (distrito da Bela Vista (onde foi apresentada a primeira peça de teatro com temática homossexual na cidade), o Man’s Country na rua Santa Isabel (próximo à rua Rego Freitas, distrito da República), o Batuk Bar na rua Doutor Federico Steidel (próximo ao largo do Arouche, entre os distritos de Santa Cecília e República), o Roleta na rua Rego Freitas distrito da República) e o Pica-Pau no largo do Arouche. Outros lugares foram o Cowboy, 266 West Bar e o Cine Bistrol, assim como o Caneca de Prata na rua Vieira de Carvalho, ainda em funcionamento, mas não direcionado a esse público. O Val Improvise na rua Doutor Federico Steidel (distrito de Santa Cecília), próximo ao elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, foi outro grande marco do entretenimento noturno da cidade, sendo o primeiro estabelecimento do tipo “inferninho”²⁷. Frequentado por trabalhadores de outros estabelecimentos depois do fim de seu expediente noturno, foi um dos estabelecimentos administrados por Andrea de Mayo, empresária e travesti que também trabalhou no auxílio aos doentes durante a epidemia do HIV/AIDS (CYMBALISTA, 2017, 2019). Poucos lugares eram destinados às lésbicas, como o Dinossaurus. A boate Homo Sapiens, ou HS, inaugurada em 1978 na rua Marquês de Itu (distrito da República), foi um dos pontos mais frequentados desse período, atingindo notoriedade internacional pela qualidade e extravagância dos *shows* das *drag queens*, as quais se seguiram às artistas transformistas. Mesmo a calçada da entrada já era um evento, em que não era necessário entrar no estabelecimento para participar de uma sociabilidade que se estendia por toda a rua e que atraia grande quantidade de público de fora da cidade e do país (Quadro 4, Figura 22) (SÃO PAULO..., 2013; STEFFEN, 2017). Quando das “opera es de limpeza social” durante o regime militar ditatorial, que serão detalhadas

²⁷ Estabelecimentos de entretenimento noturno de baixo custo e qualidade.

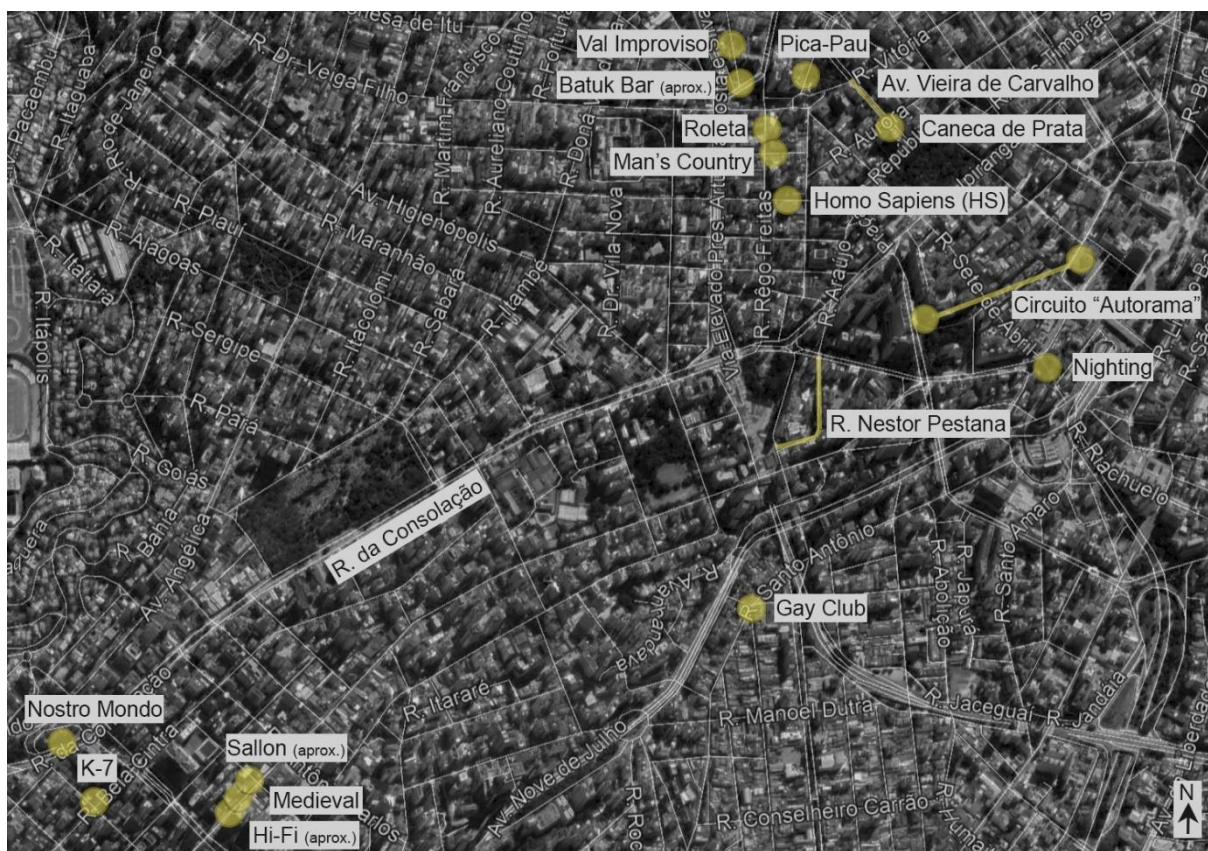
na seção 1.1.3.4, foi comum a prisão arbitrária dos frequentadores da calçada da HS e dos que saíam dela ao final da noite, mas nunca dos que estavam dentro do estabelecimento: “Ele [o delegado responsável pelas “operações”, Wilson Richetti] trancava todas as putas, travestis e homossexuais, aliás, que ele chamava de viados. O camburão já ficava de ré na porta da HS pra pegar todo mundo e levar” (*sic*) (José Victor *in*: SÃO PAULO..., 2013).

Quadro 4 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1970. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento.

DÉCADA DE 1970					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Gay Club	Déc. 1970	r. St. Antônio x R. Treze de Maio	Teatro-boate	Bela Vista	Central
Boate Hi-Fi	Déc. 1970	r. Augusta	Boate	Consolação	Central
Medieval	1971-1984	r. Augusta, 1600 (aproximado)	Boate	Consolação	Central
Nostro Mondo	1971-2014	r. da Consolação, 2554/2556	Boate	Consolação	Central
Sallon	Déc. 1970	r. Augusta	Boate	Consolação	Central
266 West Bar	Déc. 1990	r. Marquês de Itu	Boate	Consolação	Central
Caneca de Prata	Déc. 1970-atual	av. Vieira de Carvalho, 63	Bar	República	Central
Homo Sapiens (HS)	1978	r. Marquês de Itu, 182	Boate	República	Central
largo do Arouche	Déc. 1970	N/A	Área pública	República	Central
Man's Country	Déc. 1970	r. St. ^a Isabel, 91	Boate	República	Central
Nighting	Déc. 1970	ladeira da Memória	Boate	República	Central
Pica-Pau (post. sauna Club Champion)	Metade déc. 1970	lg. do Arouche, 336	Teatro-boate	República	Central
Roleta (post. Planet G e The Sensation)	Metade déc. 1970	r. Rego Freitas, 56	Boate	República	Central
Batuk Bar	Déc. 1970	r. Frederico Steidel x Lg. do Arouche (aproximado)	Bar	Santa Cecília	Central
Val Improviso	Déc. 1970	r. Frederico Steidel, 127	Bar	Santa Cecília	Central
Cinema Bristol	Déc. 1970	–	Cinema	–	Central
Cowboy	Metade déc. 1970	–	Boate	–	Central
Dinossaurus	Déc. 1970	–	Bar	–	Central
K-7	Déc. 1970	r. Bela Cintra, esq. Al. Santos	Boate	Jardim Paulista	Oeste

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cymbalista, 2019; Perlongher, 1987; São Paulo..., 2013; Steffen, 2017.

Figura 22 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1970, com base no Quadro 4.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2020).

2.1.5 Memórias Difíceis, década de 1980

Essas “operações de limpeza social” tiveram severo impacto na memória coletiva da presença LGBTQIAP+ nas áreas centrais da cidade, pois trataram-se da perseguição e expulsão desses grupos sociais inferiorizados de seus principais lugares de sociabilidade e trabalho, deslocando-os diversas vezes pelo meio urbano, deixando-os em recorrente estado de instabilidade, em meio a uma série de violências morais e físicas, marcando-os como lugares de *memória difícil*:

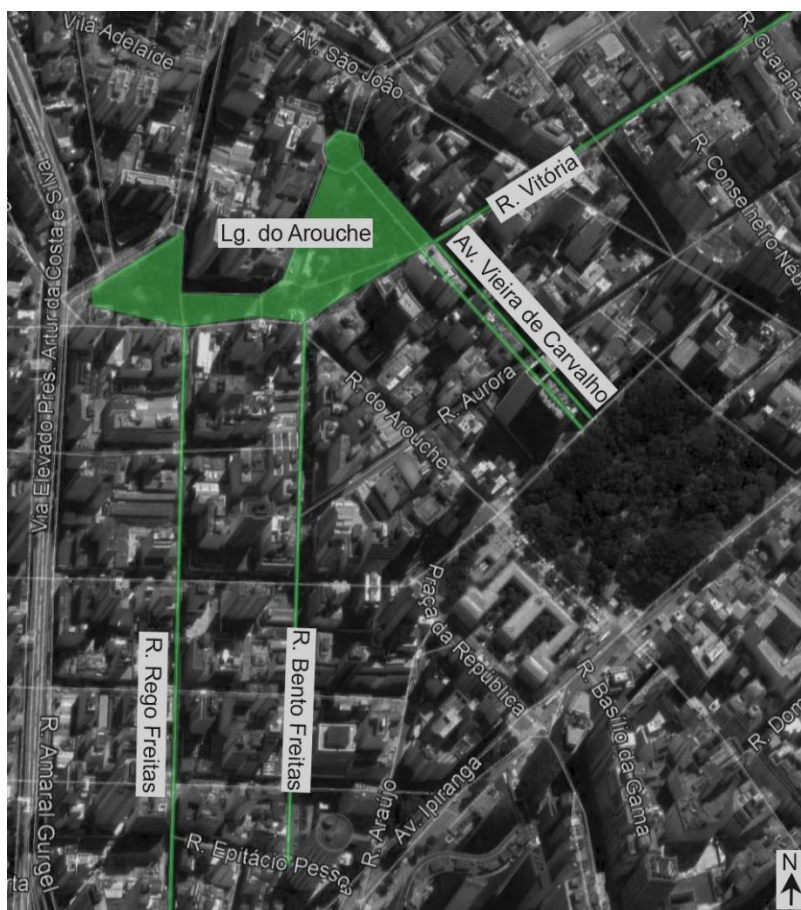
Nós tínhamos que ter um comportamento diferente. Nós não podíamos sair de peruca na cabeça, a gente tinha que carregar na mão pra não ser presa. Tinha um delegado que se visse, pegava no meio da rua, ia presa e ficava um, dois, três dias presa. (sic) (Miss Biá *in*: SÃO PAULO..., 2013).

Esses episódios de perseguição na cidade de São Paulo foram apresentados na seção 1.1.3.4 e também ocorreram na Argentina e nos Estados Unidos, como visto nas seções 1.1.2 e 1.1.2.1, respectivamente.

O largo do Arouche (distrito da República) foi um dos mais importantes pontos de sociabilidade da área central na virada da década, atraindo diversos grupos sociais, principalmente na parte mais próxima à avenida Vieira de Carvalho e rua Bento Freitas (sentido sudoeste do largo) devido à grande quantidade de bares e amplo espaço público. A movimentação atraiu o meretrício, principalmente ao longo das ruas Rego Freitas e Vitória (sentidos sudoeste e nordeste, respectivamente) (Figura 23) (PERLONGHER, 1987). Essas novas sociabilidades e pontos de trabalho LGBTQIAP+ atraíram as ações “operações de limpeza social” para a região, as quais tiveram amplo apoio dos moradores e comerciantes da região:

O Largo do Arouche é, então, um ponto particularmente sensível do centro da cidade, na medida em que está – como a Praça Roosevelt – circundado de prédios residenciais da classe média, com alguns restaurantes de luxo. Dessa vizinhança provirá, em boa medida, o apoio social com que contou a operação policial de ‘limpeza’ da área, conhecida como “Operação Richetti”. (PERLONGHER, 1987, p. 91)

Figura 23 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade e trabalho LGBTQIAP+ ao redor e no largo do Arouche na década de 1980.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea em Google Earth, sem escala (2020).

A sentido noroeste do largo, a região da Boca do Lixo, ou Quadrilátero do Pecado, delimitada pelas avenidas São João e Duque de Caxias e ruas dos Timbiras e dos Protestantes (distrito da República) foi outro importante ponto de sociabilidade LGBTQIAP+ e meretrício desde a década de 1950 (Figura 24). Após a dispersão do meretrício da região do distrito do Bom Retiro pelo poder público (“U do Bom Retiro”), a atividade migrou para a Boca do Lixo devido a facilidade de acesso pela estação de trem da Luz e grande quantidade de hotéis e moradias de baixo custo no entorno. A região também foi importante polo de produção cinematográfica entre a década de 1920 até o início do declínio das atividades na década de 1990, após a drástica diminuição de verba governamental direcionada à produção cultural na gestão federal do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992). A Boca do Lixo estendia-se aos estabelecimentos do tipo “inferninho” na rua Aurora e aos cinemas da avenida Rio Branco. Sua deterioração a tornou, por um período de tempo, parte da região móvel conhecida como Cracolândia, que se refere às diferentes ocupações de espaço, geralmente nas áreas centrais, de grupos sociais vulneráveis e em situação de rua, em grande medida, consumidores de entorpecentes altamente viciantes. (BARROS; LOPES, 2004)

No sentido sudoeste do largo, se situava a região da Boca do Luxo, menos delimitada que a anterior, mas que compreende a avenida Vieira de Carvalho e rua Amaral Gurgel, no sentido da rua da Consolação (distrito homônimo). Sua designação se deu justamente pelas diferenças de público e de valores de consumo dos estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno em relação à Boca da Lixo (PERLONGHER, 1987).

Logo, o largo do Arouche separava as regiões da Boca do Lixo e Boca do Luxo, delimitando uma diferença de capacidade de consumo do público em que a primeira atrai grupos de menor poder aquisitivo e a segunda, de maior poder aquisitivo. Os estabelecimentos da avenida Vieira de Carvalho acabavam funcionando como uma espécie de “barreira” à continuação da Boca do Lixo em direção à rua da Consolação, evidenciando uma proposital diferenciação de público entre a zona central e a oeste – “Lixo” e “Luxo”, respectivamente (Figura 24) (PERLONGHER, 1987).

Figura 24 – Perímetro aproximado da região da Boca do Lixo e direção aproximada da região da Boca do Luxo.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2020).

A repressão policial recorrente durante o regime militar ditatorial, forçou a saída da maior parte da sociabilidade do largo do Arouche, que se mudou para a rua Marquês de Itu, entre as ruas Bento Freitas e Rego Freiras (sentido sul do largo), reduzindo a ocupação do espaço público às calçadas na frente dos estabelecimentos e, conseqüentemente, facilitando a apreensão dos transeuntes nesses espaços reduzidos; assim como no caso da boate HS, na rua Marquês de Itu, como mencionado anteriormente (Figura 23). (COMISSÃO..., 2015; PERLONGHER, 1987).

Em resposta as “operações de limpeza social” de Richetti e à violência policial, houveram dois cruciais atos públicos de repúdio que ajudaram a consolidar a luta das identidades LGBTQIAP+ pela garantia de seus direitos civis e visibilidade nas dinâmicas sociais, ambos apresentados a seguir e melhor descritos na seção 1.1.3.4.

Em 13²⁸ de junho de 1980, foi realizado um ato de repúdio nas escadarias do Teatro Municipal organizada por movimentos organizados homossexuais, negros, feministas e estudantes trotskistas em prol da segurança e liberdade de trânsito das

²⁸ Como mencionado anteriormente, algumas fontes apontam a data como sendo dia 14.

identidades LGBTQIAP+ e das prostitutas nas ruas da região do Centro Histórico, a qual se tornou uma passeata que percorreu a avenida São João, e culminou no largo do Arouche. A passeata contou com apoio dessas trabalhadoras sexuais desde dentro de seus lugares de trabalho e moradia (principalmente na avenida São João), e com a desaprovação de outros moradores e comerciantes da região, incluindo donos dos mesmo bares que o público da passeata frequentava. O evento é considerado um dos primeiros atos públicos de reivindicação dos direitos LGBTQIAP+ no Brasil. (COMISSÃO..., 2015; PERLONGHER, 1987; SÃO PAULO..., 2013)

Em 19 de agosto de 1983, as lésbicas frequentadoras do Ferro's Bar na rua Martinho Prado (distrito da Consolação), organizaram um ato de repúdio à tentativa de sua expulsão do estabelecimento pela administração semanas antes, devido a comercialização do periódico alternativo lésbico-feminista Chanacomchana. Tendo participação de representantes de vários grupos sociais, incluindo políticos/as e imprensa, o evento ficou conhecido como “o pequeno Stonewall²⁹ brasileiro” ou “o Levante do Ferro's Bar”. Além de reivindicação por um dos seus pontos de sociabilidade mais importantes, também foi uma resposta à apreensão de lésbicas nesse em outros bares da região, por meio da “operação sapatão” organizada também pelo delegado Richetti alguns anos antes e que prendeu várias das frequentadoras devido sua orientação sexual e expressão de gênero. Em 2008, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) oficializou a data como Dia do Orgulho Lésbico no estado. (COMISSÃO..., 2015; MARTINHO, 2019; PERLONGHER, 1987)

Em meados dessa década, o uso dos cinemas de rua entrou em decadência com a popularização dos *shopping centers* e os poucos remanescentes se voltaram ao entretenimento adulto (GARCIA, 2017). Esse direcionamento ocorreu, pois o maior, e as vezes único, público consumidor passou a ser Homens que fazem Sexo com Homens (HSH), para encontros sexuais (SÃO PAULO..., 2013). Referindo-se à essa atividade, o quarteirão do colégio Dante Alighieri (rua Peixoto Gomide e alamedas Itu, Jaú e Casa Branca, distrito do Jardim Paulista) foi importante ponto para encontros sexuais masculinos a partir da década de 1980, mas perdeu relevância em meio a inicial retração da prática quando da epidemia do HIV/AIDS e com a abertura de estabelecimentos voltados a esse público nas adjacências do colégio. A partir da década de 1990, o local se tornou conhecido ponto dos michês (CYMBALISTA, 2019).

²⁹ Referindo-se a Revolta de Stonewall de 1969 nos Estados Unidos, detalhada na seção 1.1.2.1.

No final da década de 1980, surgiram estabelecimentos voltados às identidades LGBTQIAP+ nas regiões dos Jardins (distritos de Jardim Paulista e Pinheiros), avenida Nove de Julho (distritos da República, Bela Vista, Jardim Paulista, Pinheiros e Itaim Bibi) e no distrito do Butantã voltados a públicos de maior poder aquisitivo morador dessas regiões, evidenciando novamente a segregação de públicos em relação a região do Centro Histórico e seu público de menor poder aquisitivo:

A partir dos anos 1980, uma relativa abertura da sociedade para a diversidade sexual permitiu o surgimento de uma sociabilidade gay masculina mais aberta e de classe média, que territorializou-se como uma cena gay no bairro dos Jardins, região nobre de São Paulo. (CYMBALISTA, 2019, p. 33).

Surge também uma diferenciação baseada em expressão e identidade de gênero e orientação sexual e romântica, em que esses novos estabelecimentos de entretenimento noturno começam a diferenciar atividades e serviços de acordo com a identidade de seus frequentadores: os lugares voltados às lésbicas geralmente funcionavam com música ao vivo e serviços, em geral, mais parecidos aos dos bares, enquanto aqueles voltados ao público *gay*, funcionavam com músicas eletrônicas e serviços, em geral, mais parecidos com as boates (SÃO PAULO..., 2013) – diferenciação que, em grande medida, ainda acontece.

Um dos primeiros estabelecimentos a se instalar mais distante do Centro Histórico foi a boate OFF de Celso Curi³⁰, entre 1979 e 1986, na rua Romilda Margarita Gabriel, próxima a avenida Nove de Julho, distrito de Itaim Bibi, zona sul, e que se transformou em espaço teatral (SÃO PAULO..., 2013). A conexão das identidades LGBTQIAP+ de grupos de maior poder aquisitivo com a produção cultural, principalmente as artes cênicas, remonta desde a década de 1950 (como no caso do Nick Bar, visto anteriormente), o que reforça a persistência de uma divisão não apenas econômica, mas também cultural e intelectual dentro desse grupo social (PERLONGHER, 1987). Outro estabelecimento que se consolidou longe do Centro Histórico foi a Corinto, também de Elisa Mascáro, inaugurada em 1985 na avenida dos Imarés, distrito de Moema, também zona sul. Seguiu o mesmo funcionamento do Medieval, contando com as mesmas artistas, *shows* que ficavam meses em cartaz e noites temáticas que enchiam as calçadas. Elisa manteve os contratos trabalhistas com as artistas travestis e transexuais – parte delas já trabalhava na indústria da moda

³⁰ Jornalista que foi processado Estado brasileiro pela publicação da primeira coluna jornalística direcionada ao público LGBTQIAP+ no país, a Coluna do Meio, como detalhado na seção 1.1.3.4.

e em regiões de comércio têxtil, como em lugares do distrito do Brás, zona leste (SÃO PAULO..., 2013). Ambos estabelecimentos estariam dentro do Setor Sudoeste (Quadro 5, Figura 25).

Ao longo da década, estabelecimentos voltados às identidades LGBTQIAP+ ou que eram amigáveis a sua presença, principalmente as boates, se popularizaram por toda a cidade, com infraestruturas maiores e serviços mais variados. O Village Station Cabaret na rua Rui Barbosa (distrito da Bela Vista, região extraoficial do Bixiga) também ficou conhecido pelo alto padrão e por inaugurar o primeiro *dark room*³¹ no país. O Colorido na avenida Brigadeiro Luís Antônio (distrito do Itaim Bibi), contava com apresentações de conhecidos/as/es artistas da cena LGBTQIAP+, como a artista transexual Cláudia Wonder. A Nation Disco Club na rua Augusta (distrito do Jardim Paulista), que funcionou de 1988 à 1992 no subsolo da Galeria América, iniciou um tipo de serviço voltado a insurgente cultura *clubber* – cultura cosmopolita ligada à música eletrônica, moda alternativa e entretenimento noturno. Outros estabelecimentos do tipo foram o Mistura Fina na rua Major Sertório (distrito da Consolação, próximo ao da República), o Malícia, na rua da Consolação, o Ritz na alameda Franca (distrito do Jardim Paulista) – bar e restaurante em funcionamento desde 1981 e com algumas franquias em outros distritos da zona oeste –, e o bar Jeca, frequentado no distrito da República desde a década de 1950 (Quadro 5, Figura 25). (SÃO PAULO..., 2013; STEFFEN, 2017)

Surgiram também mais estabelecimentos voltados às lésbicas e geralmente administrados por elas. O Shock House na rua Rui Barbosa (distrito da Bela Vista), tinha atividades e serviços voltados tanto para elas quanto para o público *gay* divididos em diferentes andares, mas proibia a entrada de travestis. O Feitiço's no distrito de Moema e Bug House no Baixo Augusta, consolidou a prática de música ao vivo em estabelecimentos direcionados às lésbicas, contando com um público mais jovem e com serviço de “correio elegante”. O Moustache's Bar, atrás do cemitério da Consolação (distrito homônimo), recebia frequentadoras que se expressavam tanto dentro das características femininas clássicas, como também com vestuário tipicamente masculino (Quadro 5, Figura 25). (SÃO PAULO..., 2013; STEFFEN, 2017)

Saindo dessas áreas já consolidadas, foi inaugurada em 1988, e tendo funcionado até 2004, a boate Overnight na rua Juvenal Parada, distrito da Mooca,

³¹ Do inglês, sala escura, em livre tradução, são salas restritas dentro das boates onde é possível encontros mais íntimos ou sexuais, podendo estar ter exibição de filmes pornográficos.

uma das primeiras na zona leste. A Broadway foi inaugurada no mesmo período na avenida Marquês de São Vicente, distrito da Barra Funda, e foi uma das primeiras a se instalar na região, e que, ainda em funcionamento, é reconhecida como uma das maiores boates da América do Sul, tendo à época, competido com a Corinto. (Quadro 5, Figura 25) (SÃO PAULO..., 2013; STEFFEN, 2017)

Um dos maiores ícones da contracultura cosmopolita paulistana foi o Madame Satã, estabelecimento de entretenimento noturno na rua Conselheiro Ramalho (distrito da Bela Vista). Fundado por um grupo de atrizes e atores amadoras/es, em outubro de 1983 como Restaurante Cultural Madame Satã, rapidamente se tornou ponto de referência de produção e divulgação cultural e artística, com *shows* de bandas de *rock* nacional, como a Jardim das Delícias, liderada por Cláudia Wonder. Também contava com espaços para exposições de artistas plásticos, entre outras atividades do tipo. A administração original encerrou atividades em 1992 e o local reabriu sob novo nome entre 1993 até 1999, quando fechou novamente e reabriu mais uma vez sob o nome Madame, ainda em funcionamento (ENCICLOPÉDIA ITAÚ..., 2017; STEFFEN, 2017). Sua influência foi notável:

O Madame Satã é um fenômeno dos primeiros anos após o fim da ditadura militar no Brasil, período em que ocorre uma atmosfera de liberdade de manifestação aliada a resquícios da contracultura e do movimento *hippie* das décadas de 1960 e 1970 e às influências dos movimentos *punk* inglês e *new wave* americano. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ..., 2017, n.p.)

Mas “(...) a década acaba muito triste. Algo que começou de uma maneira muito feliz, alegre, forte, termina triste. (*sic*)” (Franco Reinaudo *in*: SÃO PAULO..., 2013). No final da década, a epidemia do HIV/AIDS impactou LGBTQIAPs+, principalmente Homens que fazem Sexo com Homens (HSH), travestis e transexuais, recrudescendo velhos estigmas que retrocederam os avanços sociais das décadas anteriores:

Se não tivesse havido a AIDS, toda essa coisa que a gente está vivendo agora [início da década de 2010] de aceitação, de direitos, já tinha acontecido lá atrás, porque a AIDS foi um retrocesso (...), porque de repente havia uma doença que só os *gays* tinham e que só os *gays* transmitiam. Então, de repente, ser *gay* deixou de ser divertido, deixou de ser transgressivo, deixou de ser moda, deixou de ser charmoso pra ser perigoso (*sic*). (Mário Mendes *in*: SÃO PAULO..., 2013).

Como visto na seção 1.1.3.5, porém, foi justamente a necessidade de combate rápido e efetivo à epidemia que recolocou em pauta a importância das identidades LGBTQIAP+ na construção das dinâmicas urbanas, em que sua visibilidade foi

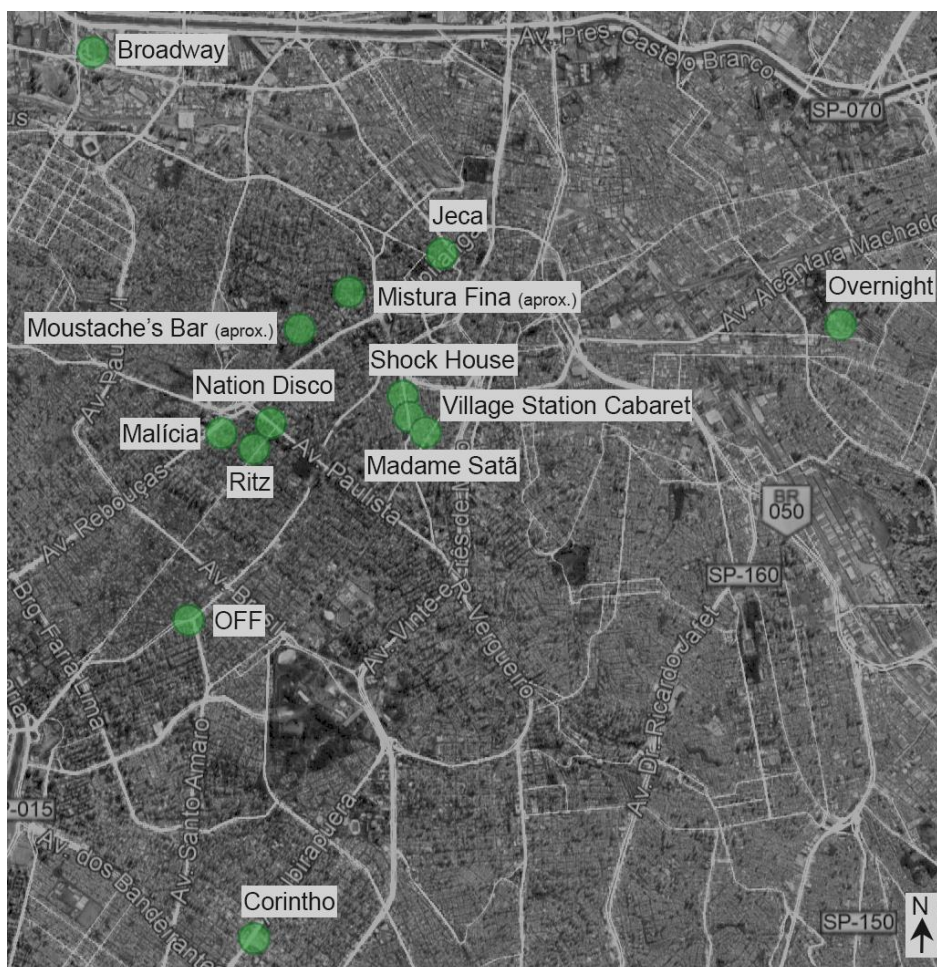
fundamental na efetividade das ações de combate a disseminação do vírus dos grupos organizados de *gays*, travestis e transexuais e dos órgãos de saúde pública.

Quadro 5 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1980. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento.

DÉCADA DE 1980					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Bug House	Déc. 1980	–	Boate	Bela Vista	Central
Madame Satã (atual Madame)	1983-1992	r. Conselheiro Ramalho, 873	Boate	Bela Vista	Central
Shock House (antiga Hunter's)	1987-1990	r. Rui Barbosa, 201	Boate	Bela Vista	Central
Village Station Cabaret	Déc. 1980	r. Rui Barbosa, 354	Restaurante-boate	Bela Vista	Central
Moustache Bar	Déc. 1980	atrás Cemitério da Consolação	Bar	Consolação	Central
Mistura Fina	Déc. 1980	r. Major Sertório	Boate	Consolação	Central
Delegacia Seccional Centro / 3º DP – Campos Elísios	Déc. 1980	r. Aurora, 322	Órgão público	República	Central
Ferro's Bar	Déc. 1980	r. Martinho Prado, 127	Bar	República	Central
Jeca	Déc. 1980	av. São João x av. Ipiranga	Restaurante-bar	República	Central
Teatro Municipal (Escadaria)	Déc. 1980	pç. Ramos de Azevedo, s.n.	Espaço público	República	Central
Departamento Jurídico “XI de Agosto”	Déc. 1980	pç. Dr. João Mendes, 62	Assistência social	Sé	Central
Broadway	Metade déc. 1980	av. Marquês de São Vicente, 1767	Boate	Barra Funda	Oeste
Malícia	1986	r. da Consolação, 3032	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Nation Disco Club (Galeria América)	1988-1992	r. Augusta, 2203	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Ritz	1981-atual	al. Franca, 1088	Bar-restaurante	Jardim Paulista	Oeste
Overnight	1988-1904	r. Juvenal Parada, 35	Boate	Mooca	Leste
OFF	1979-86	r. Romilda Margarita Gabriel, 142	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste
Colorido	Início déc. 1980	av. Brigadeiro Faria Lima	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste
Corintho	1985	av. dos Imarés, 64	Boate	Moema	Sudoeste
Feitço's	Déc. 1980	–	Bar	Moema	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela autora com base em Comissão..., 2015; Cymbalista, 2019; Garcia, 2017; Martinho, 2019; Perlongher, 1987; São Paulo..., 2015; Steffen, 2017.

Figura 25 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ da década de 1980, com base no Quadro 5.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2020).

2.1.6 *Reviva*³², década de 1990

Ao decorrer da década de 1990, os esforços de combate e conscientização da epidemia do HIV/AIDS por grupos LGBTQIAP+ organizados e órgãos de saúde pública foram capazes de controlar a disseminação do vírus, como visto na seção 1.1.3.5, deixando, infelizmente, algumas sequelas. Uma das tantas consequências da epidemia do HIV/AIDS foi a decadência de estabelecimentos de entretenimento noturno direcionados ao público LGBTQIAP+ em São Paulo. Assim, ganharam espaço os estabelecimentos voltados à insurgente cultural *clubber*, um dos primeiros foi a boate Nation, na rua Augusta, que funcionou até 2017. Muitos dos estabelecimentos de entretenimento noturno que surgiram ao longo dessa década e no final da anterior perduraram até a década de 2000 e alguns, até a de 2010.

³² Do inglês, renascimento, em livre tradução.

Neles, as culturas urbanas se mesclaram, principalmente naqueles voltados à música *rock*, inicialmente como espaços *underground*, ou desconhecidos dos grandes circuitos de sociabilidade, como o Madame Satã, já citado, o Rose BomBom na rua Oscar Freire (distrito de Jardim Paulista), Radar Tantã na rua Sólon (distrito de Bom Retiro), Napalm (próximo ao elevado presidente João Goulart), Dama Xoc na rua Butantã (distrito de Pinheiros) e o Espaço Retrô, primeiro na rua Frederico Abranches e depois na rua Fortunato (distrito de Santa Cecília) (Quadros 6 e 13, Figura 26). Todos esses iniciaram atividades na década de 1980, consolidando a trajetória de vários músicos e grupos de *rock* nacional. (STEFFEN, 2017)

Também nessa época, as *drag queens* se estabeleceram como na cultura popular, para além dos pontos de sociabilidade LGBTQIAP+, chegando a outros públicos e mídias, como a televisão aberta, consolidando seu trabalho e arte no imaginário social. Eram, e ainda são, algumas das mais recorrentes e chamativas atrações em estabelecimentos de entretenimento noturno. (STEFFEN, 2017)

Houve um aumento exponencial de estabelecimentos de entretenimento noturno em várias partes da cidade, majoritariamente não direcionados às identidades LGBTQIAP+, mas que contaram com sua presença – alguns dos citados a seguir surgiram em décadas anteriores, mas continuaram a fazer parte do *circuito* da vida noturna da cidade. Na zona central, distrito da República: Danger Dance Club na rua Rêgo Freitas, Bar do Camillo na rua Vitória, Habeas Copus, Caneca de Prata e Vermont (entre outros) na avenida Vieira de Carvalho e Rainha Vitória no largo do Arouche. No distrito da República, próximos ao distrito da Consolação: Bar Xereta e Xequê Mate na esquina entre a rua Augusta e praça Franklin Roosevelt, Corsário e Chico's Bar na praça Franklin Roosevelt, Ferro's Bar na rua Martinho Prado e Prohibidu's (esse último, de Andrea de Mayo) na avenida Amaral Gurgel. Nesse mesmo distrito, próximos ao distrito de Santa Cecília: os bares em torno do largo do Arouche. No distrito da Consolação: Nostro Mundo e Burguer and Beer na rua da Consolação e Rave na rua Bela Cintra. No distrito da Consolação, próximos ao distrito da República: 266 West, Chopp Escuro e American Graffith (antiga Homo Sapiens³³) na rua Marquês de Itu. Nesse mesmo distrito, próximos ao distrito da Bela Vista: Sky e Bar Eros na rua santo Antônio e Red Point na rua Frei Caneca. No distrito de Santa

³³ É comum que o encerramento das atividades de um estabelecimento leve a reabertura de outro estabelecimento no mesmo lugar, mas diferente nome e administração, reutilizando a infraestrutura e a aproveitando o endereço já reconhecido.

Cecília: Sr.^a Krawitz na rua Fortunato (Quadros 6 e 13, Figura 26). (ANTUNES, 2007; STEFFEN, 2017)

Na zona oeste, distrito do Jardim Paulista: Massivo, Bar Cartô, Pride, Hertz e Embaixada Mineira na rua alameda Itu, Director's Gourmet e SoGo na alameda Franca, Bar Drummond na rua da Consolação, Club Z na alameda Jaú, Diesel/B.A.S.E. na avenida Brigadeiro Luís Antônio e Espaço Columbia na rua Estados Unidos. No distrito de do Jardim Paulista, próximos ao distrito da Consolação: Boate Bloom, bar Pitomba, bar Allegro e Latino (antiga Malícia) na rua da Consolação, Disco Fever na rua Augusta, Bar du Bocage e Cube/Orbit na esquina entre rua da Consolação e alameda Itu e Fran's Café na rua Haddock Lobo. Nesse mesmo distrito, próximos ao distrito de Bela Vista: Spot na alameda Ministro Rocha Azevedo. No distrito de Pinheiros: Glitter na rua Teodoro Sampaio, Boate Ipsis na rua padre Garcia Velho, Farol Madalena na rua Jericó e Sound Factory na rua Cardeal Arcoverde – esse último, foi inaugurado na rua padre Benedito Camargo no distrito da Penha, zona leste, em 1993, sendo um dos primeiros e únicos estabelecimentos do tipo nessa região periférica até hoje. No distrito de Itaim Bibi: Garden Night Club na rua Alvorada e U-Turn na rua Tabapuã. No distrito da Vila Madalena: Casa da Vila na rua Girassol. No distrito de Moema: Mad Queen na alameda dos Arapanés, Gent's na avenida Ibirapuera e Manga Rosa. No distrito da Bela Vista: Tunnel do Tempo (inaugurada em 1993, ainda em funcionamento) na rua dos Ingleses. No distrito da Bela vista, próximo ao distrito da Consolação: A Lôca na rua Frei Caneca. No distrito da Barra Funda: Level na rua Marquês de São Vicente – uma das primeiras a ocupar a região a atrair o público LGBTQIAP+ – e Blue Space na rua Brigadeiro Galvão (Quadros 6 e 13, Figura 26). (ANTUNES, 2007; CYMBALISTA, 2019; STEFFEN, 2017)

Dentre essas, algumas se destacam na memória dos/as frequentadores/as. Uma das maiores da década de 1990 foi o *club* Massivo na alameda Itu (distrito do Jardim Paulista), que atingiu grande publicidade na mídia pela frequência de figuras públicas e “colunáveis”, apresentando um ambiente e estilo de músicas que resgatavam clássicos da década de 1970 capazes de unir *gays* e *clubbers*: “[o Massivo] tornou *pop* o que a Nation [percursora do entretenimento *clubber*] fazia de forma mais *underground*” (STEFFEN, 2017, n.p., grifos do autor). A Lôca na rua Frei Caneca (distritos da Consolação e Bela Vista), foi uma das primeiras a ter festas

*afterhours*³⁴ de música *rock* voltada especificamente para o público LGBTQIAP+. A Blue Space de 1996 e ainda em funcionamento, é a segunda mais longeva boate LGBTQIAP+ de São Paulo e uma das maiores (STEFFEN, 2017) – o espaço inicialmente foi ocupado pelo Salão São Paulo Chic, conhecido por suas rodas de samba e marcante sociabilidade negra.

A rua Frei Caneca passou a ser parte crucial da sociabilidade LGBTQIAP+ a partir dessa época, devido sua proximidade com a rua Augusta e ampla quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços voltados a identidades LGBTQIAP+, que se multiplicaram a partir de 2003 como resposta a expulsão de um casal *gay* que expressava sua afetividade do *shopping* homônimo, à medida que a rua assimilou sua identidade atrelada a essas identidades, principalmente as homossexuais (CYMBALISTA, 2019).

Na década de 1990, se popularizam os grandes eventos sazonais voltados às identidades LGBTQIAP+, mas que também incluíam outras atividades culturais e de entretenimento, como exposições artísticas e apresentações musicais. Alguns dos mais importantes são o Mercado Mundo Mix, iniciado em 1993 e ainda acontecendo anualmente, e o Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual iniciado no mesmo ano e que ainda ocorre anualmente pelo nome de Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade que “tem por objetivo o respeito e a livre expressão da diversidade sexual, buscando novas perspectivas para a compreensão das identidades LGBTQ+” (MIX..., s.d., n.p.). O Festival Mix Brasil de Cultura e Diversidade se tornou um dos maiores eventos voltados ao público e as artes LGBTQIAP+ na América Latina e do mundo. A Parada da Paz, ou Parada do Amor, iniciada em 1997, foi inspirada pela Love Parade de Berlim e surgiu como um tipo de carnaval de rua que também reunia grupos para discussão de certos problemas sociais. Em São Paulo, aconteceu com apoio de órgãos públicos nacionais e internacionais e patrocínio privado, geralmente no distrito de Moema (PARADA..., 2002). No mesmo estilo de celebração que pretende ocupar o meio público e começando no mesmo ano, a primeira Parada do Orgulho LGBT de São Paulo aconteceu na avenida Paulista (distritos da Bela Vista, Jardim Paulista, Consolação e Vila Mariana) com intuito de ser uma celebração da reafirmação das identidades LGBTQIAP+ como parte das dinâmicas sociais. A ideia da reunião começou a circular por meio de panfletos distribuídos pela comissão organizadora nos

³⁴ Do inglês, depois das horas, em livre tradução, define festas que começam no início da manhã e vão até à tarde.

estabelecimentos de entretenimento noturno da cidade, conseguindo reunir algumas centenas de participantes, parte deles/as de outros municípios e estados. No formato de passeata com ponto de partida em frente as escadarias do prédio da Fundação Cásper Líbero (entre as alamedas Campinas e Joaquim Eugênio de Lima), enfrentou inicial resistência da polícia, mas conseguiu percorrer a avenida devido a resiliência dos participantes em prosseguir, tendo chegado até a praça Franklin Roosevelt (distrito da República), na região do Baixo Augusta (COMO..., 2020). A Parada do Orgulho ainda acontece anualmente e se tornou uma das maiores do mundo, atraindo milhões de frequentadores e amplo patrocínio privado, fazendo parte do calendário oficial de eventos da cidade. Não está isenta de críticas devido seu caráter cada vez mais mercadológico e que desconsidera figuras históricas que lutaram em prol da visibilidade das identidades LGBTQIAP+ em detrimento da visibilidade às empresas privadas que patrocinam o evento e que tem como intuito, na grande maioria, a exploração dessas identidades como mercado consumidor sazonal.

Quadro 6 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1990. As informações foram resumidas a fim de facilitar a leitura, o quadro completo encontra-se no Apêndice A, Quadro 13.

DÉCADA DE 1990			
QUANTIDADE DE LUGARES	TIPO	DISTRITO	ZONA
5	Boates	Bela Vista	Central
1	Boate	Bom Retiro	Central
12	Boates	Consolação	Central
13	Boates	República	Central
2	Boates	Santa Cecília	Central
2	Boates	Barra Funda	Oeste
19	Boates	Jardim Paulista	Oeste
5	Boates	Pinheiros	Oeste
1	Boate	Vila Madalena	Oeste
1	Boate	Penha	Leste
2	Boates	Itaim Bibi	Sudoeste
3	Boates	Moema	Sudoeste

Fonte Elaborado pela autora com base em Antunes, 2007; Cymbalista, 2019; Steffen, 2017.

Os movimentos mercadológicos dos estabelecimentos comerciais voltados aos GLS foram uma das principais forças no processo de ocupação da região dos Jardins para sociabilidade desses indivíduos, sobretudo os gays. Essa lógica foi e ainda é aplicada pelo mercado imobiliário de São Paulo nas áreas reconhecidas no imaginário dos usuários da cidade como de grande concentração de presenças e sociabilidade LGBTQIAP+: utiliza-se como estratégia de venda para esse público justamente o apelo do morar próximo a reconhecidos pontos de sociabilidade que também são pontos de fácil acesso em regiões que desfrutam de dinâmicas urbanas amplas (PUCCINELLI, 2017). As consequências da movimentação da sociabilidade a sudeste da cidade, para o Setor Sudoeste, podem ser exemplificadas pelo caso da rua da Consolação. A rua passou a concentrar grande parte da sociabilidade LGBTQIAP+ entre as décadas de 1990 e 2000 (principalmente no cruzamento com a alameda Santos e no região do bar Allegro) em estabelecimentos de entretenimento noturno e suas calçadas, os quais, a partir de 2007, porém, foram sendo fechados e mesmo demolidos, à medida que a sociabilidade teve que se deslocar: “Hoje [cerca de 2019] resta apenas um bar que lembre a ocupação que marcou a rua e remonta à fragilidade de construção de um ‘gueto’ baseado em equipamentos de consumo e lazer” (CYMBALISTA, 2019, p. 82). Curiosamente, esses deslocamentos também visaram, a região do Baixo Augusta que passou a ser considerado, nesse período, o “novo Jardins”, quando da retomada do interesse dos consumidores na vida noturna dessa região e sua facilidade de acesso, como visto na seção 1.2.3 (CYMBALISTA, 2019).

Mas a volta às regiões com menor custo de vida não significou a volta de estabelecimentos direcionados ao público de menor poder aquisitivo dessa mesma região. A mudança de endereço se aproveitou do baixo preço da terra para gastar menos ao oferecer um consumo direcionado a grupos sociais de maior poder aquisitivo, minimizando o custo inicial e aumentando o lucro final, gerando, assim, gentrificação. Isso porque muda-se de lugar, mas têm-se o mesmo público-alvo em mente. Esse processo pode ser observado nos novos empreendimentos imobiliários da década de 2010 nas ruas Augusta, Frei Caneca e Paim. (PUCCINELLI, 2017)

Na virada do século XXI, a Parada do Orgulho ganhou força como manifestação política (e, com o tempo, mercadológica, como mencionado) de grande visibilidade que pretende, por meio de suas temáticas, conscientizar a população geral e pressionar o poder público acerca das pautas LGBTQIAP+:

Pois, mesmo com a existência de divergências no interior dos movimentos LGBTs sobre esse tipo de evento como estratégia política, muitas vezes, chamando de festa e criticado por certo esvaziamento no seu conteúdo ele conseguiria captar atenção na agenda sistêmica gerando uma discussão pública sobre os temas encabeçados pelo movimento social. (BRASIL; CAPELLA; VERGILI, 2015, p. 575)

2.1.8 (Re)afirmação, década de 2010

Na década de 2010, a ocupação das identidades LGBTQIAP+ na região do largo do Arouche voltou a se intensificar, junto às avenidas Ipiranga, São João e Duque de Caxias, elevado Presidente João Goulart e rua da Consolação. Essa sociabilidade se desenvolveu, sobretudo, nos estabelecimentos de entretenimento noturno, pontos de meretrício, comércios especializados, instituições relacionadas a sua saúde e prevenção de doenças e templos religiosos inclusivos. (REPEP, 2019)

Os frequentadores eram oriundos tanto das áreas periféricas como de regiões mais próximas, reafirmando essa região e especialmente o largo do Arouche, como lugar de resistência histórica da existência LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, capaz de oferecer um ambiente acolhedor e seguro proporcionado pela união e supervisão daqueles que constituem sua sociabilidade. As redes sociais da *internet* auxiliaram na organização e encorajamento dessa ocupação pelos frequentadores periféricos e de fora da cidade, contribuindo para sua história como importante ponto de vivências não hegemônicas. (PERILO, 2017)

A sociabilidade LGBTQIAP+ dessa época também seguiu a se desenvolver nos mesmos lugares que já ocupava desde a virada do século XXI. Na zona central, distrito da Consolação: Vegas Club, Bar do Netão e Dex Bar na rua Augusta, Sonique na rua Bela Cintra, The Society na rua Marquês de Paranaguá, Espeto Bambu na rua Haddock Lobo, Astronete Bar na rua Matias Aires, Dona Teresa na rua Fernando de Albuquerque e Picasso Bar na rua Álvaro de Carvalho; das mais antigas, Nostro Mundo e A Lôca. No distrito da República: Hot na rua Santo Antônio, Planet G na rua Rego Freitas, Clube Caravaggio na rua Álvaro de Carvalho, Ursound na rua João Adolfo, Paradise For Men Club na avenida São João, Espaço Caê na rua Aurora, Bar Queen na rua Vitória, Freedom e Cantho no largo do Arouche, Sem Loção na avenida São Luís (dentro da Galeria Metrôpole) e Soda Pop Bar na avenida Vieira de Carvalho; das mais antigas, o Caneca de Prata na avenida Vieira de Carvalho e ABC Bailão na rua Marquês de Itu (antiga Homo Sapiens). No distrito da Bela Vista: Clube Gloria e Yatch Club na rua Treze de Maio, Madame (antigo Madame Satã) na rua Conselheiro

Ramalho; das mais antigas, Tunnel do Tempo na rua dos Ingleses próxima ao Tetro Ruth Escobar. No distrito da Bela Vista, próximo ao distrito da Consolação: Bofetada Club na rua Peixoto Gomide. No distrito de Santa Cecília: Blue Space na rua Brigadeiro Galvão (Quadro 7 e 14, Figura 27 e 28). (A VOLTA..., 2012)

Na zona oeste, no distrito do Jardim Paulista, Goumet na alameda Franca, Bubu Lounge na rua dos Pinheiros e Dynamite Pub na rua Cardeal Arcoverde. No distrito de Pinheiros: Estúdio Emme na avenida Pedroso de Morais e Farol Madalena na rua Jericó, conhecido point de lésbicas. No distrito da Barra Funda: Flex Club (antiga Broadway) na avenida Marquês de São Vicente e D-Edge na alameda Olga. No distrito da Lapa: The Week na rua Guaicurus, uma das mais frequentadas da década e ainda hoje (Quadro 7 e 14, Figura 27 e 28). (A VOLTA..., 2012)

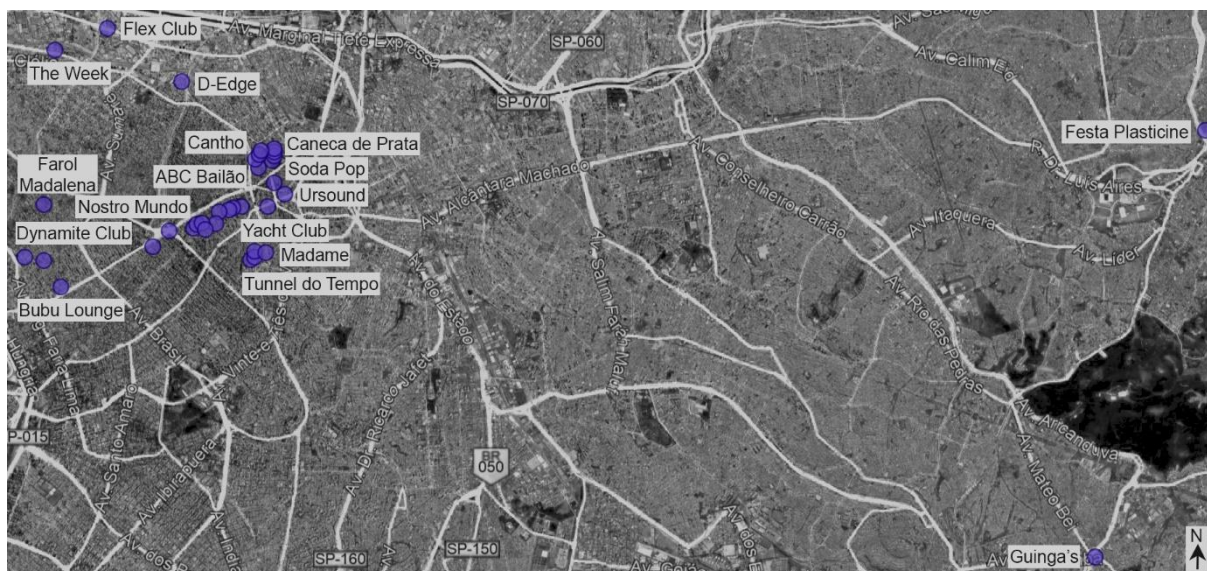
Ainda, houveram dois pontos de sociabilidade que surgiram nessa na zona leste da cidade, na parte mais afastada da zona central (Macrorregião L2) e que serviram de importantes lugares de análise etnográfica das movimentações das identidades LGBTQIAP+ nas áreas periféricas no início do século XX. O Guinga's Bar & Karaokê, inaugurado por volta de 2007, no distrito de São Mateus, e ainda em funcionamento, é um estabelecimento de entretenimento noturno voltado às identidades LGBTQIAP+ e conta com diferentes ambientes e serviços que atraem público para além de sua região, devido a um ambiente acolhedor. A Plasticine Party funcionou por volta de 2010 a 2019 aos sábados à noite no atual Luar Music Bar, antigo Luar Rock Bar, no distrito de Itaquera e, apesar de ser considerada uma festa de estilo alternativo, ou *underground*, teve alta frequência de público LGBTQIAP+ variado, mesmo sob certo preconceito do público frequentador do bar nos outros dias da semana, voltado a cultura de música *rock* (Quadro 7 e 14, Figura 27). Ambos estabelecimentos e as experiências de seus frequentadores serão cruciais nas análises do Capítulo 3. (KOBAYASHI, 2013; REIS, 2015)

Quadro 7 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010. As informações foram resumidas a fim de facilitar a leitura, o quadro completo encontra-se no Apêndice A, no Quadro 14.

DÉCADA DE 2000 ATÉ METADE DE 2010			
QUANTIDADE DE LUGARES	TIPO	DISTRITO	ZONA
5	Boates	Bela Vista	Central
11	Boates	Consolação	Central
13	Boates	República	Central
2	Boate e Hotel	Santa Cecília	Central
2	Boates	Barra Funda	Oeste
3	Boates	Jardim Paulista	Oeste
1	Boate	Lapa	Oeste
2	Boates	Pinheiros	Oeste
1	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste
1	Festa	Itaquera	Leste
1	Boate	São Mateus	Leste

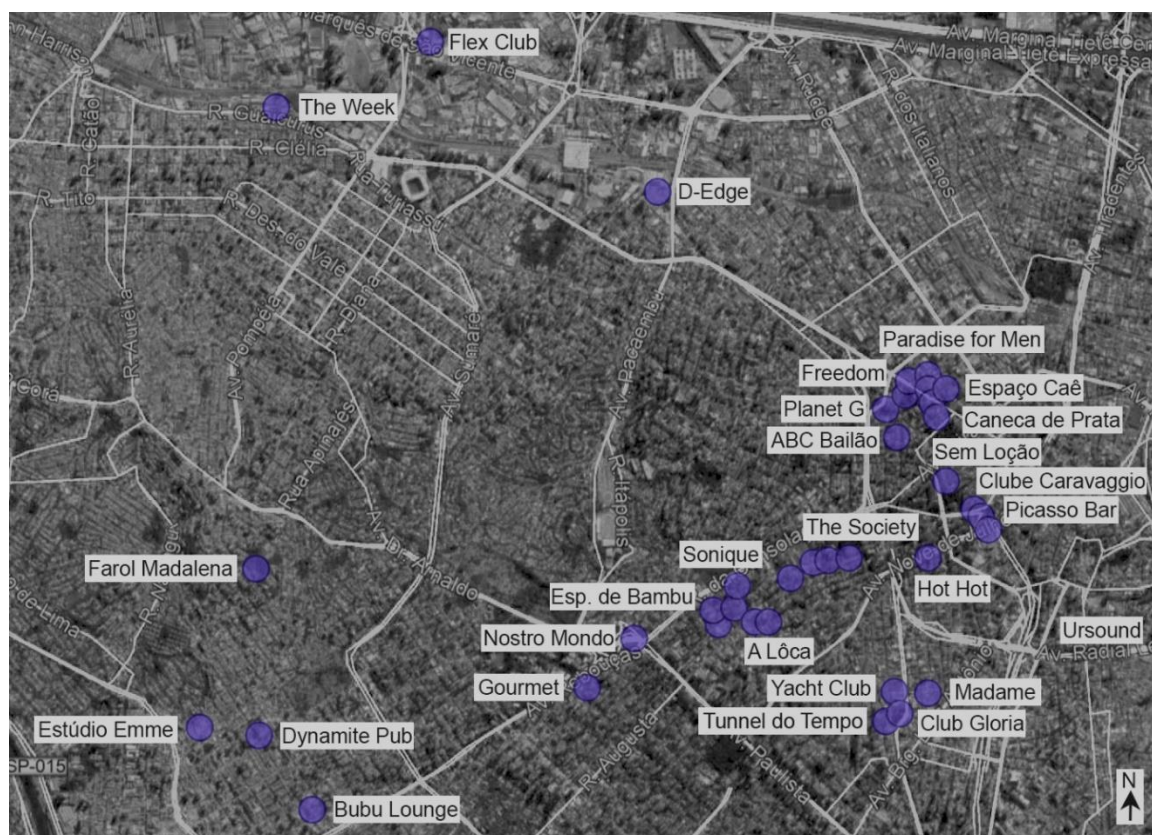
Fonte: Elaborado pela autora com base em A Volta..., 2012; Kobayashi, 2013; Reis, 2015.

Figura 27 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010, com base nos Quadro 14. Alguns nomes foram suprimidos para clareza de leitura do mapa.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

Figura 28 – Ampliação da Figura 27, a sentido sudoeste da cidade, para mostrar a concentração de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas zonas central e oeste. Alguns nomes foram suprimidos para clareza de leitura do mapa.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2020).

2.1.9 *Concentração, espalhamento e algo mais*

A sociabilidade LGBTQIAP+ começou a se desenvolver de maneira muito concentrada no início do século XX, devido as poucas possibilidades de encontro e apropriação de espaço em uma metrópole ainda em desenvolvimento. A predileção por áreas centrais da escala municipal se deu pelo amplo oferecimento de infraestruturas e equipamentos que possibilitaram o desenvolvimento dessa sociabilidade. Mesmo em meio a ações de expulsão e repressão, essa ocupação persistiu e conseguiu consolidar a apropriação do espaço à memória coletiva dessas identidades, gerando, conseqüentemente, percepções de pertencimento com a própria cidade. A recorrência das presenças LGBTQIAP+ em pontos específicos dessas áreas centrais foram capazes de unir essas identidades sociais com a identidade do próprio meio urbano no imaginário dos usuários da cidade (Figura 29).

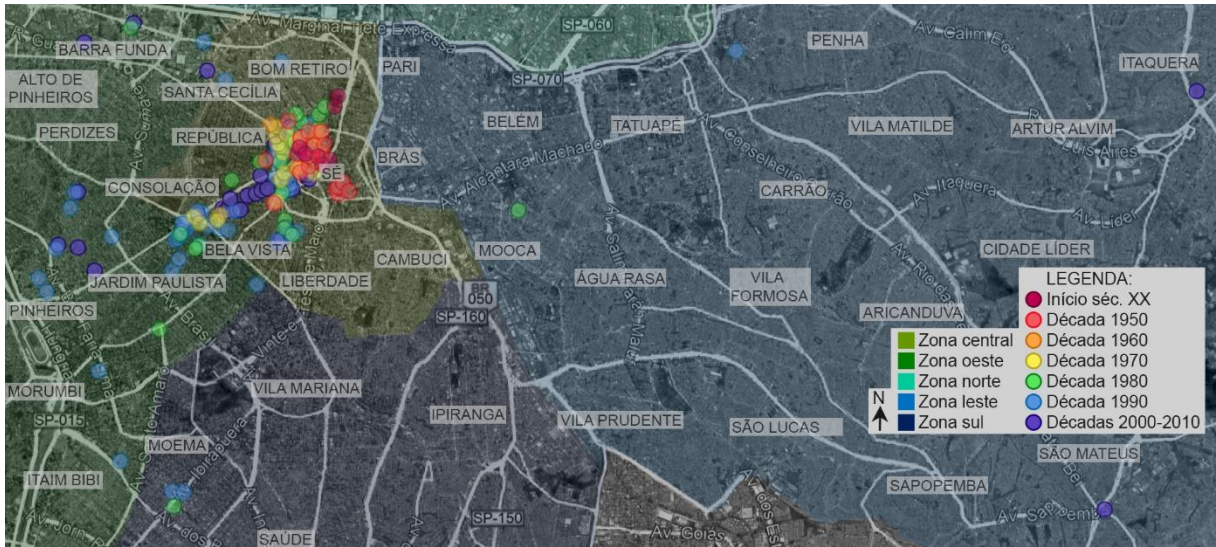
Por volta da década de 1970, observa-se um processo de espalhamento dessa sociabilidade, especialmente dos seus grupos de maior poder aquisitivo, a sentido

sudoeste da cidade, movendo-se principalmente ao longo das ruas Augusta e da Consolação. Esse processo se seguiu até a década de 1990, em que a fixação no Setor Sudoeste esteve diretamente ligada a estratégias mercadológicas direcionadas a um público-alvo de maior poder aquisitivo. Todo esse processo parece estar completamente relacionado às estratégias do capital, passando muito longe de questões de melhorias de vida para *todas* identidades LGBTQIAP+, à medida que muitas delas mantiveram sua sociabilidade nas regiões mais próximas ao Centro Histórico (Figuras 29 e 30). Uma menor movimentação à noroeste se aproveitou de resquícios de uma antiga malha industrial que ofereceu localidades de grande capacidade de ocupação a preços da terra mais baixos do que os da região anterior, mas ainda de fácil acesso. Em alguns distritos da zona central próximos mais próximos à região noroeste da cidade também houveram processos semelhantes, seguindo uma lógica de reocupação de regiões esvaziadas próximas ao Centro Histórico e já conhecidas pelas sociabilidades LGBTQIAP+ (Figuras 29 e 30).

Em todo período observado, é notável a falta lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas áreas periféricas da escala municipal, principalmente a zona norte, que não faz parte de nenhuma inventariação; o mesmo é válido para as áreas mais meridionais da zona sul (Figura 29). Os poucos estabelecimentos de entretenimento noturno periféricos estiveram na zona leste e começaram a aparecer apenas na década de 1980, tendo adquirido uma presença mais longa apenas a partir da década de 2000, e mesmo assim, apenas um deles logrou (e ainda logra) tal feito (Figura 29). Contudo, é muito importante destacar esses lugares, mesmo os de vida breve, para demonstrar que, mesmo em ritmo lento e em pouca quantidade, houveram conquistas de representatividade das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo para além da persistente concentração das áreas centrais, o que será abordado em um período mais recente do século XXI no Capítulo 3.

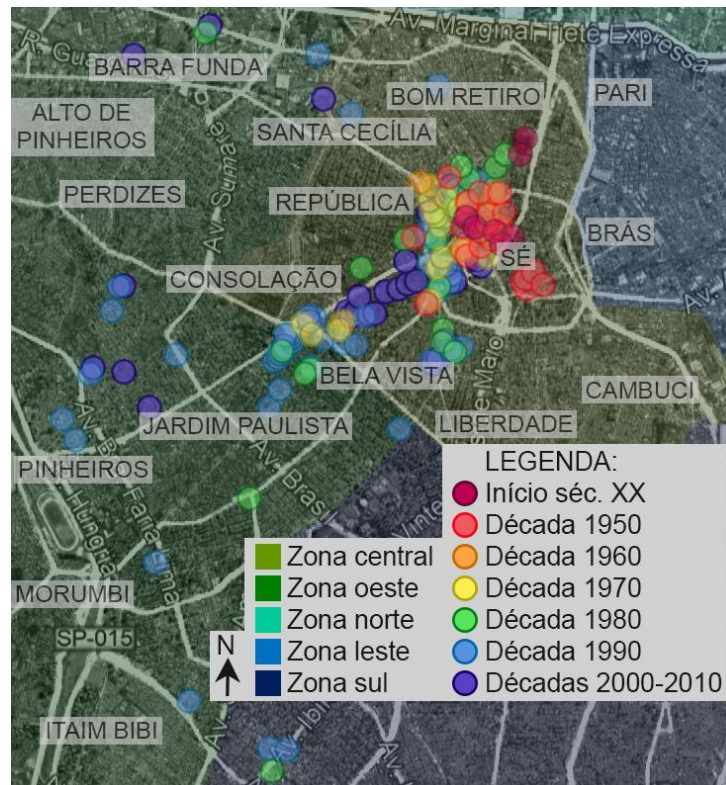
Todas as inventariações e seus respectivos mapeamentos deixam muito clara, a persistência histórica de uma “mancha” nas áreas centrais da cidade, principalmente nas zonas central e oeste e sempre a oeste do vale do Anhangabaú (Figura 30). Mesmo com o certo espalhamento a sudeste e noroeste, especialmente no final do século XX e virada do século XXI, essa “mancha” tão absolutamente concentrada ainda demarca a grande conexão entre a memória coletiva das identidades LGBTQIAP+ e as áreas centrais da cidade de São Paulo, e talvez, ainda marcará por muito tempo (Figura 30).

Figura 29 – Mapeamento dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ entre o início do século XX e a metade da década de 2010, com indicação das zonas e distritos da cidade.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

Figura 30 – Ampliação da Figura 29, a sentido oeste da cidade, a fim de mostrar a concentração de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas zonas central e oeste.



Fonte: indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3 IDENTIDADE NO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO

O meio urbano é uma entidade complexa que molda e é moldada por seus usuários, repleta de conflitos e conciliações que se modificam constantemente e funcionam em camadas que se interceptam. Segundo Meneses (2006), “o caráter problemático da cidade não se encontra nela – entendida como uma forma espacial de assentamento humano – mas na sociedade” (MENESES, 2006, p. 36), ou seja, nas dinâmicas cotidianas de seus usuários. Pode ser entendida como “artefato”, enquanto espaço físico de valor e função atribuídos pela sociedade que a ocupa, e como “campo de forças”, enquanto espaço definível por seus conflitos que acontecem em diversas camadas, produzindo o artefato e sendo reproduzido por ele. A representação imagética da cidade, sua identidade, se dá pela forma e função do “artefato”, que lhe confere sentido e legibilidade, em que “a imagem que os habitantes fazem da cidade ou de fragmentos seus é fundamental para a prática da cidade” (MENESES, 2006, p. 36). Essas imagens precisam deixar de ser apenas mentais e se integrar ao mundo físico, o que acontece por meio do mundo sensorial, ou seja, é o meio físico a quem os significados são atribuídos. A cidade como bem cultural tem sentidos e valores intrínsecos às práticas sociais, em que sua qualidade está na capacidade de sua identidade ser reconhecida, apropriada e consumida, sendo praticada em todo seu potencial: “Essa relação contínua, permanente, cotidiana, demorada e que o tempo adensa, é que cria as condições mais favoráveis para a fruição do patrimônio ambiental urbano” (MENESES, 2006, p. 39). Os usuários da cidade, então, tanto moldam as dinâmicas urbanas cotidianas, quanto são moldados por elas, em um processo perene que vincula a identidade da cidade com a do usuário, à medida que ela “existe enquanto tal a partir de como ela se torna produto das relações ensejadas em suas ruas, avenidas, bairros e conjuntos arquitetônicos” (PUCCINELLI; REIS, 2020, p. 10).

A contemporânea cidade de São Paulo em seu extenso território de mais de 1.500km² ocupados por mais de 12 milhões de habitantes (com uma densidade demográfica de aproximadamente 7.400 hab./km²) (IBGE, 2021), figura como uma das maiores do continente americano e é uma metrópole de escala global que lida concomitantemente com fluxos regionais próprios, da Região Metropolitana e internacionais, o que confere a ela inúmeras camadas e dinâmicas cotidianas intensas e complexas. Porém, a perpetuação de narrativas historiográficas que apenas

consideram as contribuições das identidades hegemônicas na construção das dinâmicas urbanas, perpetua pouquíssimas narrativas sobre a construção da identidade da cidade, desconsiderando essa complexidade trazida pelas contribuições das identidades não hegemônicas. Na busca pelo preenchimento dessas lacunas de conhecimento, a historiografia contemporânea precisa se desvencilhar de lógicas ultrapassadas ao analisar as dinâmicas urbanas cotidianas do século XXI, promovendo ideias verdadeiramente inovadoras, mas que, mesmo assim, não desconsideram a história da cidade e seus usuários (CHOAY, 2014), de *nenhum* deles. Isso também é válido para o planejamento urbano contemporâneo, que deve considerar seu momento histórico inserido na economia cognitiva do pós-capitalismo industrial, em que a sociedade passa a considerar cada vez mais os fluxos de informações, técnicas e tecnologias (ASCHER, 2010), fazendo com que o planejamento mude “de figura à medida que lhe cumpre enfrentar novos desafios, ou os velhos, quando voltam” (HALL, 2013, p. 456).

O capítulo apresentado visa discutir as contribuições das identidades LGBTQIAP+ na construção das dinâmicas urbanas cotidianas contemporâneas da cidade de São Paulo do século XXI, por meio da inventariação de suas presenças nesse meio urbano e das percepções de pertencimento ou negação dessas identidades têm para com a cidade, dentro das dicotomias entre áreas centrais e periféricas.

3.1 Discutindo as relações entre centros e periferias

3.1.1 Construções socioespaciais

As diferentes características das áreas centrais e periféricas da escala municipal podem ser observadas por meio de suas distintas dinâmicas cotidianas e apropriações do espaço, que estão relacionadas aos usos do solo, tipos de atividades, fluxos e presença ou ausência de infraestruturas e equipamentos. Todos esses fatores podem auxiliar na compreensão de como foram construídas suas identidades enquanto porções do território municipal, dentro da identidade de cidade como um todo. Porém, respostas simplistas à definição de suas características formadoras acabaram criando uma série de conceitos que se pretendem definitivos e a despeito da passagem do tempo e das modificações pelas quais passou, e constantemente passa, o espaço “intraurbano” cotidianamente.

A redefinição desses conceitos pré-estabelecidos sobre a identidade das áreas centrais e periféricas da escala municipal se relaciona com as mudanças de paradigmas socioeconômicos ocasionados pela desindustrialização e globalização – tendo em vista que grande parte da identidade da cidade de São Paulo está relacionada à processos de industrialização, que impulsionaram sua consolidação como metrópole global, como visto nas seções 1.2.3 e 2.1.1. A desindustrialização se relaciona às “mudanças no padrão do comércio exterior, que aumentaram significativamente a importância das exportações de commodities” (LARA, 2011, n.p.), evidenciadas na diminuição de exportação de bens industrializados e aumento de sua importação no início do século XXI. Mudanças nas dinâmicas econômicas afetam diretamente as dinâmicas urbanas, as quais assumem novas funcionalidades que, por sua vez, impactam os modos de morar e trabalhar, relacionados às demandas do mercado de trabalho, redirecionando essas relações no território. O mesmo é válido para o processo de “globalização comercial e mundialização financeira” (KLIASS; SALAMA, 2008, n.p.) adjacente, em que o país se abre às dinâmicas do mercado internacional ao dialogar diretamente com a balança comercial e suas demandas de trabalho. Dentro dessas mudanças está também o papel que adquirem as identidades não hegemônicas na construção das dinâmicas sociais:

A oferta de trabalho depende da taxa de natalidade pretérita, mais precisamente daquelas classes etárias que entram no mercado de trabalho (que tende a baixar), da taxa de atividade da população feminina (que tende a aumentar). (...) E a taxa de atividade feminina segue sendo relativamente importante hoje em dia, tendo em vista o baixo nível dos rendimentos da maioria da população brasileira. (KLIASS; SALAMA, 2008, n.p.)

A priori, áreas centrais da escala municipal possuem infraestruturas e fluxos que possibilitam a oferta de emprego, mas que encarecem o custo de vida e o preço da terra, desencorajando e mesmo impossibilitando o morar para grupos sociais de menor poder aquisitivo, fazendo com que esses indivíduos tenham que se estabelecer nas áreas periféricas, justamente por que essas áreas, *a priori*, possuem menos infraestruturas e fluxos, o que barateia o custo de vida, mas também diminui as possibilidades de acesso a uma variedade de equipamentos (TOURINHO, 2004). As áreas centrais, portanto, são de fácil acesso justamente pela melhor oferta de infraestruturas de transporte, inclusive de transporte público, que faz com que atraiam vários tipos de atividades, como as culturais, educacionais e de sociabilidade. Essa amplitude de atividades destaca essas áreas no imaginário dos usuários da cidade,

fazendo-as facilmente reconhecíveis na paisagem urbana, gerando pontos de referência. Dada o espaço mais limitado e o maior custo, as áreas centrais acabam sendo associadas, na maior parte das dinâmicas sociais, ao trabalho e sociabilidade, enquanto as áreas periféricas, mais relacionadas à moradia. A constante ocupação das áreas centrais por diversos grupos sociais que usufruem de seus variados equipamentos e fluxos torna-as lugares em constante disputa justamente por serem *territórios não dominados* por nenhum desses grupos e seus interesses (TOURINHO, 2004), pelo contrário, elas acabam sendo alvo de múltiplos interesses concomitantes e até conflitantes. O oposto acontece com os bairros não centrais e as áreas periféricas, que acabam adquirindo uma ocupação mais homogênea e consolidada através do tempo, em grande medida, devido a recorrência da moradia por grupos sociais majoritariamente constantes.

Essa dicotomia de possibilidades e impossibilidades gera profundas diferenças de qualidade de vida entre os moradores dessas diferentes áreas, pois a população mais carente é justamente aquela que acaba sendo mais desprovida de meios que garantam uma boa qualidade de vida como oferta de emprego, acesso à saúde e educação públicas e, até, lugares de sociabilidade. Na contemporânea metrópole de São Paulo, essas discrepâncias se acentuam ainda mais, posto a drástica concentração dessas necessidades de vida básicas em determinadas áreas onde somente o custo da terra, ou o da moradia, já afasta a presença dessa população mais carente. A capacidade de acesso do indivíduo às áreas centrais, que concentram equipamentos e fluxos, dita as principais dinâmicas urbanas, fato evidenciado no interesse em comum por sua acessibilidade, sendo “a própria razão de ser das cidades como organismo espacial” (VILLAÇA, 2001, p. 329).

A separação de funcionalidades desenvolve distintas apropriações do espaço, em que tais espaços adquirem propósitos distintos para os seus usuários de acordo com as dinâmicas que oferecem, o que infere diretamente nas sensações de pertencimento ou negação do usuário com o espaço. É comum morar nas áreas periféricas e trabalhar e estudar nas centrais, fazendo o indivíduo percorrer cotidianamente a grande escala municipal e mesmo a da Região Metropolitana, atribuindo a cada lugar um significado. Isso acresce dimensão às camadas formadoras das dinâmicas sociais e urbanas, em que “os indivíduos passam a ter um multipertencimento social, passam a ser socialmente plurais. Suas práticas, seus sistemas, seus sistemas de valores, suas escolhas individuais resultam da

socialização e circunstâncias diversificadas” (ASCHER, 2010, p. 42). As experiências proporcionadas pelas diferentes áreas da cidade são diferentes: o lugar da moradia estar associado ao ambiente familiar distante territorial e socialmente do lugar escolhido para as sociabilidades, torna o primeiro um ambiente em que o indivíduo está coibido pelas expectativas atribuídas pelas estruturas sociais preestabelecidas, as quais não necessariamente cabem nas suas expressões pessoais. Do outro lado, como que complementarmente, os lugares de trabalho, estudo e, especialmente, sociabilidade, apresentam experiências diferentes que podem ajudar esse mesmo indivíduo a explorar e desenvolver suas expressões e manifestações de individualidade pelo contato com novas mentalidades e possibilidades desenvolvidas com outros indivíduos de diferentes contextos.

Como visto nas seções 1.2.3 e 2.1.1, em meados da década de 1930, a cidade de São Paulo passou a se destacar no cenário econômico regional e nacional por meio de sua ampla industrialização, capaz de gerar capital e fluxos, processo que também promoveu seu impulsionamento no cenário internacional. A região do Centro Histórico se beneficiou muito desse desenvolvimento, concentrando infraestruturas e equipamentos complementares à moradia dos grupos sociais de maior poder aquisitivo, detentores do controle desse novo capital e seus recursos (Figura 31). Por volta de década de 1950, esses moradores foram para a região próxima das avenidas São Luís e Ipiranga, criando o conceito de “núcleo velho” para se referir ao Centro Histórico (que compreende os distritos da Sé e República), e “núcleo novo” para se referir a esse primeiro deslocamento, também conhecido como “centro expandido” (Figura 31). Entre as décadas de 1960 e 1970, houve um aumento do mercado imobiliário voltado exclusivamente aos grupos sociais de maior poder aquisitivo, enquanto de um desinteresse pelo mesmo mercado voltado aos grupos sociais de menor poder aquisitivo frente a maior valorização e melhoria das capacidades de consumo de profissionais especializados, já parte de grupos sociais de maior poder aquisitivo e moradores das áreas centrais. Nesse período, houve também uma diversificação do setor terciário (serviços), que impulsionou o deslocamento de atividades relacionadas ao cotidiano para as periferias e de atividades especializadas para a região da avenida Paulista, criando o conceito de “centro novo” (Figura 31). Essa outra movimentação consolidou a tendência de movimentação dos grupos de maior poder aquisitivo e seus equipamentos e dinâmicas a sudoeste da cidade, como observado por Villaça (2001). Concomitantemente, foi possível a maior expansão do

meio urbano, chegando às cidades vizinhas e iniciando os processos de conurbação urbana da Região Metropolitana. Entre as décadas de 1980 e 1990, a cidade se consolidou como metrópole global. (TOURINHO, 2004)

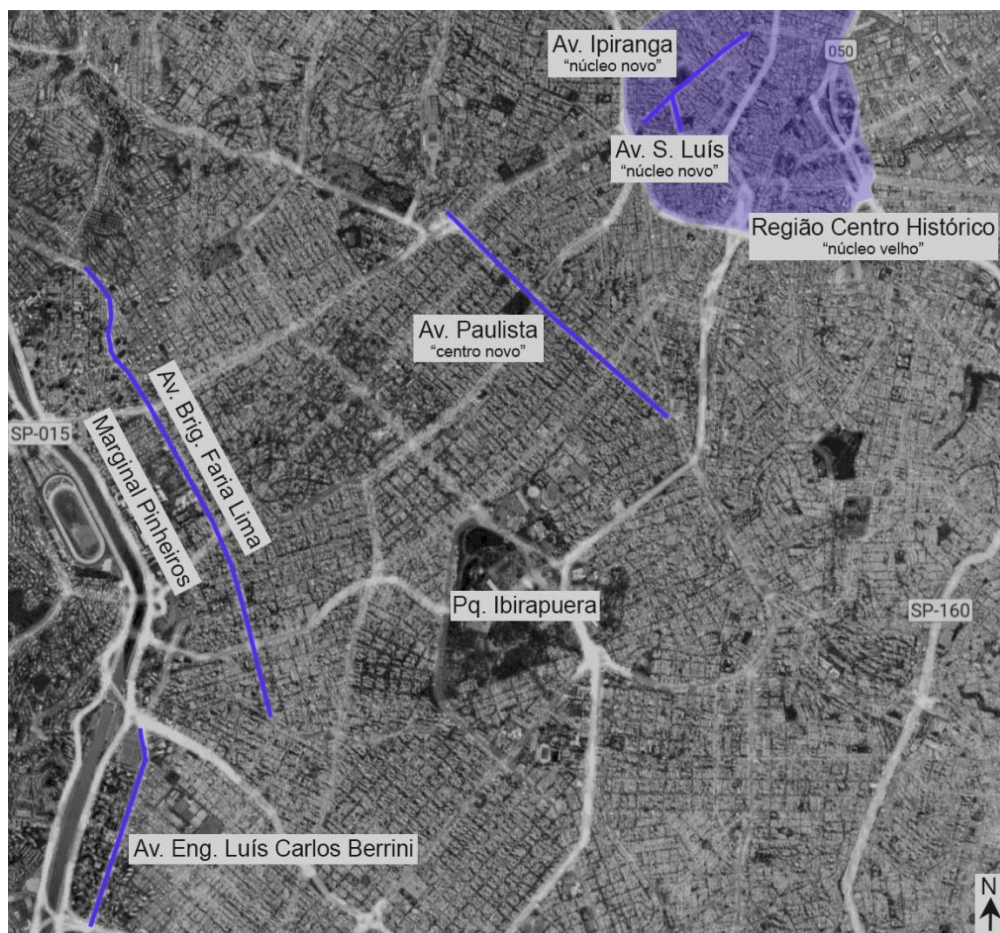
No século XXI, houve ainda mais dois desses deslocamentos dos grupos sociais de maior poder aquisitivo e, principalmente, de seus equipamentos, para as avenidas Engenheiro Luís Carlos Berrini e Brigadeiro Faria Lima (Figura 31).

É importante observar que

não significa, evidentemente, que aquele centro tenha saído de um lugar para o outro, mas sim, que um outro lugar, que antes não era considerado centro, passou a adquirir uma série de características (sobretudo funcionais) que se encaixam em um determinado conceito de centro concebido *a priori*. (TOURINHO, 2004, p. 11)

A cidade de São Paulo, portanto, possui uma conformação “policêntrica”, ou seja, formada por diversos “centros” (LEITE; TONIOLO; ZANETTI; 2020).

Figura 31 – Mapa das regiões consideradas como “centros” na cidade de São Paulo, entre as zonas central, oeste e sul.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2022).

Áreas centrais têm características em comum devido, em algum momento, terem sido ocupadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, os quais trouxeram consigo infraestruturas e equipamentos que permaneceram mesmo depois de sua movimentação para o “próximo centro”, principalmente no tocante as possibilidades de fluxo gerados: “Os centros de nossas metrópoles são áreas complexas constituídas por várias subáreas, caracterizadas por certa concentração de atividades do setor terciário” (VILLAÇA, 2001, p. 245).

As áreas periféricas da cidade se conformaram por meio de um crescimento horizontal pelo território, diferente daquele vertical das áreas centrais, em uma expansão iniciada também por volta de década de 1930 e que ganhou força na década de 1940. Esse processo foi impulsionado pela ampliação da oferta de linhas de ônibus pelo território, possibilitando a ocupação de territórios ainda não explorados, por meio de assentamentos irregulares e autoconstruções para moradia de profissionais não especializados e de grupos sociais de menor poder aquisitivo. Essa ocupação não esteve inicialmente relacionada ao desemprego e outras situações de vulnerabilidade, o que ficou mais frequente apenas por volta da década de 1980, mesmo período em que essas áreas aumentaram e se consolidaram. (TOURINHO, 2004)

Embora parte de um mesmo processo originário, as áreas periféricas da cidade são diversas entre as zonas e em si mesmas, devido, principalmente, a sua amplitude territorial, mas também a outros fatores como influências diversas de processos migratórios, imigratórios e concentração de certas atividades. De um modo geral, as zonas norte, leste e sul são consideradas, pelo imaginário da maior parte dos usuários da cidade, áreas periféricas, enquanto as zonas central e oeste, são áreas centrais. Essa divisão territorial que parece implícita ao imaginário dos usuários da cidade está baseada sobretudo na ideia de que as áreas periféricas concentram grupos sociais de menor poder aquisitivo e as centrais, de maior poder aquisitivo, percepção que ignora que muitas regiões das periferias são, como descreve Tourinho (2004), “indutoras de centralidades”, como será visto nas seções seguintes deste capítulo.

Entre as décadas de 1980 e 1990, fatores socioeconômicos levaram a consolidações urbanas distintas entre os diferentes territórios da cidade, principalmente em relação ao mercado imobiliário, que isolou populações de menor poder aquisitivo em lugares com pouca ou nenhuma infraestrutura urbana, aprofundando as segregações espaciais e dificultando a “democratização do acesso ao espaço urbano” (PUCCINELLI; REIS, 2020, p. 7). Entre as décadas de 1990 e

2000, a busca por adensamento das áreas centrais se pautou no aprofundamento da dicotomia de dinâmicas cotidianas entre áreas periféricas e centrais:

Mais que isso, não se trata simplesmente de uma oposição geográfica, é antes uma estratégia representativa porque assume a responsabilidade de verbalizar demandas próprias, negociando com o que/quem chega, capitaneando novos/as atores e relações e direcionando o processo de circulação de bens, pessoas e grupos na cidade. (PUCCINELLI; REIS, 2020, p. 8)

O questionamento de encarar essa dicotomia mais como um fator sociocultural do que realmente espacial, levou Puccinelli e Reis (2020) a propor que as relações entre centros e periferias não estão condicionadas apenas a conformação do meio físico e da distância entre essas áreas e sim, à uma diferenciação de significados e de possibilidades e impossibilidades de dinâmicas cotidianas, criando o conceito de “periferias móveis”. Isso parte de questionamentos dos conceitos pré-estabelecidos das características formadoras dessas áreas, apresentando um novo modo de analisar as dinâmicas urbanas contemporâneas: “Talvez repensar antigas fórmulas e elaborar novas perguntas seja um disparador da produção de problemáticas em torno de velhos e atuais modelos de explicação” (PUCCINELLI E REIS, 2020, p. 15). Nessa nova forma de análise, os autores apontam para a percepção de que a periferia poderia ser vista como o lugar onde se direciona tudo aquilo indesejado de existir nas áreas centrais e de tudo que não é valorizado pelas identidades hegemônicas que nelas habitam, em que essas áreas centrais estariam relacionadas a tudo que essas identidades valorizam, desejam e incentivam.

Analisar as diferentes áreas da cidade por meio de suas dinâmicas cotidianas também ajuda a perceber como há grandes diferenças internas entre centros e periferias. Um bom exemplo disso pode ser observado nos diferentes significados atribuídos às regiões da “Augusta” e da “Vieira”, observado por Perilo (2017) e Puccinelli e Reis (2020): mesmo que ambas estejam em uma área central da escala municipal e atraiam sociabilidades muito parecidas, são vistas como totalmente distintas e até mesmo conflitantes. Os frequentadores da “Augusta” (região das ruas Peixoto Gomide, Frei Caneca e Augusta, zona oeste), muitas vezes apresentam um certo sentimento de superioridade em relação àqueles frequentadores da “Vieira” (região da avenida homônima e largo do Arouche, zona central), mesmo que sejam regiões contíguas. Esse sentimento parece estar relacionado sobretudo ao “poder sociabilizar” em uma região considerada “nobre” (ou seja, cara) da cidade, o que, a

priori, implicaria melhores capacidades de consumo dos frequentadores da “Augusta” e, conseqüentemente, melhores condições de vida no geral, antagonizando com o, geralmente, menor poder aquisitivo dos frequentadores da “Vieira” – mais uma vez, observa-se uma influência mercadológica sob o pertencimento e negação do espaço urbano. Sua relação discriminatória ocorre não apenas pela inferiorização dos frequentadores da “Vieira, mas também pelo fato deles já esperarem uma atitude elitista por parte dos frequentadores da “Augusta”. Territorialmente, a “Augusta” está, no imaginário dos usuários da cidade, mais relacionada com grupos sociais de maior poder aquisitivo devido sua proximidade com a avenida Paulista, enquanto a “Vieira” está mais relacionada com sua proximidade com o Centro Histórico e a praça da República, lugares associados com grupos sociais de menor poder aquisitivo, apresentando, também uma dicotomia entre zona oeste e zona central, respectivamente. Assim,

o que pareceria ser um só “centro” se desdobra em espaços diferentemente ocupados por pessoas da “periferia” e “periferizados” de diferentes maneiras. Existe, sobretudo, uma construção de narrativas ambivalentes sobre cidade. (PUCCINELLI; REIS, 2020, p. 23-24)

Nesse caso, a “Vieira” assume o papel de periferia mesmo estando em uma área central da escala municipal, pois a análise de periferia de Puccinelli e Reis (2020) não é mais uma questão de posição do espaço no território da cidade, mas sim, das atividades em que nela ocorrem e, sobretudo, sua imagem dentro do imaginário dos usuários da cidade:

Quando nos referimos a “periferias” móveis, não se trata de uma reificação da noção de mobilidade, mas num deslocamento do olhar focado no espaço quilométrado que parcialmente dá conta dos sentidos de “periferia” para um olhar nos sentidos dos interlocutores e na análise situacional. (...) Os processos de urbanização na capital paulistana mostram não somente que “centro” e “periferia” são passíveis de distintas e diversas transformações espaço-temporais, assim como as leituras e os comprometimentos das pessoas com esses lugares definem as formas que cada uma/um acessa e deseja a cidade. (PUCCINELLI; REIS, 2020, p. 33-34)

Evidentemente, como demonstrado acima, é necessário ressaltar que a cidade é mais complexa que a caracterização estereotípica de suas partes, posto ser um ambiente multifacetado e repleto de camadas interdependentes em que

(...) a dicotomia centro-periferia é inadequada ao entendimento da cidade e à sua boa gestão, pois ignora ou minimiza a diversidade social, a econômica e

os usos do tecido urbano. (...) Justamente porque a identificação desses padrões urbanos possibilita aclarar a sociabilidade de cada grupo social em seus contextos singulares tanto quanto naqueles através dos quais transita não se deve negligenciar seu potencial para aperfeiçoamento da administração pública, em diferentes áreas e níveis. (ADORNO; NERY; SOUZA, 2019, n.p.)

Porém, uma vez que essa dicotomia é uma das mais reconhecíveis dinâmicas urbanas da cidade de São Paulo e uma das que mais afeta seus usuários, sobretudo as identidades não hegemônicas, ficou marcada no imaginário cotidianos dos usuários da cidade e essa percepção será utilizada para discutir como se desenvolvem as relações de pertencimento e negação com o espaço urbano pelas identidades LGBTQIAP+, as quais possuem conexões intrínsecas com essa mesma dicotomia.

3.1.2 *Percepções de pertencimento e negação com o espaço*

Para estabelecer as sensações de pertencimento ou negação das identidades LGBTQIAP+ com a cidade de São Paulo no século XXI, foram analisadas etnografias que ajudam a apresentar essa discussão por meio da própria voz desse recorte social, principalmente no âmbito das relações entre áreas centrais e periféricas – as questões discutidas nessa seção são parte do embasamento das análises das inventariações da seção 3.2. A maioria das etnografias selecionadas observa a sociabilidade LGBTQIAP+ nas áreas periféricas da cidade, mas contam com observações desses/as usuários/as/es sobre suas experiências nas áreas centrais.

Na experiência de Reis (2015), na década de 2010, ao frequentar a festa Plasticine no Luar Rock Bar, no distrito de Itaquera, e o Guinga's Bar & Karaokê (ainda em atividade), no distrito de São Mateus, ambos na zona leste, foi possível observar tanto relatos de pertencimento com essas áreas periféricas, quanto de completa negação. Pode-se apontar que as sensações de negação estão enraizadas no recorrente estigma às condições de vida na zona leste. Muitas vezes, essa região é vista como uma das mais difíceis de se transitar, posto, em geral, a precariedade dos meios de transporte e suas infraestruturas e pelos altos índices de criminalidade. Além disso, está relacionada com a presença de grupos sociais conservadores, os quais perpetuam discursos e atos de discriminação a quaisquer identidades distintas das suas, como as LGBTQIAP+. Mesmo que essenciais ao entendimento de suas dinâmicas cotidianas, essas não são as únicas características que conformam essa zona nem que a definem completamente. O autor observou que essa percepção

socioespacial não reflete a totalidade dos/as moradores/as e frequentadores/as desses dois estabelecimentos, o quais demonstram como há uma lenta, mas insistente assimilação das identidades não cisheteronormativas dentro das territorialidades periféricas, em grande medida promovida pela resiliência desses indivíduos em apropriar seu espaço de direito:

Enquanto grande parte deles [moradores da zona leste] procura se distanciar da identificação “morador de periferia” por conta do estigma que os inferioriza quando comparados a “moradores de regiões centrais” (...); outros grupos ressignificam este estigma de modo a se afirmarem enquanto moradores de “periferia”, ao mesmo tempo em que potencializam a “periferia” enquanto lugar de produção, bem como da representação de sociabilidade homossexuais “familiares” pelo denominador comum das amizades que se formam no bairro. (REIS, 2015, p. 33-34)

Dentre os relatos coletados por Kobayashi (2013) ao frequentar o Guinga's Bar & Karaokê e a festa Plasticine alguns anos antes, depoimentos relacionados à negação com o espaço na zona leste parecerem refletir o fato de que os usuários/as/es desses estabelecimentos se baseiam em uma ideia de qualidade de vida possível apenas fora desse contexto, “ou seja, apesar de morarem em bairros do extremo leste da cidade, usam o termo zona leste para designar pessoas, homossexuais ou não, de forma pejorativa” (KOBAYASHI, 2013, p. 115). Acerca dos estigmas territoriais relacionados a zona leste replicados por seus/as próprios/as frequentadores/as, pode-se apontar uma vontade de se dissociar do lugar de moradia e do ambiente familiar originário e uma internalização de negação dessa conexão, relacionada, também, ao preconceito sofrido por esses indivíduos ao frequentarem áreas centrais da cidade, por parte de moradores/as das áreas centrais. Em grande medida, a imagem da zona leste formada por quem não a frequenta, carrega uma série de estereótipos negativos vocalizados por diversos meios de comunicação, principalmente o jornalismo televisivo sensacionalista que foca seus esforços em explorar apenas os eventos negativos do cotidiano; o que acontece com as demais áreas periféricas da cidade. Evidentemente, tais problemáticas e, sobretudo, suas causas (e causantes), devem ser visibilizadas não como um espetáculo, mas como instrumentos de alerta ao poder público e à sociedade geral sobre essas situações para de seja possível a concentração de esforços em prol da salvaguarda dos usuários dessa região e seu direito de apropriar o espaço urbano livremente, ressaltando ações e atores sociais que conseguem atuar efetivamente nessa mudança de realidade.

O Guinga's Bar & Karaokê é um dos mais emblemáticos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nas áreas periféricas de São Paulo, demonstrando a resiliência desse grupo social não hegemônico e dessas territorialidades igualmente não hegemônicas em apropriar quaisquer espaços da cidade que desejem. Reis (2015) uma atmosfera de resistência e luta por visibilidade LGBTQIAP+ periférica no lugar, traduzida por meio do acolhimento que o estabelecimento proporciona aos/as frequentadores/as, em que “sensações de pertença com o espaço estão diretamente relacionadas com o fato de se sentirem à vontade e de não resumirem sua ida ao bar pelo efeito compulsório de estarem na pista [de dança] ou no karaokê” (REIS, 2015, p. 31). O acolhimento do indivíduo por um coletivo pode ser um dos principais fatores capazes de gerar sensações de pertencimento desses usuários/as/es com o espaço em que sociabilizam. Categorizado por Kobayashi (2013) como um “pedaço” (conceito da antropologia urbana detalhado na seção 1.2.2 e que será desenvolvido novamente na seção 3.2.3), a autora observou narrativas de desconforto dos/as seus/as frequentadores/as do Guinga's ao sociabilizarem em lugares das áreas centrais, justamente pela carga negativa associada a seu lugar de origem, o que os faz serem recebidos de maneira hostil, fazendo-os preferir lugares das áreas periféricas para sociabilizar, por apresentarem um ambiente mais acolhedor – parte dessa carga discriminatória também está relacionada não apenas à questões territoriais, mas também a diferenças de poder aquisitivo, como visto no caso da dicotomia entre “Augusta” e “Vieira”. Evidentemente, isso também ocorre dentro das mesmas áreas periféricas, algo observado no caso da Plasticine, que, por ser uma festa não direcionada e promovida como LGBTQIAP+ e que acontecia periodicamente dentro de um estabelecimento de entretenimento noturno também não voltado à essas identidades, gerava conflitos e situações de discriminação entre os diferentes públicos que frequentavam o lugar; discriminação relacionada a conflitos de expressão pessoal.

Essa sensação de desconforto de alguns moradores periféricos em frequentar áreas centrais da escala municipal vem de uma série de experiências pregressas e recorrentes de uma discriminação que, *a priori*, é espacial, mas que carrega consigo uma série de questões sociais relacionadas à imagem que os usuários da cidade têm das diferentes territorialidades, tendo-as frequentado ou não.

Medeiros (2006) observou um profundo sentimento de dicotomia entre as experiências de vida de lésbicas moradores da periferia em relação às lésbicas

moradoras das áreas centrais, resultante de diferentes problemáticas enfrentadas por essas diferentes territorialidades. Segundo relatos, nas áreas centrais, há a percepção de haver uma maior possibilidade de experimentação da homossexualidade de maneira mais aberta, “pois não haveria uma coerção imediata sobre uma vivência homoerótica” (MEDEIROS, 2006, p. 540), enquanto que, na periferia, essa coerção sistemática e violenta impede a experimentação livre e, conseqüentemente, sua expressão como tal.

Durante a participação em palestras da Família Stronger na zona sul, Sod (2018) também observou diferenças de percepção entre as vivências LGBTQIAP+ das áreas centrais e periféricas. Kido, morador do distrito de Itaquera, zona leste, apontou que, geralmente, há a percepção de uma grande diferença cultural no núcleo familiar de origem de indivíduos LGBTQIAP+ (nesse relato, especificamente os *gays*) que impacta diretamente na aceitação de sua identidade nesse ambiente originário. Segundo essa observação, os “*gays* [moradores] de periferia, na maioria das vezes, por falta de cultura dos próprios pais, sofrem muitas represálias” (*sic*), enquanto os pais aqueles moradores de áreas centrais, condição também relacionada, no relato, a melhores capacidades de consumo e acesso à informação, “a princípio, têm as suas próprias opiniões, mas acabam cedendo” (*sic*) (Kido *in* SOD, n.p.). Algo que se destaca nesse mesmo relato, é o fato de que não apenas o núcleo familiar originário ser crucial no desenvolvimento ou retração da expressão das identidades não cisheteronormativas, uma vez que há várias outras esferas e situações sociais associadas na construção da personalidade do indivíduo:

O problema em si não é os próprios gays, tanto da região do centro quanto da periferia, e sim do núcleo familiar. E aí agrega também a escola, porque é escola pública e não uma particular que sabe lidar com essa situação, cheia de dedos. Uma escola pública não tá nem aí. Então, sofre o bullying, o gay se isola, ou ele se suicida, ou vai pra rua. (*sic*) (Kido *in* SOD, 2018, n.p.)

Matheus Silva, morador do distrito de Parelheiros, zona sul, apontou que as diferenças culturais entre moradores de centros e periferias são um problema para além de suas identidades pessoais, criando uma cisão em grande escala. Exemplificou esse fato a partir de sua experiência com o estado das discussões acerca do HIV/AIDS na década de 2010 – assunto que ainda, no século XXI, assombra os mesmos grupos sociais primariamente atingidos pela epidemia das décadas de 1980 e 1990, como visto na seção 1.1.3.5. Segundo o relato, em grande medida, os

órgãos públicos, acabam sendo dominados por identidades hegemônicas que trazem em seus discursos para a população em geral um “linguajar próprio deles, que não consegue adentrar na periferia” (*sic*) (Silva *in* SOD, 2018, n.p.). Isso causa um distanciamento entre alguns representantes da saúde pública e a população geral, criando falhas de comunicação e desinteresse em problemas latentes: “Só que a sociedade não fala sobre HIV. E eu acho que esse é o nosso maior comportamento de risco, é não falar mais sobre HIV” (*sic*) (Silva *in* SOD, 2018, n.p.). O caso se torna ainda pior ao considerar-se que são justamente os órgãos de saúde pública os mais essenciais na prevenção e tratamento dessas e outras Infecções Sexualmente Transmitidas, ISTs³⁵.

Posto a complexidade das identidades humanas, compostas por diversas características socioculturais que formam sua personalidade e que são formadas pelas experiências de vida de cada indivíduo, deve-se ressaltar que cada cidadão/ã enfrenta diversas questões relacionadas a essas diferentes características em diferentes ambientes e momentos históricos. Essa seção trata justamente da sobreposição de identidades, LGBTQIAP+ e periféricas, mas há ainda muitas outras sobreposições relevantes à construção das sensações de pertencimento ou negação do indivíduo com a cidade. Também em Sod (2018), Allan, negro e morador do distrito de Jardim Ângela, na zona sul, ressalta o caráter étnico dessa discussão ao discorrer sobre os preconceitos sofridos por moradores periféricos ao frequentar áreas centrais, não apenas por sua territorialidade, mas também por sua etnia:

Você vai, por exemplo, num Pátio Paulista (shopping de elite em São Paulo), e as pessoas te olham diferente. Se uma pessoa negra usar um chinelo e entrar no shopping, já é meio estranho, as pessoas te olham e já começam a comentar. Agora, uma pessoa branca, de certa forma, usando chinelo é estiloso. Tem essa separação. (*sic*) (Allan *in* SOD, 2018, n.p.)

Como aponta Reis (2015),

o lugar social ocupado pelos espaços que eu pesquiso, atravessados por pertencimentos e/ou distanciamentos, mostram que a noção de “centralidade” ou do que é “central” em oposição ao que é “periférico” ou da “periferia”, é uma construção sócio-histórica e classista, que visa tornar opaca a existência desses espaços de sociabilidade homossexual localizados em “periferias”. (REIS, 2015, p. 37)

³⁵ Termo de substituiu Doenças Sexualmente Transmissíveis, DSTs, para se referir também a fase assintomática da transmissão dos patógenos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s.d. (c)).

Mesmo entre as próprias identidades LGBTQIAP+, essa também pode ser uma problemática e um fator de distanciamento e perpetuação de segregações e da negação da própria identidade: “É preocupante, mas não é falado. Às vezes, o próprio *gay* negro tem preconceito em se relacionar com *gay* negro” (*sic*). No mesmo relato, Allan aponta o persistente racismo estrutural como um fator de distanciamento entre indivíduos de identidades tão semelhantes: “Tem aquela coisa: ‘por que você vai namorar com negro? Você tem que namorar com branco. Vamos ‘esclarecer’ as coisas.’ – eu rio da fala irônica e racista” (*sic*) (Allan *in* SOD, 2018, n.p.).

Rodrigues (2017) ao observar identidades LGBTQIAP+ na favela de Heliópolis, traz outro conflito que se soma as dificuldades cotidianas das identidades periféricas, o conflito geracional. Foi possível observar que os moradores de idade mais avançada

Podiam vestir-se como quisessem, assim como manifestar seus desejos por outras pessoas independentemente se homens ou mulheres. Sua luta por permanência, por ter determinado corpo e ter uma vida afetivo-sexual com quem escolhessem era algo político. Já no discurso dos moradores mais jovens a fala se manifestava no sentido de que, embora não houvesse discriminação fazia-se necessário saber comportar-se; podiam se apropriar de todos os espaços, contudo, não podiam fazer tudo o que desejassem. (RODRIGES, 2017, p. 76-77)

Essa questão do “comportamento”, ou seja, da livre expressão pessoal, aparece diversas vezes no cotidiano das identidades LGBTQIAP+, que enfrentou ainda mais dificuldades durante os períodos mais conservadores da história, como, no Brasil, durante o período colonial e ditatoriais ou durante a epidemia do HIV/AIDS nas décadas de 1980 e 1990, como visto na seção 1.1. No caso da festa Plasticine, Reis (2015) observou como os códigos visuais e comportamentais de seus usuários, ou seu “estilo”, são um fator crucial na sensação de pertencimentos dos mesmos com o local e com o coletivo, à medida que esses códigos implícitos trazem consigo significados pregressos que auxiliam ou impedem a aceitação do indivíduo dentro do grupo: “Elas/eles são protagonistas desta cena justamente porque produzem-na” (REIS, 2015, p.19). Antigamente referido como “dar pinta”, o ato de demonstrar publicamente expressões não hegemônicas é tanto um ato de resistência contra a repressão cisheteronormativa (e normativa em geral), quanto um grande risco à segurança desses indivíduos, ainda na atualidade.

Isso também foi observado por Medeiros (2006) em relação a como identidades não hegemônicas se “comportam” no cotidiano, por meio da observação de como há

uma grande diferença na experiência de vida entre lésbicas militantes e não militantes no cotidiano das dinâmicas periféricas, principalmente em meio a contextos conservadores, em que as últimas resguardam muito mais sua identidade, posto experiências pregressas de violência à sua expressão mais vocal. Segundo esses relatos, afirmar sua identidade não hegemônica é não apenas um ato de resistência, mas um risco, pois

para essas mulheres, não se assume lésbica a pessoa que não tem certeza de sua condição. Isso porque o bairro da periferia onde elas moram é caracterizado como de extremo preconceito a lésbicas e gays, e várias situações homofóbicas de agressão física e atentados de morte foram narradas. (MEDEIROS, 2006, p. 536)

Esse conhecimento prévio é capaz de inibir o desenvolvimento do indivíduo à medida que “a ameaça de violência não seria propícia a um livre experimentar” (MEDEIROS, 2006, p. 540). A lenta, mas persistente incorporação das identidades LGBTQIAP+ dentro da sociedade geral parece, em grande medida, ainda estar condicionada a sua aceitação mediante o “saber se comportar” ou existir “do jeito deles” (RODRIGUES, 2017, p. 80-81), referindo-se às identidades hegemônicas. Esse processo e, sobretudo, a resiliência dessas identidades em reclamar seu lugar social e espacial de direito a despeito de todas suas recorrentes dificuldades vem fazendo com que, na virada do século XXI, venha sido possível a conquista de algumas garantias legais e visibilidade, como visto nas seções 1.1.3.6 e 1.1.3.7.

Segundo pesquisa participativa feita em 2021 pela Rede Nossa São Paulo (RNSP) em parceria com a empresa Inteligência em Pesquisa e Comunicação (IPEC), realizada também em 2018 e 2019 em parceria com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), a percepção de que a cidade de São Paulo é tolerante às identidades LGBTQIAP+ vêm aumentando a partir da virada da década de 2020 – levando em consideração que a amostra da pesquisa conta uma quase absoluta maioria de cisgêneros e heterossexuais. Um dos pontos mais interessantes da pesquisa é a constatação dessa percepção em relação à divisão entre as zonas da cidade, em que, a maioria da amostra é morador/a das zonas leste e sul, representando 35% e 32% da amostra, respectivamente, enquanto a minoria é moradora das zonas oeste e central, representando apenas 10% e 4% da amostra, respectivamente; a zona norte aparece com 19% de moradores. Esses dados refletem a distribuição geral de habitantes entre essas zonas (PREFEITURA..., 2022).

Para 44% da amostra, há a percepção de que a cidade de São Paulo é tolerante às identidades LGBTQIAP+, enquanto é intolerante para 21% e neutra para 28%. Essa percepção se baseia, em parte, em algumas experiências com o cotidiano urbano exploradas na pesquisa e tendo em vista que a televisão ainda é a maior fonte de informação sobre os direitos LGBTQIAP+, seguida de perto pela *internet*, por meio de *sites* de notícias e mídias sociais – acerca disso, em comparação com a pesquisa de 2019, caiu o percentual de pessoas que não buscam qualquer tipo de informação. Entre as zonas, o percentual que afirma tolerância e intolerância é, respectivamente, de, 51% e 17% na zona central, 52% e 38% na oeste, 43% e 20%, na norte, 45% e 26% na leste e 42% e 19% na zona sul. A maior diferença é entre as zonas oeste e leste, à medida em que 26% dos moradores da zona leste considera que a cidade é intolerante, enquanto apenas 8% dos da zona oeste afirmam o mesmo. É interessante observar que 49% da amostra que afirma que a cidade é tolerante, é preta ou parda.

Quanto à ação do poder público municipal no combate à violência contra LGBTQIAPs+, 52% da amostra considera que pouco tem sido feito e 19% que nada tem sido feito, em um total de 71% de reprovação, em comparação com apenas 10% que afirma que muito tem sido feito pelo poder público. Entre as zonas da cidade, o percentual que afirma que pouco ou nada tem sido feito e que muito tem sido feito é de 65% e 15% na zona central, 74% e 13% na oeste, 6% e 73% na norte, 72% e 9% na leste e 69% e 13% na zona sul. A proporção não é tão discrepante entre as zonas, mas os moradores das zonas central e oeste são os que mais afirmam que o poder público tem feito muito nesse quesito, enquanto os das zonas norte, leste e sul, são os moradores que menos afirmam que o poder público tem feito muito, dados que parecem perpetuar a diferença de percepção entre áreas centrais e periféricas em relação às vivências LGBTQIAP+.

Ainda em relação ao poder público, 68% da amostra considera ser muito importante e/ou importante a elaboração e implementação de políticas públicas para salvaguarda dos direitos LGBTQIAP+, em comparação a 20% que as considera pouco e/ou nada importante. Essa proporção se mantém relativamente parecida entre as zonas da cidade em relação àqueles que as consideram muito importante ou importantes. O crescimento mais significativo da noção de que as ações do poder público são muito importantes ou importantes entre as pesquisas de 2019 e 2021 foi na zona sul, com 16 pontos percentuais de aumento. Dentre as ações mais citadas para concretizar essa salvaguarda das identidades LGBTQIAP+, estão a promoção

de campanhas de conscientização, aumento das penas em casos de discriminação e ampliação de serviços de proteção voltados a essas vítimas.

Espaços públicos ainda figuram, desde a pesquisa de 2019, em primeiro lugar entre todos os ambientes nos quais essas violências ocorrem, com 48% da amostra afirmando ter sofrido violência nesses locais ou tê-las presenciado – essas violências também acontecem com mais frequência em bares, restaurantes e instituições de ensino. Todos os ambientes apresentados tiveram aumento no reconhecimento de situações de violência em comparação com a pesquisa de 2019. Isso se repete entre as zonas da cidade à medida que em todas, os espaços públicos aparecem como lugar de maior recorrência de situações de violência à LGBTQIAPs+. Na zona central, as violências acontecem e são observadas com maior frequência também no transporte público; na oeste, também no ambiente de trabalho e em instituições de ensino; na norte, também no transporte público e no ambiente familiar, além de nos bares e restaurantes; na leste, essa frequência é muito similar com a da zona norte e na zona sul, as violências aconteçam e são observadas com maior frequência também no transporte público e instituições de ensino. Não é surpresa o fato de que a maioria da amostra que nunca sofreu ou presenciou violências contra LGBTQIAP+ tem mais de 45 anos e se declara, branca, católica, heterossexual e cisgênero, enquanto a maioria de quem as sofreu ou presenciou, são jovens sem religião que se declaram “não heterossexuais” e acredita que o poder público tem feito pouco ou nada para combater essas violências.

Para muitos/as/es LGBTQIAPs+, suas experiências de vida não refletem o discurso de uma cidade tolerante a sua presença, posto as recorrentes violências sofridas cotidianamente e independentemente de sua territorialidade. Essa realidade parece se estender pela Região Metropolitana, uma vez que os moradores das cidades vizinhas à capital do estado, muitas vezes também fazem parte de seu cotidiano por diversas razões como estudo, trabalho e sociabilidade. Em entrevista ao portal 32xSP em 2018, Luiz Marques, homem gay originário da zona norte e morador da cidade de Guarulhos, município limítrofe a dez distritos paulistanos das zonas leste e norte, ressalta como atos de ridicularização e expressões de desgosto à sua identidade também são um tipo de violência e deixam claro o longo caminho ainda a ser percorrido na busca de cidades (e, conseqüentemente, sociedades) menos discriminatórias às identidades não hegemônicas e silenciadas. Depois de uma experiência negativa ao frequentar um restaurante como o namorado, relata: “Era

como se fôssemos uma atração cômica. Pode ser que sejamos menos perseguidos e que nos aceitem um pouco mais, mas ainda nos perseguem, ainda não nos respeitam” (*sic*) (VASCONCELOS, 2018, n.p.).

Em entrevista para o mesmo portal, Helena Brito, mulher transexual moradora do distrito do Tucuruvi, zona norte, também relata como ainda há muitas dificuldades no cotidiano LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, ressaltando a importância de se analisar as experiências de grupos sociais por meio de sua própria voz:

Eu vim de uma família assim, super aberta no discurso, mas transfóbica na prática. O dado não reflete a realidade, e falo como pessoa trans, mulher trans. Você sente o olhar de nojo e reprovação das pessoas. E isso se repete dia após dia. As pessoas não gostam de se declarar intolerantes, mas o são. Você vê como SP é intolerante nos discursos de ódio que você lê na porta de banheiros, nos olhares, quando um governo de direita sobe ao poder tantas vezes como aqui. SP é uma cidade intolerante tanto quanto as outras, mas muito aqui fica debaixo dos panos muitas vezes. (*sic*) (Helena Brito *in* VASCONCELOS, 2018)

Os relatos deixam claro que, apesar de algumas vitórias na luta por respeito às identidades LGBTQIAPs+ como cidadãos/as válidos/as/es dentro das dinâmicas urbanas contemporâneas, ainda são muitas suas problemáticas e variadas as violências que enfrentam em seu cotidiano:

Já fui expulsa de lotação sendo chamada de “raça nojenta”, já me chamaram de traveco a luz do dia, já invalidaram minha identidade me chamando de homem. Nunca sofri violência física, mas sei que entre minhas manas eu sou exceção quanto a isso. As violências vão desde não respeitar o nome social até o descaso em serviços de saúde. (*sic*) (Helena Brito *in* VASCONCELOS, 2018)

Também em entrevista ao portal 32xSP no mesmo ano, a irmã de Laura Vermont, mulher transexual assassinada na zona leste em 2015 e que dá nome ao Centro de Cidadania LGBTI do distrito de São Miguel, Rejane Vermont, ressalta ter percebido esses tipos de violências não físicas, mas violências de qualquer maneira, no cotidiano ao andar com a irmã pela região em que moravam, na zona leste, distrito de São Miguel Paulista. Rejane ressalta, mais uma vez, experiências negativas em ambientes relacionados à saúde pública e também em relação os/as membros/as das forças de segurança pública, atores relacionados ao falecimento da irmã: “Quando eu andava com a minha irmã, os policiais olhavam com diferença, com pouco caso, com nojo. Em um hospital, a tratavam como lixo e não como um ser humano, com uma opção diferente” (*sic*) (ARRUDA, 2018, n.p.). Rejane também demonstra a diferença

entre as experiências nas áreas centrais e periféricas, dentro da imagem mais positiva das áreas centrais pelos moradores das áreas periféricas em relação a recepção de LGBTQIAPs+: “A prefeitura precisa dar mais visibilidade aos LGBTs. No centro da cidade é diferente. As travestis podem andar normalmente, enquanto aqui tratam com indiferença” (Rejane Vermont *in* ARRUDA, 2018, n.p.).

Na mesma matéria, Peterson Ribeiro, morador do distrito da Vila Matilde, zona leste, ressalta essa sensação de profunda diferença no tratamento das presenças LGBTQIAPs+ entre as áreas centrais e periféricas, em que persiste uma imagem muito mais positiva da aceitação dessas vivências nas áreas centrais por parte dos moradores das áreas periféricas. Também da mesma maneira que relata Rejane Vermont, há a percepção de que essa diferença é perpetuada pela falta de ação do poder público em dar visibilidade e conferir proteção efetiva a essas identidades nas áreas periféricas:

Creio que a percepção desses mais de três quartos desacreditados mostrados na pesquisa é a mesma que eu tenho. Ação zero por parte do poder municipal aqui na zona leste. Pelo menos, eu não tenho conhecimento. Aqui não se vê nem homens de mãos dadas como na Paulista. (*sic*) (Peterson Ribeiro *in* ARRUDA, 2018, n.p.)

Acerca de sua percepção sobre a realidade das identidades LGBTQIAP+ periféricas, em entrevista ao portal de notícias Agência Mural em 2021, Zilda Laurentino, mãe de Laura Vermont e ativista da ONG Mães Pela Diversidade, discorre sobre o impacto causado pela implementação do Centro de Cidadania LGBTI (CCLGBTI) no distrito de São Miguel Paulista – cujas contribuições serão vistas na seção 3.2 –, iniciativa do poder público municipal que o nomeou em homenagem à sua filha:

“Depois da partida da Laura, [a percepção dos moradores sobre LGBTQIAPs+] deu uma melhorada. A Laura movimentou tudo mesmo. Mas ainda não é o suficiente. Quando abriu o Centro de Cidadania, fui ameaçada pela família dos policiais envolvidos na morte dela” (*sic*) (VASCONCELOS; VELOSO, 2021, n.p.).

Essa fala é capaz de resumir bem o momento histórico no início da década de 2020, um momento de transição e de muito trabalho à ainda ser feito, em meio as vitórias e obstáculos, como visto na seção 1.1.3.7. É muito importante ressaltar como, mesmo frente a tantas violências, as identidades LGBTQIAP+ da cidade de São Paulo continuam persistindo na luta por visibilidade e legitimação de suas contribuições para

a construção das dinâmicas urbanas cotidianas. Dentre inúmeros exemplos notórios e anônimos, o legado deixado por Laura Vermont, que hoje vive na resiliência e ativismo de sua família, amigxs e entes quidxs, é apenas uma fração de um enorme esforço de LGBTQIAPs+ e aliadxs na luta pela garantia de seus direitos, mas ajuda a demonstrar um sentimento comum pela busca do direito de *existir*. Segundo seu amigo próximo e também integrante da Família Stronger, Luiz Fernando Uchôa declara: “Vamos ocupar os espaços, sim. Os nossos corpos, os nossos afetos, vão circular livremente independente da zona da cidade a qual estivermos residindo, transitando” (*sic*) (VASCONCELOS; VELOSO, 2021, n.p.).

3.2 Identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo nas décadas de 2010 e 2020

Para entender melhor como a distribuição territorial das presenças LGBTQIAP+ pode influir em sua relação com as dinâmicas urbanas contemporâneas, essa seção apresenta uma inventariação dos lugares relacionados ao seu cotidiano na cidade de São Paulo entre o final da década de 2010 e o início da de 2020, mais especificamente, por volta de 2017 a 2022 (com exceção de uma série de eventos ocorridos em 2011, mas que se encaixam na temática do capítulo). A inventariação e seus mapeamentos são sistematizados da mesma maneira àquela apresentada no Capítulo 2, mas considerando lugares além dos relacionados a sociabilidade, formando um escopo mais amplo dos lugares que fazem parte de suas vivências e cotidiano. Essa inventariação e seus mapeamentos são divididos entre as seguintes categorias:

- a. Lugares direcionados ao atendimento socioassistencial, acolhida, saúde e disseminação de informações relacionados ao público LGBTQIAP+;
- b. Lugares não direcionados ao público LGBTQIAP+, mas que fazem parte de seu cotidiano por serem amigáveis à sua presença e tratarem de suas vivências e problemáticas;
- c. Estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno direcionados ou não ao público LGBTQIAP+, mas que lhes são amigáveis e que contam com sua presença recorrente;
- d. Lugares públicos onde se desenvolvem sociabilidades LGBTQIAP+;
- e. Eventos pontuais ou sazonais direcionados ao público LGBTQIAP+.

As inventariações são, novamente, organizadas em quadros que apresentam brevemente algumas informações sobre cada lugar, quadros esses que são, novamente, sistematizados em mapeamentos que ajudam a visualizar tal distribuição territorial mais facilmente. As observações referentes aos mapeamentos, então, têm como base as categorias de análise socio-territorial formuladas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), apresentadas na seção 1.2.2. Todos os lugares foram coletados de acordo com guias e mapas feitos por e para identidades LGBTQIAP+ em São Paulo: o Mapa LGBT do coletivo #VoteLGBT e o Guia Gay de São Paulo da Guiya Editora; além de outras referências pontuais.

3.2.1 *Categorias Institucionais – quadros*

Para analisar a disposição dos serviços pela cidade, os lugares inventariados nessa seção foram categorizados de acordo com sua classificação nos setores da economia – primeiro, segundo ou terceiro. Essa análise busca determinar como se distribui entre áreas centrais e periféricas a atuação do poder público, a presença da iniciativa privada e o desenvolvimento de iniciativas da sociedade civil, ou seja, como se distribuem as possibilidades de atendimento socioassistencial, sociabilidade e disseminação de informações.

O primeiro setor se refere à administração pública, o segundo setor, à iniciativa privada e o terceiro setor, às instituições privadas sem fins lucrativos que atuam na salvaguarda de direitos sociais. O terceiro setor visa completar lacunas na atuação do poder público por meio de grupos autoadministrados que possuem algum grau de voluntariado. (FIA, 2019)

Dentro desse setor, uma das classificações mais comuns de grupos que prestam serviços sociais é a de Organização da Sociedade Civil, OSC, (sinônimo de Organização Não Governamental, ONG) que é uma “instituição privada sem fins lucrativos que presta um serviço com finalidade social” (FIA, 2019, n. p.). São autoadministradas, contam com algum nível de voluntariado e não são necessariamente institucionalizadas sob um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), como no caso dos coletivos/coletivas (QUAL A DIFERENÇA..., 2016). Outra categoria é a de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, OSCIP, que, uma vez verificada como tal pelo Ministério da Justiça seguindo requisitos da Lei nº

9.790/99, pode estabelecer parcerias com o poder público que permitem que as doações direcionadas seus projetos e ações sejam descontados no Imposto de Renda (FIA, 2019).

Ainda nesse setor, há instituições e grupos classificados como pessoas jurídicas, sendo de direito público ou privado, interno ou externo (PICCININI, 2017). Na inventariação, foram observadas apenas instituições de direito privado, no caso, Associações e Organizações Religiosas – especificamente templos evangélicos inclusivos. As Associações surgem do mesmo modo que as OSCs, também sem fins lucrativos, mas institucionalizadas sob um CNPJ, o que lhes possibilita a venda de produtos e serviços cujos ganhos são integralmente revertidos à salvaguarda e manutenção geral da instituição (QUAL A DIFERENÇA..., 2016). Segundo o artigo 44 da Lei nº 10.406/02 do Código Civil, associações e Organizações Religiosas são consideradas pessoas jurídicas de direito privado, tendo sido incluídas nessa categoria por meio da Lei nº 10.825/03. Portanto, os templos evangélicos inclusivos inventariados na pesquisa também são categorizados como pertencentes ao terceiro setor, pois não possuem fins lucrativos e funcionam como um grupo que presta serviços sociais (PICCININI, 2017).

Nessas inventariações (Quadros 8 a 12) foram observados no primeiro setor, órgãos relacionados aos governos municipal, estadual e federal, atuantes por meio de diversas Secretarias da cidade de São Paulo, do estado de São Paulo e da Presidência da República, respectivamente. No segundo setor, foram observados estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno como bares, restaurantes, cafés e boates. No terceiro setor, foram observadas Organizações da Sociedade Civil (OSCs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), Associações Cívicas e Organizações Religiosas. Áreas e vias públicas como praças, largos e ruas não recebem, na pesquisa apresentada, uma classificação, pois mesmo que, *a priori*, sua manutenção seja responsabilidade do poder público municipal através da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), podem também contar com manutenção promovida por grupos da sociedade civil e pela iniciativa privada. Esses lugares públicos e abertos configuram no mapeamento por, na maioria das vezes, estarem justamente relacionados a comércio e serviços adjacentes, que podem ser uma das motivações mais importantes da sua apropriação – a maioria desses lugares foram classificados como áreas públicas com comércio.

3.2.2 *Relações entre atividade, administração e localização – quadros*

3.2.2.1 *Locais direcionados ao público LGBTQIAP+*

Por toda cidade observa-se a presença de lugares direcionados às questões referentes às identidades e público LGBTQIAP+, atuando em função de suas necessidades, por meio de serviços socioassistenciais, casas de acolhida/moradia temporária e programas culturais, em que alguns desses equipamentos inventariados têm funcionalidades híbridas dentro dessas funções (Quadro 8, Figura 32).

A maioria dos serviços e equipamentos públicos são geridos pelo governo municipal e atuam no desenvolvimento e garantia de manutenção de políticas públicas voltadas às identidades LGBTQIAP+. Realizam ações de disseminação de informação e conscientização acerca das problemáticas e vivências desse grupo social, contando com equipamentos e programas culturais. Dentre os equipamentos híbridos de centro cultural e prestação de serviços socioassistenciais, destacam-se os relativamente recentes Centros de Cidadania LGBTI, CCLGBTIs, que estão presentes em todas as zonas da cidade (exceto a central), nomeados em homenagem a identidades LGBTQIAP+ célebres e à vítimas fatais de LGBTQIAPfobia: CCLGBTI “Claudia Wonder³⁶” na zona oeste (distrito da Lapa), CCLGBTI “Luana Barbosa dos Reis³⁷” na zona norte (distrito de Casa Verde), CCLGBTI “Laura Vermont³⁸” na zona leste (distrito de São Miguel Paulista) e CCLGBTI “Edson Nérís³⁹” na zona sul (distrito de Santo

³⁶ Claudia Wonder, travesti, foi uma prolífica artista, cantora, atriz, musicista, cabelereira, maquiadora, escritora e ativista das causas LGBTQIAP+, reconhecida como grande ícone da cultura *underground* paulistana da década de 1980 e 1990, também atuou no Centro de Referência da Diversidade na década de 2000. (GUERRA, 2021)

³⁷ Luana Barbosa dos Reis, lésbica e negra, moradora da cidade de Ribeirão Preto (estado de São Paulo), foi agredida em 2016 por dois policiais militares, após não ter permitido uma revista e exigido que o ato fosse realizado somente por uma policial feminina e faleceu em decorrência de traumatismo craniano, após o ocorrido. Seu caso ganhou repercussão internacional por meio da ONU Mulheres e do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, ambos órgãos da Organização das Nações Unidas, ONU. (ALVES, 2021)

³⁸ Laura Vermont, mulher transexual e periférica de 18 anos, foi agredida em 2015 na avenida Nordestina, no distrito de São Miguel Paulista, zona leste, por cinco homens – posteriormente acusados de homicídio culposo, com intenção de matar, mas que ainda respondem o processo em liberdade – antes de também ser agredida por mais dois policiais militares – também acusados por seu falecimento e por forjar uma versão falsa dos fatos –, tendo as agressões cessado apenas com a chegada da família de Laura, que a levou ao hospital, onde foi confirmado o falecimento; a mãe de Laura é membra da OSC Mães pela Diversidade. (GOVERNO DE SP..., 2021)

³⁹ Edson Nérís da Silva, homem *gay* e morador da cidade de Itapevi (estado de São Paulo), foi assassinado em 2000 por um grupo de 18 *skinheads* (do inglês cabeças raspadas, em livre tradução, são indivíduos que propagam intolerância e violência a quaisquer identidades não hegemônicas) por andar de mãos dadas com o namorado Dário Pereira Neto na praça da República, zona central da cidade de São Paulo. A condenação de três dos assassinos foi a primeira a ser considerada como

Amaro); o CCLGBTI “Luiz Carlos Ruas⁴⁰” no zona central (distrito da Consolação) encerrou atividades em 2019, tendo seus serviços redirecionados a outros equipamentos próximos (CANDIDO, 2019). Formam uma rede da qual também faz parte o Centro de Referência e Defesa da Diversidade “Brunna Valin⁴¹”, CRD, na zona central (distrito da República), o qual substituiu o CCLGBTI “Luiz Carlos Ruas”. (SMDHC, 2021a)

Em funcionamento desde 2015, são iniciativa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) por meio da Coordenação de Políticas para LGBTI e em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Realizam atividades culturais, artísticas e de conscientização sobre as vivências LGBTQIAP+ à população geral por meio de palestras, seminários e debates, assim como serviços de salvaguarda dos direitos cidadãos desses indivíduos por meio de “apoio jurídico, psicológico e de serviço social” (SMDHC, 2021a, n.p.). Dentre várias ações, realizaram, entre 2017 e 2019, cerimônias de Casamento Coletivo Igualitário (CIDADE..., 2019) e são base para o Programa Transcidadania⁴², que promove a qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho para travestis e transexuais (SMDHC, 2021c). Funcionam em conjunto com as Unidades Móveis LGBTI, que ampliam territorialmente sua capacidade de atendimento e disseminação de informação, como será visto na seção 3.2.2.6.

Os serviços prestados pelo governo estadual nessa inventariação estão relacionados ao desenvolvimento de políticas públicas – Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual, CPDS, gerida pela Secretaria da Justiça e Cidadania do

crime de intolerância de orientação sexual no Brasil, catalisando a criação da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI) e a promulgação da Lei nº 10.948/01 que prevê sanção administrativa para atos motivados por discriminação de orientação sexual e identidade de gênero pelo Estado de São Paulo. (ASSASSINATO..., 2020)

⁴⁰ Luiz Carlos “Índio” Ruas, foi um comerciante assassinado no Natal de 2016 por tentar proteger Edvaldo Aureliano “Brasil” da Silva e Raissa “Pandora” Saad (mulher transexual), ambos em situação de rua, de agressões perpetradas por dois homens na Estação D. Pedro II do Metrô, zona leste da cidade de São Paulo. Nesse momento, toda a equipe de segurança da estação se encontrava em outra estação e a demora no auxílio ao comerciante, que não foi prestado nem pelos transeuntes do lugar, levou ao seu falecimento por traumatismo cranioencefálico grave. (BOVO, 2020)

⁴¹ Brunna Valin, mulher transexual e soropositiva, foi uma importante militante e ativista das causas LGBTQIAP+ e do/as/es portadores/as do HIV e orientadora socioeducativa no Centro de Referência da Diversidade, tendo ocupado importantes cargos em grupos organizados referentes a essas temáticas. (O ADEUS..., 2020)

⁴² O Programa Transcidadania promove a qualificação profissional e reinserção no mercado de trabalho para travestis e transexuais, por meio da capacitação educacional e apoio financeiro, psicológico e pedagógico, durante um período de 2 anos. Os treinamentos profissionais oferecidos possibilitam a inserção dos/as beneficiários/as/es em órgãos públicos por meio de um programa de voluntariado. É uma iniciativa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, SMDHC. (SUBPREFEITURA..., 2021)

Estado de São Paulo e Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de São Paulo gerido pelo Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo – e a um equipamento cultural, o Museu da Diversidade, MDS, gerido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e localizado na estação República da linha 3-Vermelha do Metrô, no distrito homônimo, zona central.

Não são observadas iniciativas diretamente geridas pelo governo federal e mesmo as instâncias que podem ser conectadas a sua atuação são tangenciais, como no caso da parceria com a Coordenação de Políticas para LGBTI do governo municipal, anteriormente citado, e do Núcleo TransUnifesp “Professor Roberto Farina” da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); esse último, sem nenhuma relação direta com órgãos e programas federais relacionados às questões LGBTQIAP+.

Os outros lugares inventariados são Organizações e Associações da Sociedade Civil sem fins lucrativos, OSCs e OSCIPs, que operam em diversas áreas socioassistenciais ao ofertar serviços de moradia temporária/acolhimento – como a Casa 1, Casa Florescer, Casa Chama e La Fancha – , cursos profissionalizantes – como o curso de inglês English to Trans-form e o cursinho popular pré-vestibular Transformação–, atendimento médico – como a clínica social da Casa 1 e o projeto PrEP1519 – e ações de reinserção no mercado de trabalho – como no restaurante da casa de acolhida La Fancha.

Quadro 8 – Inventariação de diferentes tipos de lugares direcionados ao público LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020.

LUGARES DIRECIONADOS AO PÚBLICO LGBTQIAP+				
LOCAL	TIPO	ENDEREÇO	DISTRITO	ZONA
Casa 1 [Organização da Sociedade Civil]	Casa de acolhida com serviços socioassistenciais	r. Condessa de São Joaquim, 277	Bela Vista	Central
Clínica Social Casa 1 [Organização da Sociedade Civil]	Serviços socioassistenciais (saúde)	r. Lettiere, 65	Bela Vista	Central
Galpão Casa 1 e English to Trans-form [Organização da Sociedade Civil]	Centro educacional	r. Adoniran Barbosa, 151	Bela Vista	Central
Casa Florescer I [Organização da Sociedade Civil]	Casa de acolhida com serviços socioassistenciais	r. Prates, 1101	Bom Retiro	Central
Cursinho Popular Transformação (Ação Educativa)	Centro educacional	r. Gal. Jardim, 660	Consolação	Central

[Associação Civil]				
Centro de Referência e Defesa da Diversidade “Brunna Valin” (CRD) [governo municipal – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social]	Serviços socioassistenciais	r. Major Sertório, 292	República	Central
Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de São Paulo [governo estadual – Secretaria da Justiça e Cidadania]	Serviços socioassistenciais	r. Antônio de Godoi, 122	República	Central
Museu da Diversidade Sexual (MDS) [governo estadual – Secretaria de Cultura]	Equipamento cultural	pç. da República, 299	República	Central
Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual de São Paulo [governo municipal – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania]	Serviços socioassistenciais	r. Líbero Badaró, 119	Sé	Central
Coordenação de Políticas LGBTI do Município de São Paulo [governo municipal – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania]	Serviços socioassistenciais	r. Líbero Badaró, 119	Sé	Central
Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual (CPDS) [governo estadual – Secretaria da Justiça e Cidadania]	Serviços socioassistenciais	pátio do Colégio, 148/184	Sé	Central
Centro de Cidadania LGBTI “Claudia Wonder” [governo municipal – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania / Coordenação de Políticas para LGBTI]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	av. Ricardo Medina Filho, 603	Lapa	Oeste
Casa Chama [Organização da Sociedade Civil]	Serviços socioassistenciais	r. Caetés, 440	Perdizes	Oeste
Centro de Cidadania LGBTI “Luana Barbosa dos Reis” [governo municipal – Secretaria Municipal de	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	pç. Centenário, 43	Casa Verde	Norte

Direitos Humanos e Cidadania / Coordenação de Políticas para LGBTI]				
Casa Florescer II [Organização da Sociedade Civil]	Casa de acolhida com serviços socioassistenciais	r. Capricho, 872	Tucuruvi	Norte
Projeto PrEP1519 [Organização da Sociedade Civil de Interesse Público]	Serviços socioassistenciais (saúde)	r. Sara Kubitscheck, 165	Cidade Tiradentes	Leste
Centro de Cidadania LGBTI “Laura Vermont” [governo municipal – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania / Coordenação de Políticas para LGBTI]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	av. Nordeste, 496	São Miguel Paulista	Leste
La Fancha [Organização da Sociedade Civil]	Casa de acolhida com serviços socioassistenciais e restaurante mensal	r. Professor Guilherme Belfort Sabino, 214	Campo Grande	Sul
Centro de Cidadania LGBTI “Edson Nêris” [governo municipal – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania / Coordenação de Políticas para LGBTI]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	r. Conde de Itu, 673	Santo Amaro	Sul
Centro Cultural da Diversidade (CCD) [governo municipal – Secretaria Municipal da Cultura]	Equipamento cultural	r. Lopes Neto, 206	Itaim Bibi	Sudoeste
Núcleo TransUnifesp “Professor Roberto Farina” [governo federal – grupo de extensão universitária interdisciplinar e interinstitucional]	Serviços socioassistenciais	r. Napoleão de Barros, 859	Vila Mariana	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela com base em Guia Gay São Paulo, s.d.; MapaLGBT, 2019.

3.2.2.2 Locais não direcionados, mas com presença LGBTQIAP+

A categoria de lugares não direcionados ao público LGBTQIAP+, mas que conta com sua presença, se refere a lugares que fazem parte das vivências e do cotidiano dessas identidades sem serem exclusivamente criados para atender suas

necessidades (Quadro 9, Figura 33). Há grande variedade de programas e atividades, como serviços socioassistenciais e equipamentos culturais, assim como espaços geridos por coletivos/as, museus, templos evangélicos inclusivos, dentre outros.

Serviços geridos pelo poder público aparecem em menor quantidade, em que os serviços socioassistenciais são prestados pelo governo estadual e se relacionam a salvaguarda dos direitos cidadãos – Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI) da Secretaria de Segurança Pública – e da saúde pública – Centro de Referência e Treinamento DST/Aids (CRT DST/Aids SP) da Secretaria de Estado da Saúde; é importante observar como a prevenção e o tratamento do HIV/AIDS ainda é uma pauta persistente dentro das questões LGBTQIAP+, como no caso do projeto PrEP1519 da inventariação anterior, um reflexo da epidemia das décadas de 1980 e 1990, como observado na seção 1.1.3.5. Os outros lugares geridos pelo poder público são equipamentos culturais diversos, majoritariamente do governo municipal – como o Centro Cultural São Paulo (CCSP) e o Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo – com exceção da Pinacoteca Luz, gerida pelo governo estadual por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, mas categorizada como uma Associação Civil.

A maior presença de equipamentos culturais pode ser explicada pela sua capacidade de dar visibilidade a temáticas LGBTQIAP+ por meio de exposições, apresentações de mídias audiovisuais, performances, entre outras manifestações artísticas que colocam essas identidades e suas vivências em contato com o público geral, justamente pela capacidade desses equipamentos de atrair públicos variados. Seja em espaços geridos por coletivos/as e pequenas associações ou Organizações da Sociedade Civil – como o Jardim Miriam Arte Clube, a Aparelha Luzia ou a ocupação artística Ouvidor 63 –, Associações e Organizações de maior porte e reconhecíveis em maior escala – como a Pinacoteca Luz, a Casa do Povo ou o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) – ou espaços geridos pelo poder público – como o Centro Cultural São Paulo (CCSP) ou o Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo. O MAM, o CCSP e a Pinacoteca Luz aparecem na inventariação também por terem banheiros inclusivos à travestis e transexuais.

Nessa inventariação, se destacam as Organizações Religiosas enquanto templos de doutrina cristã evangélica, referindo-se a “igrejas cristãs não católicas e herdeiras do protestantismo” (QUEIROZ, 2019, n.p.), servindo como termo guarda-chuva para doutrinas semelhantes. É importante destacar a presença de sete desses

lugares nessa inventariação, justamente pela delicada relação entre religião e diversidade sexual e de gênero no Brasil; como visto na seção 1.1.3.7.

Segundo o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), no Censo Demográfico de 2010, que contabilizou 190.755.799 habitantes no país, aproximadamente 64,65% da população se identificava como pertencente a doutrina Católica Apostólica Brasileira, enquanto aproximadamente 22,16% se considerava pertencente à doutrina Evangélica. Já em dezembro de 2019, o instituto Datafolha, pertencente ao Grupo Folha, demonstrou que aproximadamente 50% da população se identificou como pertencente a doutrina Católica, enquanto aproximadamente 31%, à Evangélica (BALLOUSSIER, 2020). Esse aumento deve também ser considerado em relação ao aumento da população desde o Censo de 2010: em pesquisa publicada em agosto de 2021, o IBGE estima que a população do país tenha crescido para 213.317.639 habitantes nesse mesmo ano (BARROS, 2021). Dentre os países da América Latina que observam considerável crescimento da população pertencente à doutrina evangélica, muitos/as vindos/as do catolicismo, o Brasil é o país em que esse fenômeno é observado em maior quantidade e nas mais diferentes esferas sociais, notadamente no poder público e meios de comunicação (QUEIROZ, 2019). Deve-se destacar o aumento de evangélicos nos órgãos públicos, ou seja, atuando diretamente nas políticas públicas de um país laico: em 2010, foram eleitos para Câmara dos Deputados, 65 políticos/as pertencentes a essa doutrina e em 2018, 82, em um total de 513 deputados/as/es (QUEIROZ, 2019). Frente a esses dados, observava-se também que nas últimas décadas, discursos e ações conservadoras e excludentes aparecem com exponencial afinco por meio de indivíduos e grupos ligados as doutrinas evangélicas e que atuam diretamente com políticas públicas, muitas vezes em ataque direto à liberdade de expressão e possibilidades de vivência das identidades LGBTQIAP+ (SINVIOLENCIA LGBTI, 2019). O impacto negativo gerado por essa mentalidade sob os direitos cidadãos das identidades LGBTQIAP+ pode ser observado na seção 1.1.3.7. Justamente por isso é interessante observar que, mesmo frente a tal conservadorismo combatente à diversidade sexual e de gênero, alguns desses grupos religiosos vêm se preocupando com a inclusão desses mesmos grupos não cisheteronormativos em suas egrégoras, demonstrado pela quantidade de templos inventariados no Quadro 9. De fato, segundo o cientista político Egerton Neto (*apud* JORDÃO, 2021, n.p.),

Não é, necessariamente, a religião que se opõe aos direitos LGBTQIA+. A instrumentalização dos credos por grupos políticos é o verdadeiro perigo, como vemos no Brasil hoje em dia. O Estado laico serve para proteger a comunidade LGBTQIA+ dessas pessoas.

Além dos templos evangélicos inclusivos que aparecem apenas nessa inventariação, percebe-se, em relação a inventariação anterior, uma maior quantidade de Organizações (ONGs e OSCIPs) e Associações da Sociedade Civil, majoritariamente relacionados a atividades culturais.

Quadro 9 – Inventariação de diferentes tipos de lugares direcionados ou não às identidades LGBTQIA+, mas que são amigáveis à sua presença e/ou promovem ações referentes à disseminação de informações acerca de suas vivências, entre o final da década de 2010 e início da de 2020.

LUGARES NÃO DIRECIONADOS, MAS COM PRESENÇA LGBTQIA+				
LOCAL	TIPO	ENDEREÇO	DISTRITO	ZONA
União de Mulheres de São Paulo [Organização da Sociedade Civil]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	r. Coração da Europa, 1395	Bela Cintra	Central
Casa do Povo (Instituto Cultural Israelita Brasileiro) [Associação Civil]	Equipamento cultural	r. Três Rios, 252	Bom Retiro	Central
Pinacoteca Luz (Associação Pinacoteca Arte e Cultura – APAC) [Associação Civil e governo estadual – Secretaria de Cultura e Economia Criativa]	Equipamento cultural	pç. da Luz, 2	Bom Retiro	Central
Centro Cultural São Paulo (CCSP) [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	Equipamento cultural	r. Vergueiro, 1000	Liberdade	Central
Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	Equipamento cultural	pç. Pedro Lessa, 591/671 (Galeria Formosa)	República	Central
Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI) [governo estadual – Secretaria de Segurança Pública]	Serviços socioassistenciais	r. Brigadeiro Tobias, 527	República	Central

Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM-SP) [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	av. Vieira de Carvalho, 192	República	Central
Aparelha Luzia [Organização da Sociedade Civil]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais / quilombo urbano	r. Apa, 78	Santa Cecília	Central
Cidade de Refúgio [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	av. São João, 1600/1634	Santa Cecília	Central
Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (Ianti) [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	r. Frederico Abranches, 245	Santa Cecília	Central
Koinonia Presença Ecumênica e Serviço [Associação Civil]	Serviços socioassistenciais / organização religiosa ecumênica	r. do Carmo, 56	Sé	Central
Ouvidor 63 [Organização da Sociedade Civil]	Equipamento cultural (ocupação artística)	r. do Ouvidor, 63	Sé	Central
Coletivo Feminista [Organização da Sociedade Civil]	Serviços socioassistenciais (saúde)	r. Bartolomeu Zunega, 44	Pinheiros	Oeste
Congregação Diante Do Senhor [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	r. Domingos Vega, 618	Brasilândia	Norte
Igreja Deus Vivo Inclusivo (IDVI) [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	r. Gipoia, 286	Vila Guilherme	Norte
Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes [governo municipal – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo]	Equipamento cultural e educacional com área pública adjacente	r. Inácio Monteiro, 6900	Cidade Tiradentes	Leste
Igreja Apostólica Novo Templo [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	r. Arnaldo Vallardi Portilho, 29	Penha	Leste
Igreja Cristã Contemporânea [Organização Religiosa]	Templo evangélico progressista	av. Celso Garcia, 3625	Tatuapé	Leste
Espaço Cultural CITA (Instituto CITA) [Associação Civil]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	r. Aroldo de Azevedo, 20	Campo Limpo	Sul
União Popular de Mulheres (UPM) [Organização da Sociedade Civil]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	r. Zacarias Mazel, 128	Campo Limpo	Sul
Jamac (Jardim Miriam Arte Clube) [Associação Civil]	Centro educacional	r. Maria Balades Corrêa, 8	Cidade Ademar	Sul

Circo Social Grajaú (Cedeca Interlagos) [Organização da Sociedade Civil]	Equipamento cultural com serviços socioassistenciais	r. Ezequiel Lopes Cardoso, 333	Grajaú	Sul
Casa Flores [Organização da Sociedade Civil]	Serviços socioassistenciais (mulheres pós sistema prisional)	r. Pedrosa Alvarenga, 1284	Itaim Bibi	Sudoeste
Museu de Arte Moderna de SP (MAM) [Organização da Sociedade Civil de Interesse Público]	Equipamento cultural	av. Pedro Álvares Cabral, s/nº (pq. Ibirapuera)	Moema	Sudoeste
Grupo de Incentivo a Vida (GIV) [Organização da Sociedade Civil]	Serviços socioassistenciais (saúde)	r. Capitão Cavalcanti, 145	Vila Mariana	Sudoeste
Centro de Referência e Treinamento DST/Aids (CRT DST/Aids SP) [governo estadual – Secretaria de Estado da Saúde]	Serviços socioassistenciais (saúde)	r. Santa Cruz, 81	Vila Mariana	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela com base em Guia Gay São Paulo, s.d.; MapaLGBT, 2019.

3.2.2.3 *Estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno*

Nessa inventariação, todos os lugares são pertencentes ao segundo setor, o da iniciativa privada, sendo comércios e serviços que, muitas vezes, funcionam concomitantemente com festas e espaços para apresentações artísticas variadas. São restaurantes, cafés, padarias, bares e boates que também podem apresentar programas mistos (Quadro 10, Figuras 34 e 35).

Dentre eles, alguns persistem há décadas, pois também estão presentes nas inventariações históricas do Capítulo 2, especificamente entre as décadas de 1970 e 2010 – as inventariações dessas décadas estão nos Quadros 4 a 7 do Capítulo 2 e Quadros 13 e 14 do Apêndice A. A maioria desses estabelecimentos ainda em funcionamento está na área central, principalmente no distrito da República. O bar Caneca de Prata e a boate ABC Bailão (antiga Homo Sapiens, ou HS) estão na região desde a década de 1970, o restaurante Vermont e a boate Danger Dance Club estão desde a década de 1990 e o Soda Pop Bar, desde a década de 2000. A boate Tunnel (anteriormente chamada Tunnel do Tempo) está no distrito da Bela Vista desde a década de 1990, assim como o restaurante Spot, desde a década de 2000. A Blue

Space se mantém como a mais longeva boate LGBTQIAP+ da cidade de São Paulo, em funcionamento desde 1996 no distrito de Santa Cecília – embora seja comum o endereço ser corriqueiramente referenciado como estando no distrito adjacente da Barra Funda, justamente pela proximidade. Na zona oeste, se mantém o restaurante Ritz no distrito da Jardim Paulista desde a década de 1980 (não direcionado ao público LGBTQIAP+, mas que sempre fez parte de sua sociabilidade), e a boate D-EDGE, no distrito da Barra Funda desde a década de 2000. Por fim, na zona leste se mantém o Guinga's Bar & Karaokê no distrito de São Mateus desde 2007, sendo um dos mais importantes lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ relacionada ao entretenimento noturno nessa parte da cidade, como visto na seção 3.1.2 (KOBAYASHI, 2013; REIS, 2015).

Uma das características mais interessantes dessa inventariação é a absoluta concentração de lugares nas zonas oeste e, principalmente, central, fazendo parte da já mencionada “mancha” de sociabilidade LGBTQIAP+ historicamente concentrada nas áreas centrais da escala municipal, como será explorado na seção 3.2.3.2.

Quadro 10 – Inventariação de estabelecimentos comerciais, de serviço e de entretenimento noturno direcionados ao público LGBTQIAP+ ou que contam com sua presença recorrente/são amigáveis à sua presença, entre o final da década de 2010 e início da de 2020.

ESTABELECEMENTOS COMERCIAIS E DE ENTRETENIMENTO NOTURNO				
LOCAL	TIPO	ENDEREÇO	DISTRITO	ZONA
Bar Verde	Bar	r. Peixoto Gomide, 145	Bela Vista	Central
Bofetada Club	Boate	r. Peixoto Gomide, 131	Bela Vista	Central
Club Yatch	Boate	r. Treze de Maio, 703	Bela Vista	Central
Scada – Shop. Frei Caneca	Café	r. Frei Caneca, 569	Bela Vista	Central
Spot	Restaurante	al. Ministro Rocha Azevedo, 72	Bela Vista	Central
Tunnel	Boate	r. dos Ingleses, 355	Bela Vista	Central
Aloka Club	Boate	r. Frei Caneca, 916	Consolação	Central
Athenas	Restaurante	r. Augusta, 1449	Consolação	Central
Athenas To-Go	Padaria	r. Antônio Carlos, 334	Consolação	Central
ToZé (Bar d'A Lôca)	Bar-Padaria	r. Peixoto Gomide, 106	Consolação	Central
Bar do Netão	Bar	r. Augusta, 584	Consolação	Central
Bella Paulista	Padaria	r. Haddock Lobo, 354	Consolação	Central
Casa Fluida	Bar-Exposições	r. Bela Cintra, 569	Consolação	Central
Club Jerome	Boate	r. Mato Grosso, 398	Consolação	Central

Dona Teresa	Restaurante-Bar	r. Fernando de Albuquerque, 57	Consolação	Central
Dopê Casual Food	Café	r. Haddock Lobo, 90	Consolação	Central
Eagle São Paulo Cruising Bar	Bar	r. Augusta, 620	Consolação	Central
Espeto Bambu	Restaurante	r. Haddock Lobo, 71	Consolação	Central
Igrejinha	Bar	r. Fernando de Albuquerque, 302	Consolação	Central
La Tartine	Restaurante	r. Fernando de Albuquerque, 267	Consolação	Central
Mestiço	Restaurante	r. Fernando de Albuquerque, 277	Consolação	Central
Mineiro Prime	Restaurante	r. Antônio Carlos, 282	Consolação	Central
Oficina Club	Bar	r. Peixoto Gomide, 73	Consolação	Central
Selva	Boate	r. Augusta, 501	Consolação	Central
Terraço Club	Boate	r. Frei Caneca, 914	Consolação	Central
Up Cozinha&bar	Restaurante-Bar	r. Antônio Carlos, 395 A	Consolação	Central
Urbe Café	Café	r. Antônio Carlos, 404	Consolação	Central
Bar Fama Inflama	Bar	r. Frederico Abranches, 29	Santa Cecília	Central
Blue Space	Boate	r. Brigadeiro Galvão, 723	Santa Cecília	Central
Cabaret da Cecília	Boate	r. Fortunato, 35	Santa Cecília	Central
Das	Bar	r. Fortunado, 133	Santa Cecília	Central
ABC Bailão	Boate	r. Marquês de Itu, 182	República	Central
Bar Queen	Bar-Show	r. Vitória, 826	República	Central
Caneca de Prata	Bar	av. Vieira de Carvalho, 63	República	Central
Cantho Club	Boate	lg. do Arouche, 32 (endereço antigo)	República	Central
Carolina's Bar	Bar-Show	av. Duque de Caxias, 156/158	República	Central
Dan Pizza Bar	Restaurante	r. Aurora, 850	República	Central
Danger Dance Club	Boate	r. Rego Freitas, 470	República	Central
Drosophyla	Bar	r. Nestor Pestana, 163	República	Central
Emparia da Vovó	Café	av. Vieira de Carvalho, 154	República	Central
Gêmel	Padaria	lg. do Arouche, 400	República	Central
Lekitsch Bar	Bar	pç. Franklin Roosevelt, 142	República	Central
Lions Nightclub	Boate	av. Brigadeiro Luís Antônio, 277	República	Central
Lurex Bar & Lounge	Boate	r. Aurora, 737	República	Central
O Gato Que Ri	Restaurante	lg. do Arouche, 37/41	República	Central
RomeoRomeo	Café	r. Bento Freitas, 126	República	Central

Soda Pop Bar	Bar-Festa	av. Vieira de Carvalho, 43	República	Central
Sputnik Bar	Bar	Ig. do Arouche, 330	República	Central
Tokyo	Bar	r. Major Sertório, 110	República	Central
Vermont República	Restaurante	av. Vieira de Carvalho, 10	República	Central
Woof Bar	Bar	av. Vieira de Carvalho, 31	República	Central
ZIG Duplex	Boate	r. Araújo, 155	República	Central
D-EDGE	Boate	al. Olga, 170	Barra Funda	Oeste
Bar de Cima (Chez Oscar)	Bar	r. Oscar Freire, 1128	Jardim Paulista	Oeste
Bubu Lounge Disco	Boate	r. dos Pinheiros, 791	Jardim Paulista	Oeste
Burgay	Restaurante	r. Cardeal Arcoverde, 564	Jardim Paulista	Oeste
Galeria Café SP	Bar-Café	pç. Benedito Calixto, 103	Jardim Paulista	Oeste
Ritz	Restaurante	al. Franca, 1088	Jardim Paulista	Oeste
Starbucks	Café	r. Haddock Lobo, 608	Jardim Paulista	Oeste
The Week	Boate	r. Guaicurus, 324	Lapa	Oeste
Coffeeshop Club	Boate	r. Fradique Coutinho, 1157	Pinheiros	Oeste
Festa Plasticine, Luar Music Bar (ant. Luar Rock Bar)	Festa	r. Carolina Fonseca, 35	Itaquera	Leste
Guinga's Bar & Karaokê	Boate	av. Sapopemba, 13780	São Mateus	Leste
Ku Lounge	Boate	av. Lourenço Cabreira, 716	Cidade Dutra	Sul
Antiquário Bar & Café	Café	r. Guimarães Passos, 17	Vila Mariana	Sudoeste
Boteco Ouzar	Restaurante	r. Visconde de Pirajá, 4	Ipiranga	Sudoeste
Castro Burger	Restaurante	r. Joaquim Távora, 1517	Vila Mariana	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela autora com base em Guia Gay São Paulo, s.d.; MapaLGBT, 2019.

3.2.2.4 Lugares públicos de sociabilidade LGBTQIAP+

A inventariação de lugares públicos se refere a áreas e vias públicas ocupadas pelas identidades LGBTQIAP+ para sociabilidade e encontros no geral, como reuniões das Famílias (conceito elaborado nas seções 1.1.2.2 e 1.2.2) e manifestações em reivindicação de direitos cidadãos (como a passeata de 1980 descrita na seção 1.1.1.4 ou a Parada do Orgulho de São Paulo) (Quadro 11, Figura 36). São praças, ruas, avenidas e outros tipos de lugares de acesso público que

permitem ampla apropriação, incentivada, na grande maioria dos casos, pelos estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno adjacentes a esses lugares.

Um dos mais importantes e duradouros lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em São Paulo é o largo do Arouche, no distrito da República, Centro Histórico, que consta nas inventariações históricas do Capítulo 2 desde a década de 1950. A região do largo e lugares adjacentes são conhecidos corriqueiramente por alguns de seus usuários como “Vieira”, devido à proximidade com a avenida Vieira de Carvalho, com sua grande quantidade de bares que atraem públicos variados. No final da década de 2010, Perilo (2017) observou como a região é propícia às diferentes expressões de gênero e sexualidade não hegemônicas por moradores de diversas regiões da cidade e de fora dela. Por exemplo, no caso de homens que, durante o percurso de Metrô entre o distrito de Guaianases e da República, vão colocando adereços e roupas associadas a expressão de gênero feminina, posto a impossibilidade de expressar-se assim seu lugar de moradia, uma região periférica. As reuniões das Famílias LGBTQIAP+ no largo do Arouche também observadas por Perilo (2017), apresentadas na seção 1.2.3, reiteram o caráter amigável desse espaço público à tais presenças e ajudam a demonstrar alguns dos motivos de sua recorrência histórica como lugar de sociabilidade. A recorrência dessa ocupação é perpetuada pela facilidade de disseminação de informação pela *internet* e suas redes sociais, em que os encontros marcados no largo – tanto pelas Famílias, como por outros tipos de grupos organizados – conseguem chegar ao conhecimento de moradores de áreas mais distantes do Centro Histórico, como áreas periféricas e outras cidades que, muitas vezes estão tão distantes das dinâmicas das áreas centrais, que têm dificuldade de se integrar a elas durante seu cotidiano. Essa possibilidade de apropriação do espaço e encontro com pares é ainda mais crucial pensando que justamente moradores/as periféricos/as/xs, estão, em grande medida, em regiões ainda carentes de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+.

Porém, uma vez que o largo do Arouche está em uma área central, deve-se considerar suas dinâmicas frente ao seu caráter de lugar não dominado por grupos sociais específicos (TOURINHO, 2004). Perilo (2017) observa dois pontos que demonstram essa realidade complexa: durante um período de tempo houve no largo uma Unidade Móvel de Cidadania LGBTI para o entendimento a vítimas de LGBTIfobia (ação do governo municipal por meio da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania que será melhor detalhada posteriormente) próxima a uma base móvel

da Guarda Civil Metropolitana e de um ponto de apoio do grupo Quero Fazer, o qual promovia ações de conscientização acerca do HIV, AIDS e outras ISTs, mas todas essas ações voltadas ao atendimento do público LGBTQIAP+ não evitaram que o autor tenha observado episódios de “dispersão massiva e abrupta de adolescentes e jovens por conta de ameaças de agressão praticadas por torcidas de futebol” (PERILO, 2017, p. 50), por exemplo.

A partir da década de 1980, a região do Centro Histórico passou a ser depreciada como ponto de sociabilidade, concomitantemente a maior predileção pela região das ruas transversais à avenida paulista como a Peixoto Gomide, Frei Caneca e Augusta. Iniciou-se uma certa rivalidade entre os frequentadores dessas diferentes regiões, mas ainda em relação largo do Arouche, a “Vieira”, por ser um dos lugares públicos de apropriação LGBTQIAP+ mais reconhecíveis na paisagem urbana da cidadã de São Paulo, o qual “mesmo sendo alvo de preconceito por pessoas que se referem à região com desprezo, é a principal referência para públicos LGBTs da cidade, da periferia ao centro, e do país” (CYMBALISTA, 2019, p. 30). É interessante lembrar que o largo foi o ponto final da passeata de 1980 em repúdio as “operações de limpeza social” contra LGBTQIAPs+, como visto nas seções 1.1.3.4 e 2.1.5.

Próximo ao largo do Arouche, outro importante lugar de sociabilidade é a praça da República, que foi ponto focal do desenvolvimento das possibilidades de encontro de uma insurgente sociabilidade homossexual masculina no início do século XX, como visto na seção 2.1.1 (GREEN, 2000). Inaugurada no século XVIII e remodelada em 1889, a praça da República fica em um ponto facilmente reconhecível da paisagem urbana, entre o Centro Histórico e o centro expandido e foi cenário de grandes manifestações políticas (e mesmo conflitantes) ao longo do século XX. Recebeu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade de 1964 a favor da ditadura militar, assim como o movimento Diretas Já! de 1984 em prol da retomada do regime democrático e as primeiras Paradas do Orgulho LGBT na década de 1990 (AZEVEDO, s.d.).

Nessa mesma região, a praça da Sé abriga o Marco Zero da cidade de São Paulo, o centro geográfico do município, e também foi cenário de diversas manifestações políticas como o Movimento contra a Carestia⁴³ em 1978 e 1979, que reivindicava “melhores condições de vida para os mais pobres” (GUMIEIRI, s.d., n.p.), a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e o Diretas Já!. Em abril de 1984, o

⁴³ Carestia é a escassez de bens essenciais que leva ao encarecimento do custo de vida.

movimento Diretas Já! congregou cerca de 1 milhão de pessoas na praça da Sé, as quais realizaram uma marcha entre a praça e o vale do Anhangabaú (GUMIEIRI, s.d.).

A região entre o cruzamento das ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca, no distrito da Consolação, referenciada corriqueiramente por seus frequentadores como “Augusta”, foi observada por Perilo (2017) como outra região de concentração de sociabilidade LGBTQIAP+. Faz parte de uma região reconhecível na paisagem urbana por suas amplas possibilidades de sociabilidade para públicos variados, principalmente à noite. Assim, a apropriação da “Augusta” acontece, em grande medida, nas calçadas dos bares e estabelecimentos de entretenimento noturno, em que o público consome nesses lugares ou adquire produtos (principalmente bebidas alcoólicas) nos mercados próximos para consumir livremente nas calçadas e lugares públicos. Perilo (2017) também observou que essa dinâmica de ocupação causava disputas pela apropriação do espaço público, exemplificado pelas barreiras físicas que o hotel La Guardia colocava nas calçadas em frente à sua entrada, no intuito de afastar qualquer permanência indesejada não relacionada a seus clientes. Por ser outra área central da cidade, também foram observados episódios de agressões físicas e morais ao público LGBTQIAP+ por parte de outros grupos sociais, criando nesses usuários discriminados (e, por vezes, perseguidos) o costume de nunca andarem sozinhos/as/es por essas ruas – a mesma lógica se aplica ao costume de não exercer atos de afetividade no meio público, por menores que sejam, como andar de mãos dadas com seus/as parceiros/as/es.

A praça Franklin Roosevelt, localizada no quarteirão entre as ruas Martinho Prado, Olinda e Augusta, está próxima as dinâmicas da “Augusta” e, conseqüentemente, atrai público diversificado. Foi importante ponto de comércio de rua na década de 1970, tendo sido reformado como praça na década de 2010, em que essa renovação possibilitou a retomada da popularidade da região, perdida quando do processo de esvaziamento dessa região. Dessa retomada, houve um processo de gentrificação expresso no aumento dos aluguéis dos teatros do entorno da praça, que colocou vários desses lugares em perigo de encerrar atividades (CYMBALISTA, 2019). A região entre a praça Franklin Roosevelt e a rua Peixoto Gomide é conhecida como Baixo Augusta e é uma das regiões mais conhecidas da cidade para o entretenimento noturno. As primeiras boates voltadas ao público LGBTQIAP+ no Baixo Augusta surgiram na década de 2000 e consolidaram a ampla presença desses/as usuários/as/es nas dinâmicas da região (CYMBALISTA, 2019).

De fato, durante as décadas de 2000 e 2010, o Baixo Augusta passou a ser uma das regiões da cidade mais relacionadas com as presenças LGBTQIAP+, assim como a avenida Paulista, local em que acontece anualmente a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo desde 1997, como visto na seção 2.1.6. A avenida Paulista, localizada na zona oeste, é um clássico cartão postal da cidade e um dos pontos mais reconhecíveis da paisagem urbana e suas dinâmicas devido seu caráter cultural, corporativo e comercial. Conta com ícones da arquitetura como o Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand” (MASP), a Casa das Rosas/Espaço Haroldo de Campos (parte da Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo⁴⁴), dentre muitos outros. O programa Paulista Aberta implementado em 2016, na gestão do prefeito Fernando Haddad, é uma iniciativa das OSCs SampaPé e Minha Sampa (dentre outras organizações e indivíduos da sociedade civil) que possibilitou a abertura da avenida para uso exclusivo de pedestres e ciclistas por meio da interrupção do tráfego de automóveis aos domingos e feriados (PAULISTA ABERTA..., 2016).

Acerca de espaços caracterizados por resiliência e contracultura como o largo do Arouche, a praça Benedito Calixto, no distrito do Jardim Paulista, zona oeste, foi um ponto focal da sociabilidade e outras atividades ligadas a contracultura das décadas de 1960 e 1970, momento em que a região passou a atrair estabelecimentos de entretenimento noturno em resposta a nova ocupação por artistas e estudantes. O endereço abrigou o Centro de Produções Artísticas Lira Paulista, ligado ao teatro homônimo, um ícone dos movimentos artísticos alternativos e antitatoriais da mesma época: “De ponto de encontro político e de diversão de universitários, a praça assumiu caráter de resistência cultural, no final dos anos 1970” (GUMIERI, s.d., n.p.).

Para além de lugares nas áreas centrais, uma das características que mais se destaca nessa inventariação (Quadro 11) é a ampla quantidade de lugares na zona leste, sendo a única inventariação que há predominância de lugares em uma área periférica. No distrito do Tatuapé, Perilo (2017) observou como ocupação da praça Coronel Sandoval de Figueiredo na década de 2010 se deu após a sucessiva repressão dos encontros LGBTQIAP+ organizados dentro do *shopping* Metrô Tatuapé, estabelecimento próximo à essa praça. Esses encontros deixaram de acontecer por volta de 2010 justamente devido ao mesmo tipo de repressão a seus frequentadores daquela sofrida dentro do *shopping*, dessa vez por parte das forças

⁴⁴ Que inclui a Casa Mário de Andrade no distrito da Barra funda e a Casa Guilherme de Almeida (Centro de Estudos de Tradução Literária) no distrito de Perdizes.

de segurança pública, além de conflitos com outros grupos sociais que “faziam com que o Tatuapé não fosse apenas um, mas vários” (PERILO, 2017, p. 63). Mesmo se tratando de uma área periférica, essa parte do distrito do Tatuapé ao redor dos *shoppings* e das estações contíguas do Metrô e da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) e do terminal de ônibus, faz com esses equipamentos sejam condutores de uma centralidade (TOURINHO, 2004). Suas áreas públicas e grandes equipamentos concentram, na mesma lógica das áreas centrais, uma variedade de grupos sociais, criando, concomitantemente, conflitos, mas também amplas possibilidades de encontro:

Situações como assaltos e arrastões, além de represálias a demonstrações de afeto a pessoas do mesmo sexo eram algumas das situações que faziam com que alguns adolescentes e jovens que eu acompanhava evitassem o Tatuapé. Ainda assim havia interlocutores que compunham esse espaço semanalmente porque nele tinham chance de experimentar paquera e constituição de redes de amizades. (PERILO, 2017, p. 65)

As praças Silva Teles, Padre Aleixo Monteiro Mafra, conhecida coloquialmente como praça do Forró, e a praça Fortunato da Silveira, conhecida coloquialmente como praça do Morumbzinho, também são importantes áreas públicas de sociabilidade e visibilidade LGBTQIAP+ na zona leste, e suas contribuições para a pesquisa apresentada serão detalhadas nas seções 3.2.2.5 e 3.2.2.6, pois estão relacionadas mais a eventos e ações de disseminação de informação do que apenas com sociabilidade cotidiana.

Há poucas informações sobre a sociabilidade LGBTQIAP+ dos outros lugares que constam nessa inventariação, que tiveram sua importância destacada por terem recebido encontros organizados ou por terem sido/serem amigáveis a essas presenças e suas dinâmicas.

Quadro 11 – Inventariação de áreas públicas em que se desenvolvem eventos e atividades de sociabilidade LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020.

ÁREAS PÚBLICAS DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+			
LOCAL / ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
lg. do Arouche (“Vieira”)	Área pública com comércio	República	Central
pç. Franklin Roosevelt (parte do Baixo Augusta)	Área pública com comércio	República	Central

av. Paulista	Área pública com comércio	Bela Vista, Consolação, Jardim Paulista, Liberdade e Vila Mariana	Central e Oeste
esquina entre ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca e r. Augusta (“Augusta”)	Área pública com comércio	Jardim Paulista	Oeste
pç. Benedito Calixto	Área pública com comércio	Jardim Paulista	Oeste
pç. Silva Teles	Área pública com comércio	Itaim Paulista	Leste
pç. do Vinho (av. Pirangucu, 175)	Área pública com comércio	São Matheus	Leste
pç. Padre Aleixo Monteiro Mafra (pç. do Forró)	Área pública com comércio	São Miguel Paulista	Leste
pç. Fortunato da Silveira (pç. do Morumbizinho)	Área pública com comércio	São Miguel Paulista	Leste
pç. Coronel Sandoval de Figueiredo (“Tatuapé”)	Área pública com comércio	Tatuapé	Leste
pç. Silvio Romero	Área pública com comércio	Tatuapé	Leste
pq. Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/nº) [governo municipal – Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente]	Parque urbano municipal	Moema	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela com base em Cymbalista, 2019; Guia Gay São Paulo, s.d.; MapaLGBT, 2019.

3.2.2.5 *Eventos pontuais e sazonais com localidade fixa*

Nessa inventariação, são apresentados eventos pontuais ou sazonais que aconteceram ou acontecem na mesma localidade ou que tiveram, em algum momento, uma localidade fixa (Quadro 12) – essa é a única das inventariações desse capítulo que conta com eventos do início da década de 2010. Dente eles, o mais conhecido é a Parada do Orgulho LGBT que acontece desde 1997 na avenida Paulista, como visto na seção 2.1.6, e é o maior evento para esse público no país, tendo acontecido de modo *online* em 2020 e 2021 devido às ações preventivas contra a pandemia do SARS-CoV-2. O evento movimenta milhões de frequentadores e grande quantidade de recursos direta e indiretamente, constando no calendário oficial de eventos da cidade de São Paulo, no mês de junho. Mais recentemente, vem sendo criticada pelo seu caráter excessivamente mercadológico, em que muitas empresas de grande porte direcionam produtos e serviços às identidades LGBTQIAP+ apenas durante o período no qual acontece a Parada. Isso acontece sem que tais entidades do segundo setor desenvolvam ações de conscientização às questões relacionadas a

essas identidades e suas problemáticas em qualquer outro momento do ano, efeito que vem acontecendo em escala global à medida que essas identidades são melhor assimiladas pela sociedade geral, virando, portanto, mercado consumidor de nicho. Ainda, é criticado o total esquecimento dos organizadores e colaboradores do evento à momentos e figuras históricas que ajudaram a dar visibilidade às identidades LGBTQIAP+ ao longo do tempo. Mesmo assim, permanece como plataforma de discussão social e política fora e dentro das vivências LGBTQIAP+, proporcionando acercamento dessas identidades com o público geral devido sua grande visibilidade.

Nessa inventariação, os lugares de interesse e suas atividades tem temáticas bem diversas. A 1ª Conferência Livre LGBT, ou 1ª Pré-Conferência Livre LGBT, aconteceu em diversos lugares da cidade como uma ação coordenada em 2011 pelo Conselho Municipal de Atenção a Diversidade Sexual, com apoio da antiga Secretaria Municipal de Participação e Parceria (SMPP), hoje Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), por meio da Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual (Cads). Seu intuito foi reunir grupos e indivíduos relacionados à defesa dos direitos cidadãos LGBTQIAP+ na escala regional de cada zona da cidade para compilar propostas e demandas para a melhoria dessas vivências, gerando planos de ação regionais a serem enviados à II Conferência Municipal LGBT, que tratou da escala municipal (SUBPREFEITURA..., 2011). Na zona leste houve duas Pré-Conferências, uma sediada na Casa de Cultura do Itaim Paulista, distrito homônimo, e outra no parque do Carmo, distrito homônimo; na zona oeste, foi sediada no auditório da Faculdade de Educação da USP, no distrito do Butantã; na zona sul, no Centro de Testagem e Acolhimento (CTA) no distrito de Santo Amaro; na zona norte, no Centro Cultural da Juventude, no distrito de Cachoeirinha. Houveram duas Pré-Conferências temáticas, uma para travestis e transexuais sediada no Centro de Referência e Defesa da Diversidade “Brunna Valin” (CRD), distrito da República, e para lésbicas e mulheres bissexuais no Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo (SindSaúde), distrito de Jardim Paulista (PREFEITURA..., 2011).

A II Conferência Municipal LGBT, que aconteceu mais tarde no mesmo ano, também foi realizada pela antiga SMPP, hoje SMDHC, por meio da Cads e foi sediada em diversos lugares da zona central. Através do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual (CADS), hoje sob a Coordenação de Políticas para LGBTI da SMDHC. Foram aprovadas propostas de políticas públicas em defesa dos direitos

LGBTQIAP+, apresentadas por membros sociedade civil e do poder público, que foram sistematizadas no Plano Municipal de Promoção da Cidadania LGBT e Enfrentamento da Homofobia, publicado em 2012 (CADS, 2012; SMDHC, 2011). Outras Conferências Municipais LGBT aconteceram nos anos seguintes na capital e em outras cidades do estado de São Paulo, como Campinas, São Carlos e Sorocaba. É interessante perceber a preocupação desse evento nas questões LGBTQIAP+ periféricas, trabalhando a questão inicialmente na escala regional para, então, trabalhar toda a escala municipal.

A 1ª Conferência Livre LGBT sediada no Itaim Paulista serviu de inspiração para a Semana da Diversidade do Itaim Paulista no mês seguinte, setembro de 2011, também sediada na Casa de Cultura do Itaim Paulista e também com apoio do CADS (ARARIPE, 2011). A Casa de Cultura, equipamento público gerenciado pelo poder municipal e inaugurado em 1985, abrigou, em 2013, o Mês da Diversidade Itaim Paulista, que teve uma exposição em parceria com o Museu da Diversidade Sexual, uma oficina sobre *drag queens* e um prêmio em homenagem a pessoas que se destacam na luta pelos direitos LGBTQIAP+ na região (MÊS..., 2013a, 2013b, 2013c).

As palestras da Família Stronger fizeram parte de um curso ministrado em 2017 no Centro Cultura Grajaú (outro equipamento público gerenciado pelo poder municipal), promoveu discussões sobre direitos cidadãos LGBTQIAP+ pelo ponto de vista político. É interessante observar a preocupação em trazer à essa área periférica da zona sul discussões já presentes nas vivências das áreas centrais:

O projeto tem a intenção de democratizar o conhecimento que existe nos grandes centros da cidade e levá-lo à pessoas que, por vezes, viajam uma hora de trem ou mais, para alcançar essas informações que nem sempre são discutidas de forma abrangente. Eles buscam interagir e não serem apenas meros receptores daqueles que vivem nos grandes centros urbanos. (SOD, 2018, n.p.)

A Família Stronger mantém um cineclube mensal e mesas de debate com coletivos/as acerca de temáticas LGBTQIAP+ no distrito do Grajaú (GRUNVALD; MENDEL, s.d.).

A I Parada da Cidadania LGBT da Zona Leste aconteceu em 2016 no distrito de São Miguel Paulista como iniciativa da Associação Cultural Pluralidade Sexual (ACPS) em parceria ao CCLGBTI “Laura Vermont” por meio de sua Unidade Móvel LGBTI, contando com apresentações artísticas e campanhas de conscientização de ISTs. O evento aconteceu na praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, conhecida

coloquialmente como praça do Furró, que é, segundo relatos de participantes, um importante lugar histórico da região, ou seja, crucial à construção de sua identidade, dando ainda mais peso para a representatividade e visibilidade trazida pela Parada às identidades LGBTQIAP+ (AMORIM, 2016). Tendo mudado de nome, em 2017 e 2018, as II e III Paradas do Orgulho LGBT de São Miguel Paulista também aconteceram na praça do Furró e se estenderam à praça Fortunato de Silveira, conhecida coloquialmente como praça do Morumbizinho (ACESD, 2019; II PARADA..., 2017). A III Parada contou com a participação das Famílias Stronger e Vallentyne Lawiny.

A POC Con é uma feira LGBTQIAP+ direcionada às artes gráficas e outras manifestações artísticas relacionadas a cultura *pop* como o *cosplay*⁴⁵, à maneira das já consolidadas Comic Cons ou *comic conferences*, do inglês, feiras de quadrinhos, em livre tradução, eventos centrados na divulgação e celebração de conteúdos ficcionais representados por mídias impressas e digitais (como livros e histórias em quadrinhos), audiovisuais (como filmes, desenhos animados, séries e *podcasts*) e interativas (como jogos eletrônicos). Essas feiras vão além de apresentar conteúdos de grandes estúdios e produtoras, por servirem como ponto focal para a divulgação do trabalho de artistas independentes, ou *indies*, que o fazem a partir da venda de produtos que eles/as mesmos/as/es fabricam com base em seu próprio conteúdo artístico original e/ou baseado em sua versão de outras propriedades intelectuais já conhecidas (como as *fanarts*, do inglês, arte feita por fãs, em livre tradução). Um evento desse tipo centrado nas identidades LGBTQIAP+ é de grande importância para a conscientização de suas reais vivências, problemáticas e demandas, em grande medida, por dois motivos: primeiro, todos os tipos de mídia citados são capazes de alcançar diversos grupos sociais, em que as histórias apresentadas a esses grupos podem auxiliar na melhor compreensão de vivências alheias às suas, gerando diálogo e familiarização acerca de quaisquer tipos de diversidade, tendo em vista que a desinformação, estereotipização e silenciamento acerca da diversidade humana são recorrentemente reforçados nessas mesmas mídias e, conseqüentemente, em seus consumidores; segundo, nesse ambiente, há melhor possibilidade de divulgação de criadores/as de conteúdo pertencentes a essas identidades, que, muitas vezes, têm

⁴⁵ Do inglês, *costume play* ou *costume roleplay* (não há consenso do termo em português, mas que pode significar algo como jogo de fantasia ou encenação de fantasia, em livre tradução), é a prática de fãs de diversas propriedades intelectuais de se fantasiar e/ou atuar como personagens fictícios, seja como trabalho ou passatempo.

dificuldade em se fixar nesse mercado justamente por suas identidades e temáticas não hegemônicas. A POC Con acontece *online* desde 2020, também em decorrência de ações preventivas à pandemia do SARS-CoV-2.

Quadro 12 – Inventariação de eventos pontuais e sazonais direcionados às identidades LGBTQIAP+ com localidade fixa, entre o final da década de 2010 e início da de 2020.

EVENTOS PONTUAIS E SAZONAIS COM LOCALIDADE FIXA					
EVENTO	DATA	LOCAL	ENDEREÇO	DISTRITO	ZONA
1ª Conferência Livre LGBT para Travestis e Transexuais do Município de São Paulo	2011 (julho)	Centro de Referência e Defesa da Diversidade “Brunna Valin” (CRD) [governo municipal – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social]	r. Major Sertório, 292	República	Central
Parada do Orgulho LGBT de São Paulo	1997-atual	av. Paulista (inicialmente até o Ig. do Arouche)	N/A	Bela Vista, Consolação, Jardim Paulista, Liberdade e Vila Mariana	Central e Oeste
1ª Conferência Livre LGBT da Zona Oeste	2011 (julho)	Auditório da Faculdade de Educação da USP [governo estadual – Secretaria de Desenvolvimento Econômico]	av. da Universidade, 308	Butantã	Oeste
1ª Conferência Livre LGBT para Mulheres Lésbicas e Bissexuais	2011 (julho)	Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo (SindSaúde-SP) [Organização da Sociedade Civil]	r. Teodoro Sampaio, 483	Jardim Paulista	Oeste
1ª Conferência Livre LGBT da Zona Norte	2011 (julho)	Centro Cultural da Juventude “Ruth Cardoso” [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	av. Deputado Emílio Carlos, 3641	Limão	Norte
1ª Conferência Livre LGBT do Itaim Paulista	2011 (julho)	Casa de Cultura Itaim Paulista [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	r. Monte Camberela, 490	Itaim Paulista	Leste

Semana da Diversidade Itaim Paulista	2011 (set.)	Casa de Cultura Itaim Paulista [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	r. Monte Camberela, 490	Itaim Paulista	Leste
1ª Conferência Livre LGBT de Itaquera	2011 (julho)	pq. do Carmo – Olavo Egydio Setúbal (Salão de Vidro)	av. Afonso de Sampaio e Sousa, 951	Parque do Carmo	Leste
I Parada da Cidadania LGBT da Zona Leste	2016	pç. Padre Aleixo Monteiro Mafra (pç. do Forró)	N/A	São Miguel Paulista	Leste
II e III Parada do Orgulho LGBT de São Miguel Paulista	2017 e 2018	pç. Padre Aleixo Monteiro Mafra (pç. do Forró) e pç. Fortunato da Silveira (pç. do Morumbizinho)	N/A	São Miguel Paulista	Leste
Palestras da Família Stronger	2017	Casa de Cultura do Grajaú [governo municipal – Secretaria Municipal de Cultura]	r. Professor Oscár Barreto Filho, 252	Grajaú	Sul
1ª Conferência Livre LGBT da Zona Sul	2011 (julho)	Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) Santo Amaro [governo municipal – Secretaria Municipal da Saúde]	r. Promotor Gabriel Nettuzzi Perez, 159	Santo Amaro	Sul
POC Con	2019-atual	Osaka Naniwa-Kai (Associação Cultural dos Provincianos de Osaka) [Organização da Sociedade Civil]	r. Domingos de Morais, 1581	Vila Mariana	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela com base em Araripe, 2011; Guia Gay São Paulo, s.d.; MapaLGBT, 2019; Subprefeitura Itaim Paulista, 2011.

3.2.2.6 Atividades sem lugar fixo

As inventariações apresentadas têm como intuito gerar mapeamentos que ajudem a visualizar como se dá a distribuição dos pontos de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, por isso estão vinculadas a lugares com endereços fixos (mesmo que tenham, em algum momento, mudado de endereço). Porém, há muitas manifestações de sociabilidade que não possuem lugar fixo, como blocos de carnaval, festas, ações de conscientização itinerantes, encontros organizados por Famílias e coletivo/as e práticas e competições de times esportivos. Uma vez que todos esses eventos estão centrados na congregação de indivíduos

LGBTQIAP+ e, portanto, devem ser consideradas no recorte temático da pesquisa. Evidentemente, não foi possível a confecção de um quadro e um mapeamento, mas tais atividades e seus grupos organizadores são apresentados a seguir.

As Unidades Móveis LGBTI são quatro vans que promovem ações itinerantes e distribuição de material acerca da conscientização sobre as vivências e problemáticas LGBTQIAP+, sendo uma extensão dos Centros de Cidadania LGBTI (CCLGBTI), mencionados anteriormente, ampliando sua capacidade de atendimento. O projeto funciona desde 2015 por meio da Coordenação de Políticas LGBTI da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Além de promover a familiarização das vivências LGBTQIAP+ consigo mesmas/os/es e com a sociedade em geral, disseminam informações sobre políticas públicas direcionadas a essas identidades, principalmente as realizadas pelo poder público municipal, assim como o redirecionamento desse público aos serviços socioassistenciais dos CCLGBTI (SMDHC, 2021b). Em 2021, foram realizadas ações em diversos pontos de grande movimento da cidade, dentre esses: na zona central, praça da Luz, da República, Roosevelt e largo do Arouche (alguns desses lugares são, por vezes, considerados como zona oeste); na zona norte, praça do Centenário, parque Sena, estação Santana do Metrô, escola estadual Oscar Blois, UBS (Unidade Básica de Saúde) City Jaraguá, *shopping* Norte Cantareira e praça Dr. Leven Vampré; na zona leste, terminal metropolitano São Mateus, estação USP Leste da CPTM, Terminal Metropolitano Itaquera, Club Recreativo Ceret, estação Oratório do Monotrilho e estação Jardim Helena-Vila Mara; na zona sul, estação São Paulo-Morumbi do Metrô, praça Salim Farah Maluf e praça do Trabalhador (SMDHC, 2021b). Percebe-se que em 2021, a maioria das ações foram feitas nas zonas norte e leste, correspondentes aos CCLGBTI “Luana Barbosa dos Reis” e “Laura Vermont”, respectivamente.

É interessante destacar as ações feitas nos distritos de Itaim Paulista e São Miguel Paulista, no extremo leste da cidade (Macrorregião L2 da zona leste), região carente de lugares de sociabilidade LGBTQIAP+. Entre abril e agosto de 2019 e em dezembro de 2020, a Unidade Móvel parceira do CCLGBTI “Laura Vermont” distribuiu na praça Silva Teles – próxima a uma das mais importantes vias de acesso à região, a avenida Marechal Tito – material informativo acerca do combate a intolerância contra as identidades LGBTQIAP+ e da prevenção e tratamento de ISTs, tendo também distribuindo preservativos masculinos e femininos gratuitamente, contribuindo nas

discussões sobre sexualidade, sexo e saúde (CCLGBTI, 2020; SUBPREFEITURA..., 2019a). Em dezembro de 2019, a van esteve na Subprefeitura do Itaim Paulista, em parceria com o Centro de Testagem e Acolhimento (CTA) “Dr. Sérgio Arouca”, desse mesmo distrito, para oferecer testagem rápidas de ISTs e distribuição de material informativo sobre o assunto. Também foi realizada uma palestra para funcionários no auditório da Subprefeitura sobre o nome social⁴⁶, ministrada pela técnica Maísa Santos de Oliveira do CCLGBTI “Laura Vermont” (SUBPREFEITURA..., 2019c). Ainda nesse ano, foi instalada na entrada do prédio da Subprefeitura uma placa com a inscrição “Aqui respeitamos o seu nome social” como parte do Programa Transcidadania, mencionado anteriormente, ação que contou com um encontro entre o subprefeito Gilmar Souza Santos e o articulador de políticas públicas do CCLGBTI “Laura Vermont”, Xênia Star (SUBPREFEITURA..., 2019b, 2019c). Em outubro de 2021, a van realizou duas ações na estação Jardim Helena-Vila Mara da Linha 12-Safira da CPTM, localizada à aproximadamente 500 metros da Subprefeitura do Itaim Paulista. Além dos serviços já mencionados, houve também mutirões de retificação de nome e gênero em documentos oficiais (SUBPREFEITURA..., 2021).

Ações direcionadas às problemáticas LGBTQIAP+ são comumente realizadas por diversos tipos de grupos organizados da sociedade civil, tanto exclusivos à essas identidades, como tangenciando-as a outras esferas da vida social como literatura, arte, mercado de trabalho, religião e saúde mental, emocional e física. Podem ser coletivos/coletivas, ou outros tipos de grupos que organizam encontros temáticos, sendo a questão mais importante desse tipo de atividades a capacidade de unir indivíduos em prol das mesmas questões, possibilitando diálogo, troca de experiências e de quaisquer tipos de informações. Esses grupos realizam palestras, rodas de discussão, ações beneficentes, promovem distribuição de material informativo sobre as identidades LGBTQIAP+, dentre outras atividades do tipo. A disseminação de informação é um dos meios mais efetivos no combate à desinformação, preconceito e estereotipização acerca de quaisquer vivências silenciadas e inferiorizadas e, no caso das identidades LGBTQIAP+, colocando tanto

⁴⁶ O nome social é aquele escolhido pelo próprio indivíduo, diferente daquele designado no registro civil. É, portanto, um instrumento fundamental na consolidação das identidades de indivíduos que não se identificam com expressões e/ou identidades de gênero designadas no momento do nascimento, com travestis e transexuais. A garantia de uso do nome social em documentos oficiais e na identificação geral do indivíduo são garantidas legalmente pelo decreto municipal nº 52.228/18, que oficializou o direito ao uso do nome social para travestis e transexuais em qualquer instância da Administração Municipal da cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2018).

esse grupo social em contato com todas suas diferentes (e muitas vezes sobrepostas) identidades, quanto outros grupos sociais em contato com a diversidade de identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual e romântica. As redes sociais da *internet* são de grande importância nesse compartilhamento de informações, facilitando seu acesso e possibilitando que as pautas LGBTQIAP+ ganhem grande amplitude e ganhem cada vez mais visibilidade. Dentre alguns desses grupos (não apenas coletivos/as, mas grupos organizados no geral) que se utilizam da *internet* para organizar suas ações acerca das identidades LGBTQIAP+, seguem alguns exemplos – sendo alguns também relacionados à outras identidades como as negras, periféricas e religiosas: Coletivo Arouchianos, Travas da Sul, Coletivo Transação, TRANSarau, Coletiva Luana Barbosa, TransEmpregos, Centro de Apoio e Inclusão Social (CAIS), Associação Brasileira Intersexo (ABRAI), Rede Feminista de Juristas Defem, Slam das Minas, Slam Marginália, Coletivo Feminista, Mães Pela Diversidade, Coletivo Abrace, Coletivo Bisides, Coletivo Bixa Pare, Coletivo LGBT Comunista, Coletivo Amem, Evangelicxs, Asiáticos Pela Diversidade, Coletivo Cultural Sankofa, A Revolta da Lâmpada, Casa do Meio do Mundo, Coletiva Ruta, Projeto Animalia, Impulse São Paulo, Coletivo Abrace e Perifraseando, dentre muitos outros.

As Famílias LGBTQIAP+ também são parte dessa ideia de grupo organizado, como as Famílias Stronger, Vallentyne Lawiny, D'Matthah e Fênix.

Mais um tipo de atividade capaz de promover essa troca de vivências e a conexão das identidades LGBTQIAP+ com a sociedade geral, são as atividades esportivas, em que grupos organizados utilizam de diferentes equipamentos esportivos em diferentes partes da cidade (ou da Região Metropolitana) para prática e competições de futebol, vôlei, *rugby*, dentre outros esportes. Esse tipo de atividade e seus apreciadores, sobretudo o futebol de campo masculino, também têm uma relação delicada com as identidades LGBTQIAP+ à maneira dos preconceitos e violências realizados por certos grupos religiosos, dando ainda mais importância a dos grupos organizados citado a seguir na luta pela quebra de paradigmas sociais, mostrando como essas identidades também merecem seu espaço dentro das atividades esportivas, tanto como jogadores, quanto fãs. São equipes como Unicorns Brazil, Angels Volley, Rosa Negra Ação Direta e Futebol, Meninos Bons de Bola Futebol Club, Basquete&Autonomia, Tamanduás-Bandeira Rugby e Palmeras Livre, dentre outros.

Na mesma lógica de grupos que se reúnem para um jogo ou passatempo, pode-se citar o grupo Magic: The Gathering LGBT+, que trata da presença dessas identidades nos jogos de cartas colecionáveis, que movimentam grandes encontros e competições. Vale mencionar também os *e-sports*, ou *eletronical sports*⁴⁷, do inglês, esportes eletrônicos, em livre tradução, que vêm ganhando cada vez mais reconhecimento, sendo um dos meios mais difíceis à incorporação das identidades LGBTQIAP+ devido a perpetuação de estereótipos negativos presentes em diversas narrativas desses jogos e, conseqüentemente, em grande parte de seu público consumidor. Através da resistência e do diálogo, essas identidades vêm, recentemente, ganhando certo espaço nessa área, principalmente por meio de jogadores/as que publicam suas resenhas e reações na *internet*, principalmente na plataforma de vídeos YouTube, ou que realizam seções de jogo ao vivo nas plataformas de serviço de *streaming*⁴⁸, principalmente pela plataforma Twitch, tais como os/as/xs produtores/as/xs de conteúdo Samira Close, Bryanna Nasck e Raphaela De Laet, dentre outros/as/es; há também grupos de jogadores como o Vale dxs Gamers.

Importantes momentos de sociabilidade são as festas e o carnaval, esse último, parte fundamental da história das identidades LGBTQIAP+ no Brasil. Por volta de década de 1930 iniciou-se o costume de homens, ou indivíduos que no resto do ano se apresentavam sob as expressões de gênero relacionadas a masculinidade, usarem roupas e acessórios tipicamente relacionados a expressão de gênero feminina durante o carnaval, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, prática que foi sendo associada com a subversão das regras de expressão de gênero, como visto na seção 1.1.3.4 (GREEN, 2000). O carnaval ainda é visto como um período receptivo à quebra das regras de expressão de gênero e mais livre expressão pessoal, possibilitando, mais uma vez, o contato de muitos indivíduos com a diversidade LGBTQIAP+, ativa ou passivamente. Ainda, o carnaval de rua, por meio de seus blocos, é uma excelente maneira de promover a ocupação dos espaços públicos da cidade pelos mais

⁴⁷ São parecidos com os *video games*, ou os jogos eletrônicos, convencionais, mas se refere àqueles jogos centrados em competições de equipes e que dependem, na grande maioria, da conexão à *internet*, independentemente do dispositivo usado, entre celulares, computadores ou consoles específicos.

⁴⁸ Do inglês, transmissão, em livre tradução, são serviços de conteúdo audiovisual consumidos por meio da conexão de *internet*, em que o consumidor não precisa ter previamente uma cópia digital ou física do produto que deseja consumir, algo análogo ao sinal de televisão, mas que permite ampla participação do público consumidor com os/as criados/as/es de conteúdo.

diversificados grupos sociais, conectando o/a cidadão/ã com a cidade, para muitos indivíduos, pela primeira vez. Seguem alguns exemplos de blocos de carnaval de rua na cidade de São Paulo: Acadêmicos do Baixo Augusta, Agrada Gregos, A Madonna tá Aqui, Siga Bem Caminhoneira, Siriricando, HelipaLGBT+, Sai, Hétero!, CarnaUrsos, Bloco da Pablllo (da cantora LGBTQIAP+ Pablllo Vittar), Pipoca da Rainha (da cantora LGBTQIAP+ Daniela Mercury) e MinhoQueens (esse último, em referência ao elevador Presidente João Goulart, o Minhocão, na zona central), dentre muitos outros.

Acerca das festas, algumas não têm lugar fixo, o que as coloca fora da inventariação do Quadro 10, acontecendo em boates diversas, geralmente sob uma temática, como as festas Desculpa Qualquer Coisa e Heteronormadiva. Algumas vezes, as identidades LGBTQIAP+ são a própria temática da festa, pois elas podem acontecer em boates não direcionadas a esse público e contar com foco na apresentação de grandes artistas LGBTQIAP+. Sobre esse assunto, é interessante ressaltar a cada vez maior visibilidade de cantoras *drag queens* na sociedade em geral, as quais alcançam fama nacional e internacional como Pablllo Vittar, Gloria Groove e Lia Clark, dentre outras. São capazes de disseminar não apenas temáticas LGBTQIAP+, mas dar visibilidade à produção artística nacional, por estarem atreladas à cultura *pop* e mídias de massa.

3.2.3 Análises socio-territoriais – mapeamentos

As categorias elaboradas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP), podem ajudar a entender as motivações e processos pelos quais se dá a apropriação do espaço urbano pelas identidades LGBTQIAP+ entre o final da década de 2010 e início da de 2020, tendo como base as inventariações apresentadas acima e que são sistematizadas em mapeamentos. “Pedaços”, “manchas”, “trajetos”, “circuitos” e “pórticos” servirão, portanto, de base para a discussão desses mapeamentos. Como visto na seção 1.2.2, essas categorias de análise socio-territorial observam a cidade como ente complexo formado por camadas que se interceptam mutuamente, relacionando as possibilidades oferecidas pelo meio urbano e a maneira pela qual seus usuários usufruem delas.

Em suma, os “pedaços” são territórios de fronteiras bem definidas por seus usuários, em que a sensação de pertencimento desses usuários com o espaço se dá a partir da aceitação de sua presença perante as dinâmicas do cotidiano, no qual as

relações interpessoais se mantêm relativamente estáveis ao longo do tempo; é o que corriqueiramente se conhece como “ser do pedaço”. Na periferia, tendem a estar mais relacionadas às relações de vizinhança, enquanto em outras áreas, tendem a funcionar à maneira de que os frequentadores de uma determinada região não se conhecem, mas se reconhecem por meio de códigos ligados ao pertencimento a grupos sociais específicos. As “manchas” estão atreladas a concentração de equipamentos variados e de pontos de referência facilmente reconhecíveis na paisagem urbana, sendo lugares de fácil acesso e que permitem ocupação dos mesmos lugares por grupos sociais heterogêneos. Se relacionam a uma prática ou atividade dominante e ser frequentador/a/e de uma “mancha” pode já ser em si um fator de identificação do indivíduo com certos grupos sociais cujas práticas estão relacionadas a essa territorialidade e seus equipamentos. (MAGNANI, 1992, 1998)

Os “trajetos” existem tanto na escala municipal quanto dentro das “manchas” e são criados a partir da necessidade de circulação do usuário pelo meio urbano para usufruir de seus diversos equipamentos e atividades, o que demanda deslocamento territorial. Essa característica de conectar pontos descontínuos do meio urbano é capaz de abrir as “manchas” e “pedaços” às dinâmicas da escala municipal. Os “circuitos” também conectam pontos descontínuos, mas que se relacionam a uma mesma coletividade partícipe de uma mesma prática. Os “pórticos” são os lugares de passagem entre lugares em que acontece a apropriação do espaço e, devido essa característica de lugar pouco ocupado, acabam atraindo usuários e atividades limiares às dinâmicas urbanas mais amplas. (MAGNANI, 1992, 1998)

3.2.3.1 *Locais direcionados ao público LGBTQIAP+*

Os equipamentos direcionados às identidades LGBTQIAP+ dessa inventariação (Quadro 8, Figura 32) são administrados metade pelo poder público e metade por Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e estão presentes em todas as zonas da cidade. Há uma concentração na zona central, especificamente no Centro Histórico (distritos da Sé e República) e distritos adjacentes, também conhecidos como bairros centrais (Bela Vista, Bom Retiro, Cambuci, Consolação, Liberdade e Santa Cecília), principalmente em relação aos equipamentos administrados pelo poder público. No Centro Histórico, todos os equipamentos estão relacionados a serviços socioassistenciais (com exceção do Museu da Diversidade Sexual, MDS,

mas que também cumpre uma função social de promover ações de conscientização das problemáticas LGBTQIAP+), o que está relacionado com a característica dessa região em concentrar órgãos do poder público, devido ao seu fácil acesso por vários meios de transporte e por ser facilmente reconhecível pelos usuários de toda cidade. As zonas leste e norte são as que menos aparecem nessa inventariação, mas sem ficar muito longe da quantidade oferecida nas zonas oeste e sul/Setor Sudoeste. Com exceção da zona leste, em todas as zonas da cidade há casas de acolhida.

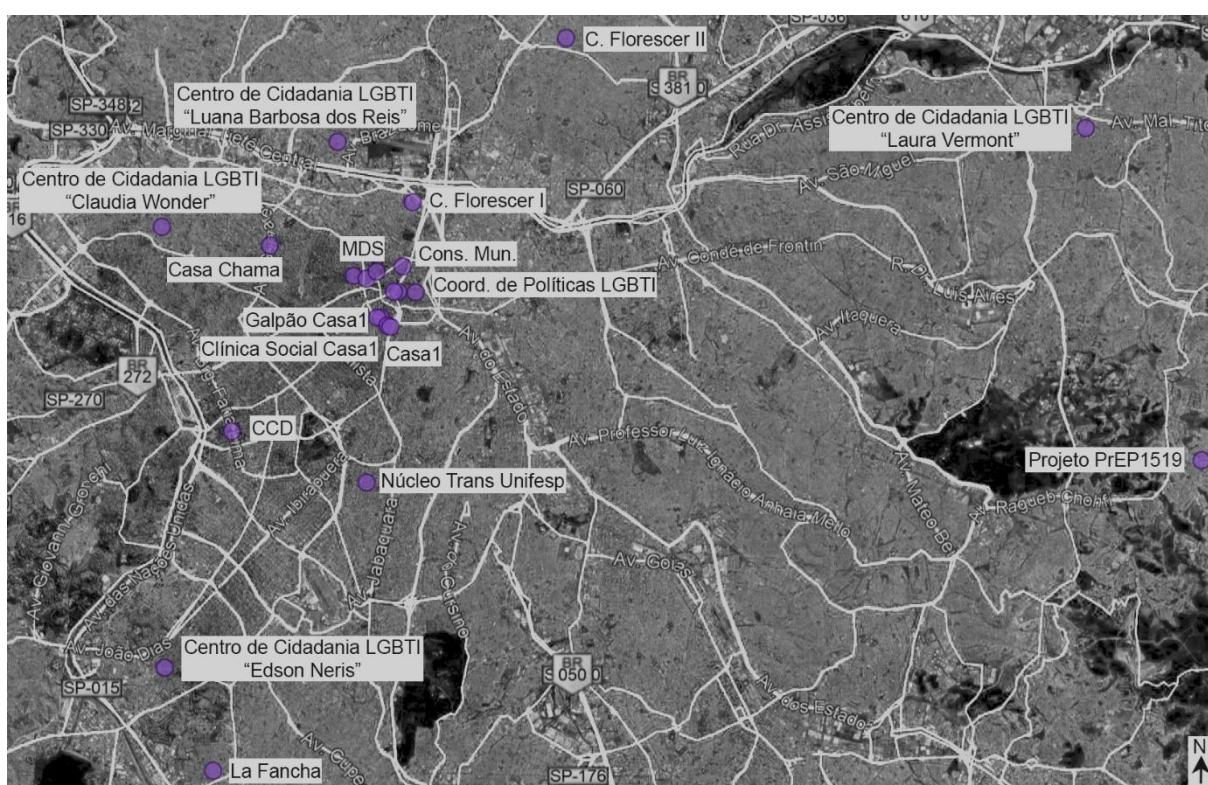
Poucos equipamentos alcançam as áreas mais distantes do Centro Histórico, principalmente em relação à zona sul, em que seus equipamentos estão bem mais próximos das áreas centrais (Figura 32). Nesse quesito espacial, se destacam o Centro de Cidadania LGBTI “Laura Vermont”, no distrito de São Miguel Paulista, e o Projeto PrEP1519, no distrito de Cidade Tiradentes, por estarem no extremo da zona leste (Macrorregião L2). Sua relevância não está apenas em sua localidade, mas também em sua administração, pois ambos têm conexões com ações do poder público: o CCLGBTI “Laura Vermont” é iniciativa do governo municipal e o Projeto PrEP1519 (que presta serviços de saúde relacionados a ISTs), é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

A concentração de equipamentos no Centro Histórico parece configurar uma “mancha” de serviços socioassistenciais direcionados às identidades LGBTQIAP+, pois há uma concentração desses equipamentos de funções similares (e mesmo complementares) e que atraem o mesmo tipo de público, inseridos em uma região de fácil acesso e reconhecimento na paisagem urbana (Figura 32). Dada essa proximidade, pode existir um “trajeto” dentro dessa “mancha” entre os equipamentos relacionados com políticas públicas, como o Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de São Paulo, o Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual de São Paulo, a Coordenação de Políticas LGBTI do Município de São Paulo e a Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual (CPDS).

O conjunto de equipamentos geridos pela OSC Casa 1 também pode ser considerados um pequeno “trajeto” dentro dessa “mancha” da zona central, pois há três equipamentos próximos entre si que cumprem funções complementares e que são de fácil acesso, no distrito de Bela Vista, um bairro central (adjacente ao Centro Histórico): a casa de acolhida Casa 1, a clínica de atendimento médico Clínica Social Casa 1 e o centro educacional e cultural Galpão Casa 1, o qual promove eventos artísticos e é sede do cursinho público de inglês English to Trans-form (Figura 32).

Pensando que os CCLGBTI também são espaços culturais, além de socioassistenciais, e que precisam de maior visibilidade, pode-se propor a possibilidade da formação de um “circuito” cultural e artístico entre esses equipamentos, que contaria também com o Museu da Diversidade Sexual e o Galpão Casa 1. Um “circuito” desses poderia dar mais visibilidade aos equipamentos das áreas periféricas da cidade.

Figura 32 – Mapeamento dos lugares direcionados ao público LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, com base na Quadro 8. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3.2.3.2 Locais não direcionados, mas com presença LGBTQIAP+

Há uma maior diversidade de tipos de equipamentos disponíveis nessa inventariação (Quadro 9, Figura 33), justamente por não serem direcionados a um grupo social específico, mas para funções específicas que podem conter diversos tipos de atividades, principalmente em relação aos equipamentos culturais. É interessante observar como a zona sul/Setor Sudoeste é a segunda mais recorrente nessa inventariação por meio de serviços socioassistenciais e equipamentos culturais mistos com serviços socioassistenciais, na maioria, administrados por OSCs. Ainda

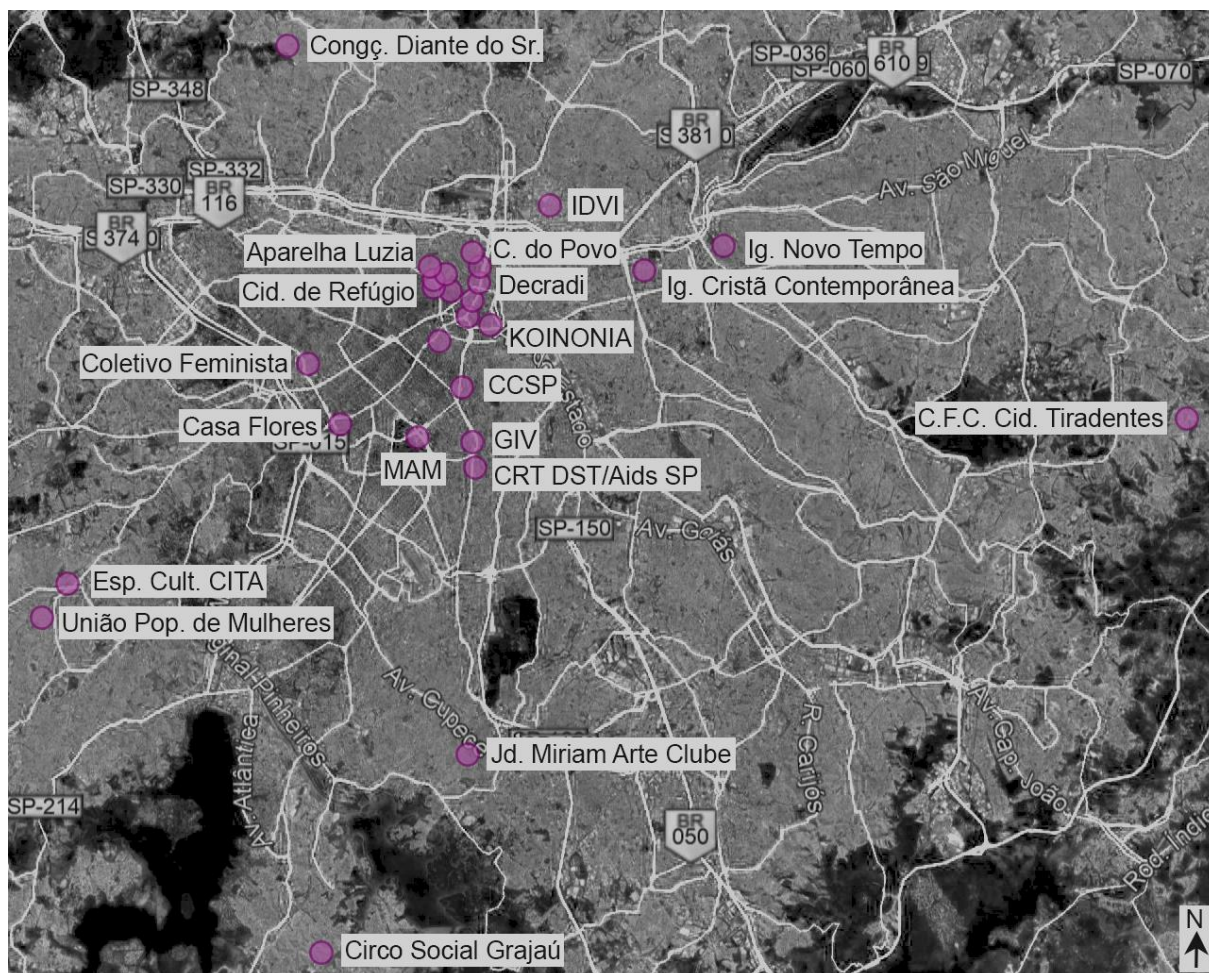
assim, persiste uma concentração de equipamentos na zona central, mas melhor distribuídos entre os distritos dessa zona, não apenas na região do Centro Histórico, e que também têm funções mais diversas, desde espaços culturais de diversas categorias de administração, à alguns órgãos públicos e templos religiosos (Figura 33).

Nessa inventariação se destaca a presença de igrejas evangélicas inclusivas, ou seja, amigáveis às presenças LGBTQIAP+ e que se encontram nas zonas central, norte e leste. De fato, a zona norte só aparece nessa inventariação devido suas duas igrejas, mesma quantidade que na zona leste, em que essa última, tem apenas mais um outro equipamento, o Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes – nas zonas norte e leste, percebe-se, ao longo do século XXI, um expressivo crescimento de templos evangélicos por todo seu território, relacionando esses equipamentos com essas territorialidades no imaginário dos usuários da cidade. A presença desse tipo de equipamento na zona central (no caso, distritos da República e Santa Cecília) pode estar relacionada tanto ao preço mais baixo do custo da terra do que em outras regiões da cidade, como a zona oeste e o Setor Sudoeste, tanto quanto a proximidade aos pontos de sociabilidade e trabalho das identidades LGBTQIAP+, principalmente daquelas em situações de vulnerabilidade, comuns aos moradores do Centro Histórico. Porém, não parece ser o caso de se identificar uma “mancha” ou “trajeto” relacionados aos templos religiosos inclusivos, pois, os participantes dessas egrégoras frequentam, geralmente, apenas uma delas.

Mesmo que haja uma clara concentração de equipamentos na zona central (Figura 33), nessa categoria de inventariação fica mais difícil delinear uma “mancha” devido à grande diferença entre as atividades proporcionadas por esses equipamentos. Essa categoria, portanto, pode ser melhor identificada como complementar a inventariação anterior, ajudando, também, a demonstrar como as vivências LGBTQIAP+ estão, mesmo que lentamente e de maneira esparsa, sendo melhor assimiladas nas dinâmicas urbanas cotidianas, por meio da visibilidade de suas contribuições para a construção de tais dinâmicas.

Os equipamentos culturais e educacionais podem constituir um “circuito”, especialmente entre aqueles com programas artísticos e que se encontram em quase todas as zonas (Figura 33). Incluem lugares administrados por coletivos/as, OSCs e órgãos do poder público, sendo capazes de auxiliar na incorporação das vivências LGBTQIAP+ em diversas esferas sociais justamente por seu caráter artístico.

Figura 33 – Mapeamento dos diferentes tipos de lugares direcionados ou não às identidades LGBTQIAP+, mas que são amigáveis à sua presença e/ou promovem ações referentes à disseminação de informações acerca de suas vivências, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 9. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3.2.3.3 *Estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno*

Mais uma vez, a maioria dos lugares dessa inventariação (Quadro 10, Figuras 34 e 35) estão localizados na zona central, principalmente nos distritos da Bela Vista, Consolação e República; seguida pela zona oeste, principalmente no distrito de Jardim Paulista. Essa concentração ressalta a persistência da sociabilidade LGBTQIAP+ nessas áreas centrais, pois essa apropriação do espaço é constante desde o início do século XX, como visto no Capítulo 2; alguns desses lugares se mantêm ativos desde as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000, como detalhado na seção 3.2.2.3.

Na zona sul, a maioria dos lugares estão muito próximos da zona oeste, por isso estão categorizados como estando no Setor Sudoeste da cidade, à medida que essa região está bem mais relacionada com as dinâmicas da zona oeste, ou seja, uma área central, do que com as dinâmicas da própria zona sul, uma área periférica (Quadro 10); a zona sul é a que tem mais territórios distantes das áreas centrais devido sua grande extensão (PREFEITURA..., 2022). Essa inventariação é a que melhor demonstra a consolidação do que Villaça (2011) define como o Quadrante Sudoeste ou Região de Grande Concentração das Camadas de Mais Alta Renda da cidade de São Paulo, região que concentra a presença de grupos sociais de maior poder aquisitivo e, conseqüentemente, seus equipamentos, infraestruturas e dinâmicas. Isso se deve ao fato que a presença desses grupos significa também a presença de fluxos formadores da maior parte das dinâmicas urbanas cotidianas, incentivadas por meio de melhores infraestruturas de transporte e possibilidades de emprego, pois, como ressalta Villaça (2011), esses grupos sociais garantem sua qualidade de vida ao manejar o melhor uso de seu tempo, o que se traduz na oferta de equipamentos necessários ao seu cotidiano, o mais próximos possível de seus lugares de moradia e emprego. Logo, nessa área bem definida da escala municipal, há maior concentração de equipamentos variados que supram o cotidiano cosmopolita de seus usuários, o que também se relaciona a concentração de estabelecimentos de entretenimento noturno, os quais suprem as esferas de sociabilidade, consumo e serviço para os frequentadores dessa região (Figura 35). É importante ressaltar que, mesmo geradas em função desses grupos sociais de maior poder aquisitivo, essa região não é exclusivamente frequentada apenas por esse grupo. Pelo contrário, uma vez que a concentração de equipamentos gera um ponto reconhecível e desejável da paisagem urbana, a boa infraestrutura de transporte é capaz de garantir fácil acesso a esses equipamentos e fluxos desejáveis. Nessa dinâmica, é mais comum que as impossibilidades de apropriação do espaço ocorram devido a capacidade de consumo, em que os produtos, serviços e mesmo o preço da terra, acabam dificultando presenças de grupos sociais de menor poder aquisitivo. Essa movimentação já pôde ser observada desde a década de 1970, com a implementação das boates na região da rua Augusta; como visto na seção 2.1.4. O Setor Sudoeste ganhou destaque na década de 1980, com as boates OFF e Corinto, nos distritos de Itaim Bibi e Moema, respectivamente, da zona sul, como estabelecimentos de

entretenimento noturno e consumo direcionados à públicos de maior poder aquisitivo; como visto na seção 2.1.5.

Dessa vez, a presença de uma “mancha” relacionada a sociabilidade promovida pelo entretenimento noturno e estabelecimentos comerciais, especialmente bares e restaurantes, fica muito clara nas áreas centrais da cidade (Figura 34). Dentro dessa “mancha” pode-se observar que há duas porções menores espacialmente separadas (Figura 35), com uma concentração mais próxima a região do Centro Histórico e outra mais próxima a região da avenida Paulista, reforçando a questão de que essas áreas centrais da cidade de São Paulo podem ter, dentro de si, subáreas muito diferentes, como observado por Perilo (2017) e Puccinelli e Reis (2020) e visto na seção 3.1.1. Segundo Perilo (2017), e como será melhor abordado na próxima inventariação, essas áreas de fato atraem diferentes públicos que se reconhecem como muito diferentes, o que leva a crer que essas duas partes menores podem ser consideradas “pedaços” dentro de uma “mancha”. A ideia de “pedaço” também pode ser considerada a partir da ideia de que esses equipamentos permitem que os usuários frequentem os mesmos lugares repetidamente ao longo do tempo, podendo criar a ideia de “ser do pedaço”. Nessa análise, o viaduto Presidente João Goulart, ou “Minhocão”, poderia ser considerado um “pórtico”, uma passagem entre os “pedaços”. França (2006), sob essa mesma lógica de análise socio-territorial da aglomeração da sociabilidade LGBTQIAP+ na área central da cidade de São Paulo, também aponta para a presença de uma “mancha” que também pode ser considerada um “circuito”.

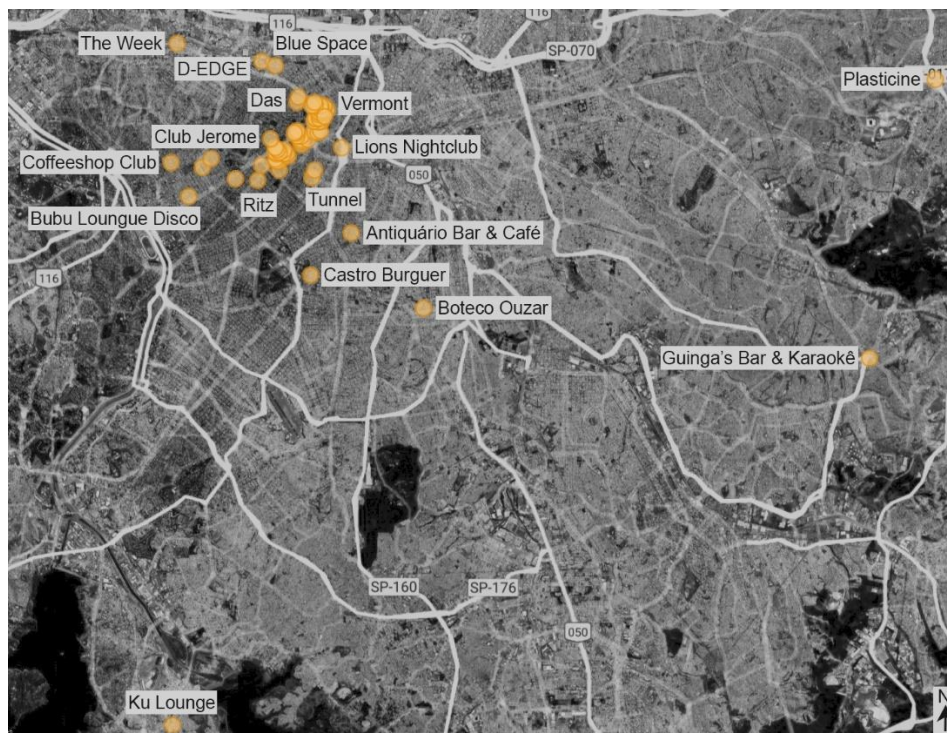
Esses equipamentos permitem grande permeabilidade de usuários entre eles, à medida que estes podem, em curtos ou longos períodos de tempo, percorrer todos esses lugares diferentes, possibilitando a existência de “circuitos” de sociabilidade noturna dentro das “manchas” e, principalmente, dentro dos “pedaços”.

Essa inventariação também demonstra como as áreas periféricas da escala municipal ainda estão consideravelmente mais esvaziadas que as áreas centrais em relação à sociabilidade LGBTQIAP+ (Figura 34). Porém, sem que isso diminua a importância dos lugares capazes de existir fora da “mancha” central, pelo contrário, sua presença é mais um reforço da lenta e esparsa, mas insistente busca por inserção das identidades silenciadas nas dinâmicas urbanas, nesse caso, as identidades LGBTQIAP+ e as territorialidades periféricas. Desde a década de 1980, alguns estabelecimentos de entretenimento noturno começaram a surgir em áreas

periféricas, em grande medida, por não serem direcionados à grupos sociais específicos, mas amigáveis a várias presenças. Mesmo de vida curta, representam um substancial aumento de escala para a sociabilidade LGBTQIAP+, como no caso da Overnigt, no distrito da Mooca; como visto na seção 2.1.5. O mesmo também pôde ser observado na década de 1990 com o Sound Factory no distrito da Penha, também zona leste e mais distante do Centro Histórico do que a Mooca, mas que mudou de endereço para o distrito de Pinheiros, zona oeste; como visto na seção 2.1.6.

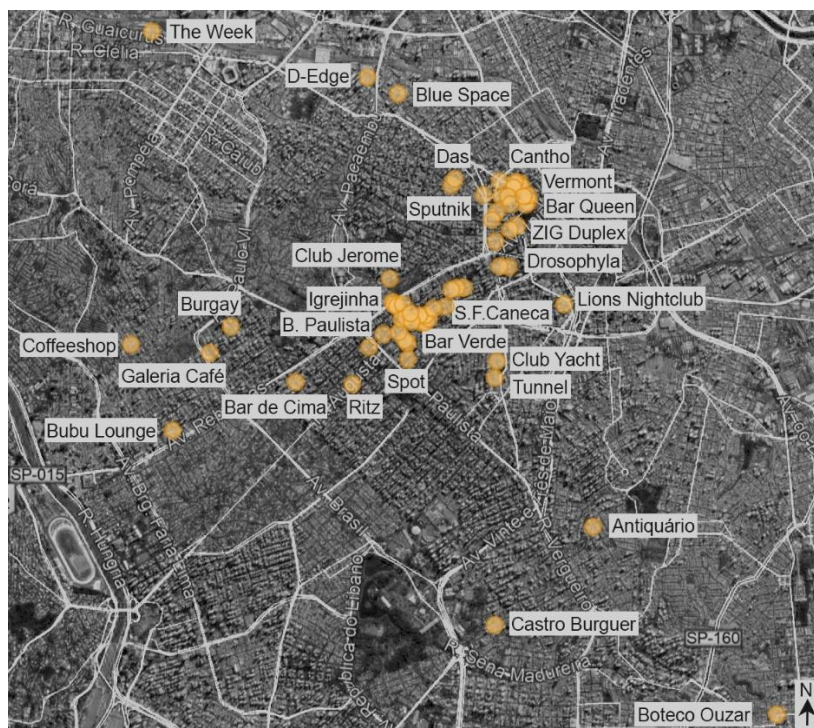
Em relação às áreas periféricas (Figura 34), destacam-se a festa Plasticine e o Guinga's Bar & Karaokê na zona leste e o Ku Lounge, na zona sul. É interessante observar que não há nenhum lugar dessa inventariação na zona norte, o que reforça a tendência de ser uma das zonas menos receptivas às presenças LGBTQIAP+. O Guinga's, como observado na seção 3.1.2, pode ser considerado um dos pontos de sociabilidade LGBTQIAP+ mais importantes na zona leste no século XXI, não apenas por ser o único na região, mas por ser reconhecido por seu ambiente acolhedor, capaz de agregar público de outras regiões da cidade, inclusive das áreas centrais (REIS, 2015). Por ser um único ponto relativamente isolado no meio urbano, é difícil analisá-lo em sob alguma categoria do NAU-USP, mas as sensações de acolhimento podem apontar para a presença de um pequeno “pedaço” baseado na sensação de “comunidade” gerada pela administração e frequentadores do local ao longo do tempo. O Ku Lounge, uma das adições mais recentes à pesquisa, é um caso muito interessante para discutir as relações entre áreas centrais e periféricas. Segundo um dos proprietários, Thiago Matos, a ideia de abrir um estabelecimento de entretenimento noturno direcionado às identidades LGBTQIAP+ nessa parte da zona sul surgiu justamente da falta desse tipo de equipamento na região. Matos aponta a problemática de ter que, necessariamente, se dirigir às regiões centrais para sociabilizar, o que demanda muitos gastos de tempo e recursos devido à grande distância territorial (ZONA..., 2021). Essa iniciativa é essencial para demonstrar o quanto outras territorialidades da cidade de São Paulo também precisam dos mesmo equipamentos e dinâmicas que só ocorrem ou que ocorrem com mais frequência nas áreas centrais, reforçando o seu direito a morar em lugares que também ofereçam amplas oportunidade de qualidade de vida.

Figura 34 – Mapeamento dos estabelecimentos comerciais, de serviço e de entretenimento noturno direcionados ao público LGBTQIAP+ ou que contam com sua presença recorrente/são amigáveis à sua presença, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, com base no Quadro 10. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

Figura 35 – Ampliação da Figura 34, a sentido sudoeste da cidade, para mostrar a concentração desses lugares no Setor Sudoeste. Alguns nomes foram ocultados nas áreas mais densas para clareza de leitura das legendas.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3.2.3.4 Lugares públicos de sociabilidade LGBTQIAP+

Contrário ao visto nas inventariações anteriores, nessa (Quadro 11, Figura 36), a maioria dos lugares está na zona leste, fazendo um claro contraponto especificamente à inventariação anterior, em que a maioria dos lugares está nas zonas central e oeste (Figuras 34 e 35); mais uma vez, a zona norte não aparece. Mesmo com uma escala ampla, ainda há uma certa concentração de lugares nas áreas centrais, dentro de uma “mancha” observada nas inventariações anteriores.

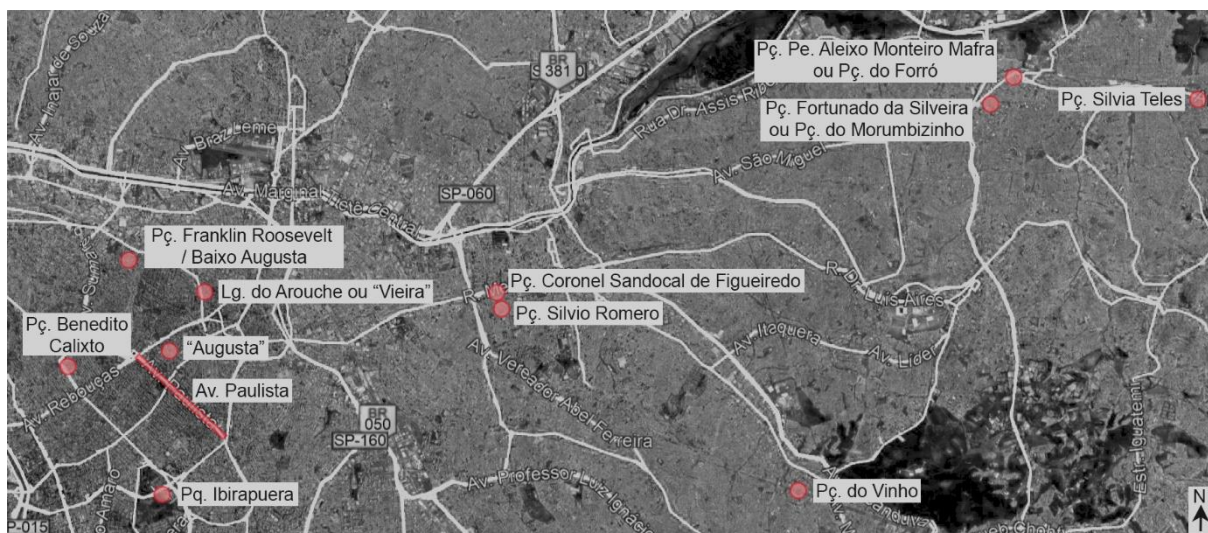
Como mencionado, segundo Perilo (2017) e Puccinelli e Reis (2020), as regiões da “Vieira” e da “Augusta”, ou região do largo do Arouche e região entre as ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca, são áreas centrais adjacentes, mas com públicos que se identificam como sendo muito diferentes, principalmente em relação a sua capacidade de consumo, mais baixa na primeira e mais alta na última. Como observado na inventariação anterior, pode haver, portanto, dois “pedaços” dentro da “mancha” de sociabilidade de região central: um configurado pela “Augusta”, avenida Paulista, praça Benedito Calixto e parque Ibirapuera e outra, pela “Vieira” e praça Franklin Roosevelt, parte da região do Baixo Augusta (Figura 36). O primeiro “pedaço” estaria circunscrito na lógica do Setor Sudoeste observada por Villaça (2011), mesmo que apenas um dos lugares esteja na zona sul, o parque Ibirapuera.

Mesmo que a zona leste apareça em substancial maior quantidade do que as outras zonas, seus lugares estão mais espalhados pelo território dessa região, sem formar uma “mancha” de fato. Ainda assim, esses pontos são de extrema importância por serem utilizados tanto para sociabilidade, como para ações de conscientização das problemáticas e vivências LGBTQIAP+, principalmente nos lugares mais próximos do extremo do limite municipal, as praças Silva Teles, Padre Aleixo Monteiro Mafra (praça do Forró) e Fortunato da Silveira (praça do Morumbzinho), nos distritos do Itaim Paulista e São Miguel Paulista, respectivamente (Figura 36). Como visto na seção 3.2.2.6, foram e ainda são palco de ações de conscientização do poder público por meio do Centro de Cidadania LGBTI “Laura Vermont” e sua Unidade Móvel LGBTI e das Paradas do Orgulho de São Miguel Paulista.

Essa característica de presença mais pontual das identidades LGBTQIAPs+ em meio a lugares ocupados por grupos sociais heterogêneos (e até conflitantes) não parece criar um “pedaço” inerente e perene, pois a percepção de pertencimento do usuário com o espaço urbano está mais relacionada às atividades pontuais ou

sazonais que esses espaços são capazes de atrair e menos relacionada com a identidade do meio urbano em si e suas dinâmicas cotidianas. É possível que um “pedaço” em um lugar público seja possível, como no largo do Arouche, ou “Vieira”, devido a ocupação recorrente e vocal pelas identidades LGBTQIAP+ desde meados da década de 1950, à medida que a identidade do lugar passa a estar atrelada à desses frequentadores e *vice versa*. Isso parece acontecer em toda área central, percepção causada justamente pela recorrência desses frequentadores ao longo do tempo. Esse processo parece mostrar a possibilidade de que essa mesma conexão ocorra em qualquer lugar ao longo do tempo, inclusive nos lugares periféricos citados.

Figura 36 – Mapeamento das áreas públicas em que se desenvolvem eventos e atividades de sociabilidade LGBTQIAP+, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 11.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3.2.3.5 *Eventos pontuais e sazonais com localidade fixa*

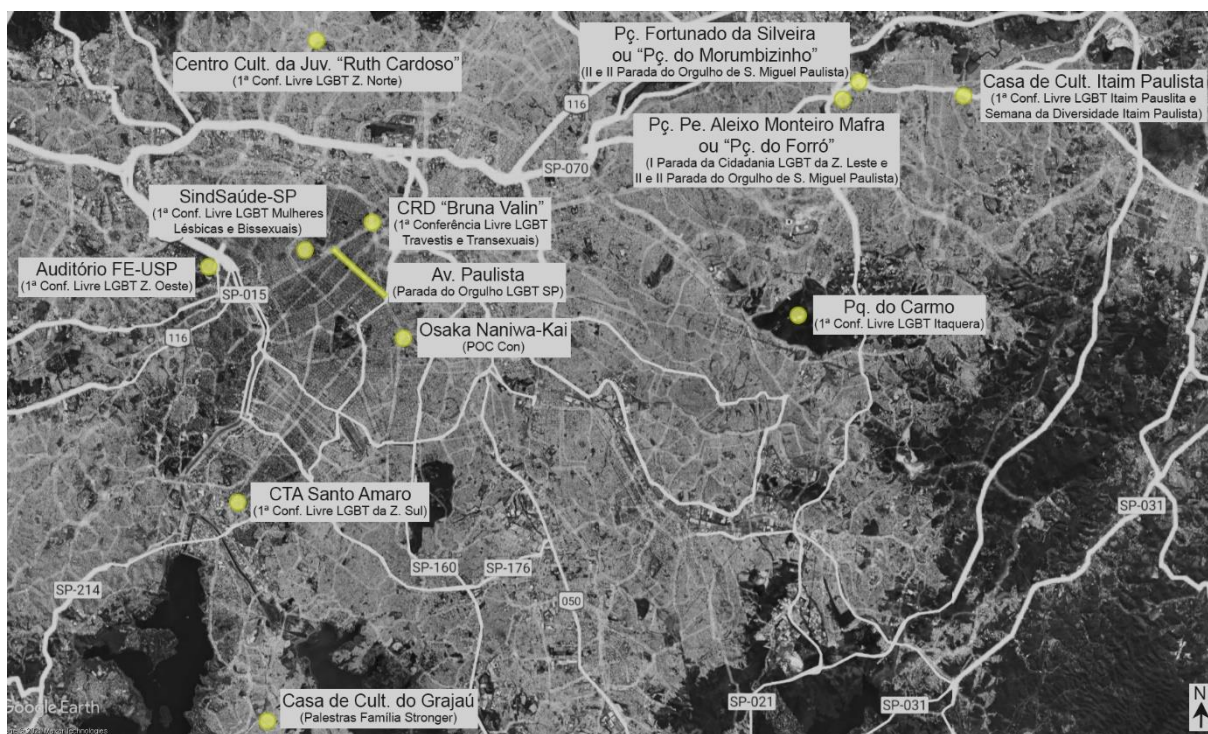
Nessa inventariação (Quadro 12, Figura 37), os lugares estão dispersos pelo território e tem pouca relação entre si, salvo a série de Conferências Livres LGBT que aconteceram em 2011 em todas as zonas da cidade – tiveram como objetivo sistematizar planos de ação que visem a melhoria das condições de vida das identidades LGBTQIAP+, detalhados na seção 3.2.2.5, que pensaram as problemáticas desse grupo social primeiro na escala regional, para então pensar a escala municipal.

Destaca-se novamente o fato de que a maioria dos lugares estejam na zona leste, com poucos lugares nas áreas centrais. Dessa vez, há um deles na zona norte,

mas conectado às Conferências Livres LGBT, portanto, de curta duração. O único evento sazonal na área central é, porém, um dos mais importantes, a Parada do Orgulho de São Paulo, cuja importância (e críticas) foram detalhadas nas seções 1.1.3.7 e 3.2.2.5. Acerca desse tipo de evento capaz de dar ampla visibilidade às identidades LGBTQIAP+, deve-se destacar as I, II e III Paradas do Orgulho LGBT de São Miguel Paulista por persistirem em áreas periféricas bem distante das áreas centrais e acontecerem em lugares de destaque na identidade e história do distrito que lhes nomeia. Na zona sul, destaca-se a o evento realizado pela Família Stronger no distrito do Grajaú. Todos os eventos foram melhor detalhados na seção 3.2.2.5.

A ampla escala dessa inventariação pode ser mais um dos reforços à percepção da lenta, mas efetiva inserção das identidades LGBTQIAP+ nas dinâmicas urbanas cotidianas da escala municipal, em esferas sociais mais variadas e em territorialidades não hegemônicas (Figura 37). Essas diversas esferas sociais vão desde políticas públicas, como com as Conferências Livres LGBT, até cultura popular e mídias de entretenimento, como com a POC Con.

Figura 37 – Mapeamento dos eventos pontuais e sazonais direcionados às identidades LGBTQIAP+ com localidade, entre o início da década de 2010 e início da de 2020, baseado no Quadro 12.

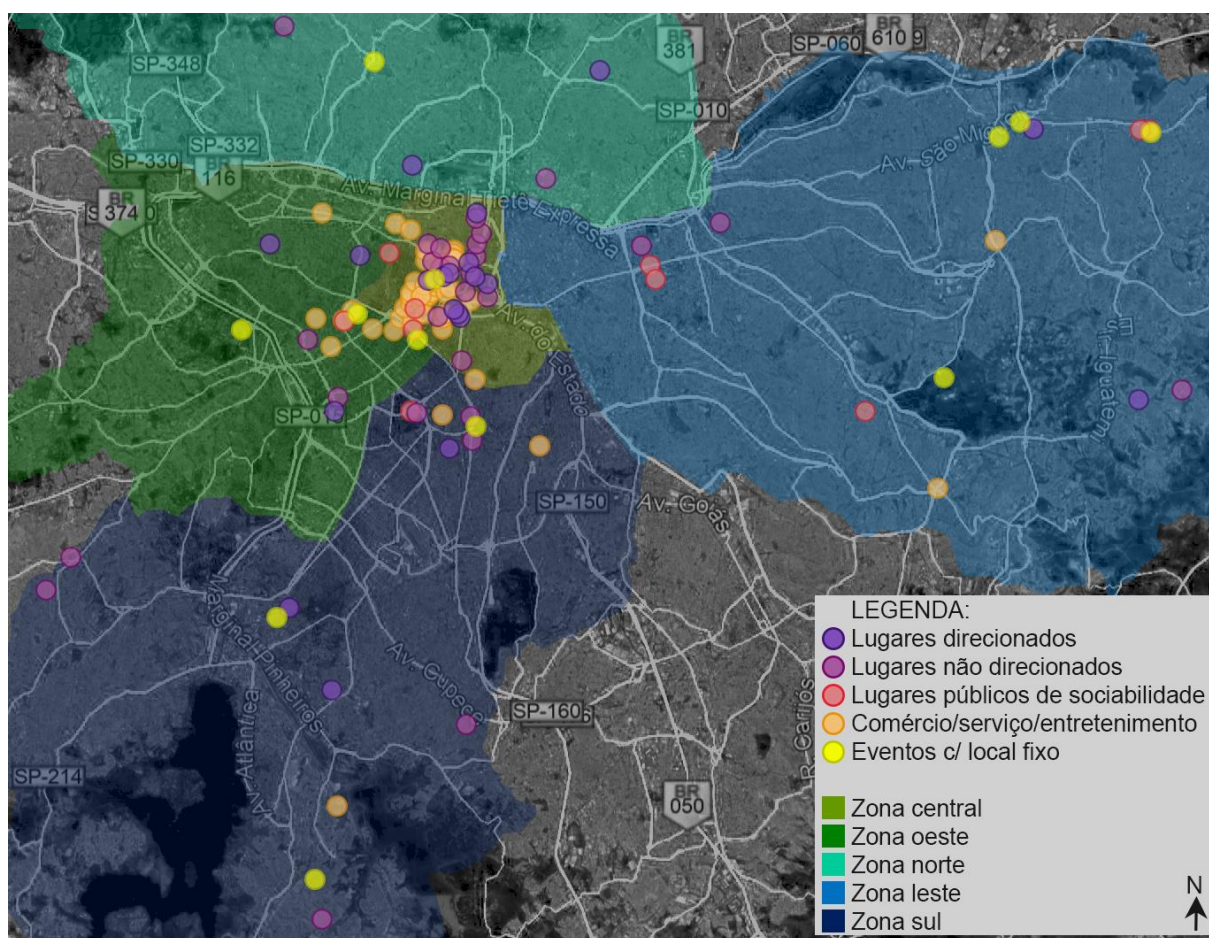


Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2021).

3.2.4 Expansão, diversificação e muito mais

A sobreposição desses mapeamentos apresenta uma escala bem mais ampla que a observada no Capítulo 2, com destaque à maior presença das zonas sul e leste, mas ainda demonstrando a persistência de uma concentração, uma “mancha”, LGBTQIAP+ nas zonas central e oeste (Figura 38). A presença das áreas periféricas ainda não representa a criação de outras “manchas”, mas pode apontar para o início da concretização do desejo desses moradores de territorialidades não hegemônicas em usufruir dos mesmos equipamentos e fluxos já consolidados e amplamente presentes nas áreas centrais. Isso possibilitaria à esses usuários experimentar amplamente seu “pedaço” originário e poupar tempo e recursos despendidos no deslocamento territorial, o qual se vêm forçados a repetir recorrentemente, auxiliando na melhoria da sua qualidade de vida em diversos aspectos.

Figura 38 – Mapeamento geral dos lugares, eventos e áreas públicas frequentadas pelas identidades LGBTQIAP+ entre o final da década de 2010 e início da de 2020, mostrando as zonas da cidade.



Fonte: Indicação da autora sobre foto aérea do Google Earth, sem escala (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada discorreu sobre os processos de apropriação do espaço na cidade de São Paulo pelas identidades LGBTQIAP+ ao longo dos séculos XX e XXI, enquanto grupo social não hegemônico e sistematicamente silenciado, com foco na maneira como essa apropriação foi e ainda é impactada pelas dicotômicas relações entre áreas centrais e periféricas da escala municipal. O intuito foi o de mostrar como as dinâmicas urbanas são moldadas ao mesmo tempo em que moldam as dinâmicas sociais dos usuários da cidade, por meio das possibilidades ou impossibilidades de circulação e ocupação do espaço, as quais, por sua vez, interferem diretamente nas percepções de pertencimento ou negação dos/as cidadãos/as com o meio urbano. Para tal, utilizou-se inventariações dos lugares apropriados por essas identidades, principalmente em relação à sociabilidade, sistematizados em mapeamentos, os quais foram analisados por meio das categorias de análise socio-territorial desenvolvidas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP). Essas categorias possibilitaram especular sobre como se conformam e consolidam tais interações entre dinâmicas sociais e urbanas.

O foco na sociabilidade, uma das manifestações culturais mais marcantes dessas vivências na cidade, teve como intuito demonstrar a importância que as possibilidades de ocupação do espaço têm para esses indivíduos. Posto não ser incomum que estes percam o apoio de suas comunidades originárias (família consanguínea e vizinhança) justamente por causa de suas identidades, é essencial a possibilidade de criação de novos vínculos de apoio mútuo que garantam autopreservação, disseminação de informações e outros fatores que contribuem no desenvolvimento da identidade pessoal. Esses vínculos propiciam a maior possibilidade desses indivíduos de transitar e existir em diversos lugares da cidade, sob a lógica de segurança em números e em pares.

Por meio de todos os dados apresentados, entre referências bibliográficas, relatos, inventariações, dentre outros, pretendeu-se também dar voz à essas identidades silenciadas e excluídas da historiografia convencional, a qual privilegia apenas as vivências hegemônicas, tentando auxiliar no resgate dessas histórias e trajetórias e de suas contribuições na construção das dinâmicas sociais e urbanas contemporâneas. O estudo de identidades não hegemônicas, quaisquer que sejam, é

benéfico não apenas para seu devido reconhecimento como parte crucial do funcionamento da mesma sociedade que lhes invalida, mas também na expansão dos horizontes de vários campos epistemológicos convencionais, mostrando a capacidade de academia em auxiliar na compreensão e disseminação de informação de questões sociais que precisam ser discutidas e revistas com urgência. A história de cada um de nós é a história de toda humanidade.

Retomando a estrutura dos capítulos, a pesquisa discorreu sobre parte das trajetórias LGBTQIAP+ em alguns contextos históricos e territoriais, especialmente no Brasil – desde os primeiros relatos dos povos originários até o século XXI –, assim como sobre a consolidação da cidade de São Paulo enquanto metrópole de escala global, compreensão que norteou as questões acerca do recorte social e espacial da pesquisa. A seguir, foi feita uma inventariação das vivências LGBTQIAP+ nessa cidade entre o início do século XX até meados da década de 2010, estabelecendo um histórico mais detalhado dessa apropriação de espaço que ajudou a estabelecer as bases das discussões apresentadas no capítulo subsequente. Portanto, o último capítulo apresentou uma nova inventariação para discorrer sobre as problemáticas e realidades da apropriação de espaço na cidade de São Paulo no século XXI, entre o final da década de 2010 e início da de 2020, em um escopo mais amplo dos tipos de ocupação, que vão além da sociabilidade conectada a estabelecimentos comerciais e de entretenimento noturno e a apropriação de lugares públicos; mesmo que esses dois tipos de ocupação ainda sejam as mais importantes no estudo das presenças LGBTQIAP+. Ambas inventariações geraram mapeamentos, em que aqueles apresentados no último capítulo, foram observados por meio das categorias de análise socio-territorial do NAU-USP.

Para entender a realidade de toda essa apropriação, portanto, inicialmente foram coletados dados sobre lugares de interesse em mídias diversas, especificamente por meio de relatos oferecidos pela própria experiência e memória desses indivíduos. Esses dados foram apresentados em quadros, base das inventariações, para facilitar a visualização de tais informações textuais, quadros esses que foram sistematizados em mapeamentos que deixam mais claras as sucessivas movimentações e consolidações das presenças LGBTQIAP+ no território, assim como a maneira pela qual elas se sobrepõem, apresentando um compêndio da questão central da pesquisa – a apropriação do espaço. Dados mais pragmáticos foram complementados com etnografias e relatos dessas identidades acerca de suas

percepções de pertencimento ou negação com o meio urbano, principalmente em relação às diferentes experiências cotidianas decorrentes das diferenças dinâmicas das áreas centrais e periféricas. O entrelace entre essas informações ajuda a explicar de maneira mais clara a realidade dessas vivências e a apontar alguns motivos da conformação de suas apropriações de espaço ou de sua evasão.

A pesquisa delimitou, portanto, um panorama sobre o desenvolvimento, consolidação e atual estado de distribuição de boa parte das vivências LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, sendo possível contribuir para a registro não apenas de sua trajetória enquanto grupo social, mas também para o registro da história da própria cidade. Mesmo que por um ponto de vista específico, é possível desvelar várias camadas do funcionamento desse ente urbano e mostrar como seus usuários o reconhecem de maneiras muito diferentes de acordo com as possibilidades ou impossibilidades apresentadas de experienciar essa cidade.

Os quadros foram interessantes instrumentos de sistematização das referências textuais e do compêndio dos lugares de interesse inventariados, pois puderam mostrar de forma prática as informações mais relevantes sobre esses lugares. Da mesma maneira, os mapeamentos provenientes desses quadros foram essenciais na compreensão da conformação territorial dessas apropriações de espaço ao mesmo tempo que serviram de guia para a melhor compreensão das concentrações, espalhamentos e vazios proporcionados no território municipal. Uma das qualidades mais notáveis dos mapeamentos é a capacidade de sobreposição, a qual ajuda a perceber como essas ocupações se movimentaram ou se mantiveram ao longo do tempo assim como ajuda a entender como se distribuem pelo território os diferentes tipos de lugares relacionados ao cotidiano LGBTQIAP+.

Em todos os mapeamentos, é marcante a recorrente presença LGBTQIAP+ nas áreas centrais da escala municipal, ou seja, zonas central e oeste (com um epicentro na região do Centro Histórico), com um expressivo espalhamento nas direções noroeste e, principalmente, sudoeste, ocupando a região conhecida como Setor Sudoeste, a qual compreende a zona oeste e porção setentrional da zona sul. Dessa observação, também é marcante sua pouca presença nas áreas periféricas da escala municipal, ou seja, zona leste, porção meridional da zona sul e, principalmente, zona norte. Essa ocupação concentrada pode ser identificada como uma “mancha” que pode conter “pedaços” e “circuitos”, segundo as categorias do NAU-USP, referindo-se a sua facilidade de acesso, concentração de equipamentos diversificados

e amplo reconhecimento como ponto de referência na paisagem urbana. Tais fatores propiciam sua ampla ocupação por grupos sociais heterogêneos, sobretudo aqueles que não possuem essas ofertas de fluxos em seu ambiente cotidiano, como os/as moradores/as/xs periféricos. Assim, a recorrência da ocupação concentrada nas áreas centrais pode ser explicada devido não apenas ao fácil acesso, mas a sua consolidação nas dinâmicas sociais como ponto de encontro, algo essencial aos processos de criação de novas redes de apoio LGBTQIAP+ para além de seu ambiente originário. Ainda, ao pensar a resiliência dessa ocupação em momentos de dificuldade como durante a ditadura militar ou frente os contínuos ataques morais e físicos à diversidade no passado recente e na contemporaneidade, é incentivada uma sensação de pertencimento ainda maior desses usuários com essas regiões, que passam a significar lugares de resistência e do poder da coletividade em prol de sua autopreservação e visibilidade. Mas o esvaziamento das áreas periféricas não existe sem que também possam ser apontadas importantes questões de resiliência dessas identidades, sobreposta as também silenciadas e excluídas territorialidades não hegemônicas. É possível perceber como, ao longo do século XXI e em alguns breves momentos do século XX, a sociabilidade LGBTQIAP+ periférica vêm ganhando, mesmo que de forma lenta e esparsa, algum reconhecimento em meio à luta desses indivíduos em criar fluxos básicos à vida metropolitana em seu lugar de moradia, assim como fazem as territorialidades centrais, em que as territorialidades periféricas reclamam seu direito a qualidade de vida em qualquer ponto da cidade – como visto em casos na zona leste e sul.

Foi possível mostrar como as epistemologias acadêmicas podem e devem auxiliar no resgate das contribuições das identidades não hegemônicas nas dinâmicas sociais e urbanas contemporâneas, tornando-se importante via de comunicação entre essas realidades e a sociedade geral por meio de seus instrumentos de pesquisa e divulgação de informações. Isso também ajuda a perpetuar a noção de que as contribuições da academia devem ser amplamente divulgadas de maneira possam ser compreendidas por cada vez mais grupos sociais, ajudando na evolução das discussões e críticas das construções societais como um todo, apresentando novas perspectivas ao modo preestabelecido de encarar a Realidade.

A partir dos mapeamentos e dos relatos coletados fica clara a grande resiliência que essas identidades e territorialidades têm em resistir em um meio urbano em grande parte hostil a elas, demonstrando o quanto seu desejo de *existir* e ocupar seus

lugares de direito como quaisquer cidadãos/ãs/xs, é capaz de moldar as estruturas formadoras de toda cidade.

É interessante ponderar sobre os possíveis novos capítulos que serão adicionados à história das identidades LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo no decorrer do século XXI. Esse tipo de pesquisa que pode vir a ser feita no futuro próximo ou distante, não deve desconsiderar o impacto de enorme escala e severidade que a pandemia do SARS-CoV-2 vem tendo e ainda terá nas dinâmicas humanas gerais, principalmente as que dependem de encontros e fluxos presenciais (e por vezes casuais) constantes. Em relação à pesquisa apresentada, abre-se uma nova frente de estudo de como serão, daqui para frente, as dinâmicas de sociabilidade e as sequelas que deixaram sua longa interrupção e a partida daqueles/as/xs que não poderão mais ser parte delas. Novas pesquisas sobre o tema, de fato, sobre quaisquer identidades e territorialidades não hegemônicas, devem usufruir ainda mais dos relatos e experiências de vida vindos diretamente da fonte, ou seja, diretamente do contato com esses indivíduos, para que possa ser delineada a verdadeira realidade de sua história e percepções – tendo sido essa a maior dificuldade da pesquisa apresentada, mas que pretendeu ser feita por meio desses relatos coletados por diversas outras fontes, considerando as dificuldades que a pandemia colocou para os procedimentos metodológicos de levantamentos de campo e realização de entrevistas. Acerca dessa interação entre mídias e fontes diversas, é fundamental o desenvolvimento de pesquisas no século XXI que usufruam da interdisciplinaridade, conectando os campos epistemológicos cada vez mais. Esta necessidade resulta da compreensão de que o ser humano e, conseqüentemente, o meio em que se desenvolve, são entidades muito complexas, conformadas por camadas e mais camadas tangíveis e subjetivas que, vistas das mais distintas formas, constroem as percepções de realidade de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- A VOLTA da Pauliceia Desvairada. Direção de Lufe Steffen. São Paulo, distribuição própria, 2012. 95 min.
- ACERVO BAJUBÁ. Hemeroteca digital do periódico Chanacomchana. Edições nºs. 0 e 4. Disponível em: <<http://acervobajuba.com.br/tag/chanacomchana/>>. Acesso em: 26 de mar. de 2022.
- ADORNO, Sergio; NERY, Marcelo Batista; SOUZA, Altay Alves Lino de. Os padrões urbano-demográficos da capital paulista. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 33, n. 97, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- AGREST, Diana I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo, 1988. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 584-598.
- AGUIAR, Estela. Ser trans nas periferias: as histórias de quem busca igualdade em SP. *Portal Agência Mural*, 2020. Disponível: <<https://www.agenciamural.org.br/ser-trans-nas-periferias-as-historias-de-quem-busca-igualdade-em-sp/>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- AKAMINE, Alexandre. Galeria MetrÓpole. *OUTROS: Portal Laboratório Para Outros Urbanismos da FAUUSP*, s.d. Disponível em: <<http://www.outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/galeria-metropole/>>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- ALVES, Vinícius. PMs acusados de matar Luana em Ribeirão Preto, SP, vão a júri popular, mas por homicídio simples. *Portal G1*, 2021. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/09/28/pms-acusados-de-matar-luana-em-ribeirao-preto-sp-vaio-a-juri-popular-mas-por-homicidio-simples.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- ALVES, Zedequias. *Religião e Sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo*. 2009. 154 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.
- AMORIM, Daniele. Diversidade colore Praça do Forró na 1ª Parada LGBT em São Miguel Paulista. *Portal Central Leste Notícias*, 2016. Disponível em: <<https://www.centralestenoticias.com.br/alro/noticia/Sao-Miguel-Paulista/3386/diversidade-colore-praca-do-forro-na-1u-parada-lgbt-em-sao-miguel-paulista>>. Acesso em: 5 out. 2021.
- ANTUNES, Maria Cristina. *Territórios de Vulnerabilidade ao HIV: Homossexualidades masculinas em São Paulo*. 2007. 152 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.
- ARARIPE, Evelyn. Semana da Diversidade Itaim Paulista. *Portal Agência Jovem de Notícias*, 2011. Disponível em: <<http://www.agenciajovem.org/wp/semana-da-diversidade-itaim-paulista/>>. Acesso em: 22 out. 2021.

ARRUDA, Cleber. “Tratam LGBTs como lixo”, diz irmã de travesti assassinada. *Portal 32x SP*, 2018. Disponível em: <<http://www.32xsp.org.br/2018/05/29/tratam-os-lgbts-como-lixo-diz-irma-de-travesti-assassinada/>>. Acesso em: 25 out. de 2021.

ASCHER, François. *Os novos princípios do urbanismo*. Tradução Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010. 104 p.

ASSASSINATO de Edson Nêris da Silva Completa 20 anos. *Portal Gay Blog BR*, 2020. Disponível em: <<http://www.gay.blog.br/direitos/assassinato-de-edson-neris-da-silva-completa-20-anos/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

ASSEMBLÉIA aprova Dia do Orgulho Lésbico. *Portal Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP)*, 2008. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=271839>>. Acesso em: 18 maio 2020.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL EDUCACIONAL E SOCIAL DYNAMITE (ACESD). II Parada do Orgulho LGBTI de São Miguel Paulista. Facebook: *ACESD.ORG.BR*, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/pr%C3%A7a-do-forr%C3%B3-iii-parada-do-orgulho-lgbti-de-s%C3%A3o-miguel-paulista/2225868157652631/>>. Acesso em: 5 out. 2021.

AZEVEDO, Desirée. Casa do Povo – Instituto Cultural Israelita Brasileiro. *Portal Memorial da Resistência de São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/instituto-cultural-israelita-brasileiro-casa-do-povo/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

_____. Teatro Ruth Escobar. *Portal Memorial da Resistência de São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/teatro-ruth-escobar/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

_____. Praça da República. *Portal Memorial da Resistência de São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/praca-da-republica/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Portal Jornal Folha de S. Paulo*, 2020. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2021.

BARNES, Stephanie. *What does it mean to be Allosexual? Understanding the Sexual Desire Spectrum*. *Portal Mind Body Green*, 2021. Disponível em: <<https://www.mindbodygreen.com/articles/allosexual>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BARROS, Alexandre. População estimada do país chega a 213,3 milhões de habitantes em 2021. *Portal Agência IBGE Notícias*, 2021. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31458-populacao-estimada-do-pais-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-em-2021>>. Acesso em: 18 set. 2021.

BARROS, Carlos Juliano; LOPES, Laura. A Boca do Lixo ainda respira. *Portal Repórter Brasil*, 2004. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.org.br/2004/06/a-boca-do-lixo-ainda-respira/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

BICHA Preta Doc. Vídeo. Produção Thiago Rocha. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), Barra

Mansa, RJ. 2017, 22:55 min., son., color. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=D6RTSy2aS-4>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BORGES, Jamile. Museus on-line: longevidade e conservação digital da memória.

In: SANSONE, Livio (Org.). A política do Intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 263-275.

BOVO, Cassiano Ricardo Martines. Luiz Carlos Ruas morreu para salvar vidas LGBT. *Portal Justificando*, 2020. Disponível em:

<<https://www.justificando.com/2020/12/14/luiz-carlos-ruas-morreu-para-salvar-vidas-lgbt/>>. Acesso em: 1 jan. 2022.

BRASIL, Felipe G.; CAPELLA, Ana Cláudia N.; VERGILI, Guilherme E.

Institucionalização e Descentralização do Movimento LGBT no Brasil. *Revista Psicologia Política*, [online], v. 15, n. 34, p. 563-585, set./dez. 2015. Disponível em:

<http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000300008>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CANDIDO, Marcos. Prefeitura de SP fecha centro para LGBTs; coletivo critica gestão Covas. *Portal UOL Universa Diversidade*, 2019. Disponível em: <

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/18/prefeitura-de-sp-fecha-centro-para-lgbts-e-coletivos-criticam-gestao-covas.htm>>. Acesso em: 1 jan. 2022.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28, 2015, Florianópolis. Disponível em:

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439866235_ARQUIVO_Artigo-Amortedaclinica.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CARSON, Clayborne. *American Civil rights movement*. *Portal Encyclopedia Britannica*, s.d. Disponível em: <

<http://www.britannica.com/event/American-civil-rights-movement>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; SCHILLING, Flávia. Fronteiras da sexualidade, fronteiras do consumo: sobre jovens homossexuais do subúrbio de São Paulo. *In: FAZENDO GÊNERO*, 9, 2010, Santa Catarina. Disponível em:

<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278298194_ARQUIVO_FronteirasdaSexualidade.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CENTRO DE CIDADANIA LGBTI “LAURA VERMONT” (CCLGBTI). Agenda unidade móvel cidadania LGBTI. Facebook: *cclgbtilestesp*, São Paulo, 7 dez. 2020.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/cclgbtilestesp/posts/2006312009511045/>>. Acesso em: 4 out. 2021.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO PROFESSOR DOUTOR LUIZ MOTT (CEDOC).

Grupo Dignidade. *Hemeroteca digital do jornal Lampião de Esquina*. Edições nºs. 0, 5, 26, 34 e extra 3. Disponível em:

<<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Patrimônio*. Tradução Teresa Castro. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2014. 306 p.

CIDADE de São Paulo. Secretaria Especial de Comunicação. *Inscrições abertas para o Casamento Coletivo Igualitário 2019*, 2019. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/inscricoes-abertas-para-o-casamento-coletivo-igualitario-2019>>. Acesso em: 22 out. 2021.

CISGENDER. In: Merriam-Webster.com Dictionary. Merriam-Webster, 2022. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/cisgender>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

COELHO, Ruan; PEREIRA, Ana Caroline Bonfim; RAMOS, Calliandra Sousa. A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo: algumas impressões etnográficas. *Revista Ponto Urbe*, [online], v. 18, n. p., 2016. Disponível em: <<http://www.journals.openedition.org/pontourbe/3123#tocto1n3>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

COMISSÃO da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. Ditadura e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. In: *Relatório. Tomo I*. São Paulo: Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, 2015. p. 1192-1216. Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/Tomo_I_Completo.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

COMO aconteceu a 1ª Parada LGBT de São Paulo em 1997? – Põe Na Roda. Vídeo. Produção *Põe na Roda*. 2020, 18:58 min., son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bwFpN1zqdYg>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CONSELHO MUNICIPAL DE ATENÇÃO À DIVERSIDADE SEXUAL (CADS). *Sistematização de propostas da II Conferência LGBT para elaboração do Plano Municipal de Promoção da Cidadania LGBT e Enfrentamento da Homofobia de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura da cidade de São Paulo, 2012, 49 p.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 31 p.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidade pessoais, inteligência coletiva. *Revista Interface*, Botucatu, SP, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CYMBALISTA, Renato. Mobilizações da memória em lugares de morte em São Paulo: Flavio Sant’Anna, Edson Nêris, Andrea de Mayo. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, [online], n. 05, p. 22-37, nov. 2017. Disponível em <http://www.sescsp.org.br/online/artigo/11541_RENATO+CYMBALISTA>. Acesso em: 9 out. 2020.

_____ (org.). *Guia dos lugares difíceis de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2019. 216 p.

D’AGOSTINO, Rosanne. Entenda o casamento gay em cartório. *Portal G1*, 2013. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/entenda-o-casamento-gay-em-cartorio.html>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

DEPOIS do Fervo – Documentário LGBT. Vídeo. Produção Depois do Fervo. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC. 2017, 42:24 min., son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=s6YT4oPFEvs>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DIVERSIDADE SEXUAL. In: *Enciclopédia Latino Americana*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DITADURA e Homossexualidades: Iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. *Portal Comissão da Verdade do Estado de São Paulo*, c. 2015. Disponível em: <<http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

DITADURAS MILITARES. In: *Enciclopédia Latino Americana*. São Paulo: Boitempo, 2006.

EXPOSIÇÃO sobre resistência LGBT na Ditadura abre em SP. *Portal Catraca Livre*, 2021. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/agenda/orgulho-e-resistencia-lgbt-na-ditadura-memorial-da-resistencia-sp/>>. Acesso em: 9 maio 2022.

FACCHINI, Regina. "Sopa de Letrinhas?": movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. 241 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

FERNANDES, Estevão Rafael. Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil. *Revista Etnografia*, [online], v. 21 (3), p. 639-647, 2017. Disponível em: <<http://www.journals.openedition.org/etnografica/5090>>. Acesso em: 9 out. 2020.

FERREIRA, Tiago. O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar. *Portal Geledés*, 2017. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes*: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. 2006. 257 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

_____. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 227-255, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/11.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). Organização da Sociedade Civil: O que é, Tipo e Importância. *Portal Fundação Instituto de Administração*, 2019. Disponível em: <<http://www.fia.com.br/blog/organizacao-da-sociedade-civil/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

GARCIA, Roosevelt. 18 cinemas antigos do centro de São Paulo. *Portal Revista Veja São Paulo*: Blog Memória, 2017. Disponível em: <<http://www.vejasp.abril.com.br/blog/memoria/18-cinemas-antigos-do-centro-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

GIOVANI, Caio de. *Territorialidades “LGBT” na cidade de São Paulo: uma análise têmporo-espacial (1900-2018)*. 2018. 202 p. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

GOMES, Fábio da Silva. O escravo sodomita na colônia. *Khóra: Revista Transdisciplinar*, [online], v. 2, n. 2, n.p., maio 2015. Disponível em: <<http://www.site.feuc.br/khóra/index.php/vol/article/viewFile/44/44>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

GOOGLE EARTH Pro. 2020, 2021, 2022. *Software* digital de geração de mapas por imagens de satélite.

GOVERNO de SP é condenado a pagar R\$ 50 mil por morte de travesti. *Portal UOL Notícias*, 2021. Disponível em: <<http://www.noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/14/governo-de-sp-e-condenado-a-pagar-r-50-mil-por-morte-de-travesti-em-2015.htm>>. Acesso em: 25 out. 2021.

GOVERNO retira comunidade LGBTI do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Portal Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil (FASUBRA)*, s.d. Disponível em: <<http://www.fasubra.org.br/noticias/governo-retira-comunidade-lgbti-do-conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao/>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

GRANGEIRO, Alexandre; SILVA, Lindalva Laurindo de; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Resposta à aids no Brasil: contribuições dos movimentos sociais e da reforma sanitária. *Pan American Journal of Public Health*, v. 26 (1), p. 87-94, jul. 2009. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/9799>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2000. 544 p.

_____. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. Tradução Ronaldo Trindade. *Cadernos AEL*, [online], v. 10, n. 18/19, p. 13-43, 2003. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2508>>. Acesso em: 14 maio 2020.

GRUNVALD, Vitor; MENDEL, Paulo. Projeto Família Stronger. *Portal Família Stronger*, s.d. Disponível em: <<http://www.familiastronger.com/filme/>>. Acesso em: 22 out. 2021.

GUERRA, Renan. Cláudia Wonder: de cantora *punk* a ativista dos direitos LGBTQ+. *Portal Dentro do Meio*, 2021. Disponível em: <<http://www.dentrodomeio.com.br/colunas/especial/claudia-wonder-de-cantora-punk-a-ativista-dos-direitos-lgbtq/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

GUMIERI, Julia. Praça Benedito Calixto. *Portal Memorial da Resistência de São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/praca-benedito-calixto/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

_____. Praça da Sé. *Portal Memorial da Resistência de São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/praca-da-se/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

HALL, Peter. *Cidades do Amanhã: Uma História Intelectual do Planejamento e do Projeto Urbanos no Século XX*. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2013. 600 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102 p.

II PARADA do Orgulho LGBT de São Miguel Paulista. *Site Família Stronger*, 2017. Disponível em: <<http://www.familiastronger.com/event/ii-parada-orgulho-lgbt-de-sao-miguel-paulista/>>. Acesso em: 5 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010: amostra – religião*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

_____. *Cidades e Estados. Site IBGE: Portal Cidades*, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-paulo.html>>. Acesso em: 8 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA (IBOPE INTELIGÊNCIA); REDE NOSSA SÃO PAULO (RNSP). *Pesquisa de Opinião Pública Viver em São Paulo: Diversidade*. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Pesquisa_ViverEmSP_Direitos_LGBTQI_2019.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

INTELIGÊNCIA EM PESQUISA E CONSULTORIA (IPEC); REDE NOSSA SÃO PAULO (RNSP). *Pesquisa de Opinião Pública Viver em São Paulo: Diversidade*. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/06/ViverEmSP-LGBTQIA-2021-apresentacao.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

JUSTO, Gabriel. Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo. *Portal Revista Exame*, 2020. Disponível: <<http://www.exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

KILLERMANN, Sam. *The Genderbread Person version 4. Site It's Pronounced Metrosexual*, s.d. Disponível em: <<https://www.itspronouncedmetrosexual.com/2018/10/the-genderbread-person-v4/>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

KLIASS, Paulo; SALAMA, Pierre. A globalização no Brasil: responsável ou pode expiratório. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 28, n. 111, 3ª ed., p. 371-391, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v28n3/a01v28n3.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

KOBAYASHI, Maíra. Do lado de lá: um estudo etnográfico sobre as homosociabilidades que se constituem nas periferias da cidade de São Paulo. *Revista Primeiros Estudos*, São Paulo, SP, n. 4, p. 112-122, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/56730/59873>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

LARA, Fernando Maccari. Desindustrialização no Brasil. *Revista Carta de Conjuntura ação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser*, Porto Alegre, Ano 20, n. 5, ed. 2011, 2011. Disponível em:

<<http://www.carta.fee.tche.br/article/desindustrializacao-no-brasil/>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

LEARNING from Ballroom History: Older Generations vs. Today. Vídeo. Produção Matt Baume. 2020, 15:56 min., son., color. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=zifzvo-zRPo>>. Acesso em 4 fev. 2021.

LEITE, Maiara Sanches; TONIOLO, Maria Angelica; ZANETTI, Valéria Regina. Territorialidades LGBTs: um estudo da República e do Baixo Augusta no centro da cidade de São Paulo. *Revista Sociedade e Território*, [online], v. 32, n. 1, p. 96-114, jan./jun. 2020. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/19925/13036>>.

Acesso em: 1 mar. 2021.

LIMA, Juliana Domingos de. Livro conta resistência da comunidade LGBTQIA+ à repressão na ditadura. *Portal UOL Ecoa*, 2021. Disponível em: <

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/09/24/movimento-lgbt-sobreviveu-a-ditadura-conquistou-direitos-e-visibilidade.htm>>. Acesso em: 9 maio 2022.

LORENZO, Irene. *The Stonewall Uprising: 50 years of LGBT history*. *Portal Stonewall UK*, 2019. Disponível em: <<http://www.stonewall.org.uk/about-us/news/stonewall-uprising-50-years-lgbt-history>>.

Acesso em: 13 out. 2020.

MADAME SATÃ. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. [online], 2017. Disponível em:

<<http://www.encyclopedia.itaucultural.org.br/instituicao2998/madame-sata>>. Acesso em: 13 out. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 35, p. 191-203, 1992.

_____. Transformações na Cultura Urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Sociedade Global: Cultura e Religião*. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MARTINHO, Miriam. Memória Lesbiana: há 40 anos surgia o Grupo Lésbico Feminista, o primeiro coletivo de ativistas lésbicas do Brasil. *Portal Um Outro Olhar*, 2019. Disponível em:

<http://www.drive.google.com/file/d/1JSlid0LamctmDAwvUAFncUKet_00JK-n/view?pli=1>. Acesso em 22 fev. 2021.

MEDEIROS, Camila Pinheiro. “Uma família de mulheres”: ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 535-547, maio-ago. 2006. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000200013/7764>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: BASTOS, Rossano Lopes et. al. (org.). *Patrimônio: atualizando o debate*. 1ª ed. São Paulo: IPHAN, 2006. p. 33-76.

MÊS da Diversidade Itaim Paulista. Por seus trabalhos prestados à comunidade LGBT. Facebook: *divitaim*, São Paulo, 2013a. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/572672959445420/photos/a.573909379321778/590359261010123/?type=3>>. Acesso em: 8 out. 2021.

_____. A partir de 13 de Setembro, a Casa de Cultura Itaim Paulista realiza a exposição “O T da Questão”. Facebook: *divitaim*, São Paulo, 2013b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/572672959445420/photos/a.573909379321778/584575821588467/?type=3>>. Acesso em: 8 out. 2021.

_____. Oficina Como Nasce uma Drag. Facebook: *divitaim*, São Paulo, 2013c. Disponível em: <<https://www.facebook.com/572672959445420/photos/a.573909379321778/573909382655111/?type=3>>. Acesso em: 8 out. 2021.

MINISTÉRIO da Saúde. Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. O que é HIV, s.d. (a). *Portal do Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Governo Federal*, s.d. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

_____. *Tratar todas as pessoas vivendo com HIV/aids*, s.d. (b). Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/hiv/tratar-todas-pessoas-vivendo-com-hivaids>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. *Infecções Sexualmente Transmissíveis*, s.d. (c). Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>>. Acesso em: 18 out. 2021.

MIX Brasil. Histórico. *Portal Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade*. Disponível em: <<http://www.mixbrasil.org.br/historico/>>. Acesso em: 17 out. 2020.

MJ Rodriguez Explains Underground Ballroom Culture. Vídeo. Produção NBC. 2019, 4:38 min., son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vvsi6vJtXtQ>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

MOLINA, Luana Pagano Peres. Da Deusa Xochipilli à patologização sexual: Os estudos etno-históricos sobre a diversidade sexual. *Revista MÉTIS*, [online], v. 17, n. 33, p. 249-266, jan./jul. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6692/3471>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

_____. Pluralizando a Arte de Amar: A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Revista Antíteses*, Londrina, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/7153>>. Acesso em: 23 maio 2020.

MOTT, Luiz. Histórias de gente humilde. *Jornal Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 3, mar. 1981. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/38-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-34-MARCO-1981.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

_____. História da Sexualidade no Brasil, 1994. *Site Luiz Mott*. Disponível em: <<http://www.luizmottblog.wordpress.com/artigos/historia-da-sexualidade-no-brasil/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

_____. Etno-história da homossexualidade na América Latina. *História em Revista*, [online], v. 4, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12016/7631>>. Acesso em: 20 out. 2020.

_____. Discriminação e Identidade: do vácuo identitário à afirmação homossexual no Brasil. *Site Luiz Mott*, 2000. Disponível em: <<http://www.luizmottblog.wordpress.com/artigos/discriminacao-e-identidade/>>. Acesso em 22 dez. 2020.

_____. Brasil: campeão mundial de assassinatos de homossexuais. *Site Luiz Mott*, s.d. Disponível em: <<http://www.luizmottblog.wordpress.com/artigos-em-revistas-e-jornais-22/>>. Acesso em 22 dez. 2020.

_____. Hermafroditismo e intersexualidade. *Site Luiz Mott*, s.d. Disponível em: <<http://www.luizmottblog.wordpress.com/artigos/hermafroditismo-e-intersexualidade/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MOTT, Luiz; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. *Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019*: relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: 2020. 174p. Disponível em: <<http://www.grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

NAÍSA, Letícia; DIAS, Tiago. Ninguém solta a mão: a comunidade LGBTQIAP+ resiste para manter direitos diante da onda reacionária. *Portal UOL TAB*. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/edicao/lgbt/>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

NETO, Egerton. *apud*. JORDÃO, Pedro. O que dizem as religiões do mundo sobre a comunidade LGBTQIA+. *Portal IG Queer*, 2021. Disponível em: <<http://www.queer.ig.com.br/2021-04-16/o-que-dizem-as-religoes-do-mundo-sobre-a-comunidade-lgbtqia-.html>>. Acesso em: 14 set. 2021.

O ADEUS à Brunna Valin, ativista incansável na luta contra o HIV e pelos direitos das pessoas transgênero. *Portal Agência de Notícias da AIDS*, 2020. Disponível em: <<http://www.agenciaaids.com.br/noticia/o-adeus-a-brunna-valin-ativista-incansavel-na-luta-contr-o-hiv-e-pelos-direitos-das-pessoas-transgenero/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

O QUE é o GGB (nossa história). *Portal Grupo Gay da Bahia*, s.d. Disponível em: <<http://www.grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Brasil criminaliza homofobia e reforça queda de braço com conservadorismo. *Portal Jornal El País*, 2019. Disponível em: <http://www.brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/actualidad/1560496365_764572.html?rel=listapoyo>. Acesso em: 23 fev. 2021.

_____. Em decisão histórica, STF derruba restrição de doação de sangue por homossexuais. *Portal Jornal El País*, 2020. Disponível em: <<http://www.brasil.elpais.com/brasil/2020-05-08/em-decisao-historica-stf-derruba-restricao-de-doacao-de-sangue-por-homossexuais.html>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

OPERAÇÃO CONDOR. In: *Enciclopédia Latino Americana*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PARADA da Paz 2002 reúne DJs em São Paulo no domingo. *Portal Jornal Folha de S. Paulo*, 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u28587.shtml>>. Acesso em: 17 OUT. 2020.

PAULISTA Aberta Pelas Pessoas Documentário Completo | Doc 01. Vídeo. Produção *Smarty Talks*. 2016, 40:20 min., son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z108obS-3yg&feature=youtu.be>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PERILO, Marcelo. Em trânsito com as “famílias LGBT”: sobre redes de suporte e proteção de adolescentes e jovens na cidade de São Paulo. In: *REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (RBA)*, 29, 2014, Natal. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402000728_ARQUIVO_Artigo-MarceloPerilo.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. “Rolês”, “closes” e “xaxos”: uma etnografia sobre juventude (homo)sexualidades e cidades. 2017. 143p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

PERLONGHER, Néstor O. *O negócio do michê*: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 68-107.

PICCININI, Taís Amorim de Andrade. Natureza jurídica das entidades religiosas. *Site Migalhas*, 2017. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/depeso/254649/a-natureza-juridica-das-entidades-religiosas>>. Acesso em: 11 set. 2021.

PREFEITURA da Cidade de São Paulo. Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. *Unidade Móvel de Cidadania LGBTI*, 2021. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/rede_de_atendimento/index.php?p=309015>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. Subprefeituras. *Conferências Livres LGBT de São Paulo – 2011*, 2011. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/noticias/?p=30244/>>. Acesso em: 4 out. 2021.

_____. *Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras*, 2022. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 16 jan. 2022.

PUCCINELLI, Bruno. Territórios sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no *shopping gay* de São Paulo. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 133-140, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1743>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

_____. Rua declinada no masculino: sexualidades, mercado imobiliário e masculinidades no Centro de São Paulo (Brasil). *Revista Punto Gênero*, [online], n. 6, p. 113-126, maio 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330055/1/000393508000008.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

_____. “Perfeito para você, no Centro de São Paulo”: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. 196 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP.

PUCCINELLI, Bruno; REIS, Ramon Pereira dos. “Periferias” móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, [online], n. 58, e205806, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664328/25963>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

QUAL a diferença entre Associação Sem Fins Lucrativos, ONG e OSCIP?. Vídeo. Produção *Elaborando Projetos – Sociais e Culturais*. 2016, 2:20 min., son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pOmvX2KoAWs>>. Acesso em: 11 set. 2021.

QUEIROZ, Christina. Fé pública: Pesquisadores locais e estrangeiros buscam compreender crescimento evangélico no Brasil, o maior do mundo. *Portal Revista Pesquisa FAPESP*, 2019. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/#infoA_286_capa>. Acesso em: 19 set. 2021.

REBELIÃO de Stonewall. In: *Wikipedia, a enciclopédia livre*. [online], s.d. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Rebeli%C3%A3o_de_Stonewall>. Acesso em: 2 fev. 2021.

REDE de Ensino Luiz Flávio Gomes. Cirurgia de mudança de sexo pode ser feita pelo SUS a partir de hoje. *Portal Jusbrasil*, 2008. Disponível em: <<http://www.lfg.jusbrasil.com.br/noticias/96920/cirurgia-de-mudanca-de-sexo-pode-ser-feita-pelo-sus-a-partir-de-hoje>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

REDE PAULISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (REPEP). *Dossiê do Inventário Participativo: Minhocão contra gentrificação*. São Paulo: Grupo de Trabalho Baixo Centro da Rede Paulista de Educação Patrimonial, 2019. 311 p.

REIS, Ramon Pereira dos. “A cidade não se relaciona com a periferia”: circulação de jovens homossexuais por bairros e bares de “periferia” em São Paulo e Belém. In: *ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 39, 2015, Caxambu. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/spq/spq20>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

RIBEIRO, Naia. Especialista reflete sobre como a heteronormatividade compromete as relações. *Portal Geledés*, 2019. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/especialistas-refletem-sobre-como-a-heteronormatividade-compromete-as-relacoes/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

RICHARDS, Christina et al. *Academic Theory*. In: RICHARDS, Christina et al. *Genderqueer and Non-Binary Genders*. Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2017. cap. 4, p. 53-72.

RODRIGUES, Gislene de Oliveira. Políticas do desejo: um experimento etnográfico com homossexuais e transexuais na favela do Heliópolis. *Revista Florestan Fernandes*, [online], ano 4, n. 6, p. 70-85, 2017. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/180/01-04_dossi%C3%AA>. Acesso em: 1 mar. 2021.

ROTEIRO LGBT. *Portal Guia Gay São Paulo*, s.d. Disponível em: <<http://www.guiagaysaopaulo.com.br/roteiro>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

SANTOS, Amanda. Novo acordo permite uso de nome social na Carteira de Trabalho. *Portal Contábeis*, 2020. Disponível em: <<http://www.contabeis.com.br/noticias/44108/novo-acordo-permite-uso-de-nome-social-na-carteira-de-trabalho/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

SÃO PAULO em Hi-Fi. Direção de Lufe Steffen. São Paulo: distribuição própria, 2013. 101 min.

SÃO PAULO. *Decreto nº 52.228, de 16 de maio de 2018*. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de travestis, mulheres transexuais e homens trans em todos os órgãos da Administração Pública Municipal. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo, 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA (SMDHC). Prefeitura da Cidade de São Paulo. *Capital paulista recebe a II Conferência Municipal LGBT*, 2011. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/diversidade_sexualold/noticias/?p=31235>. Acesso em: 4 out. 2021.

_____. *Centros de Cidadania LGBTI, 2021a*. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/rede_de_atendimento/index.php?p=271098>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. *Unidade Móvel de Cidadania LGBTI, 2021b*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/rede_de_atendimento/index.php?p=309015>. Acesso em: 23 out. 2021.

_____. *Transcidadania, 2021c*. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/index.php?p=150965>. Acesso em: 1 jan. 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL). *Portal GeoSampa*. 2020, 2021, 2022. Portal digital de geração de mapas da cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx>>. Acesso em 2020, 2021, 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL); DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DE INFORMAÇÃO (DEINFO). *Regiões, Subprefeituras e Distritos: Município de São Paulo*. São Paulo: [s. n.], c. 2010. Divisões administrativas da cidade de São Paulo segundo a Prefeitura da Cidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/mapa/index.php?p=250449>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Revista Sociologia*, São Paulo, v. 21, n.4, p. 350-360, 1959. Disponível em: <<http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/000011/00001101.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2021.

SILVA, Luís Octávio da. A reabilitação do centro de São Paulo. In: *ENANPUR*, 11, 2005, Salvador. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/412.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SINVIOLENCIA LGBTI. *El prejuicio no conoce fronteras: Homicidios de lesbianas, gay, bisexuales, trans en países de América Latina y el Caribe 2014-2019*. Colômbia: SinViolencia LGBT, 2019. 45 p.

SOD, Adriano. Em família: a resistência LGBT na periferia da zona sul. *Portal Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT)*, 2018. Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/20679/em-familia-a-resistencia-lgbt-na-periferia-da-zona-sul>>. Acesso em: 22 out. 2021.

SOLIVA, Thiago Barcelos. A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, PR, v. 2, n. 1, p. 122-132, jan./jul. 2011. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1750>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SOUSA, Keila Simpson. História. *Portal Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)*, s.d. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/historia/>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

STEFFEN, Lufe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. *Portal UOL Blog Music Non Stop*, 2017. Disponível em: <<http://www.musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-0anos/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

STONEWALL Uprising. Direção Kate Davis e David Heilbroner. PBS American Experience, 2010. 80 min.

SUBPREFEITURA Itaim Paulista. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 1ª Conferência Livre LGBT do Itaim Paulista, 2011. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim_paulista/noticias/?p=24166>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. *Itaim Paulista recebe Unidade Móvel LGBTQI+*, 2019a. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim_paulista/noticias/?p=92551>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. *Centro de Cidadania LGBT alinha ações com Subprefeitura*, 2019b. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim_paulista/noticias/?p=100938>. Acesso em: 22 out. 2021.

_____. *Van LGBT realiza testagem rápida e orientações sobre uso do nome social*, 2019c. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/itaim_paulista/noticias/?p=101734>. Acesso em: 22 out. 2021.

_____. *Unidade Móvel de Cidadania LGBTI*, 2021. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/rede_de_atendimento/index.php?p=309015>. Acesso em: 22 jul. 2020.

THE 80S AIDS Crisis | A History Series. Vídeo. Produção Georgia Marie. 2020, 59:13 min., son., color. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=I1sOoQLItYo>>. Acesso em: 9 jan. 2021

THE QUEEN: NYC Drag Pageant Scene Before House LaBeija. Vídeo. Produção Matt Baume. 2020, 16:58 min., son., color. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=INJzIRsB40>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TOURINHO, André de Oliveira. *Do centro aos centros: bases teórico-conceituais para o estudo da centralidade em São Paulo*. 2004. 457 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?. *Jornal Lâmpião da Esquina*, Rio de Janeiro, p. 6-8, abr. 1978.

Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

_____. *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 586 p.

VASCONCELOS, Paloma. Percepção que SP é tolerante aos LGBTs é maior na zona leste. *Portal 32x SP*, 2018. Disponível em:

<<http://www.32xsp.org.br/2018/05/23/percepcao-de-que-sp-e-tolerante-aos-lgbts-e-maior-na-zona-leste/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

VASCONSELOS, Caê; VELOSO, Lucas. “A Laura deixou uma grande missão pra mim”, diz mãe de travesti assassinada na zona leste de SP. *Portal Agência Mural*, 2021. Disponível em: <<https://www.agenciamural.org.br/a-laura-deixou-uma-grande-missao-para-mim-diz-mae-de-travesti-assassinada-na-zona-leste/>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001. 392 p.

_____. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, n. 71, p. 37-58, 2011. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ea/a/7G8LTmdQbCjCHqXg87Gs3SD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 out. 2021.

VOTE LGBT. *MapaLGBT*. São Paulo: [s.n.], 2019. Espaços acessíveis para pessoas LGBT+ na cidade de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.google.com.br/maps/d/u/0/viewer?ll=-23.54374951364218%2C-46.600135606547596&mid=1Xx55TfYg4QYMCfKlbMSYsm3qnFgkrXqs&z=13>>.

Acesso em: 6 mar. 2021.

WARNER, Michael. *Introduction: Fear of a Queer Planet*. *Social Text Journal*, Durham, n. 29, p. 3-17, 1991.

WE Were Here. Direção David Weissman e Bill Weber. San Francisco: David Weissman, 2011. 90 min.

ZONA Sul de SP tem novo bar LGBT: é o Ku Lounge. *Portal Guia Gay de São Paulo*, 2021. Disponível em:

<<https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/acontece/zona-sul-de-sp-tem-novo-bar-lgbt-e-o-ku-lounge>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

APÊNDICE A – QUADROS NA ÍNTEGRA

Quadro 13 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ na década de 1990. Lugares cujos endereços não foram encontrados estão indicados pelo sinal “–” e não aparecem no mapeamento. Versão na íntegra do Quadro 6 da seção 2.1.6.

DÉCADA DE 1990					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Bar Eros	Déc. 1990	r. St. Antônio	Boate	Bela Vista	Central
Madame Satã (posterior Madame)	1983-1992	r. Conselheiro Ramalho, 873	Boate	Bela Vista	Central
Radar Tantã	Déc. 1980	r. Sólon	Boate	Bom Retiro	Central
Red Point	Déc. 1990	r. Frei Caneca	Boate	Bela Vista	Central
Sky Bar	Déc. 1990	r. St. Antônio	Boate	Bela Vista	Central
Tunnel do Tempo	1993-atual	r. dos Ingleses, 355	Boate	Bela Vista	Central
A Lôca	1994-2007	r. Frei Caneca, 916	Boate	Consolação	Central
Allegro	Déc. 1990	r. da Consolação, 3055	Boate	Consolação	Central
American Graffith (antiga HS e atual ABC Bailão)	Déc. 1990- atual	r. Marquês de Itu, 182	Boate	Consolação	Central
Boate Bloom	Déc. 1990	r. da Consolação	Boate	Consolação	Central
Burger and Beer	Déc. 1990	r. da Consolação	Boate	Consolação	Central
Club Z	Déc. 1990	r. Augusta, 430	Boate	Consolação	Central
Cube/Orbit	Déc. 1990	r. da Consolação x al. Itu	Boate	Consolação	Central
Fran's Café	Déc. 1990	r. Haddock Lobo, 586	Boate	Consolação	Central
Nostro Mondo	1971-2014	r. da Consolação, 2554 / 2556	Boate	Consolação	Central
Pitomba	Déc. 1990	r. da Consolação, 3161	Boate	Consolação	Central
266 West	Déc. 1990	r. Marquês de Itu	Boate	Consolação	Central
Chopp Escuro	Déc. 1990	r. Marquês de Itu, 252	Boate	Consolação	Central
Bar do Camillo	Déc. 1990	r. Vitória, 390	Boate	República	Central
Bar Xereta	Déc. 1990	r. Augusta x pç. Franklin Roosevelt	Boate	República	Central
Caneca de Prata	Déc. 1990	av. Vieira de Carvalho, 63	Boate	República	Central
Chico's Bar	Déc. 1990	pç. Franklin Roosevelt	Boate	República	Central
Corsário	Déc. 1990	pç. Franklin Roosevelt	Boate	República	Central
Danger Dance Club	Déc. 1990- atual	r. Rêgo Freitas, 470	Boate	República	Central
Ferro's Bar	Déc. 1990	r. Martinho Prado, 127	Boate	República	Central
Habeas Copus	Déc. 1990	av. Vieira de Carvalho, 94	Boate	República	Central

Rainha Vitória	Déc. 1990	Ig. do Arouche, 06	Boate	República	Central
Vermont	Déc. 1990	av. Vieira de Carvalho, 10	Boate	República	Central
Proibidu's	Déc. 1990	av. Amaral Gurgel	Boate	República	Central
Xeque Mate	Déc. 1990	r. Augusta x pç. Franklin Roosevelt	Boate	República	Central
Espaço Retrô	Déc. 1980	r. Federico Abranches / r. Fortunato	Boate	Santa Cecília	Central
Sr. ^a Krawitz	1992	r. Fortunato, 34	Boate	Santa Cecília	Central
Napalm	Déc. 1980	próx. elevado Presidente João Goulart	Boate	St. ^a Cecília, República, Barra Funda	Central/Oeste
Blue Space	1996	r. Brig. Galvão, 723	Bar e boate	Barra Funda	Oeste
LEVEL (antiga B.A.S.E./Diesel)	Déc. 1990	r. Marquês de São Vicente, 319	Boate	Barra Funda	Oeste
Bar Cartô	Déc. 1990	al. Itu, 1536	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Bar du Bocage	Déc. 1990	al. Itu, 1618	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Bar Drummond	Déc. 1990	r. da Consolação, 3101	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Diesel/B.A.S.E.	1996-2003	av. Brig. Luís Antônio, 1137	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Director's Gourmet	1990-2017	al. Franca, 1552	Bar e boate	Jardim Paulista	Oeste
Disco Fever (antiga Nation)	1997	r. Augusta, 2203	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Embaixada Mineira	Déc. 1990	al. Itu, 1493	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Espaço Columbia	1994-1998	r. Estados Unidos, 1572	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Hertz	Déc. 1990	al. Itu	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Latino Club (antiga Malícia)	Metade déc. 1990	r. da Consolação, 3032	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Massivo	1991-1996	al. Itu, 1548	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Nation Disco Club (Galeria América)	1988-1992	r. Augusta, 2203	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Paparazzi (antigas Latino e Malícia)	Déc. 1990	r. da Consolação, 3046	Bar e boate	Jardim Paulista	Oeste
Pride	Déc. 1990	al. Itu, 1576	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Rose BomBom	Déc. 1980	r. Oscar Freire	Boate	Jardim Paulista	Oeste
So-Go	Déc. 1990	al. Franca, 1368	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Rave	Déc. 1990	r. Bela Cintra, 1900	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Spot	Déc. 1990-atual	al. Min. Rocha Azevedo, 72	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Boate Ipsis	Déc. 1990	r. Pe. Garcia Velho, 63	Boate	Pinheiros	Oeste
Dama Xoc	Déc. 1980	r. Butantã	Boate	Pinheiros	Oeste
Farol Madalena	Déc. 1990	r. Jericó, 179	Boate	Pinheiros	Oeste

Glitter	Déc. 1990	r. Antônio Leitão, próximo r. Teodoro Sampaio	Boate	Pinheiros	Oeste
Casa da Vila	Déc. 1990	r. Girassol	Boate	Vila Madalena	Oeste
Sound Factory (2º endereço)	–	r. Cardeal Arcoverde, 3030	Boate	Pinheiros	Oeste
Sound Factory (1º endereço)	1993	r. Pe. Benedito de Camargo, 351	Boate	Penha	Leste
Garden Night Club	Déc. 1990	r. Alvorada, 550	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste
U-Turn	Déc. 1990	r. Tabapuã	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste
Gent's	Início déc. 1990	av. Ibirapuera	Boate	Moema	Sudoeste
Mad Queen	Final déc. 1990	al. dos Arapanés, 1364	Boate	Moema	Sudoeste
Manga Rosa	Déc. 1990	–	Boate	Moema	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela autora com base em Antunes, 2007; Cymbalista, 2019; Steffen, 2017 (2020).

Quadro 14 – Inventariação dos lugares de sociabilidade das identidades LGBTQIAP+ entre a década de 2000 e metade da de 2010. Versão na íntegra do Quadro 7 da seção 2.1.7.

DÉCADA DE 2000 ATÉ METADE DE 2010					
LOCAL	PERÍODO	ENDEREÇO	TIPO	DISTRITO	ZONA
Bofetada Club	Déc. 2000-atual	r. Peixoto Gomide, 131	Boate	Bela Vista	Central
Clube Gloria	Déc. 2000-2010	r. Treze De Maio, 830	Boate	Bela Vista	Central
Madame (antiga Madame Satã)	Déc. 2000-2010	r. Conselheiro Ramalho, 873	Boate	Bela Vista	Central
Tunnel (antiga Tunnel do Tempo)	1993-atual	r. dos Ingleses, 355	Boate	Bela Vista	Central
Club Yatch	Déc. 2000-atual	r. Treze de Maio, 703	Boate	Bela Vista	Central
A Lôca	2007-Déc. 2010	r. Frei Caneca, 916	Boate	Consolação	Central
Astronete Bar	Déc. 2000-2010	r. Matias Aires, 183	Boate	Consolação	Central
Bar do Netão	Déc. 2000-2010	r. Augusta, 584	Boate	Consolação	Central
Dex Bar	Déc. 2000-2010	r. Augusta, 520	Boate	Consolação	Central
Dona Teresa	Déc. 2000-atual	r. Fernando de Albuquerque, 57	Boate	Consolação	Central
Espeto Bambu	Déc. 2000-atual	r. Haddock Lobo, 71	Boate	Consolação	Central
Nostro Mondo	1971-2014	r. da Consolação, 2554 / 2556	Boate	Consolação	Central
Picasso Bar	Déc. 2000-2010	r. Álvaro de Carvalho, 35	Boate	Consolação	Central
Sonique	Déc. 2000-2010	r. Bela Cintra, 461	Boate	Consolação	Central
The Society	Déc. 2000-2010	r. Marquês de Paranaguá, 329	Boate	Consolação	Central
Vegas Club (post. Beat Club)	Déc. 2000-2010	r. Augusta, 765	Boate	Consolação	Central

ABC Bailão (antiga HS)	Déc. 2000-atual	r. Marquês de Itu, 182	Boate	República	Central
Bar Queen	Déc. 2000-atual	r. Vitória, 826	Boate	República	Central
Caneca de Prata	Déc. 1970-atual	av. Vieira de Carvalho, 63	Boate	República	Central
Cantho	Déc. 2000-atual	lg. do Arouche, 32	Boate	República	Central
Clube Caravaggio	Déc. 2000-2010	r. Álvaro de Carvalho, 40	Boate	República	Central
Espaço Caê	Déc. 2000-2010	r. Aurora, 737	Boate	República	Central
Freedom	Déc. 2000-2010	lg. do Arouche, 06	Boate	República	Central
Hot	Déc. 2000-2010	r. St. Antônio, 570	Boate	República	Central
Paradise For Men Club	Déc. 2000-2010	av. São João, 1101	Boate	República	Central
Planet G	Déc. 2000-2010	r. Rego Freitas, 56	Boate	República	Central
Sem Loção (Galeria Metrôpole)	Déc. 2000-2010	av. São Luís, 189	Boate	República	Central
Soda Pop Bar	Déc. 2000-atual	av. Vieira de Carvalho, 43	Boate	República	Central
Ursound	Déc. 2000-2010	r. João Adolfo, 126	Boate	República	Central
269 Chilli Pepper Hotel	Déc. 1990-atual	lg. do Arouche (ant. r. Bela Cintra)	Hotel	Santa Cecília	Central
Blue Space	Déc. 1996-atual	r. Brig. Galvão, 723	Boate	Santa Cecília	Central
D-EDGE	Déc. 2000-atual	al. Olga, 170	Boate	Barra Funda	Oeste
Flex Club (antiga Broadway)	Déc. 2000-2010	av. Marquês de São Vicente, 1767	Boate	Barra Funda	Oeste
Dynamite Pub	Déc. 2000-2010	r. Cardeal Arcoverde, 1857	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Gourmet	1990-2017	al. Franca, 1552	Boate	Jardim Paulista	Oeste
Spot	Déc. 1990-atual	al. Ministro Rocha Azevedo, 72	Boate	Jardim Paulista	Oeste
The Week	Déc. 2000-atual	r. Guaicurus, 324	Boate	Lapa	Oeste
Estúdio Emme	Déc. 2000-2010	av. Pedroso de Morais, 1036	Boate	Pinheiros	Oeste
Farol Madalena	Déc. 2000-2010	r. Jericó, 179	Boate	Pinheiros	Oeste
Luar Music Bar (ant. Luar Rock Bar) / Plasticine Party	2010-2019	r. Carolina Fonseca, 34	Festa	Itaquera	Leste
Guinga's Bar & Karaokê	2007-atual	av. Sapopemba, 13790	Boate	São Mateus	Leste
Bubu Lounge	Déc. 2000-atual	r. dos Pinheiros, 791	Boate	Itaim Bibi	Sudoeste

Fonte: Elaborado pela autora com base em A Volta..., 2012; Kobayashi, 2013; Reis, 2015 (2020).

ANEXO A – TABELA DA POPULAÇÃO DE SÃO PAULO EM 2010

Quadro 15 – População e densidade habitacional na cidade de São Paulo em 2010 por zonas e por Subprefeitura. Em itálico, o distrito mais populoso e o mais denso de cada zona.

POPULAÇÃO E DENSIDADE HABITACIONAL NA CIDADE DE SÃO PAULO EM 2010			
ZONA	SUBPREFEITURA	POPULAÇÃO 2010	DENSID. (HAB./KM²) 2010
Central	Sé	431.106	16.454
Oeste	Lapa	305.526	7.619
	Butantã	<i>428.217</i>	7.633
	Pinheiros	289.743	<i>9.140</i>
	TOTAL ZONA	1.023.486	24.392
Norte	Perus	146.046	2.553
	Pirituba	<i>437.592</i>	8.000
	Freguesia do Ó	407.245	<i>12.928</i>
	Casa Verde	309.376	11.587
	Santana	291.867	4.553
	Jaçanã	324.815	9.361
	Vila Maria	297.713	11.277
	TOTAL ZONA	2.214.663	60.259
Leste	Penha	474.659	11.090
	Ermelino Matarazzo	207.509	13.742
	São Miguel Paulista	369.496	15.206
	Itaim Paulista	373.127	17.195
	Mooca	343.980	9.772
	Aricanduva	267.702	12.451
	Itaquera	<i>523.848</i>	9.647
	Guaianases	268.508	15.085
	Vila Prudente	246.589	12.454
	São Mateus	426.794	9.319
	Cidade Tiradentes	211.501	14.100
	Sapopemba	284.524	<i>21.076</i>
TOTAL ZONA	3.998.237	161.137	
Sul	Vila Mariana	344.632	13.005
	Ipiranga	463.804	12.368
	Santo Amaro	238.025	6.347
	Jabaquara	223.780	15.871
	Cidade Ademar	410.998	13.388
	Campo Limpo	607.105	<i>16.542</i>
	M'Boi Mirim	563.305	9.071

	Capela do Socorro	594.930	4.433
	Parelheiros	139.441	394
	TOTAL ZONA	3.586.020	91.419
	TOTAL MUNICÍPIO	11.253.512	192.822

Fonte: Elaborado pela autora com base em Prefeitura da Cidade de São Paulo (2022); Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), Departamento de Produção e Análise de Informação (DEINFO) (c. 2010) (2022).